

O EGÍPCIO

por Mika Waltari

Traduzido por Naomi Walford

Folha de rosto:

The Egyptian é a recriação encorpada de uma era até então inexplorada pela ficção. Como tal, é rico em novas veias de conhecimento fascinante. Inteiramente autêntico, é escrito com uma excelência literária de que poucos romances históricos contemporâneos podem se orgulhar.

A história de _The Egyptian_ é desenrolada em uma tela tremenda. Situado no Egito, mais de mil anos antes de Cristo, abrange todo o mundo então conhecido. É contada por Sinuhe, médico do faraó, e é a história de sua vida. Através de seus olhos são vistos inúmeros personagens, totalmente desenhados e cobrindo todo o panorama do mundo antigo. Eventos de guerra, intriga, assassinato, paixão, amor e conflitos religiosos são revelados quando Sinuhe descreve sua vida muitas vezes brilhante, muitas vezes amarga.

Há uma grandeza real em _The Egyptian_. Tem o amplo alcance da ficção verdadeiramente importante, um ritmo narrativo poderoso juntamente com intenso interesse humano. É o surpreendente triunfo de uma grande imaginação criativa.

O autor, Mika Waltari, é provavelmente o escritor vivo mais famoso de sua nativa da Finlândia. Seu livro teve enorme sucesso em todo o mundo.

Copyright 1949, por GP Putnam's Sons

GP Putnam's Sons, Nova York.

Todos os direitos reservados. Este livro, ou partes dele, não deve ser reproduzido de qualquer forma sem permissão.

Impresso nos Estados Unidos da América

Conteúdo

- 1 O barco de junco
- 2 A casa da vida
- 3 Febre de Tebas
- 4 Nefernefernefer
- 5 O Khabiri
- 6 O Dia do Falso Rei
- 7 Minha
- 8 A casa escura
- 9 A cauda do crocodilo
- 10 Cidade dos Céus
- 11 Mérito
- 12 O Relógio de Água Mede o Tempo
- 13 Reino de Aton na Terra
- 14 A Guerra Santa
- 15 Horemheb

LIVRO I

O barco de junco

1

Eu, SINUHE, filho de Senmut e de sua esposa Kipa, escrevo isso. Não o escrevo para a glória dos deuses na terra de Kem, pois estou cansado dos deuses, nem para a glória dos faraós, pois estou cansado de suas ações. Não escrevo por medo nem por qualquer esperança de futuro, mas apenas para mim. Durante minha vida vi, conheci e perdi demais para ser presa de um medo vão; e, quanto à esperança de imortalidade, estou tão cansado disso quanto estou de deuses e reis. Só para meu próprio bem escrevo isto; e aqui diferencio de todos os outros escritores, passados e futuros.

Começo este livro no terceiro ano de meu exílio nas margens do Leste Mar, de onde partiram os navios para a terra de Punt, perto do deserto, perto daquelas colinas de onde se extraíam pedras para construir as estátuas dos antigos reis. Escrevo porque o vinho é amargo para minha língua, porque perdi meu prazer nas mulheres, e porque nem jardins nem lagos de peixes me encantam mais. Afastei os cantores, e o som de flautas e cordas é um tormento para meus ouvidos.

Portanto, escrevo isto, eu, Sinuhe, que não uso minha riqueza, minhas taças de ouro, meu ébano, marfim e mirra.

Eles não foram tirados de mim. Os escravos ainda temem minha vara; guardas abaixam a cabeça e estendem as mãos na altura dos joelhos diante de mim. Mas os limites foram estabelecidos para minha caminhada, e nenhum navio pode atravessar as ondas dessas praias; nunca mais sentirei o cheiro da terra negra em uma noite de primavera.

Meu nome já foi inscrito no livro de ouro do faraó, e eu morava à sua direita. Minhas palavras superaram as dos poderosos da terra de Kem; nobres me enviaram presentes e correntes de ouro foram penduradas em meu pescoço. Eu possuía tudo o que um homem pode desejar, mas como um homem eu desejava mais - portanto, sou o que sou. Eu era

expulso de Tebas no sexto ano do reinado do faraó Horemheb, para ser espancado até a morte como um cão se eu voltasse - para ser esmagado como um sapo entre as pedras se eu desse um passo além da área prescrita para minha morada. Isto é por ordem do Rei, do Faraó que já foi meu amigo.

Mas antes de começar meu livro, deixarei meu coração chorar de lamento, pois assim o coração de um exilado deve chorar quando está preto de tristeza.

Aquele que uma vez bebeu da água do Nilo desejará para sempre estar junto ao Nilo novamente; sua sede não pode ser saciada pelas águas de nenhuma outra terra.

Trocaria minha xícara por uma caneca de barro se meus pés pudessem pisar mais uma vez o pó macio da terra de Kem. Daria minhas roupas de linho pelas peles de um escravo, se mais uma vez pudesse ouvir os juncos do rio farfalhando ao vento da primavera.

Claras eram as águas da minha juventude; doce foi minha loucura. Amargo é o vinho da idade, e nem o melhor favo de mel pode igualar o pão grosseiro da minha pobreza. Vire, ó vocês anos - role novamente, você desapareceu anos - navegue, Amon, de oeste a leste através dos céus e traga novamente minha juventude! Nem uma palavra disso alterarei, nem minha menor ação alterarei. Ó pena quebradiça, papiro liso, devolva-me minha loucura e minha juventude!

2

Senmut, a quem eu chamava de meu pai, era médico dos pobres de Tebas, e Kipa era sua esposa. Eles não tinham filhos, e eram velhos quando cheguei até eles. Em sua simplicidade diziam que eu era um presente dos deuses, sem saber que mal o presente lhes traria. Kipa me deu o nome de Sinuhe em homenagem a alguém de uma história, pois ela adorava histórias, e parecia a ela que eu tinha vindo fugindo do perigo como meu homônimo da lenda, que por acaso ouviu um segredo assustador na tenda do faraó e fugiu, para viver muitos anos de aventura em terras estrangeiras.

Esta era apenas uma noção infantil dela; ela esperava que eu, também, sempre fugir do perigo e evitar o infortúnio. Mas os sacerdotes de Amon sustentam que um nome é um presságio, e pode ser que o meu tenha me trazido perigos e aventuras e me tenha enviado para terras estrangeiras. Isso me fez um participante de segredos terríveis - segredos de

reis e suas esposas – segredos que podem ser os portadores da morte. E por fim meu nome fez de mim um fugitivo e um exilado.

No entanto, eu deveria ser tão infantil quanto o pobre Kipa para imaginar que um nome pode influenciar seu destino; não teria sido o mesmo se eu fosse chamado Kepru ou Kafran ou Moses? Assim eu acredito - ainda Sinuhe foi de fato exilado enquanto Heb, o filho do Falcão, foi coroado como Horemheb com a coroa vermelha e branca, para ser rei sobre os Reinos Superior e Inferior. Quanto ao significado dos nomes, portanto, cada um deve julgar por si mesmo; cada um em sua própria fé encontrará consolo contra os males e reveses desta vida.

Nasci no reinado do grande rei Amenhotep III e no mesmo ano daquele que desejava viver pela verdade e cujo nome não pode mais ser nomeado porque é amaldiçoado - embora na época nada disso fosse conhecido. Houve grande alegria no palácio quando ele nasceu, e o rei trouxe muitos sacrifícios ao grande templo de Amon que ele havia construído; o povo também se alegrou, sem saber o que estava por vir. A consorte real Taia até então esperava em vão por um filho, embora fosse consorte por vinte e dois anos e seu nome estivesse escrito ao lado do rei nos templos e nas estátuas.

Portanto, aquele cujo nome não pode mais ser nomeado foi proclamado herdeiro com cerimônia elaborada assim que os sacerdotes realizaram a circuncisão.

Ele não nasceu até a primavera na época da semeadura, enquanto eu tinha vindo no outono anterior, quando as enchentes estavam no auge. O dia do meu nascimento é desconhecido, pois desci o Nilo à deriva em um pequeno barco de junco pintado com piche, e minha mãe Kipa me encontrou entre os juncos na praia perto de sua própria porta. As andorinhas tinham acabado de voltar e chilreavam acima de mim, mas eu estava tão imóvel que ela acreditou que eu estava morto. Ela me trouxe para sua casa e me aqueceu no fogo de carvão e soprou em minha boca até eu choramingar.

Meu pai Senmut voltou de visitar seus pacientes, carregando dois patos e um alqueire de farinha. Quando ele me ouviu chorar, pensou que Kipa havia adotado um gatinho e estava prestes a repreendê-la, mas minha mãe disse: "Não é um gato - eu tenho um filho! Alegra-te, Senmut, meu marido, pois um filho nasceu para nós!"

Meu pai a chamou de idiota e ficou com raiva até que ela me mostrou a ele, e então ele se moveu com meu desamparo. Então eles me adotaram como seu próprio filho e até espalharam entre os vizinhos que Kipa me deu à luz. Isso foi tolice, e não sei quantos acreditaram nela. Mas Kipa guardou o barco de junco que me trouxe e o pendurou no telhado acima da minha cama. Meu pai levou sua melhor tigela de cobre para o templo e me registrou no livro de nascimentos como seu próprio filho nascido de Kipa, mas a circuncisão ele mesmo fez, pois era médico e temia as facas dos sacerdotes porque deixavam feridas infectadas. Ele não deixou os padres me tocarem. Também pode ter querido poupar dinheiro, pois o médico dos pobres não é um homem rico.

É claro que não consigo me lembrar dessas coisas, mas meus pais me contaram tantas vezes e em frases tão invariáveis que devo acreditar nelas e não tenho motivos para supor que mentiram. Durante toda a minha infância, nunca duvidei de que fossem meus pais, e nenhuma tristeza escureceu aqueles anos. Eles não me contaram a verdade até que os cabelos do meu menino foram cortados e eu me tornei um jovem. Eles me disseram então porque temiam e honravam os deuses, e meu pai não queria que eu vivesse uma mentira por toda a minha vida.

Mas quem eu era, de onde vim, e quem eram meus pais eu nunca soube, embora - por razões que falarei mais tarde - eu acredito que sei.

Uma coisa é certa: eu não fui o único a ser carregado rio abaixo em uma barco de junco inclinado. Tebas, com seus palácios e seus templos, era uma cidade grande, e as choupanas de barro dos pobres aglomeravam-se densamente em torno dos edifícios majestosos. No tempo dos grandes faraós, o Egito trouxe muitas nações sob seu domínio, e com poder e riqueza vieram os costumes alterados. Estrangeiros vieram para Tebas: mercadores e artesãos construíram templos para seus próprios deuses. Grande era o esplendor e a riqueza dos templos e dos palácios, grande também a pobreza fora dos muros.

Muitas pessoas pobres colocam seus filhos para fora; muitas esposas ricas, cujo marido estava viajando, abandonaram a prova de seu adultério ao rio. Talvez eu fosse filho da mulher de um marinheiro que enganara o marido com algum mercador sírio. Talvez - como eu não tinha sido circuncidado - eu fosse filho de algum estrangeiro.

Quando meu cabelo foi cortado e minha mãe o guardou em uma caixinha de madeira com minhas primeiras sandálias, olhei longamente para o barco de junco que ela me mostrou. Os suportes estavam amarelados, quebrados e fuliginosos com a fumaça do braseiro. Estava amarrado com nós de passarinho, mas era tudo o que podia me dizer sobre minha filiação. Foi então que meu coração sentiu sua primeira ferida.

3

Com a aproximação da idade, a alma voa como um pássaro de volta aos dias da infância. Agora esses dias brilham claros e brilhantes em minha memória até que parece que tudo então deve ter sido melhor, mais lindo do que no mundo de hoje. Dentro

este rico e pobre não diferem, pois certamente não há nenhum tão destituído, mas sua infância mostra algum brilho de felicidade quando ele se lembra dela na idade.

Meu pai Senmut morava rio acima das paredes do templo, em um bairro esqualido e barulhento. Perto de sua casa ficava o grande cais de pedra onde os barcos do Nilo descarregavam suas cargas, e nas vielas estreitas ficavam as tavernas dos marinheiros e mercadores e os bordéis para onde também os ricos vinham, carregados em cadeiras do interior da cidade. Nossos vizinhos eram cobradores de impostos, mestres de barcaças, suboficiais e alguns padres da quinta série. Como meu pai, eles pertenciam à parte mais respeitada da população, elevando-se acima dela como um muro se eleva acima da superfície da água.

Nossa casa, portanto, era espaçosa em comparação com as cabanas de barro dos muito pobres que se amontoavam tristemente ao longo das vielas estreitas. Tínhamos até um jardim de alguns passos com um sicômoro que meu pai havia plantado. O jardim era cercado da rua por arbustos de acácia, e para uma piscina tínhamos um bebedouro de pedra que continha água apenas na época das cheias. Havia quatro cômodos na casa, e em um deles minha mãe preparava nossa comida, que comíamos na varanda que dava para o consultório de meu pai. Duas vezes por semana uma mulher vinha ajudar minha mãe a limpar a casa - pois Kipa era muito asseada - e uma vez por semana uma lavadeira trazia nossa roupa de cama para lavar na margem do rio.

Nesse bairro barulhento, onde havia muitos estrangeiros - um bairro cuja degradação só me foi revelada quando saí da infância - meu pai e seus vizinhos mantinham a tradição e todos os costumes veneráveis. Numa época em que mesmo entre os aristocratas da cidade esses costumes caducaram, ele e sua classe continuaram a representar rigidamente o Egito do passado em sua reverência aos deuses, sua pureza de coração e abnegação. Parecia que eles desejavam dissociar-se por seu comportamento daqueles com quem eram obrigados a viver e trabalhar.

Mas por que falar agora do que só depois entendi? Por que não lembrar antes o tronco retorcido do sicômoro, e o murmúrio das folhas quando eu procurava abrigo a seus pés do sol escaldante, e meu brinquedo favorito, o crocodilo de madeira que estalava suas mandíbulas e mostrava sua goela vermelha quando eu o puxava? ao longo da rua pavimentada em uma corda? Os filhos dos vizinhos se reuniam para observá-lo maravilhados. Ganhei muitas guloseimas de mel, muitas pedras brilhantes e fragmentos de fio de cobre, deixando que outros o arrastem e brinquem com ele. Apenas as crianças de alto escalão tinham esses brinquedos em geral, mas meu pai os recebeu do carpinteiro do palácio, a quem ele curou de um furúnculo que o impedia de se sentar.

De manhã, minha mãe me levava com ela ao mercado de vegetais. Ela nunca tinha muitas compras para fazer, mas podia gastar um tempo de uma medida de água escolhendo um punhado de cebolas e todas as manhãs durante uma semana se fosse uma questão de escolher sapatos novos. Pela maneira como ela falou, alguém poderia ter

julgou-a rica e preocupada apenas em ter o melhor; se ela não comprava tudo o que lhe agradava - ora, então era porque ela queria me criar de maneira econômica. Ela declarava: "Não é o homem com prata e ouro que é rico, mas o homem que se contenta com pouco". Assim ela me assegurava, enquanto seus pobres e velhos olhos se fixavam com saudade nos tecidos de lã de cores vivas de Sidon e Biblos, finos e leves como penugem. Suas mãos marrons e endurecidas pelo trabalho acariciavam

as penas de avestruz e os ornamentos de marfim. Era tudo vaidade, ela me disse – e a si mesma. Mas a mente da criança se rebelou contra esses preceitos; Eu ansiava por possuir um macaco que colocasse o braço em volta do pescoço de seu dono ou um pássaro de penas brilhantes que gritava palavras sírias e egípcias. E eu não deveria ter nada contra correntes de ouro e sandálias douradas. Só muito mais tarde percebi como o velho e pobre Kipa desejava ser rico.

Sendo apenas a esposa de um médico pobre, ela acalmou seus anseios com histórias. Antes de adormecermos à noite ela me contava em voz baixa todas as histórias que conhecia. Ela falou de Sinuhe e do naufrago que voltou do Rei Serpente com incontáveis riquezas, de deuses e espíritos malignos, de feiticeiros e dos antigos faraós. Meu pai muitas vezes murmurava sobre isso e dizia que ela estava enchendo minha cabeça de bobagens, mas quando era noite e ele começava a roncar, ela continuava, tanto para seu próprio prazer quanto para meu. Lembro-me daquelas noites sufocantes de verão em que o catre queimava meu corpo nu e o sono não vinha; Eu ouço sua voz calma e calmante; Estou seguro com ela mais uma vez. . . .

Minha própria mãe dificilmente poderia ter sido mais gentil ou mais terna do que o simples e supersticioso Kipa, em cujas mãos os contadores de histórias cegos e aleijados tinham certeza de uma boa refeição.

As histórias me agradaram, mas como contrapeso havia a rua animada, aquele antro de moscas, a rua que se encheu de mil cheiros e cheiros. Do porto o vento trazia o cheiro fresco de cedro e mirra, ou um sopro de óleo perfumado quando uma nobre dama passando em sua cadeira se inclinava para xingar os meninos de rua. À noite, quando o barco dourado de Amon descia para as colinas a oeste, emergia de todas as cabanas e varandas próximas o cheiro de peixe frito misturado com o aroma de pão recém-assado. Esse cheiro de bairro pobre de Tebas aprendi a amar em criança e nunca mais o esqueci.

Foi durante as refeições na varanda que recebi os primeiros ensinamentos de meu pai. Ele entrava cansado no jardim vindo da rua ou vinha do consultório com o cheiro forte de unguentos e drogas grudados em suas roupas. Minha mãe derramou água nas mãos dele e sentamos em banquinhos para comer enquanto ela nos servia. Às vezes, enquanto ali estávamos sentados, um bando de marinheiros cambaleava pela rua, gritando bêbados, batendo com paus nas paredes das casas, ou parando para se aliviar em nossas acácias. Meu pai, sendo um homem discreto,

não disse nada até que eles tivessem passado; então ele me dizia: "Só um negro ou um sírio sujo faz isso na rua. Um egípcio passa entre paredes."

Ou ele diria: "O vinho apreciado com moderação é o presente dos deuses para nós e alegra nossos corações. Um copo não faz mal a ninguém. Dois soltam a língua, mas o homem que bebe um jarro acorda e se encontra na sarjeta. , roubado e espancado."

Às vezes, um sopro de unguentos perfumados chegava à varanda quando um uma linda mulher passou a pé, vestida de transparente, com bochechas, lábios e sobrancelhas lindamente pintados e em seus olhos líquidos um brilho nunca visto nos virtuosos. Quando eu olhava fascinado para alguém assim, meu pai dizia gravemente: "Cuidado com uma mulher que o chama de 'menino bonito' e o seduz, pois seu coração é uma rede e uma armadilha, e seu corpo queima mais do que fogo".

Não foi à toa que depois de tais ensinamentos minha alma infantil começou a temer a jarra de vinho e mulheres bonitas que não eram como as mulheres comuns, embora ambas fossem dotadas do perigoso encanto das coisas temidas e proibidas.

Quando eu ainda era criança, meu pai me deixou ir às suas consultas; ele me mostrou seus bisturis, fórceps e potes de remédios e me explicou seus usos. Quando ele examinava seus pacientes, eu tinha que ficar ao lado dele e entregar-lhe tigelas de água, curativos, azeite e vinho. Minha mãe não suportava ver feridas e chagas e nunca entendeu meu interesse pela doença. Uma criança não aprecia o sofrimento até que o tenha experimentado. Para mim, a punção de um furúnculo era uma operação emocionante, e eu contava com orgulho aos outros meninos tudo o que tinha visto para ganhar o respeito deles. Sempre que chegava um novo paciente, eu acompanhava atentamente o exame e as perguntas de meu pai até que ele finalmente disse: "Esta doença pode ser curada" ou "Vou fazer o seu tratamento". Havia também aqueles que ele não se sentia competente para tratar. Depois escrevia algumas linhas numa tira de papiro e as enviava para a Casa da Vida, no templo. Quando um paciente assim o deixava, ele geralmente suspirava, balançava a cabeça e dizia: "Pobre criatura!"

Nem todos os pacientes do meu pai eram carentes. Patronos de casas de prazer próximas eram enviados a ele de vez em quando para serem enfaixados depois de alguma briga, e suas roupas eram de linho fino. Os mestres dos navios sírios às vezes vinham quando tinham furúnculos ou dor de dente. Não fiquei surpreso, portanto, quando a esposa de um negociante de especiarias veio um dia para ser examinada usando joias e um colar reluzente de pedras preciosas. Ela suspirou, gemeu e lamentou suas muitas aflições enquanto meu pai ouvia atentamente. Fiquei muito desapontado quando ele finalmente pegou uma tira de papel para escrever, pois esperava que ele pudesse curá-la e assim adquirir muitos presentes bonitos. Suspirei, balancei a cabeça e sussurrei para mim mesmo: "Pobre criatura!"

A doente sobressaltou-se assustada e olhou inquieta para o meu pai. Ele escreveu uma linha em caracteres antigos copiados de um rolo de papiro gasto, depois derramou óleo e vinho em uma tigela e embebeu o papel até que a tinta

havia sido dissolvido pelo vinho. Em seguida, ele derramou o líquido em uma jarra de barro e deu à esposa do vendedor de especiarias como remédio, dizendo-lhe para tomar um pouco sempre que a cabeça ou o estômago começassem a doer. Quando a mulher se foi, olhei para meu pai, que parecia envergonhado. Ele tossiu uma ou duas vezes e disse: "Muitas doenças podem ser curadas com tinta que foi usada para uma poderosa invocação".

Ele não disse mais em voz alta, mas murmurou para si mesmo depois de um tempo: "Pelo menos não pode fazer mal ao paciente."

Quando eu tinha sete anos, me deram uma tanga de menino e minha mãe me levou ao templo para assistir a um sacrifício. O templo de Amon em Tebas era naquela época o mais poderoso de todo o Egito. Uma avenida ladeada de esfinges com cabeça de carneiro esculpidas em pedra levava a ela, atravessando a cidade desde o templo e a piscina do deusa Lua. A área do templo era cercada por enormes paredes de tijolos e com seus muitos edifícios formava uma cidade dentro da cidade. Do topo dos pilares altos flutuavam flâmulas coloridas e estátuas gigantescas de reis guardavam os portões de cobre de cada lado do recinto.

Atravessamos os portões, e os vendedores de Livros dos Mortos puxaram as roupas de minha mãe e fizeram suas ofertas estridentes ou sussurrando. Mamãe me levou para ver as carpintarias com sua exposição de imagens de madeira de escravos e servos, que, depois de consagrados pelos padres, serviriam a seus donos no outro mundo para que estes não precisassem levantar um dedo para se servir.

Minha mãe pagou a taxa exigida dos espectadores, e eu vi vestidos de branco, sacerdotes habilidosos matam e esquartejam um touro entre cujos chifres uma trança de papiro trazia um selo, testemunhando que o animal não tinha defeito ou um único cabelo preto. Os sacerdotes eram gordos e santos, e suas cabeças raspadas brilhavam com óleo. Havia cerca de uma centena de pessoas que vieram assistir ao sacrifício, mas os sacerdotes prestaram pouca atenção a eles e conversaram livremente uns com os outros sobre seus próprios assuntos durante a cerimônia. Olhei para os quadros bélicos nas paredes do templo e maravilhei-me com as colunas gigantescas, não conseguindo entender a emoção de minha mãe quando com os olhos cheios de lágrimas ela me levou para casa. Lá ela tirou meus sapatos de bebê e me deu sandálias novas que eram desconfortáveis e irritavam meus pés até eu me acostumar com eles.

Depois da refeição, meu pai, com uma expressão séria no rosto, colocou sua mão grande e inteligente na minha cabeça e acariciou com tímida ternura os cachos macios em minha têmpora.

"Agora você tem sete anos, Sinuhe, e deve decidir o que quer ser."

"Um guerreiro!" Eu disse de uma vez, e fiquei intrigado com o olhar desapontado em seu rosto bom. Pois os melhores jogos que os meninos de rua jogavam eram jogos de guerra, e eu tinha visto soldados lutarem e se aperfeiçoarem no uso de armas na frente de

o quartel e tinha visto carros de guerra emplumados correrem em rodas trovejantes para manobras fora da cidade. Não poderia haver nada mais nobre ou grandioso do que a carreira de um guerreiro. Além disso, um soldado não precisa saber escrever, e isso era o que mais pesava para mim, pois os meninos mais velhos contavam histórias terríveis sobre como era difícil a arte de escrever e como os professores puxavam impiedosamente os cabelos dos alunos se eles por acaso uma tabuleta de argila ou quebrar uma caneta de junco entre seus dedos inexperientes.

É provável que meu pai nunca tenha sido um homem notavelmente talentoso, ou ele certamente se tornaram algo mais do que o médico de um homem pobre. Mas ele era consciencioso em seu trabalho e nunca prejudicou seus pacientes e, com o passar dos anos, tornou-se sábio pela experiência. Ele já sabia o quão sensível e obstinada eu era e não fez nenhum comentário sobre minha resolução.

Pouco depois, porém, ele pediu uma tigela à minha mãe e, indo para sua oficina, encheu a tigela com vinho barato de uma jarra.

"Venha, Sinuhe", disse ele, e me levou para fora da casa até a margem do rio. No cais, paramos para ver uma barcaça da qual carregadores atarracados descarregavam mercadorias costuradas em esteiras. O sol estava se pondo entre as colinas a oeste além da Cidade dos Mortos, mas esses servos continuaram trabalhando, ofegantes e pingando de suor. O capataz picou-os com o chicote enquanto o balconista sentava-se placidamente sob o toldo, verificando cada fardo de sua lista.

"Você gostaria de ser um desses?" perguntou meu pai.

Achei essa pergunta estúpida e fiquei boquiaberta para ele sem responder. Ninguém queria ser como os porteiros.

"Eles trabalham de manhã cedo até tarde da noite", disse Senmut. "Suas peles tornaram-se grosseiras como os de um crocodilo; seus punhos são grosseiros como pés de crocodilo. Só quando anoitece eles podem rastejar para suas cabanas miseráveis, e sua comida é um pedaço de pão, uma cebola e um gole de cerveja rala e amarga. Essa é a vida do porteiro, a vida do lavrador, a vida de todos os que trabalham com as mãos. Você acha que eles devem ser invejados?"

Eu balancei minha cabeça, ainda olhando para ele com admiração. Era um soldado que eu desejava seja, não um carregador, um arranhador do solo, um regador dos campos, ou um pastor coberto de esterco.

"Padre", eu disse enquanto continuávamos, "os soldados se divertem. Eles vivem em quartéis e comem boa comida; à noite bebem vinho nas casas de prazer, e as mulheres sorriem para eles. Os líderes entre eles usam roupas douradas correntes no pescoço, embora não saibam escrever. Quando voltam da batalha, trazem consigo os despojos e escravos que labutam e seguem ofícios para servi-los. Por que eu não deveria me esforçar para me tornar um guerreiro também?"

Meu pai não respondeu, mas apressou o passo. Perto do grande depósito de lixo onde as moscas zumbiam em uma nuvem ao nosso redor, ele se abaixou e espiou dentro de um casebre de barro baixo.

"Inteb, meu amigo, você está aí?"

Saiu rastejando um velho verminoso apoiado em uma bengala. Seu braço direito tinha sido decepado abaixo do ombro, e sua tanga estava dura de sujeira. Seu rosto estava seco e enrugado com a idade, e ele não tinha dentes.

"É - é _isso_ Inteb?" Engoli em seco, olhando para o velho com horror. Inteb era um herói que havia lutado nas campanhas sírias sob o comando de Thothmes III, o maior dos faraós, e ainda se contavam histórias de suas proezas e das recompensas que o faraó lhe dera.

O velho ergueu a mão em saudação de soldado, e meu pai lhe entregou a taça de vinho. Em seguida, sentaram-se no chão, pois não havia sequer um banco fora da cabana, e Inteb levou o vinho aos lábios com a mão trêmula, tomando cuidado para não desperdiçar uma gota.

"Meu filho Sinuhe pretende ser um guerreiro", meu pai sorriu. "Eu o trouxe para você, Inteb, porque você é o último sobrevivente dos heróis das grandes guerras e pode contar a ele sobre a vida orgulhosa e os feitos esplêndidos dos soldados."

"Em nome de Set e Baal e todos os outros demônios!" gargalhou o outro, voltando seu olhar míope para mim. "O menino está louco?"

Sua boca desdentada, olhos escuros, toco de braço pendurado e enrugado, sujo peito eram tão aterrorizantes que eu rastejei atrás de meu pai e agarrei seu braço.

"Rapaz, rapaz", riu Inteb, "se eu tivesse um bocado de vinho para cada maldição que proferi sobre minha vida e sobre o destino - destino miserável que fez de mim um soldado - -Eu poderia encher o lago que Faraó fez para sua velha. É verdade que nunca a vi porque não posso me dar ao luxo de ser transportada pelo rio, mas duvido que não conseguiria preenchê-la... sim, e haveria o suficiente para atrapalhar um exército.

Ele bebeu novamente, com moderação.

"Mas", disse eu, meu queixo tremendo, "a profissão de soldado é a mais honrada de todos."

"Honra! Renome!" disse Inteb, herói dos exércitos de Thothmes. "Excrementos- -ordure onde as moscas são criadas - não mais! Muitas mentiras contei no meu tempo para tirar vinho dos idiotas esbugalhados que me ouviram, mas seu pai é um homem justo a quem não vou enganar. Por isso, filho, digo-te que, de todas as profissões, a do guerreiro é a mais miserável e a mais degradada."

O vinho estava alisando as rugas de seu rosto e acendendo um brilho seus velhos olhos selvagens. Ele se levantou e agarrou seu pescoço com uma mão.

"Olhe, garoto! Este pescoço esquelético já foi pendurado com correntes de ouro - cinco voltas delas. O próprio Faraó as pendurou lá. Quem pode calcular as mãos decepadas que eu empilhei diante de sua tenda? Quem foi o primeiro a escalar as paredes de Kadesh? Quem irrompeu pelas fileiras inimigas como um elefante trombeteando? Foi eu-

-Eu, Inteb o herói! E quem me agradece por isso agora? Meu ouro seguiu o caminho de todas as coisas terrenas, e os escravos que peguei na batalha fugiram ou pereceram miseravelmente. Meu

mão direita que deixei para trás na terra de Mitanni, e há muito deveria estar mendigando nas esquinas, não fosse pelas pessoas caridosas que de vez em quando me dão peixe seco e cerveja por dizer a seus filhos a verdade sobre a guerra. Eu sou Inteb, o grande herói - olhe para mim! Deixei minha juventude no deserto, roubada pela fome, privações e dificuldades. Lá a carne derreteu de meus membros, minha pele endureceu e meu coração endureceu como pedra. Pior de tudo, o deserto ressecado me secou a língua e me tornei presa de uma sede insaciável, como qualquer outro soldado que volta vivo de guerras estrangeiras. E a vida tem sido como o vale da morte desde que perdi meu braço. Não preciso nem mencionar a dor do ferimento e a agonia quando os cirurgiões do exército escaldaram o coto em óleo fervente após a amputação - isso é algo que seu pai pode apreciar. Bendito seja o seu nome, Senmut! Você é um homem justo, um homem bom - mas o vinho acabou."

O velho calou-se, ofegou um pouco e voltou a sentar-se no chão, ele virou a tigela de barro tristemente de cabeça para baixo. Seus olhos eram brasas brilhantes, e ele era mais uma vez um homem velho e infeliz.

"Mas um guerreiro não precisa saber escrever", veio meu sussurro vacilante.

"Hum", disse o velho e olhou de soslaio para meu pai, que rapidamente tirou uma pulseira de cobre de seu braço e a entregou a ele. Inteb chamou alto, e imediatamente um menino sujo correu, pegou o anel e a tigela, e foi para a taverna atrás de mais vinho.

"Não o melhor!" gritou Inteb para ele. "Pegue o azedo - eles vão te dar mais." Ele olhou para mim novamente pensativo. "Um guerreiro não precisa escrever, apenas lutar. Se pudesse escrever, seria um oficial com comando sobre os mais valentes, a quem enviaria antes dele para a batalha. Qualquer um que possa escrever está apto para o comando, mas um homem que não pode rabiscos nunca terão nem cem sob ele. Que alegria ele pode ter em correntes de ouro e honras quando é o sujeito com a caneta de junco na mão quem dá as ordens? Assim é, e assim será -- e assim, meu rapaz, se você quer comandar homens e liderá-los, aprenda a escrever.

O menino sujo voltou com uma jarra de vinho e tinha a tigela cheia também. O rosto do velho brilhou de alegria.

"Seu pai Senmut é um bom homem. Ele pode escrever, e ele cuidou de mim no meu dias de palmeiras em que o vinho era abundante e eu via crocodilos e hipopótamos onde não havia. Um bom homem, embora seja apenas um médico e não saiba lidar com um arco. Ele tem meus agradecimentos."

Olhei nervosamente para a jarra de vinho para a qual Inteb claramente pretendia voltar toda sua atenção e comecei a puxar a manga larga e manchada de drogas de meu pai, temendo que tanto vinho pudesse resultar em nosso despertar, machucado e espancado, em alguma sarjeta.

Senmut também olhou para a jarra, suspirou um pouco e me levou embora. Inteb ergueu sua velha voz estridente em uma canção síria enquanto o menino nu e enegrecido pelo sol ria.

Então enterrei meus sonhos marciais e não resisti mais quando meu pai e minha mãe me levaram no dia seguinte para a escola.

4

Meu pai não podia me mandar para nenhuma das grandes escolas do templo onde os filhos - e às vezes filhas - de homens ricos, nobres e sacerdotes eminentes eram ensinados. Meu professor era o velho padre Oneh, que morava não muito longe e dava aulas em sua varanda caindo aos pedaços. Seus alunos eram filhos de artesãos, mercadores, capatazes e suboficiais cuja ambição buscava abrir a carreira de escriba para seus filhos. Oneh tinha em seu tempo sido mordomo do Celestial Mut no templo e, portanto, estava bem preparado para dar aulas elementares de escrita para crianças que mais tarde estariam contando mercadorias, medidas de grãos, cabeças de gado ou provisões para o exército. Havia centenas dessas pequenas escolas na grande cidade de Tebas. A instrução era barata, os alunos apenas tendo que manter o professor. O filho do vendedor de carvão reabasteceu seu braseiro no inverno, o filho do tecelão o manteve vestido, o filho do vendedor de milho viu que nunca lhe faltava farinha, e meu pai tratou suas muitas dores e lhe deu anódinas de ervas para tomar seu vinho .

Sua dependência de nós fez de Oneh um professor gentil. Um menino que adormeceu sobre seus comprimidos nunca teve seus ouvidos tapados; ele tinha apenas que roubar alguns petiscos para o velho na manhã seguinte. Às vezes, o filho do comerciante de milho trazia uma jarra de cerveja. Nesses dias éramos todos atenção, pois o velho Oneh se inspirava a nos contar histórias estranhas do outro mundo: do Mut Celestial, do Criador, de Ptah e seus deuses companheiros. Nós ríamos, acreditando que o havíamos distraído de nossas tarefas difíceis e de escrever personagens cansativos pelo resto do dia; só mais tarde percebi que o velho Oneh era um professor mais sábio do que imaginávamos.

Havia um propósito em sua recitação das lendas às quais seu espírito piedoso e infantil deu vida: elas nos ensinaram as tradições do antigo Egito. Neles nenhuma ação má ficou impune. Implacavelmente cada coração humano foi pesado antes do

alto trono de Osíris. Aquele mortal cujos atos malignos foram revelados na balança do Cabeça de Chacal foi lançado ao Devorador que era crocodilo e hipopótamo combinados, mas mais aterrorizante do que ambos.

Falou também do mal-humorado Olhar para Trás, aquele terrível barqueiro sem cuja ajuda ninguém poderia alcançar os campos dos bem-aventurados. Quando remava, olhava para a popa, nunca para a frente como os barqueiros terrestres do Nilo. Oneh nos faria repetir de cor as frases com as quais esse ser poderia ser subornado e propiciado.

Ele nos ensinou a copiá-los e depois escrevê-los de memória, corrigindo nossas falhas com a gentil advertência de que o menor erro eliminaria todas as chances de uma vida feliz no além. Se déssemos ao Backward Gazer uma carta contendo mesmo um erro trivial, seríamos forçados a vagar como sombras por toda a eternidade pelas margens dessas águas sombrias ou, pior ainda, ser engolidos pelos abismos hediondos dos reinos da morte.

Frequentei a escola de Oneh por alguns anos. Meu melhor amigo era Thothmes, que era mais ou menos um ano mais velho que eu e que havia sido criado desde a infância para lutar e cuidar de cavalos. Seu pai era líder de um esquadrão de carros e empunhava um chicote de ofício trançado com fio de cobre: ele tinha esperança de que seu filho pudesse se tornar um oficial de alta patente e, portanto, desejava que ele aprendesse a escrever. Mas não havia nada de profético no ilustre nome de Thothmes, apesar das ambições de seu pai, pois assim que o menino começou a estudar, ele deixou de se importar com o lançamento de dardos e a condução de carruagens. Aprendeu seus personagens com facilidade e, enquanto os outros garotos lutavam ferozmente com eles, ele desenhava figuras em suas tabuletas: figuras de carruagens, cavalos empinando e soldados lutando.

Ele trouxe argila para a escola e, enquanto o jarro de cerveja contava histórias pela boca de Oneh, ele modelou uma pequena imagem cômica do Devorador mordendo com mandíbulas desajeitadas um velhinho careca cujas costas corcundas e barriga de pote poderiam pertencer a ninguém menos que Oneh. Mas Oneh não estava zangado. Ninguém podia ficar zangado com Thothmes. Ele tinha o rosto largo e as pernas curtas e grossas de um camponês, mas seus olhos tinham um brilho alegre que era contagiante, e os pássaros e animais que ele formou de barro com suas mãos inteligentes nos deleitavam a todos. Eu tinha procurado sua amizade primeiro porque ele era soldado, mas a amizade persistiu depois que ele deixou de mostrar um traço de ambição guerreira.

Um milagre aconteceu durante meus dias de escola e aconteceu tão repentinamente que Ainda me lembro daquela hora como uma de revelação. Era um dia claro e fresco de primavera, quando o ar estava cheio de cantos de pássaros e as cegonhas estavam consertando seus velhos ninhos nos telhados das cabanas de barro. As águas tinham baixado e brotos verdes brotavam da terra. Em todos os jardins semeavam as sementes e as plantas se espalhavam. Era um dia de aventura, e não podíamos ficar parados na velha varanda de Oneh, onde os tijolos de barro desmoronavam sob a mão. Eu estava arranhando aqueles símbolos eternos – letras para lapidar em pedra e ao lado delas as

sinais abreviados usados para escrever no papel - quando de repente alguma palavra esquecida de Oneh, algum flash estranho dentro de mim, falou e deu vida a esses caracteres. As imagens tornaram-se uma palavra, a palavra uma sílaba, a sílaba uma letra. Quando coloquei imagem em imagem, novas palavras surgiram - palavras vivas, bem distintas dos símbolos. Qualquer caipira pode entender uma imagem, mas duas juntas têm significado apenas para os alfabetizados. Acredito que todos que estudaram escrita e aprenderam a ler sabem o que estou tentando dizer. A experiência foi para mim mais emocionante, mais fascinante do que pegar uma romã da cesta de um vendedor de frutas - mais doce do que uma tâmara seca, deliciosa como água para o sedento.

A partir daquele momento, não precisei de insistência, mas absorvi o aprendizado de Oneh como a terra seca absorve as águas do Nilo, e rapidamente aprendi a escrever. Em pouco tempo, comecei a ler o que os outros haviam escrito e, no terceiro ano, já conseguia soletrar pergaminhos esfarrapados e ler em voz alta fábulas instrutivas para os outros escreverem.

Nessa época, notei que não me parecia com o resto. Meu rosto era mais estreito, minha pele mais clara e meus membros mais esbeltos do que os dos outros rapazes e das pessoas entre as quais eu morava. Não fosse pela diferença de vestimenta, dificilmente alguém poderia me distinguir dos meninos que eram carregados em cadeiras ou andavam pelas ruas atendidos por escravos. Fui zombado por isso; o filho do comerciante de milho tentava colocar o braço em volta do meu pescoço e me chamava de garota até eu ter que espetá-lo com meu styius. Ele me revoltava porque tinha um cheiro ruim, mas eu gostava de estar com Thothmes, que nunca me tocava. Um dia Thothmes disse timidamente: "Eu modelarei sua imagem se você sentar para mim."

Eu o levei para casa, e lá sob o sicômoro ele fez uma semelhança de mim em barro e rabiscou os caracteres do meu nome nele com uma caneta. Minha mãe Kipa, saindo com bolos para nós, ficou muito assustada quando viu a imagem e a chamou de feitiçaria. Mas meu pai disse que Thothmes poderia se tornar um artista da casa real se ele pudesse ingressar na escola do templo, e brincando eu me curvei diante de Thothmes e estendi minha mão na altura dos joelhos como se faz na presença de pessoas ilustres. Seus olhos brilharam; então ele suspirou que nunca poderia ser, pois seu pai achou que era hora de ele voltar para o quartel e ingressar na escola para cocheiros. Ele já sabia escrever tão bem quanto era exigido de qualquer futuro oficial. Meu pai nos deixou então, e ouvimos Kipa resmungando para si mesma na cozinha; mas Thothmes e eu comemos os bolos, que eram gordurosos e bons, e estávamos bem contentes.

Eu ainda estava feliz então.

Chegou o dia em que meu pai vestiu sua melhor túnica recém-lavada e colocou no pescoço uma gola larga bordada por Kipa. Ele foi ao grande templo de Amon, embora em particular não tivesse amor pelos sacerdotes. Mas nada aconteceu em Tebas ou mesmo em todo o Egito neste momento sem sua ajuda e intervenção. Eles administraram a justiça para que um homem ousado contra o qual o próprio tribunal do faraó havia julgado pudesse apelar para eles por reparação. Em suas mãos estava toda a instrução para os postos administrativos superiores. Eles previam a altura das águas da enchente e o tamanho da colheita e a partir disso calculavam os impostos para todo o país.

Não acho que tenha sido fácil para meu pai se humilhar diante deles. Durante toda a sua vida ele fora o médico de um homem pobre no bairro do homem pobre - um estranho ao templo e à Casa da Vida - e agora, como outros pais sem um tostão, ele tinha que esperar na fila do lado de fora do departamento administrativo até que agradasse a alguns. santidade ou outro para recebê-lo. Eu posso ver esses pobres pais agora, agachados no pátio do templo em suas melhores vestes, sonhando sonhos ambiciosos para seus filhos, para quem eles cobiçavam uma existência melhor do que a sua. Muitos deles haviam percorrido um longo caminho em barcos fluviais, carregando sua comida. Gastavam seus bens em subornos ao porteiro e ao escrivão pelo privilégio de uma palavra com um padre bordado a ouro, perfumado e ungido, que torcia o nariz ao cheiro deles e lhes dizia palavras duras. E ainda assim – Amon está em necessidade contínua de novos servos. Quanto maior sua riqueza e poder, maior o número de escribas que ele usa em seu serviço. No entanto, não há pai que não considere um favor divino que seu filho seja recebido no templo - sim, embora ao trazer o menino ele traga um presente mais precioso do que ouro.

Meu pai teve sorte em sua visita, pois mal havia passado o meio-dia quando seu antigo colega Ptahor apareceu. Com o passar do tempo, Ptahor tornou-se o abridor de crânios da casa do faraó. Meu pai aventurou-se a dirigir-se a ele e prometeu honrar nossa casa pessoalmente e me inspecionar.

Fixado o dia, meu pai economizou para um ganso e o melhor vinho. Kipa assado - e incomodado. Um cheiro delicioso de gordura de ganso flutuou para a rua até que cegos e mendigos se reuniram lá para cantar e tocar para sua parte do banquete. Kipa, silvando de raiva, atacou com um pedaço de pão mergulhado na gordura para cada um deles e os mandou embora. Thothmes e eu varremos a rua do nosso

porta longe na cidade. Meu pai havia pedido a Thothmes que estivesse por perto quando o convidado chegasse, na esperança de que ele também pudesse ser favorecido com a atenção do grande homem. Por mais meninos que fôssemos, quando meu pai acendeu o incensário e o colocou para perfumar a entrada, nos sentimos tão abismados como se estivéssemos em um templo. Eu guardei a lata de água perfumada e mantive as moscas longe do deslumbrante pano de linho branco que Kipa havia separado para seu próprio enterro, mas que agora foi trazido como uma toalha para Ptahor.

Tivemos que esperar muito. O sol se pôs e o ar ficou mais frio. O incenso no alpendre foi todo queimado, e o ganso chiou tristemente na assadeira. Fiquei com fome, e o rosto de Kipa se alongou e endureceu. Meu pai não disse nada, mas não acendeu as lâmpadas quando a escuridão caiu. Todos nós nos sentamos em banquinhos na varanda e evitamos olhar uns para os outros, e foi então que eu aprendi que amarga tristeza e desapontamento os ricos e poderosos em sua falta de consideração podem causar aos pobres.

Mas finalmente surgiu o brilho de uma tocha ao longo da rua. Meu pai deu um pulo e correu para a cozinha para pegar uma brasa para acender os dois abajures. Levantei o jarro de água com as mãos trêmulas enquanto Thothmes respirava pesadamente ao meu lado.

Ptahor, o abridor de crânios reais, chegou despretensiosamente em uma cadeira carregada por dois escravos negros e precedido por um tocha gordo que evidentemente estava bêbado. Com baforadas e alegres gritos de saudação, Ptahor desceu da cadeira para saudar meu pai, que se curvou e estendeu as mãos na altura dos joelhos. O convidado colocou as mãos nos ombros de Senmut, seja para mostrar que a cerimônia era desnecessária ou para se equilibrar. Assim apoiado, ele chutou o portador da tocha e disse-lhe para dormir sob o sicômoro. Os negros, sem esperar ordens, jogaram a cadeira nos arbustos de acácia e se agacharam no chão.

Ainda apoiado no ombro de meu pai, Ptahor entrou na varanda, onde eu derramou água em suas mãos apesar de seus protestos. Quando lhe entreguei o pano de linho, ele disse que, como eu havia lavado suas mãos, agora poderia secá-las. Quando fiz isso, ele me agradeceu e disse que eu era um menino bonito. Meu pai o conduziu até a cadeira de honra — uma cadeira com encosto, emprestada do mercador de especiarias — e ele se sentou, seus olhinhos curiosos espiando à sua volta à luz das lamparinas de sebo.

Por um tempo houve silêncio. Então, pigarreando como se pedisse desculpas, pediu algo para beber, pois a longa viagem o havia deixado seco. Meu pai, encantado, serviu-lhe vinho. Ptahor cheirou e provou com desconfiança, depois esvaziou a taça com evidente prazer e deu um suspiro satisfeito.

Ele era um homenzinho de pernas arqueadas e cabeça raspada, com seios e barriga caídos sob o manto fino. Seu colarinho, cravejado de pedras preciosas, estava agora sujo como o resto de seu vestido, e ele cheirava a óleo, vinho e suor.

Kipa serviu-lhe bolos de especiarias, pequenos peixes fritos em óleo, frutas e ganso assado. Ele comeu educadamente, embora estivesse claro que ele tinha acabado de comer uma boa refeição, e ele provou e elogiou cada prato para o grande deleite de Kipa. A seu desejo levei cerveja e comida para os negros, mas eles retribuíram a cortesia gritando insultos e perguntando se o velho barrigudo estava pronto para partir. O criado roncava sob o sicômoro, e eu não queria acordá-lo.

A noite ficou extremamente confusa, pois meu pai também bebia mais do que eu já o tinha visto fazer, de modo que, finalmente, Kipa, sentada na cozinha, foi tomada de aflição e sentou-se balançando para frente e para trás com a cabeça entre as mãos. Quando a jarra estava vazia, eles bebiam o vinho medicinal do pai. Quando isso acabou, eles começaram a tomar cerveja de mesa comum; pois Ptahor nos garantiu que não era exigente.

Eles falaram de seus dias de estudante na Casa da Vida, balançando e abraçando um ao outro enquanto se sentavam. Ptahor relatou suas experiências como cirurgião de crânio real, afirmando que era o último ramo em que qualquer médico deveria se especializar, sendo mais adequado à Casa da Morte do que à Casa da Vida. Mas havia pouco trabalho ligado a isso, e ele sempre foi preguiçoso, como Senmut, o Tranquilo, certamente se lembraria. A cabeça humana - exceto pelos dentes, orelhas e garganta, que exigiam seus próprios especialistas - era, em sua opinião, a coisa mais simples de estudar, e por isso ele a escolheu.

"Mas", disse ele, "se eu tivesse alguma decência, teria permanecido o que era: um médico honesto trazendo vida a seus pacientes. o incurável. Eu deveria ser como você, amigo Senmut - talvez mais pobre, mas levando uma vida mais honesta, mais saudável."

"Nunca acredite nele, meninos!" disse meu pai – pois Thothmes estava sentado conosco agora e segurava uma pequena taça de vinho em sua mão. "Tenho orgulho de chamar a broca do crânio de Faraó de meu amigo; em sua própria linha, ele é o mais habilidoso de todo o Egito. Não me lembro das prodigiosas operações de trepanação pelas quais ele salvou a vida de poderosos e humildes e surpreendeu o mundo? Ele libera espíritos malignos que levam os homens à loucura e tira seus ovos redondos do cérebro dos homens. Pacientes agradecidos lhe dão ouro e prata, correntes e copos."

"Mas parentes agradecidos fizeram mais", acrescentou Ptahor com voz grossa. "Pois se por acaso eu curo um em dez, um em quinze - não, digamos um em cem - muito mais certa é a morte dos outros. Você já ouviu falar de um único faraó que viveu três dias depois que seu crânio foi aberto? Não, os loucos e incuráveis são colocados sob minha faca de pederneira - e quanto mais ricos e ilustres, mais rápido eles vêm. Minha mão liberta os homens da dor, divide heranças - terras, gado e ouro - minha mão eleva os faraós ao trono. Por isso me temem, e ninguém ousa falar contra mim, pois sei demais. Mas o que aumenta o conhecimento aumenta a tristeza, e eu sou um homem muito infeliz!"

Ptahor chorou um pouco e assoou o nariz na mortalha de Kipa.

"Você é pobre, mas honesto, Senmut", ele soluçou. "Portanto, eu te amo, pois sou rico e podre - podre - um monte de esterco de boi na estrada."

Ele tirou seu colar de joias e o pendurou no pescoço do meu pai, e então eles começaram a cantar canções cujas palavras eu não conseguia entender, embora Thothmes ouvisse com interesse e me dissesse que canções mais maduras não podiam ser ouvidas nem mesmo nos quartéis. Kipa começou a chorar alto na cozinha. Um dos negros veio dos arbustos de acácia, pegou Ptahor nos braços e o teria carregado para sua cadeira, pois já passava muito da hora de dormir. Mas Ptahor lutou e soltou gritos lamentáveis, chamou os vigias para ajudá-lo e jurou que o negro significava assassinato. Como meu pai não ajudou, Thothmes e eu expulsamos o negro com paus até que ele ficou furioso e foi, xingando violentamente e levando camarada e cadeira com ele.

Ptahor agora esvaziou o jarro de cerveja sobre si mesmo, pediu óleo para esfregar no rosto e tentou se banhar na piscina. Thothmes sussurrou para mim que devíamos levar os velhos para a cama, e assim aconteceu que meu pai e o cirurgião de crânios reais adormeceram na cama de Kipa, abraçados pelo pescoço um do outro, babando juramentos de amizade eterna até o fim.

Kipa chorou e rasgou os cabelos e se borrifou com cinzas da assadeira opor. Eu estava atormentado com o pensamento do que os vizinhos diriam, pois o rugido e a algazarra soaram por toda parte na noite calma. Thothmes estava plácido, no entanto, pois ele havia visto ações mais selvagens nos quartéis e na casa de seu pai quando os cocheiros falavam dos velhos tempos e das expedições punitivas à Síria e à terra de Kush. Ele conseguiu acalmar Kipa e, depois de limparmos os vestígios do banquete da melhor maneira possível, também fomos para a cama. O criado roncava sob o sicômoro, e Thothmes deitou-se ao meu lado na cama, colocou o braço em volta do meu pescoço e falou sobre as meninas, pois ele também tinha bebido vinho. Mas achei isso cansativo, sendo um ou dois anos mais novo que ele, e logo adormeço.

De manhã cedo fui acordado por batidas e sons de movimento no quarto, e ao entrar vi meu pai ainda dormindo em suas roupas com a gola de Ptahor no pescoço. Ptahor estava sentado no chão segurando a cabeça entre as mãos e perguntando com uma voz triste onde ele estava.

Cumprimentei-o respeitosamente e disse-lhe que ainda estava no bairro do porto, na casa de Senmut, o médico. Isso o acalmou e ele pediu cerveja em nome de Amon. Apontei para ele que ele havia esvaziado a jarra de cerveja sobre si mesmo, como testemunhava seu manto. Ele então se levantou, endireitou-se com uma carranca digna e saiu. Eu derramei água em suas mãos, e ele inclinou a cabeça careca com um gemido, pedindo-me para derramar água sobre isso também. Thothmes, que também havia acordado, trouxe-lhe uma lata de leite azedo e um peixe salgado. Depois de comer, ele

ficou mais alegre. Ele foi até o sicômoro onde o criado dormia e começou a espancá-lo com a vara até que o sujeito acordou e se levantou, sua roupa manchada de grama e seu rosto de terra.

"Porco miserável!" gritou Ptahor e o feriu novamente. "É assim que você cuida dos negócios de seu senhor e leva a tocha diante dele? Onde está minha cadeira? Onde está meu manto limpo? E minhas bagas medicinais? Fora da minha vista, ladrão e porco desprezíveis!"

"Eu sou um ladrão e porco do meu senhor", disse o servo humildemente. "Quais são meus ordens do senhor?"

Ptahor deu-lhe ordens e ele foi procurar a cadeira. Ptahor acomodou-se confortavelmente sob o sicômoro, encostou-se ao tronco e recitou um poema sobre a manhã, flores de lótus e uma rainha tomando banho no rio, e depois nos contou muitas coisas que os meninos adoram ouvir. Enquanto isso, Kipa acordou, acendeu o fogo e foi até meu pai. Podíamos ouvir a voz dela no jardim, e quando meu pai apareceu mais tarde em um roupão limpo, ele parecia realmente triste.

"Você tem um filho bonito", disse Ptahor. "Ele se comporta como um príncipe, e seus olhos são gentis como os de uma gazela." Jovem como eu era, compreendi que ele falava assim para nos fazer esquecer seu comportamento da noite anterior. Depois de um tempo ele continuou: "Seu filho tem talento? Os olhos de sua alma estão tão abertos quanto os de seu corpo?"

Então Thothmes e eu pegamos nossas tabuinhas. O cirurgião de crânio real, olhando distraidamente para os ramos mais altos do sicômoro, ditou um pequeno poema, do qual ainda me lembro. Correu assim:

Alegre-te, jovem, na tua juventude,
Pois a garganta da idade está cheia de cinzas
E o corpo embalsamado não sorri
Na escuridão da sepultura.

Fiz o melhor que pude, primeiro escrevendo em caligrafia comum e depois em fotos. Por fim, escrevi as palavras "idade", "cinzas", "corpo" e "túmulo" de todas as maneiras em que podem ser escritas, tanto em sílabas quanto em letras. Mostrei a ele meu tablet. Ele não encontrou nenhum erro, e eu sabia que meu pai estava orgulhoso de mim.

"E o outro menino?" disse Ptahor, estendendo a mão. Thothmes tinha sido sentado à parte, desenhando em seu tablet, e ele hesitou antes de entregá-lo, embora houvesse alegria em seus olhos. Quando nos inclinamos para olhar, vimos que ele havia desenhado Ptahor prendendo a coleira no pescoço do pai, depois Ptahor derramando cerveja sobre si mesmo, enquanto na terceira foto ele e meu pai estavam

cantando com os braços em volta dos ombros um do outro - uma imagem tão engraçada que você podia ver que tipo de música era que eles estavam cantando. Eu queria rir, mas não ousei por medo de que Ptahor pudesse ficar com raiva. Pois Thothmes não o havia lisonjeado; ele o tinha feito tão baixo e careca e arqueado e barrigudo como ele realmente era.

Por um longo tempo Ptahor não disse nada, mas olhou atentamente das fotos para Thothmes e vice-versa. Thothmes ficou um pouco assustado e se equilibrou nervosamente na ponta dos pés. Por fim, Ptahor perguntou: "O que você quer para o seu quadro, rapaz? Eu compro."

Thothmes, com o rosto vermelho, respondeu: "Meu tablet não está à venda. dê - a um amigo".

Ptahor riu.

"Bom. Vamos então ser amigos, e o tablet é meu."

Ele olhou para ele com atenção mais uma vez, riu e o esmagou em pedaços contra uma pedra. Todos nós começamos, e Thothmes implorou perdão se ele tinha ofendido.

"Estou irado com a água quando ela reflete minha imagem?" retornou Ptahor suavemente. "E o olho e a mão do desenhista são mais do que água - pois agora sei como estava ontem e não desejo que outros o vejam. Quebrei a placa, mas reconheço você como um artista."

Thothmes saltou de alegria.

Ptahor virou-se para meu pai e, apontando para mim, pronunciou solenemente o antigo juramento do médico: "Vou fazer o tratamento dele".

Apontando então para Thothmes, ele disse: "Farei o que puder". E, tendo assim entrado novamente na conversa dos médicos, ambos riram contentes. Meu pai, colocando a mão sobre minha cabeça, perguntou: "Sinuhe, meu filho, você quer ser um médico como eu?"

Lágrimas vieram em meus olhos, e minha garganta se apertou até que eu não consegui falar, mas eu balancei a cabeça em resposta. Olhei ao meu redor, e o jardim era querido para mim; o sicômoro, a piscina de pedra - todos eram queridos para mim.

"Sinuhe, meu filho", ele continuou. "Você será um médico mais habilidoso do que eu, melhor do que eu - senhor da vida e da morte e um a quem todos, sejam eles altos ou baixos, podem confiar suas vidas?"

"Nem como ele nem como eu!" quebrou em Ptahor. Ele se endireitou e um brilho astuto surgiu em seus olhos. "Um verdadeiro médico, pois esse é o mais poderoso de todos. Diante dele, o próprio Faraó está nu, e o mais rico é para ele um com o mendigo."

"Eu gostaria de ser um médico de verdade", eu disse timidamente, pois eu ainda era um menino e não sabia nada da vida, nem que a idade sempre procura colocar seus próprios sonhos, suas próprias decepções, nos ombros da juventude.

Mas para Thothmes Ptahor mostrou um anel de ouro que estava em seu pulso e disse: "Leia!"

Thothmes soletrou os caracteres ali inscritos e depois leu em voz alta incerta, "Um copo cheio alegria meu coração." Ele não conseguiu reprimir um sorriso.

"Não há nada para rir, seu patife!" disse Ptahor gravemente. "Isso não tem nada a ver com vinho. Se você quer ser um artista, você deve exigir que seu copo esteja cheio. No verdadeiro artista Ptah se revela - o criador, o construtor. O artista é mais do que um espelho d'água. Arte, na verdade, muitas vezes pode não ser nada além de água lisonjeira ou um espelho mentiroso, mas o artista é mais. Portanto, que seu copo nunca fique menos do que cheio, filho, e não se contente com o que os homens lhe dizem. Confie antes em seus próprios olhos claros. "

Ele prometeu que em breve eu seria chamado como aluno da Casa da Vida e que tentaria ajudar Thothmes a entrar na escola de arte do templo de Ptah, se tal coisa fosse possível.

"Mas, rapazes", acrescentou ele, "escutem atentamente o que eu digo e depois esqueçam imediatamente - ou pelo menos esqueçam que foi o cirurgião de crânio real que disse isso. Vocês agora cairão nas mãos dos padres; , Sinuhe, se tornará um você mesmo com o passar do tempo. Seu pai e eu fomos ambos iniciados no grau mais baixo, e ninguém pode seguir o chamado do médico sem ser iniciado. Quando você estiver entre eles, seja cauteloso como chacais e astuto como serpentes, para que não sejais cegos e enganados. Mas exteriormente sejam tão inofensivos quanto as pombas, pois até que a meta seja alcançada, o homem não pode parecer como é. Lembre-se!

Conversamos mais até que o servo de Ptahor apareceu com uma cadeira alugada e roupas frescas para seu mestre. Os escravos haviam penhorado a cadeira de Ptahor em um bordel vizinho e ainda dormiam lá. Ptahor deu a seu servo autoridade para resgatar tanto a cadeira quanto os escravos, despediu-se de nós, assegurando a amizade de meu pai, e voltou para o bairro elegante da cidade.

Mas no dia seguinte ele enviou um presente para Kipa - um escaravelho sagrado esculpido em uma pedra preciosa, para ser colocado ao lado de seu coração sob a mortalha em seu enterro. Ele não poderia ter dado maior alegria à minha mãe, e ela o perdoou por tudo e parou de dar sermões ao meu pai Senmut sobre a maldição do vinho.

A casa da vida

1

EM TEBE, naqueles dias, todo o ensino superior estava nas mãos dos sacerdotes de Amon, e não era possível estudar para um cargo importante sem um certificado deles. Como todos sabem, as Casas da Vida e da Morte permaneceram por incontáveis eras dentro das paredes do templo, e também as escolas teológicas para sacerdotes nos graus superiores. Que as faculdades de matemática e astronomia devem ser subordinadas ao sacerdócio pode ser entendido, mas quando o treinamento jurídico e mercantil foi assumido, surgiram dúvidas nas mentes dos mais alertas entre as classes educadas de que os padres estavam se intrometendo em assuntos que diziam respeito Faraó e apenas o departamento de impostos. A iniciação não era, de fato, indispensável para pertencer às guildas de mercadores e advogados, mas como Amon controlava pelo menos um quinto da terra do Egito e, portanto, também de seu comércio, aqueles que desejavam se tornar comerciantes em grande escala ou entrar na administração achou prudente qualificar-se para o grau mais baixo do sacerdócio e submeter-se como os servos fiéis de Amon.

Antes de pôr os pés na Casa da Vida, tive de passar no exame de admissão ao mais baixo grau de sacerdócio na faculdade teológica. Isso me levou mais de dois anos, pois ao mesmo tempo tive que acompanhar meu pai em suas visitas aos doentes e com sua experiência adquirir conhecimentos que me beneficiariam em minha futura carreira. Eu morava em casa como antes, mas tinha que assistir a uma palestra ou outra todos os dias.

Os candidatos ao grau mais baixo foram divididos em grupos de acordo com a profissão que seguiriam posteriormente. Nós, isto é, aqueles que seriam discípulos na Casa da Vida, formamos um grupo por conta própria, mas não encontrei nenhum amigo próximo entre meus companheiros. Eu tinha levado a sério a advertência de Ptahor e me mantive distante, obedientemente obedecendo a todas as ordens e fingindo estupidez quando os outros zombavam ou blasfemavam como fazem os meninos. Entre nós estavam os filhos de médicos especialistas cujos conselhos e tratamentos eram recompensados em ouro. E estavam conosco também

os filhos de médicos do campo, muitas vezes mais velhos do que nós, sujeitos adultos, desajeitados, queimados de sol, que se esforçavam para esconder sua timidez e se dedicavam laboriosamente às suas tarefas. Havia rapazes das classes mais baixas que queriam se elevar acima do nível comercial e social de seus pais e tinham uma sede natural de conhecimento, mas recebiam o tratamento mais severo de todos, pois os padres desconfiavam por natureza de todos os que não se contentavam com as velhas maneiras.

Minha cautela me ajudou muito, pois logo percebi que os sacerdotes haviam seus espiões e agentes entre nós. Uma palavra descuidada, uma dúvida falada ou uma piada entre amigos logo chegava ao conhecimento dos sacerdotes, e o culpado era convocado para interrogatório e punição. Alguns foram açoitados e alguns até expulsos da Casa da Vida, que desde então lhes foi fechada para sempre, tanto em Tebas como no resto do Egito.

Minha habilidade de ler e escrever me deu uma vantagem marcante sobre muitos dos meus companheiros, incluindo alguns dos mais velhos. Eu me considerava maduro para entrar na Casa da Vida, mas minha iniciação estava atrasada. Não tive coragem de perguntar o motivo, pois isso seria considerado insubordinação a Amon. Desperdicei meu tempo copiando Textos dos Mortos, que eram vendidos nos pátios, e fiquei rebelde e deprimido, pois muitos dos menos talentosos entre meus companheiros já haviam começado seus estudos na Casa da Vida. Mas sob a direção de meu pai eu ganharia uma base melhor do que eles, e desde então refleti que os sacerdotes de Amon eram sábios. Eles viram através de mim, notaram meu desafio e minha incredulidade e, portanto, me colocaram neste teste.

Por fim, disseram-me que tinha chegado a minha vez de fazer vigília no templo. eu vivi nos aposentos internos por uma semana, período durante o qual fui proibido de deixar o recinto. Tive que jejuar e me purificar, e meu pai se apressou em cortar meu cabelo e convidar os vizinhos para um banquete em comemoração à minha maturidade. Pois a partir desse momento, estando agora maduro para a iniciação - por mais simples e sem sentido que a cerimônia fosse de fato - eu seria considerado adulto, superior aos meus vizinhos e a todos os outros meninos da minha idade.

Kipa tinha feito o melhor que podia, mas para mim seu pão de mel não tinha gosto, e a alegria e as brincadeiras grosseiras dos vizinhos não eram diversão. À noite, depois que os convidados foram embora, Senmut e Kipa também perceberam minha tristeza. Senmut começou a me contar a verdade sobre meu nascimento, Kipa induziu quando sua memória falhou, enquanto eu olhava para o barco de junco acima da minha cama. Seus suportes escurecidos e quebrados fizeram meu coração doer. Em todo o mundo eu não tinha pai e mãe de verdade, mas estava sozinho sob as estrelas em uma grande cidade. Eu era, talvez, apenas um estrangeiro miserável na terra de Kem ou minha origem um segredo vergonhoso. . . .

Senti dor em meu coração quando fui ao templo vestindo o manto de iniciação que Kipa, com tanto cuidado e amor, havia feito para mim.

Vinte e cinco de nós, rapazes e rapazes, estávamos nos preparando para ser recebidos no templo. Quando tomamos banho no pooi do templo, raspamos a cabeça e vestimos roupas grosseiras. O padre nomeado como nosso diretor não era tão mesquinho e meticuloso como alguns. A tradição o autorizava a nos submeter a todo tipo de cerimônia humilhante, mas havia entre nós alguns de alto escalão e outros que já haviam feito o exame de direito - homens adultos que estavam entrando ao serviço de Amon para tornar seu futuro mais seguro. Estes trouxeram consigo provisões abundantes e presentearam os sacerdotes com vinho; alguns até fugiam à noite para as casas de prazer, pois a iniciação não tinha significado para eles. Servi com o coração dolorido e com muitos pensamentos amargos em minha mente, contentando-me com um pedaço de pão e um copo de água – a dieta tradicional para noviços – e esperando com uma mistura de esperança e pressentimento pelo que estava por vir.

Pois eu era tão jovem que tinha um desejo indescritível de acreditar. Foi dito que o próprio Amon apareceu na iniciação e falou individualmente com cada candidato; teria sido um conforto inefável encontrar libertação de mim mesmo na consciência de algum propósito último e universal. Mas diante do médico até o Faraó está nu; já quando criança eu tinha visto a doença e a morte ao lado de meu pai, e meu olho havia sido treinado para uma agudeza maior do que outros de minha idade possuíam. Para um médico nada deve ser muito sagrado, e ele se curva a nada além da morte; que meu pai me ensinou. Portanto, duvidei, e tudo o que vi no templo durante esses três anos apenas aprofundou minha incredulidade.

No entanto, eu esperava que por trás do véu na penumbra do santo dos santos eu encontrasse o Desconhecido, que Amon aparecesse para mim e trouxesse paz ao meu coração.

Eu refletia sobre isso enquanto perambulava pelas colunatas às quais os leigos tinham acesso. Examinei as coloridas imagens sagradas e as inscrições que falavam das dádivas estupendas que os faraós haviam trazido das guerras para Amon, como parte dos despojos dos deus. E lá encontrei uma linda mulher cujo manto era de linho tão transparente que seus seios e lombos podiam ser vistos através

isto. Ela era reta e esbelta, seus lábios, bochechas e sobrancelhas eram coloridas, e ela olhou para mim com curiosidade descarada.

"Qual é o seu nome, seu menino bonito?" ela perguntou, seus olhos demorando sobre o pano de ombro cinza que me mostrou ser um candidato à iniciação.

"Sinuhe," eu respondi em confusão, não ousando encontrar seu olhar; mas ela era tão bonita que eu esperava que ela me pedisse para ser seu guia sobre o templo. Tais pedidos eram frequentemente feitos aos noviços.

"Sinuhe," ela repetiu pensativa, me examinando. "Então você deve se assustar facilmente e fugir quando um segredo é confiado a você."

Isso era uma alusão ao Sinuhe da história, e isso me incomodou; havia bastante daquelas provocações na escola. Levantei-me e olhei-a nos olhos, e seu olhar era tão estranho, claro e perscrutador que senti meu rosto começar a queimar e uma chama parecia correr sobre meu corpo.

"Por que eu deveria temer?" eu retruquei. "Um futuro médico não teme segredos."

"Ah", ela sorriu, "o pintinho começou a piar antes de quebrar a casca. Mas me diga, você tem entre seus companheiros um jovem chamado Metufer? Ele é filho do mestre-de-obras do Faraó".

Foi Metufer quem encheu o padre de vinho e lhe deu uma pulseira de ouro como presente de iniciação. Senti uma pontada quando disse a ela que o conhecia e me ofereci para buscá-lo. Então me ocorreu que ela poderia ser sua irmã ou alguma outra parenta; isso me animou e eu sorri para ela corajosamente.

"Mas como vou buscá-lo, quando não sei seu nome e não posso dizer quem me enviou?"

"Ele sabe", respondeu a mulher, batendo impacientemente na calçada com sua sandália de pedras preciosas. Olhei para os pezinhos, não sujos de poeira, e para as belas unhas pintadas de vermelho vivo. — Ele sabe quem é. Talvez me deva alguma coisa. Talvez meu marido esteja viajando e estou esperando que Metufer venha me consolar em minha dor.

Meu coração afundou mais uma vez ao pensar que ela era casada, mas eu disse rapidamente, "Muito bem, belo desconhecido! Vou buscá-lo. Direi que uma mulher mais jovem e mais bela que a deusa da lua o chama. Ele saberá então quem é, pois quem o viu uma vez nunca poderá esquecê-lo. "

Assustado com minha própria presunção, virei-me para ir embora, mas ela me segurou.

"Por que tanta pressa? Espere! Você e eu podemos ter algo mais a dizer um ao outro."

Ela me examinou novamente até que meu coração derreteu no meu peito e meu estômago parecia ter escorregado para os joelhos. Ela estendeu a mão pesada com anéis e pulseiras, tocou minha cabeça e disse gentilmente: "Essa cabeça bonita não está fria, sendo tão recém-barbeada?" Então suavemente, "Você estava falando a verdade? Você me acha bonita? Olhe mais de perto."

Olhei para ela, e seu manto era de linho real, e aos meus olhos ela era bela - mais bela do que todas as mulheres que eu tinha visto - e na verdade ela não fez nada para esconder sua beleza. Olhei para ela e esqueci a ferida em meu coração, esqueci Amon e a Casa da Vida. Sua proximidade queimou meu corpo como fogo.

"Você não responde," ela disse tristemente, "e não precisa. Nesses seus olhos esplêndidos eu devo parecer uma bruxa. Vá então buscar o jovem candidato Metufer, e livre-se de mim."

Eu não podia deixá-la nem falar, embora soubesse que ela estava brincando. Estava escuro entre os enormes pilares do templo. A luz fraca de algum rendilhado de pedra distante brilhou em seus olhos, e não havia ninguém para nos ver.

"Talvez você não precise buscá-lo." Ela estava sorrindo agora. "Talvez eu devesse contenta-te em me deleitares e gozares comigo, porque não conheço outro que me dê alegria."

Então me lembrei do que Kipa me disse sobre mulheres que seduzem meninos bonitos; Lembrei-me tão de repente que dei um passo para trás.

"Eu não imaginei que Sinuhe ficaria com medo?"

Ela se aproximou de mim novamente, mas eu levantei minha mão em desânimo para impedi-la, dizendo: "Eu sei agora que tipo de mulher você é. Seu marido está longe, e seu coração é uma armadilha, e seu corpo queima mais do que fogo. "

Mas embora eu falasse assim, não podia fugir dela.

Ela ficou surpresa, mas sorriu novamente e se aproximou de mim.

"Você acredita nisso?" ela disse gentilmente. "Mas não é verdade! Meu corpo não não queime como fogo; na verdade, é dito ser desejável. Sinta você mesmo!"

Ela pegou minha mão flácida e a levou até a barriga. Eu senti sua beleza através a coisa fina de modo que comecei a tremer e minhas bochechas queimaram.

"Você ainda não acredita em mim", disse ela com decepção fingida. "Meu vestido está no caminho, mas fique - eu vou puxá-lo de lado." Ela afastou o roupão e segurou minha mão em seu seio nu. Era macio e frio sob minha mão.

"Venha, Sinuhe," ela disse muito suavemente. "Venha comigo, e vamos beber vinho e tomar o nosso prazer juntos."

"Eu não posso deixar o recinto do templo", eu disse assustado e envergonhado de minha covardia e a desejava e temia como eu temeria a morte. "Devo manter-me imaculado até receber minha consagração, ou serei expulso do templo e nunca mais serei admitido na Casa da Vida.

Tenha pena de mim!"

Eu disse isso sabendo que se ela me perguntasse mais uma vez eu deveria segui-la. Mas ela era uma mulher do mundo e conhecia minha angústia. Ela olhou em volta pensativa. Ainda estávamos sozinhos, mas as pessoas se moviam de um lado para o outro nas proximidades, e um guia recitava em voz alta as maravilhas do templo para alguns visitantes e lhes pedia cobre antes de mostrar-lhes novas maravilhas.

"Você é um jovem muito tímido, Sinuhe!" ela disse. "Os ricos e grandes deve oferecer ouro antes de eu chamá-los para mim. Mas você permaneceria imaculada."

"Você gostaria que eu ligasse para Metufer", eu disse desesperadamente. Eu sabia que Metufer nunca hesitaria em sair do templo quando a noite caísse, embora fosse sua vez de assistir. Ele podia fazer tais coisas, pois seu pai era o mestre de obras do Faraó - mas eu poderia tê-lo matado por isso.

"Talvez eu não queira mais que você ligue para Metufer", disse ela, olhando maliciosamente nos meus olhos. "Talvez eu queira que nos separemos amigos, Sinuhe. Portanto, direi meu nome, que é Nefernefernefer, porque me considero bonita e porque ninguém que pronunciou meu nome pode resistir a dizê-lo uma e outra vez. É costume também que os amigos de despedida dêem lembranças uns aos outros. Portanto, quero um presente seu."

Eu estava mais uma vez consciente de minha pobreza, pois não tinha nada para dar a ela: nem a o mais insignificante ornamento, nem o menor anel de cobre - nem, se tivesse, poderia ter oferecido tais coisas a ela. Eu estava tão amargamente envergonhado que abaixei minha cabeça, incapaz de falar.

"Então me dê um presente para reviver meu coração", disse ela, e levantou meu queixo com o dedo e aproximou seu rosto. Quando entendi o que ela queria, toquei seus lábios macios com os meus. Ela suspirou um pouco.

"Obrigado. Foi um belo presente, Sinuhe. Não vou esquecer. Mas você deve ser um estranho de um país distante, já que ainda não aprendeu a beijar."

De que outra forma é possível que as moças de Tebas não lhe tenham ensinado, embora seu cabelo esteja tosado para a masculinidade?"

Ela tirou do polegar um anel de ouro e prata no qual havia uma grande pedra sem qualquer inscrição e colocou na minha mão.

"Eu lhe dou um presente também, Sinuhe, para que você não me esqueça. Quando você for iniciado e tiver entrado na Casa da Vida, você pode ter seu selo gravado nesta pedra, como homens de riqueza e posição. Mas lembre-se que é verde porque meu nome é Nefernefernefer, e porque foi dito que meus olhos são verdes como a água do Nilo no calor do verão."

"Eu não posso pegar seu anel, Nefer", e eu repeti "nefernefer" e a repetição me deu uma alegria indescritível, "mas eu não vou te esquecer."

"Garoto bobo! Fique com o anel porque eu desejo. Fique com ele por um capricho meu, e pelos juro que um dia me pagará."

Ela balançou um dedo fino diante do meu rosto, e seus olhos riram quando ela disse: "E lembre-se de tomar cuidado com as mulheres cujos corpos queimam mais do que o fogo!"

Ela se virou para ir, me proibindo de segui-la. Pela porta do templo eu a vi pisar em uma cadeira esculpida e ornamentada que a esperava no pátio. Um corredor foi adiante e gritou para abrir caminho, as pessoas de pé

de lado sussurrando e cuidando dela. Quando ela se foi, fui tomado por um vazio mortal, como se tivesse mergulhado de cabeça em um abismo escuro.

Metufer notou o anel no meu dedo alguns dias depois; ele segurou minha mão desconfiado e olhou para ela.

"Por todos os quarenta babuínos justos de Osíris! Nefernefernefer, hein? Eu nunca teria acreditado." Ele olhou para mim com um pouco de respeito, embora o padre me tivesse colocado para esfregar o chão e realizar as tarefas mais servis, porque eu não tinha a inteligência de lhe dar um presente.

Então concebi um ódio por Metufer e suas palavras que só um jovem pode sentir. Por mais que eu desejasse perguntar a ele sobre Nefer, eu não me rebaixaria a isso. Escondi meu segredo em meu coração, pois uma mentira é mais amável que a verdade e um sonho mais puro que o contato terreno. Contemplei a pedra verde em meu dedo, lembrando-me de seus olhos e de seu seio frio, e parecia ainda sentir seus ungüentos perfumados em meus dedos. Eu a segurei, e seus lábios macios ainda tocaram os meus - em consolo, pois então Amon havia se revelado para mim e minha fé se foi.

Quando pensei nela, sussurrei com as bochechas ardentes: "Minha irmã". E a palavra era uma carícia em meus ouvidos, pois desde eras incontáveis seu significado tem sido e sempre será: "Meu amado".

3

Mas direi como Amon se revelou a mim.

Na quarta noite foi minha vez de zelar pela paz de Amon.

Havia sete de nós meninos: Mata, Mose, Bek, Sinufer, Nefru, Ahmose e eu.

Mose e Bek também eram candidatos à Casa da Vida, então eu os conhecia, mas não os outros.

Eu estava fraco com jejum e suspense. Estávamos em um estado de espírito solene e caminhamos sem sorrir atrás do padre - que seu nome pereça no esquecimento - enquanto ele nos conduzia para a parte fechada do templo. O navio de Amon havia navegado além das colinas a oeste, os vigias haviam tocado suas buzinas de prata e os portões do templo estavam fechados. Mas o padre que nos guiou havia comido uma boa refeição de carne dos sacrifícios e frutas e bolos doces; óleo escorria por seu rosto, e suas bochechas

estavam rosados com vinho. Rindo para si mesmo, ele levantou o véu e nos deixou olhar para o santo dos santos. Em sua alcova, esculpida em um enorme bloco de pedra, estava Amon. As joias em seu cocar e colarinho brilhavam verdes, vermelhos e azuis como olhos vivos à luz das lâmpadas sagradas. De manhã, sob a direção do sacerdote, deveríamos ungir-lo e vesti-lo novamente, pois todas as manhãs ele exigia um manto novo. Eu o tinha visto antes no Festival da Primavera, quando ele foi levado para o pátio em seu barco dourado e todas as pessoas se prostraram diante dele, e quando o rio estava no auge, eu o vi navegar no lago sagrado em sua navio de cedro. Mas então, como um humilde noviço, eu o vislumbrei à distância. Sua túnica vermelha nunca causara um impacto tão forte como agora, à luz do lampião, no silêncio inviolável do santuário. Vermelho era usado apenas por deuses e faraós, e enquanto eu olhava para seu rosto erguido, eu senti como se as próprias lajes de pedra estivessem em meu peito para me sufocar.

"Vigiai e orai diante do mal", disse o padre, agarrando-se à beirada da cortina, pois estava vacilante sobre as pernas. "Talvez ele o chame. É costume dele revelar-se aos postulantes, dirigindo-se a eles pelo nome e falando, se forem julgados dignos."

Apressadamente, ele fez os sinais sagrados, murmurou o nome divino de Amon e puxou o véu de volta ao lugar sem se incomodar nem mesmo em se curvar e esticar as mãos na altura dos joelhos.

Ele foi, deixando-nos sozinhos na escuridão da antecâmara interna, cuja chão de pedra atingiu nossos pés descalços. Mas quando ele se foi, Mose tirou uma lamparina de debaixo de seu ombro enquanto Ahmose entrou calmamente no santuário e pegou um pouco da chama sagrada para acendê-la.

"Deveríamos ser tolos por ficarmos sentados no escuro", disse Mose, e nos sentimos mais seguros, embora eu ache que não éramos nenhum de nós sem medo. Ahmose trouxe pão e carne; Mata e Nefru começaram a jogar dados nas lajes, gritando o placar tão alto que despertava os ecos no salão. Mas quando Ahmose comeu, ele se enrolou em sua toalha de ombro e, depois de xingar um pouco a dureza das pedras, acomodou-se para dormir; pouco depois Sinufer e Nefru deitaram-se ao lado dele para se aquecer.

Mas eu era jovem e assisti, embora soubesse que o padre tinha sido dado um jarro de vinho por Metufer, a quem ele havia convidado com um ou dois outros ilustres candidatos ao seu quarto e, portanto, não viria nos pegar de surpresa. Observei, embora soubesse pelas histórias que outros me contaram que era costume os aspirantes a iniciados passarem sua vigília comendo, jogando e dormindo.

Minha noite foi longa. Enquanto os outros dormiam, eu estava cheio de devoção e aspiração, e refleti que me mantive puro, jejei e obedeci a todos os velhos mandamentos para que Amon pudesse se revelar a mim. eu repeti o seu

nomes sagrados e ouviu cada farfalhar com os sentidos alertas - mas o templo estava vazio e frio. Com a aproximação da manhã, o véu do santuário se mexeu na corrente de ar, mas nada mais aconteceu. Quando a luz do dia começou a penetrar no corredor, apaguei a lâmpada com o coração pesado e acordei meus companheiros.

Soldados tocaram suas buzinas, nas paredes a guarda foi trocada, e desde o nos pátios veio um murmúrio como o correr de águas distantes. Sabíamos aquele dia e seu trabalho havia começado. Por fim, o padre entrou com grande pressa e com ele, para minha surpresa, Metufer. Um forte cheiro de vinho vinha deles; caminhavam de braços dados, o padre balançando na mão as chaves dos santuários sagrados.

Instigado por Metufer, ele balbuciou as fórmulas sagradas antes de nos cumprimentar.

"Os postulantes Mata, Mose, Bek, Sinufer, Nefru, Ahmose e Sinuhe! Você observou e orou como lhe foi ordenado, para que você pudesse ser aceito pelo Altíssimo?"

"Vigiamos e oramos", respondemos a uma só voz.

"Amon se revelou a você de acordo com sua palavra?"

O padre arrotou, e seus olhos viajaram sobre nós vacilantes. Nós olhamos de lado um para o outro e hesitou. Por fim, Mose hesitou: "Ele se revelou". Um após o outro, meus companheiros repetiram: "Ele se revelou".

Por último, Ahmose declarou com firmeza e reverência: "Certamente ele se revelou." Ele encarou o padre diretamente nos olhos, mas eu não disse nada. Senti como se uma mão apertasse meu coração, pois para mim as palavras de meu companheiro eram uma blasfêmia.

Metufer disse descaradamente: "Eu também observei e rezei para ser digno de iniciação, para esta próxima noite tenho outras coisas a fazer além de ficar aqui. E para mim também Amon apareceu, como o sacerdote pode testemunhar. Sua forma era a de um enorme jarro de vinho, e ele me falou de muitos assuntos sagrados que não convém que eu repita para você; mas suas palavras foram tão refrescantes para mim quanto o vinho, de modo que eu ansiava por ouvir mais e mais até o amanhecer."

Então Mose tomou coragem e disse: "Para mim ele apareceu na forma de seu filho Hórus, empoleirado em meu ombro como um falcão e dizendo: 'Bendito sejas tu, Mose, e tua família e todos os teus feitos, para que possas'. vens habitar numa casa com duas portas e mandas sobre muitos servos".

Agora os outros também se apressaram em relatar o que Amon lhes havia dito; eles conversavam ansiosamente, vários ao mesmo tempo, enquanto o padre ouvia, assentiu e riu. Não sei se falavam de seus sonhos ou se mentiam. Só sei que me afastei e não disse nada.

Por fim, o padre virou-se para mim, franziu as sobrancelhas e disse severamente: "E você, Sinuhe! Você não é digno? Amon não apareceu para você de forma alguma? um ratinho?"

Pois ele se manifesta sob muitas formas."

Minha entrada na Casa da Vida estava em jogo, então reuni coragem e respondi: "Ao amanhecer vi o véu sagrado do santuário se mexendo um pouco, mas não vi mais nada, e Amon não falou comigo".

Então todos caíram na gargalhada; Metufer riu e deu um tapa nos joelhos e disse ao padre: "Ele é simples." Então, puxando sua manga encharcada de vinho, ele sussurrou algo para ele, seus olhos ainda em mim.

O padre olhou para mim novamente com severidade e disse: "Se você não ouviu a voz de Amon, você não pode ser iniciado. No entanto, para tudo isso, podemos encontrar um remédio, pois acredito que você é um jovem firme, cheio de propósito."

Quando ele disse isso, ele desapareceu no santo dos santos, e Metufer veio até mim. Quando ele viu meu rosto triste, ele sorriu de maneira amigável e disse: "Não tenha medo!"

Um momento depois todos nós pulamos, pois através da escuridão do salão veio o zurro de uma voz sobrenatural que era diferente da voz de qualquer homem. Parecia vir de todos os lugares ao mesmo tempo: do telhado, das paredes e entre os pilares – e olhamos ao nosso redor para descobrir de onde vinha.

"Sinuhe, Sinuhe, preguiçoso, onde estás?
diante de mim, pois tenho pouco tempo e não posso ficar o dia todo por ti".

Metufer afastou o véu do santuário e, empurrando-me para dentro, agarrou a nuca e me inclinou no chão e na atitude em que se faz a saudação aos deuses e faraós. Mas levantei minha cabeça imediatamente e vi que o santo dos santos estava cheio de luz.

Uma voz saiu da boca de Amon, dizendo:

"Sinuhe, Sinuhe, porco e babuíno! Você estava bêbado e dormindo quando eu te chamei? Em verdade, você deve ser lançado em um poço de lodo e comer lama todos os seus dias; no entanto, por causa de sua juventude, terei misericórdia, apesar da tua insensatez, tua impureza e tua preguiça. Pois tenho compaixão daqueles que crêem em mim, mas todos os outros serão lançados no abismo do Reino da Morte."

Muitas outras coisas foram ditas pela voz, com uivos, injúrias e maldições, mas já não me lembro de tudo nem desejo recordar, tal foi a minha humilhação e amargura de espírito. Pois enquanto ouvia, pude detectar através das reverberações sobre-humanas a voz do padre, e essa descoberta me chocou e horrorizou tanto que não pude mais dar ouvidos a ela. Depois que a voz cessou, fiquei deitado diante da estátua de Amon até que o padre entrou e me chutou para o lado. Meus companheiros apressaram-se em trazer incensos, unguentos, cosméticos e panos vermelhos.

Cada um de nós tinha uma tarefa atribuída a ele e, lembrando-me da minha, saí para o pátio para buscar uma vasilha de água benta e as toalhas consagradas para lavar o rosto, as mãos e os pés do deus. Ao voltar, vi o padre cuspir

rosto de Amon e esfregue-o com a manga suja. Então Mose e Nefru pintaram seus lábios, bochechas e sobrancelhas. Metufer o ungiu e, rindo, esfregou óleo sagrado no rosto do padre e no seu. Por fim, a estátua foi despida para ser lavada e enxugada como se tivesse se sujado, e então uma saia plissada vermelha e um avental foram amarrados em volta dela, um pano pendurado nos ombros e os braços enfiados nas mangas.

Feito tudo isso, o sacerdote recolheu as vestes descartadas e encarregou-se da água de lavar e das toalhas. Tudo isso seria dividido e vendido no pátio para viajantes ricos, sendo a água distribuída como remédio para doenças de pele. Depois ficamos livres para sair ao sol da quadra, onde vomitei.

Meu cérebro e meu coração estavam tão vazios quanto minha barriga, pois eu não acreditava mais em os deuses. Mas quando a semana passou, minha cabeça foi ungida com óleo e, tendo feito o juramento sacerdotal, recebi um certificado. Nesse documento estava o grande selo do templo de Amon e meu nome, e me deu o direito de entrar na Casa da Vida.

Então entramos nele, Mose, Bek e eu. Seu portão foi aberto para nós, e meu nome foi inscrito no Livro da Vida como o nome de meu pai Senmut foi inscrito antes de mim e o nome de seu pai antes dele. Mas eu não estava mais feliz.

4

Na Casa da Vida, que fazia parte do grande templo de Amon, o ensino era supervisionado nominalmente pelos médicos reais, cada um em seu próprio ramo. Nós os víamos, mas raramente, pois suas práticas eram grandes, eles recebiam presentes caros dos ricos e moravam em casas espaçosas fora da cidade. Mas, quando chegasse à Casa da Vida algum paciente cuja doença intrigasse os médicos comuns, ou se estes não se atrevessem a realizar a cura, vinha um médico real para tratá-lo e demonstrar sua proficiência perante aqueles que se especializavam em seu ramo. Assim, mesmo o mais pobre sofredor pode ter o benefício dos cuidados de um médico real, para a glória de Amon.

O período de treinamento foi longo, mesmo para quem tem talento. Tínhamos que fazer um curso sobre drogas e poções, aprender os nomes e propriedades das ervas e as estações e horas em que elas deveriam ser colhidas, e também secá-las e fazer extratos delas; pois um médico deve ser capaz de preparar seus próprios remédios quando necessário. Muitos de nós resmungamos com isso, não vendo a utilidade disso, pois apenas escrevendo uma receita se poderia obter da Casa da Vida todos os remédios conhecidos corretamente misturados e medidos. Mais tarde, porém, esse conhecimento me serviria de vantagem, como mostrei.

Tivemos que aprender os nomes das diferentes partes do corpo, também as funções e propósitos de cada órgão humano. Aprendemos a manejar bisturi e fórceps, mas acima de tudo tivemos que acostumar nossas mãos a reconhecer a doença tanto pelos orifícios naturais do corpo quanto pela pele; dos olhos também tínhamos que detectar a natureza de um distúrbio. Devemos ser capazes de dar à luz uma mulher no parto quando a ajuda da parteira foi inútil. Devemos estimular e aliviar a dor conforme a ocasião requer e aprender a distinguir entre queixas insignificantes e graves, entre doenças de origem mental e física. Tínhamos que distinguir a verdade da falsidade na fala dos pacientes e quais perguntas fazer para obter uma imagem clara da queixa.

O longo período de provação foi seguido pelo dia em que - após a purificação cerimonial - eu me vesti com uma túnica branca e comecei a trabalhar na sala de recepção, onde aprendi a tirar dentes das mandíbulas de homens fortes, a fazer curativos, lança ferve e põe membros quebrados. Nada disso era novo para mim; graças ao ensino de meu pai, fiz bons progressos e fui promovido ao cargo e instrução de meus companheiros. Às vezes eu recebia presentes como os que são dados aos médicos, e tinha meu nome gravado na pedra verde que Nefernefernefer me dera para que eu pudesse colocar meu selo abaixo de minhas prescrições.

Fui colocado em tarefas cada vez mais exigentes. Fui de plantão nos quartos onde jaziam os doentes incuráveis e atendi médicos renomados em seus tratamentos e nas operações, em que para cada curado dez morriam. Aprendi que a morte não tem terror para um médico e para o doente vem muitas vezes como um amigo misericordioso, de modo que seus rostos após a libertação tendem a ser mais serenos do que em qualquer outro momento de sua vida de labuta.

No entanto, eu estava cego e surdo até que o dia do despertar veio como havia chegado minha infância, quando imagens, palavras e letras ganharam vida. Mais uma vez meus olhos se abriram e acordei como de um sonho; meu espírito se encheu de alegria porque me perguntei "por quê?" A terrível chave para todo conhecimento verdadeiro é "por quê?" É mais poderoso que o junco de Thoth, mais potente que inscrições em pedra.

Aconteceu assim: Veio a mim uma esposa que não tinha filhos e que julgava-se estéril, pois já tinha quarenta anos. Mas seu fluxo mensal havia cessado e ela estava inquieta; ela veio para a Casa da Vida

porque ela temia que um espírito maligno tivesse se apossado dela e envenenado seu corpo. Como era prescrito nesses casos, plantei grãos de milho em alguma terra, regando metade deles com água do Nilo e o restante com a urina da mulher. Então expus o solo ao calor do sol e pedi à mulher que voltasse em dois dias.

Quando ela voltou, as sementes haviam brotado, aquelas que haviam sido regadas com água do Nilo eram pequenas e os outros brotos verdes e fortes.

O que foi escrito antigamente era verdade, e eu disse à mulher atônita:

"Alegra-te, porque o santo Amon em sua graça abençoou o teu ventre, e darás à luz um filho como outras mulheres favorecidas."

A pobre alma chorou de alegria e me deu uma pulseira de prata de seu pulso pesando dois deben* [Um deben pesa aproximadamente 3 ¼ onças.], pois ela havia perdido a esperança há muito tempo. E assim que ela pôde acreditar em mim, ela perguntou: "É um filho?" pensando em mim onisciente. Criei coragem, olhei-a nos olhos e disse: "É um filho". Pois as chances eram iguais e naquela época minha sorte no jogo era boa. A mulher se alegrou ainda mais e me deu uma pulseira de seu outro pulso, de dois debens.

Mas quando ela se foi, eu me perguntei como era possível um grão de milho para saber o que nenhum médico poderia descobrir e saber antes que o olho pudesse detectar os sinais de gravidez? Reunindo minha resolução, perguntei ao meu professor. Ele apenas olhou para mim como se eu fosse estúpido e disse: "Está assim escrito". Mas isso não era uma resposta.

Tomei coragem novamente e perguntei ao obstetra real na maternidade. Ele disse: "Amon é o chefe de todos os deuses. Seu olho vê o útero que recebe a semente; se ele permite a germinação, por que ele também não deve permitir que o milho cresça quando umedecido com água do corpo da mulher grávida?"

Ele também me encarou como se eu fosse estúpido, mas ele não respondeu.

Então meus olhos se abriram e vi que os médicos da Casa da Vida conhecia os escritos e as tradições, mas nada mais. Se eu perguntasse por que uma ferida purulenta deve ser queimada enquanto uma ferida comum é meramente curada e enfaixada e por que os furúnculos são curados com mofo e teias de aranha, eles dizem apenas: "Assim sempre foi". Da mesma forma, um cirurgião pode realizar as cento e oitenta e duas operações e incisões prescritas, e realizá-las de acordo com sua experiência e habilidade, bem ou mal, rápida ou lentamente, mais ou menos dolorosamente; mas mais ele não pode fazer porque apenas estes são descritos e ilustrados nos livros, e nada mais foi feito.

Houve alguns casos em que o doente ficou magro e pálido, embora o médico não pudesse encontrar nele nenhuma doença ou lesão; ele poderia ser revivido e curado por uma dieta de fígado cru dos animais sacrificados, comprado a um preço alto, mas não se deve perguntar por quê. Havia alguns que tinham dores na barriga e cujas mãos e pés queimavam. Eles receberam expurgos e narcóticos; algum

recuperados, outros pereceram, mas nenhum médico poderia dizer de antemão quem viveria e cuja barriga iria inchar para que ele morresse. Ninguém sabia por que isso acontecia; ninguém pode procurar saber.

Logo percebi que estava fazendo muitas perguntas, pois as pessoas começaram a me olhar de soslaio, e aqueles que vieram depois de mim passaram a ter autoridade sobre mim. Então tirei meu manto branco, me limpei e saí da Casa da Vida, levando comigo dois anéis de prata que juntos pesavam quatro deben.

5

Quando saí do templo – coisa que não fazia há anos – vi que enquanto trabalhava e estudava Tebas havia mudado. Notei isso enquanto caminhava pela Avenue of Rams e pelos mercados. Havia inquietação por toda parte; as roupas das pessoas tornaram-se mais elaboradas e caras, de modo que não se podia mais distinguir homens de mulheres por suas perucas e saias plissadas. De lojas de vinho e casas de prazer vinha música síria estridente; o discurso estrangeiro foi ouvido nas ruas, onde sírios e negros ricos conviveram com os egípcios descaradamente. A riqueza e o poder do Egito eram imensuráveis; durante séculos, nenhum inimigo havia entrado em suas cidades, e homens que nunca conheceram a guerra atingiram a meia-idade. Mas não posso dizer se as pessoas ficaram mais felizes com isso, pois seus olhos estavam inquietos, seus movimentos apressados, e pareciam estar sempre esperando impacientemente alguma coisa nova e não podiam se contentar com o dia que passava.

Andei sozinho pelas ruas de Tebas com o coração pesado e rebelde. Ao voltar para casa, descobri que meu pai Senmut havia envelhecido; suas costas estavam dobradas e ele não conseguia mais distinguir os caracteres escritos. Minha mãe Kipa também era velha; ela ofegou enquanto se movia e falava de nada além de seu túmulo. Pois com suas economias meu pai comprou um túmulo na Cidade dos Mortos, na margem oeste do rio. Eu tinha visto: era uma bela tumba construída de tijolos de barro com as inscrições e imagens usuais nas paredes, e ao redor havia centenas e milhares de túmulos semelhantes que os sacerdotes de Amon vendiam a pessoas honestas e econômicas a um preço alto. - um preço que eles pagaram para obter a imortalidade. Eu tinha escrito uma morte

livro a ser colocado em seu túmulo para que não se extraviem na longa jornada: um livro bem escrito, bem escrito, embora não adornado com imagens coloridas como as vendidas no pátio de livros do templo de Amon.

Minha mãe me deu comida e meu pai perguntou sobre meus estudos, mas além disso não encontramos nada para dizer um ao outro; a casa me era estranha, assim como a rua e as pessoas na rua. Meu coração ficou ainda mais pesado até que me lembrei do templo de Ptah e Thothmes que tinha sido meu amigo e se tornaria um artista. Pensei: tenho quatro debens de prata no bolso. Procurarei meu amigo Thothmes, para que possamos nos regozijar juntos e nos divertir com vinho, pois não encontrarei resposta para minhas perguntas.

Assim, despedi-me de meus pais, dizendo que deveria voltar para a Casa da Vida, e pouco antes do pôr-do-sol encontrei o templo de Ptah. Tendo aprendido com o porteiro onde ficava a escola de arte, entrei e perguntei pelo aluno Thothmes; só então soube que ele havia sido expulso há muito tempo. Os alunos cuspiram no chão diante de mim quando falaram seu nome, porque o professor estava presente; quando ele virou as costas, eles me aconselharam a ir a uma taverna chamada Jarra Síria.

Encontrei este lugar; ficava entre o bairro pobre e o rico e tinha uma inscrição sobre a porta elogiando o vinho da vinha de Amon e também o do porto. Lá dentro havia artistas agachados no chão desenhando enquanto um velho estava sentado em triste contemplação da tigela de vinho vazia diante dele.

"Sinuhe, por todas as rodas de oleiro!" gritou alguém, levantando-se para me cumprimentar com as mãos levantadas em admiração. Reconheci Thothmes, embora sua toalha de ombro estivesse suja e esfarrapada e seus olhos estivessem injetados de sangue e houvesse uma grande protuberância em sua testa. Ele estava mais velho e mais magro, e havia rugas nos cantos de sua boca, mas seus olhos ainda tinham aquele brilho alegre, insolente e irresistível, e ele se inclinou para frente até que nossas bochechas se tocassem. Eu sabia então que ainda éramos amigos.

"Meu coração está pesado", eu disse a ele. "Tudo é vaidade, e eu te procurei para que regozijemos nossos corações com vinho - pois ninguém responde quando pergunto por quê."

Thothmes levantou o avental para mostrar que não tinha meios para comprar vinho.

"Eu carrego quatro debens de prata em meus pulsos", disse eu com orgulho. Thothmes então apontou para minha cabeça, que ainda estava raspada porque eu queria que os homens soubessem que eu era um padre do primeiro grau: era tudo de que eu tinha orgulho. Mas agora eu estava irritado por não ter deixado meu cabelo crescer e disse impacientemente: "Sou médico, não padre. Acho que li sobre a porta que o vinho do porto pode ser bebido aqui; vamos ver se Boa."

Thothmes pediu vinho misturado, e um escravo veio derramar água em nossas mãos e colocar sementes de lótus torradas em uma mesa baixa diante de nós. O próprio senhorio trouxe as taças de cores vivas. Thothmes levantou a sua, derramou uma gota no

chão e disse: "Para o divino Potter! Que a praga consuma a escola de arte e seus professores!" E ele recitou os nomes daqueles que ele mais odiava.

Eu também levantei minha taça e deixei uma gota cair no chão.

"Em nome de Amon! Que seu barco vaze por toda a eternidade, que as barrigas de seus sacerdotes se rompam, e que a pestilência destrua os professores ignorantes da Casa da Vida!" Mas eu disse isso em voz baixa e olhei em volta para que um estranho não ouvisse minhas palavras.

"Não tenha medo", disse Thothmes. "Tantas orelhas de Amon foram encaixotadas nesta taverna que eles se cansaram de ouvir - e todos nós aqui já estamos perdidos. Eu não poderia encontrar nem mesmo pão e cerveja se não tivesse tido a ideia de fazer livros ilustrados para os filhos dos homens ricos."

Ele me mostrou o pergaminho em que estava trabalhando quando cheguei. Não pude deixar de rir, pois ali ele havia desenhado uma fortaleza defendida por um gato trêmulo e aterrorizado contra o ataque de ratos, também um hipopótamo cantando na copa de uma árvore enquanto uma pomba subia penosamente na árvore por meio de uma escada.

Havia um sorriso nos olhos castanhos de Thothmes, mas desapareceu quando ele desenrolou o papiro mais adiante e revelou a imagem de um pequeno sacerdote careca conduzindo um grande faraó em uma corda para o templo, como uma besta de sacrifício. Em seguida, ele me mostrou um pequeno faraó curvando-se diante de uma enorme estátua de Amon. Ele acenou com a cabeça para o meu olhar questionador.

"Você vê? Pessoas adultas riem das fotos também, porque elas são tão loucas. É ridículo um rato atacar um gato ou um padre para liderar um faraó - mas aqueles que sabem começam a refletir sobre uma série de coisas. Portanto, não me faltará pão e cerveja, até que os padres me matem a pauladas na rua.

Essas coisas aconteceram."

"Vamos beber", eu disse, e bebemos, mas meu coração não se alegrou.

Atualmente eu coloco minha pergunta para ele. "É errado perguntar por quê?"

"Claro que é errado, para um homem que se atreve a perguntar 'por que' não tem casa nem lugar de descanso na terra de Kem. Tudo deve ser como tem sido - e você sabe disso.

Eu tremia de alegria quando entrei na escola - eu era como um homem sedento que encontrou uma fonte, um homem faminto agarrado ao pão. E aprendi muitas coisas boas... Oh sim. Aprendi como segurar uma caneta e manusear um cinzel, como modelar em cera o que será talhado em pedra, como a pedra é polida, como as pedras coloridas são encaixadas e como pintar em alabastro. Mas quando ansiava por trabalhar e fazer as coisas com as quais tinha sonhado, comecei a pisar no barro para que outros manusessem. Pois acima de tudo está a convenção. A arte tem sua convenção não menos que a escrita, e aquele que rompe com ela é condenado.

"Desde o início dos tempos foi estabelecido como se deve representar uma figura em pé e como uma figura sentada, como um cavalo levanta seus cascos, como um boi puxa um trenó. Desde o início a técnica foi fixada;

quem dela se afasta é impróprio para o templo, e pedra e cinzel lhe são negados. Ó Sinuhe, meu amigo, eu também perguntei por que – e com muita frequência. É por isso que me sento aqui com os galos na cabeça."

Bebemos e nos divertimos, e meu coração se acalmou como se um furúnculo tivesse sido perfurado, pois eu não estava mais sozinho.

"Sinuhe, meu amigo, nascemos em tempos estranhos. Tudo está derretendo - mudando sua forma - como barro em uma roda de oleiro. As roupas estão mudando, as palavras, os costumes estão mudando, e as pessoas não acreditam mais nos deuses... - embora possam temê-los. Sinuhe, meu amigo, talvez tenhamos nascido para ver o pôr do sol do mundo, pois o mundo já é velho, e mil e duzentos anos se passaram desde a construção das pirâmides. Quando penso nisso, Eu quero enterrar minha cabeça em minhas mãos e chorar como uma criança."

Mas ele não chorou, pois estávamos bebendo vinho misturado em taças de cores vivas, e cada vez que o dono da jarra síria as reabastecia, ele se curvava e estendia as mãos na altura dos joelhos. De vez em quando vinha um escravo derramar água em nossas mãos. Meu coração ficou leve como uma andorinha no limiar do inverno; Eu poderia ter declamado versos e tomado o mundo inteiro em meus braços.

"Vamos para uma casa de prazer", disse Thothmes rindo. "Vamos ouvir música e ver garotas dançando e alegrar nossos corações - não vamos mais perguntar 'por que' ou exigir que nosso copo esteja cheio."

Caminhamos pelas ruas. O sol se pôs, e encontrei pela primeira vez aquela Tebas, onde nunca é noite. Nesse bairro flamejante e barulhento, tochas ardiam diante das casas de prazer, e lampiões queimavam nas colunas nas esquinas das ruas.

Escravos corriam para lá e para cá carregando cadeiras, e os gritos dos corredores se misturavam com a música das casas e os rugidos dos bêbados.

Nunca na minha vida eu havia pisado em uma casa de prazer e estava um pouco assustado. Aquele a que Thothmes me levou chamava-se Gato e Uvas. Era uma casinha bonita, cheia de luz de lamparina suave e dourada. Havia tapetes macios para se sentar, e jovens - e aos meus olhos adoráveis - garotas batiam com a música de flautas e cordas.

Quando a música parou, eles se sentaram conosco e me imploraram para comprar vinho para eles, pois suas gargantas estavam secas como palha. Então, dois dançarinos nus fizeram uma dança complicada que exigia grande habilidade, e eu a acompanhei com interesse. Como médico, eu estava acostumado a ver garotas nuas e, no entanto, nunca tinha visto seios balançando ou barrigas e traseiros se movendo tão sedutoramente como estes.

Mas a música me entristeceu novamente, e comecei a ansiar por não saber o quê. Uma linda garota pegou minha mão e pressionou seu lado contra o meu e disse que meus olhos eram os de um homem sábio. Mas seus olhos não eram tão verdes quanto o Nilo no calor do verão, e seu vestido, embora deixasse seu peito nu, não era de linho real. Então eu bebi vinho e não olhei em seus olhos nem senti qualquer desejo de chamá-la de "minha irmã", ou ter prazer com ela. E a última que me lembro daquele lugar é um

chute violento de um negro e um galo que levei na cabeça quando caí da escada. Assim aconteceu exatamente como minha mãe Kipa havia predito: fiquei deitado na rua sem um pedaço de cobre no bolso até que Thothmes passou meu braço por cima de seu ombro forte e me levou ao cais, onde eu poderia beber água do Nilo e banhar meu rosto e minhas mãos e meus pés.

Naquela manhã, entrei na Casa da Vida com os olhos inchados e uma dor caroço na minha cabeça, um pano de ombro sujo, e sem a menor vontade de perguntar: "Por quê?" Eu deveria estar de plantão entre os surdos e aqueles com doenças de ouvido, então me lavei rapidamente e vesti a túnica branca. No caminho encontrei meu chefe, que começou a me repreender com frases que eu havia lido nos livros e sabia de cor.

"O que será de você se você correr pelas paredes à noite e beber sem manter a contagem de suas xícaras? cidadãos honestos? O que será de vocês se derramarem sangue e fugirem dos vigias?"

Mas quando ele cumpriu seu dever, ele sorriu para si mesmo com alívio, me levou para seu quarto, e me deu uma poção para limpar meu estômago. Meu ânimo aumentou quando percebi que o vinho e as casas de prazer eram vistos na Casa da Vida, desde que se parasse de perguntar por quê.

6

Assim, também eu fui atingido pela febre de Tebas e comecei a amar mais a noite do que o dia, o bruxulear das tochas mais do que a luz do sol, a música síria mais do que os gemidos dos doentes, e o murmúrio de moças bonitas mais do que as velhas rabugentas. escritos em papéis amarelos. Mas ninguém tinha nada a dizer contra isso enquanto eu cumpria minhas tarefas na Casa da Vida, satisfazia meus examinadores e mantive a mão firme. Tudo fazia parte da vida do iniciado; poucos estudantes podiam se dar ao luxo de montar uma casa por conta própria e se casar durante o treinamento, e meu professor me deu a entender que eu faria bem em semear minha aveia selvagem, dar rédea ao meu corpo e ter um coração alegre. Mas não me meti com nenhuma mulher, embora achasse que sabia que seus corpos não queimavam mais do que fogo.

Os tempos estavam cheios de inquietação, e o grande Faraó estava doente. eu vi ele enrugado o rosto do velho quando foi levado ao templo no festival de outono adornado com ouro e pedras preciosas, imóvel como uma estátua com a cabeça baixa sob o peso da coroa dupla. Os médicos não podiam mais ajudá-lo; havia rumores de que seus dias estavam contados e que seu herdeiro logo o sucederia - e o herdeiro era apenas um jovem como eu.

Havia cultos e sacrifícios no templo de Amon, e Amon não pôde ajudar seu filho divino, embora o faraó Amenhotep III tivesse construído para ele o templo mais poderoso de todos os tempos. Dizia-se que o rei se enfureceu com os deuses egípcios e que enviara mensageiros rápidos a seu sogro, o rei de Mitani em Nahara, desejando que o milagreiro Ishtar de Niniveh fosse enviado para curá-lo. Mas, para alegria dos sacerdotes, nem deuses estrangeiros puderam curar Faraó. Quando o rio começou a subir, o cirurgião de crânios real foi chamado ao palácio.

Durante todo o tempo em que estive na Casa da Vida, não tinha visto Ptahor, pois a trepanação era rara e durante meu período de treinamento não me permitiram atender os especialistas em seus tratamentos e operações. Agora o velho foi carregado às pressas de sua vila para a Casa da Vida, e tive o cuidado de estar à mão quando ele entrou na sala de purificação. Ele estava careca como sempre, seu rosto estava enrugado e suas bochechas penduradas lúgubres em ambos os lados de sua velha boca descontente. Ele me reconheceu, sorriu e disse: "Ah, é você, Sinuhe? Você chegou tão longe, filho de Senmut?"

Ele me entregou uma caixa preta de madeira na qual guardava seus instrumentos e me fez segui-lo. Esta era uma honra imerecida que até mesmo um médico real poderia ter me invejado, e eu me portava de acordo.

"Preciso testar a firmeza da minha mão", disse Ptahor, "e abrir um ou dois crânios aqui, para ver como fica."

Seus olhos estavam lacrimejantes e sua mão tremia levemente. Entramos em uma sala onde jaziam incuráveis, paráliticos e feridos na cabeça. Ptahor examinou alguns e escolheu um velho para quem a morte seria uma libertação, também um escravo forte que havia perdido a fala e o uso de seus membros por causa de um golpe na cabeça em uma briga de rua. Eles receberam narcóticos para beber e depois foram levados para a sala de operações e limpos. Ptahor lavou seus próprios instrumentos e os purificou no fogo.

Minha tarefa era raspar as cabeças de ambos os pacientes com as navalhas mais afiadas. Então as cabeças foram limpas e lavadas mais uma vez, o couro cabeludo massageado com uma pomada anestesiante, e Ptahor estava pronto para seu trabalho. Primeiro ele fez uma incisão no couro cabeludo do velho e empurrou as bordas para trás, independentemente do fluxo copioso de sangue. Então, com movimentos rápidos, ele fez um buraco no crânio nu com um

grande furo tubular e levantou o círculo de osso. O velho começou a gemer e seu rosto ficou azul.

"Não vejo nada de errado com a cabeça dele", disse Ptahor. Ele recolocou o pedaço de osso, costurou as pontas do couro cabeludo e enfaixou a cabeça; então o velho entregou o fantasma.

"Minhas mãos parecem tremer um pouco", observou Ptahor. "Talvez um dos os jovens me traziam uma taça de vinho."

Os espectadores, além dos professores da Casa da Vida, eram todos os alunos que se tornariam cirurgiões-chefes. Quando Ptahor tomou seu vinho, ele voltou sua atenção para o escravo, que havia sido amarrado e drogado, mas ainda estava sentado ferozmente olhando para nós. Ptahor pediu que ele pudesse ser amarrado ainda mais firmemente e que sua cabeça pudesse estar presa em um torno que nem mesmo um gigante poderia ter deslocado. Ele então abriu o couro cabeludo e desta vez teve o cuidado de estancar o fluxo de sangue. As veias nas bordas da incisão foram cauterizadas e o sangue interrompido por medicamentos especiais. Ptahor deixou outros médicos fazerem isso, para poupar suas próprias mãos. Na Casa da Vida havia em geral um "estafador de sangue", um homem sem educação cuja mera presença interromperia um fluxo de sangue em pouco tempo, mas Ptahor desejava que isso fosse uma demonstração e desejava também poupar suas forças. para Faraó.

Quando Ptahor limpou a parte externa do crânio, ele nos apontou o local onde o osso havia sido esmagado. mostrou-nos como o sangue coagulado se acumulava entre as circunvoluções brancas do cérebro. Com infinito cuidado, ele removeu o sangue pouco a pouco e libertou uma lasca de osso que havia sido forçada a penetrar na substância do cérebro. Esta operação levou algum tempo, para que cada aluno pudesse acompanhar seus movimentos e imprimir o olhar de um cérebro em sua própria memória. Em seguida, Ptahor fechou a abertura com uma placa de prata que havia sido preparada para corresponder em forma ao pedaço de osso que havia sido removido e o prendeu firmemente na posição com pequenos grampos. Então ele costurou as bordas do ferimento, enfaixou-o e disse: "Acorde-o". Pois o paciente havia perdido a consciência há muito tempo.

O escravo foi libertado de suas amarras, vinho foi derramado em sua garganta e ele recebeu drogas fortes para inalar. Logo ele se sentou e soltou uma torrente de maldições. Foi um milagre que ninguém que não tivesse testemunhado poderia acreditar, pois o sujeito antes era mudo e incapaz de mover seus membros. Dessa vez não precisei perguntar por quê, pois Ptahor explicou que a lasca de osso e o sangue na superfície do cérebro haviam sido a causa dos sintomas.

"Se ele não estiver morto dentro de três dias, ele está curado", disse Ptahor. "Em duas semanas ele poderá bater no homem que o apedrejou. Não acho que ele vá morrer."

Com cortesia amistosa, ele agradeceu a todos que o ajudaram, citando-me entre eles, embora eu tivesse apenas lhe entregado seus instrumentos conforme eram necessários. Eu não tinha entendido seu propósito nisso, mas ao me dar sua caixa de ébano para carregar, ele me escolheu para ser seu assistente no palácio do faraó. Eu já o servira em duas operações e, portanto, era experiente e mais útil para ele do que até mesmo os médicos reais no que dizia respeito à abertura de um crânio. Eu não entendi isso e fiquei surpreso quando ele disse: "Agora estamos prontos para lidar com a caveira real. Você está pronto, Sinuhe?"

Envolto em meu manto simples de médico, me aproximei dele na cadeira de transporte. O sanguessuga estava sentado em um dos postes, e os escravos do faraó correram conosco até o cais, em um ritmo tão suave que a cadeira nunca balançou. O navio do faraó nos esperava, tripulado por escravos escolhidos que remavam velozmente: parecíamos mais voar sobre a água do que flutuar sobre ela. Do cais do faraó fomos levados rapidamente para a casa dourada. Não me surpreendi com nossa pressa, pois os soldados já marchavam pelas ruas de Tebas, os portões estavam sendo fechados e os mercadores estavam carregando suas mercadorias para os armazéns e fechando portas e venezianas. Ficou claro a partir disso que Faraó estava para morrer em breve.

LIVRO 3

Febre de Tebas

Um GRANDE ajuntamento de pessoas de todas as esferas da vida se reuniram pelo paredes da casa dourada, e até mesmo a praia proibida estava repleta de barcos - os barcos de madeira dos ricos e os barcos de junco dos pobres.

Ao nos ver, um sussurro percorreu a multidão como o correr de águas distantes, e a notícia de que o cirurgião real de crânios estava a caminho correu de boca em boca. Então o povo ergueu as mãos em luto, enquanto gritos e lamentações nos seguiam até o palácio; pois todos sabiam que nenhum faraó jamais havia vivido até o terceiro nascer do sol depois que seu crânio foi aberto.

Pela porta dos lírios fomos levados aos aposentos reais; os camareiros da corte eram nossos servos e se prostraram diante de nós, pois carregávamos a morte em nossas mãos. Uma sala de limpeza temporária havia sido preparada, mas depois de trocar algumas palavras com o próprio médico do faraó, Ptahor ergueu as mãos com tristeza e executou o cerimonial de limpeza de maneira superficial. O fogo sagrado foi carregado atrás de nós e, tendo passado por uma série de quartos esplêndidos, entramos no quarto real.

O Grande Faraó jazia sob um dossel dourado; os postes da cama estavam protegendo deuses, e a cama era sustentada por leões. Seu corpo inchado estava nu, despido de todos os símbolos de soberania. Ele estava inconsciente, com a cabeça envelhecida pendendo para o lado, e respirava com dificuldade, saliva escorrendo do canto da boca. Tão sombria e efêmera é a glória mortal que ele não poderia ser distinguido de nenhum dos velhos que morriam no salão de recepção da Casa da Vida. Mas nas paredes da sala ele foi retratado correndo em uma carruagem puxada por cavalos velozes e emplumados; seu braço poderoso puxou a corda do arco, e leões, perfurados por suas flechas, caíram mortos sobre seus pés.

Nós nos prostramos diante dele, sabendo - como todos os que viram a morte devem saber - que as artes de Ptahor eram inúteis aqui. Mas como ao longo dos tempos o crânio do faraó foi aberto como último recurso, se a morte natural ainda não ocorreu, ele deve ser aberto agora, e começamos nossa tarefa. Levantei a tampa da caixa de ébano e na chama purifiquei mais uma vez os bisturis, furos e fórceps. O médico da corte já havia barbeado e lavado a cabeça do moribundo, e Ptahor ordenou que o estanque de sangue se sentasse na cama e tomasse a cabeça do faraó em suas mãos.

Então a consorte real Taia foi até a cama e o proibiu. Até então ela ficara de pé junto à parede com os braços erguidos num gesto de dor, imóvel como uma imagem. Atrás dela estava o jovem herdeiro do trono, Amenhotep, e sua irmã Baketamon, mas eu ainda não ousara erguer os olhos para eles. Agora que uma agitação percorreu a sala, olhei e os reconheci pelas estátuas nos templos. O príncipe era da minha idade, mas mais alto. A princesa Baketamon tinha feições nobres e muito adoráveis e olhos grandes e ovais. Mas mais majestosa que ambas era a consorte real Taia, embora ela fosse baixa e gorda. Sua tez era muito

escura e as maçãs do rosto largas e proeminentes. Dizia-se que, de nascença, era uma mulher do povo e tinha sangue negro nas veias; Não sei se é assim, pois é apenas boato. Mesmo que seja verdade que seus pais não tivessem títulos honrosos nos registros, ainda assim seus olhos eram inteligentes, ousados e penetrantes, e todo o seu porte irradiava poder. Quando ela moveu a mão e olhou para o estanque de sangue, ele parecia pó sob seus pés largos e marrons. Eu compreendia seus sentimentos, pois o sujeito era um boieiro de baixo nascimento e não sabia ler nem escrever. Ele estava com a cabeça inclinada e os braços caídos, com a boca aberta e uma expressão vazia no rosto. Embora fosse inexperiente, sem talento, ele ainda tinha o poder de parar o fluxo de sangue por sua mera presença. Portanto, ele foi chamado de seu arado e de seus bois para receber seus honorários no templo, e apesar de todo cerimonial de purificação, o cheiro de esterco de gado pairava sobre ele. Ele mesmo não podia explicar seus poderes. Ele os possuía, como uma jóia pode ser encontrada em um torrão de terra, e eles eram tais que não podem ser adquiridos por meio de estudo ou exercícios espirituais.

"Eu não permito que ele toque o deus", disse a Rainha. "Eu vou segurar a cabeça do deus se for necessário."

Ptahor protestou que a tarefa era desagradável e sangrenta; no entanto, ela tomou seu lugar na beira da cama e cuidadosamente levantou a cabeça de seu marido moribundo em seu colo, sem se importar com a saliva que escorria em suas mãos.

"Ele é meu", disse ela, "e ninguém mais deve tocá-lo. É dos meus braços que ele entrará nos reinos da morte."

"Ele deve subir a bordo do navio de seu pai, o sol", disse Ptahor, cortando o couro cabeludo com sua faca de pederneira. "Do sol ele nasceu, ao sol ele retornará, e todas as pessoas louvarão seu nome de eternidade a eternidade - Em nome de Set e de todos os demônios, o que é o estanque de sangue?"

Ele estava falando para distrair os pensamentos da Rainha da operação, pois um médico habilidoso falará com um paciente a quem está causando dor, mas a última frase foi sibilada para o camponês, que estava encostado no batente da porta com os olhos sonolentos e semicerrados. O sangue lento começou a brotar da cabeça do faraó e escorrer para o colo de sua consorte, de modo que ela se encolheu e seu rosto ficou cinza amarelado. O homem despertou de seus pensamentos – sem dúvida, pensando em seus bois e suas valas de irrigação – lembrou-se de seu dever e, aproximando-se da cama, olhou para o faraó e ergueu as mãos. O fluxo de sangue cessou imediatamente e lavei e limpei a cabeça.

"Perdoe-me, minha pequena dama", disse Ptahor, tirando o furo da minha mão. "Para o sol - sim, de fato, direto para seu pai no navio dourado, a bênção de Amon esteja sobre ele."

Enquanto falava, ele girou o furo rápida e habilmente entre as mãos, de modo que ele raspou até o osso. O príncipe abriu os olhos, deu um passo à frente, e seu rosto estremeceu quando ele disse: "Não Amon, mas Ra-Herachte o abençoará, e ele se manifesta em Aton".

"Sim, de fato, Aton", murmurou Ptahor calmamente. "Aton, é claro - um lapso de língua." Pegou novamente a faca de sílex e o martelo de cabo de ébano e, com leves batidas, começou a remover o pedaço de osso. "Pois eu me lembro que em sua sabedoria divina ele ergueu um templo para Aton. Isso foi certamente logo após o nascimento do príncipe, não foi, bela Taia? Um momento."

Ele olhou inquieto para o príncipe, que estava de pé ao lado da cama com os punhos cerrados e o rosto se contorcendo.

"Um gole de vinho firmaria minha mão e não faria mal ao príncipe. um momento como este poderia muito bem quebrar o selo de um jarro real. Lá!"

Entreguei-lhe o fórceps e ele arrancou o pedaço de osso com um ruído áspero.

"Um pouco de luz, Sinuhe!"

Ptahor soltou um suspiro, pois o pior já havia passado, e eu também. de alívio parecia ser comunicado ao faraó inconsciente, pois seus membros se mexeram, sua respiração ficou mais lenta e ele mergulhou em um coma ainda mais profundo. Ptahor contemplou pensativamente o cérebro do faraó na luz brilhante, onde estava exposto: era azul acinzentado e estremeceu.

"Hm," ele disse pensativamente. "O que está feito está feito. Que seu Aton faça o resto para ele, pois isso é assunto para deuses, não para homens".

Leve e cuidadosamente ele encaixou o pedaço de osso de volta no lugar, espalhando o tamanho na rachadura, juntou as bordas do ferimento e enfaixou-o. O consorte real deitou a cabeça sobre um descanso de pescoço de madeira rara e olhou para Ptahor. O sangue tinha secado sobre ela, mas ela não deu atenção a isso. Ptahor encontrou seu olhar destemido sem fazer reverência e disse em voz baixa: "Ele viverá até o amanhecer, se seu deus permitir".

Então ele levantou as mãos em um gesto de tristeza, e eu também. Mas quando ele as levantou para mostrar simpatia, não ousei seguir seu exemplo, pois quem era eu para ter pena da realeza? Purifiquei os instrumentos no fogo e os coloquei de volta na caixa de ébano.

"Sua recompensa será grande", disse a Rainha, e ela sinalizou para nós que nós pode ir. Uma refeição havia sido preparada para nós em outra sala, e Ptahor olhou com prazer para os muitos jarros de vinho que estavam ao longo da parede. Tendo examinado de perto o selo de um deles, ele fez com que fosse aberto, e um escravo derramou água em nossas mãos.

Quando estávamos sozinhos novamente, Ptahor me explicou que RaHerachte estava o deus dos Amenhoteps e que Aton era sua manifestação: um deus de grande antiguidade, mais antigo que Amon.

"Dizem que o atual herdeiro do trono é o filho divino deste Aton", continuou Ptahor. Ele tomou um gole de vinho. "Foi no templo de Ra-Herachte que a consorte real teve sua visão, após a qual ela deu à luz um filho. Ela levou consigo um padre muito ambicioso a quem ela favorecia; seu nome era Eie, e ele cuidou para que sua esposa foi contratada como ama de leite do herdeiro. Sua filha Nefertiti bebia leite dos mesmos seios do príncipe e brincava com ele no palácio como uma irmã, então você pode imaginar o que vai acontecer com isso.

Ptahor bebeu de novo, suspirou e continuou. "Ah, para um velho não há nada mais delicioso do que beber vinho e focar sobre o que não lhe diz respeito. Se você soubesse, Sinuhe, quantos segredos estão enterrados por trás dessa velha testa. Talvez haja segredos reais entre eles. Muitos me pergunto por que nenhum filho jamais nasceu vivo na ala feminina do palácio, pois isso é contra todas as leis médicas - e o homem deitado lá com o crânio aberto também não era um idiota, nos dias de sua alegria Ele encontrou sua consorte em uma viagem de caça; dizem que Taia era filha de algum passarinho e morava entre os juncos do Nilo, mas que o rei a fez igual por causa de sua sabedoria e também venerava seus pais, e encheram seu túmulo com os mais caros presentes. Taia não tinha nada contra seus prazeres, desde que as mulheres do harém não tivessem filhos homens.

Ptahor olhou de lado para mim e, olhando em volta, disse rapidamente: "Mas, Sinuhe, nunca acredite em nenhuma história que você possa ouvir; elas são apenas inventadas por pessoas mal-intencionadas - e todos sabem como a rainha é gentil e quão sábia e que presente ela tem para reunir homens úteis sobre ela. Sim, sim. . . "

Conduzi Ptahor para o ar fresco; a noite havia caído, e no leste as luzes de Tebas ofuscavam o brilho vermelho do céu. Fiquei corado de vinho e senti novamente a febre da cidade no meu sangue. Estrelas brilhavam acima da minha cabeça, e o jardim estava cheio do perfume das flores.

"Ptahor", eu disse, "quando as luzes de Tebas brilharem no céu noturno, então... então eu tenho sede de amor!"

"Não há amor", disse Ptahor enfaticamente. "Um homem fica triste quando não tem mulher com quem se deitar, e quando se deita com uma, fica ainda mais triste. Assim sempre foi e sempre será."

"Por que?"

"Nem mesmo os deuses sabem disso. E nunca me fale de amor a menos que você quer que eu abra seu crânio para você. Farei isso por nada e sem exigir o menor presente de você e assim poupar-lhe muita tristeza."

Agora parecia melhor para mim assumir os deveres de um escravo; Eu o levantei em meus braços e o carreguei para o quarto que havia sido colocado à nossa disposição. Ele era tão pequeno e velho que eu nem estava sem fôlego. Quando eu o deitei

na cama, ele adormeceu imediatamente, depois de algumas tateações em busca de uma taça de vinho. Cobri-o com peles macias, pois a noite estava fria, e saí novamente para o terraço de flores - pois eu era jovem, e a juventude não deseja dormir na noite da morte de um rei.

As vozes murmurantes daqueles que passavam a noite pelo palácio paredes chegavam ao terraço como o distante murmúrio do vento através dos juncos.

Acordei em meio ao perfume das flores enquanto as luzes de Tebas brilhavam em um vermelho berrante contra o céu oriental; Lembrei-me de um par de olhos verdes como as águas do Nilo no calor do verão – e descobri que não estava mais sozinho.

A luz das estrelas e da fina foice da lua era tão tênue que eu não conseguia ver se um homem ou uma mulher se aproximava, mas alguém se aproximou e espiou meu rosto. Eu me mexi, e o recém-chegado, em uma voz de autoridade que ainda era estridente - quase infantil - exigiu: "É o Solitário?"

Reconheci a voz do príncipe e sua figura esguia e me prostrei diante dele não ousando falar. Mas ele me cutucou impientemente com o pé.

"Levante-se, seu tolo. Ninguém pode nos ver, então você não precisa se curvar para mim. Isso para o deus cujo filho eu sou - pois há apenas um, e todos os outros são suas manifestações. Você sabia disso?" Sem esperar por uma resposta, ele acrescentou pensativo: "Todos os outros, exceto Amon, que é um falso deus."

Fiz um gesto de protesto e disse: "Oh!" para mostrar que eu temia tal conversa.

"Deixe ser!" ele disse. "Eu vi você de pé ao lado do meu pai, entregando faca e martelo para aquele velho Ptahor louco. Então eu te chamei de O Solitário. A Ptahor minha mãe deu o nome de Macaco Velho. Você deve usar esses nomes se tiver que morrer antes de partir o palácio. Mas _eu_ pensei no seu."

Achei que ele devia estar louco para falar tão descontroladamente, embora Ptahor tivesse dito que devemos morrer se Faraó o fez, e o estaque de sangue acreditou nisso. Meu cabelo pinicava meu couro cabeludo, pois eu não queria morrer.

O príncipe estava ofegante; suas mãos se contraíram e ele murmurou para si mesmo: "Inquieto. . . eu estaria... estaria em algum outro lugar. É meu deus revelando ele mesmo. Eu sei disso - eu temo isso. Fique comigo, Solitário. Ele esmaga meu corpo com sua força, e minha língua está aflita. . . ."

Eu tremi, pensando que ele estava delirando. Mas ele me disse com voz de comando: "Venha!" e eu o segui. Ele me levou do terraço e passou pelo lago do faraó, enquanto de trás das paredes vinham as vozes murmurantes dos enlutados. Eu estava com grande pavor, pois Ptahor havia declarado que não poderíamos deixar o palácio antes da morte do rei, mas não pude contradizer o príncipe.

Ele manteve seu corpo tenso e andou com passos tão rápidos e bruscos que eu tive muito trabalho para acompanhá-lo. Ele estava vestindo apenas uma tanga, e a lua brilhava em sua pele clara, suas pernas esbeltas e coxas femininas. Ele brilhou em seu

orelhas proeminentes e o rosto atormentado e agitado que parecia contar alguma visão que só ele podia ver.

Quando chegamos à praia, ele disse: "Vamos pegar um barco. Estou indo para o leste para encontrar meu pai".

Sem hesitar em escolher seu ofício, ele entrou no mais próximo; Eu o segui e começamos a remar. Ninguém procurou nos impedir, embora tivéssemos roubado o barco. A noite estava agitada; outras naves estavam no rio, e o brilho vermelho de Tebas se mostrava cada vez mais brilhante no céu à frente. Quando chegamos à margem mais distante, ele deixou o barco à deriva e começou a andar para a frente como se já tivesse feito isso muitas vezes antes. Outros também estavam no exterior, e não fomos desafiados pelo relógio. Tebas sabia que o rei morreria naquela noite.

O ritmo o estava esgotando. No entanto, eu me admirava com a dureza daquele corpo jovem, pois embora a noite estivesse fria, o suor escorria pelas minhas costas enquanto eu o seguia. As estrelas moviam-se pelos céus, e a lua descia, e ele ainda caminhou até que saímos do vale para o deserto, deixando Tebas para trás. As três colinas a leste – os guardiões da cidade – assomavam diante de nós negras contra o céu.

Por fim, ele afundou ofegante na areia e disse com uma voz assustada: "Segure minhas mãos, Sinuhe, pois elas tremem, e meu coração bate contra minhas costelas. A hora se aproxima - ela se aproxima porque o mundo está desolado - você e eu estamos sozinhos. Aonde eu vou, você não pode seguir - e eu não quero ficar sozinho."

Agarrei seus pulsos e senti que toda a sua estrutura contorcida estava banhada em suor frio. O mundo ao nosso redor estava realmente desolado; longe algum chacal uivava para morrer; lentamente as estrelas empalideceram e o espaço ao nosso redor tornou-se um cinza pálido. De repente, ele se livrou de minhas mãos e, levantando-se, ergueu o rosto para o leste, para as montanhas.

"O deus está chegando!" ele disse suavemente, com admiração em seu rosto distraído e em chamas. "O deus está vindo." Então, novamente em voz alta ele gritou para o deserto: "O deus está chegando!"

O ar ficou mais brilhante, as colinas diante de nós flamejaram em ouro, e o sol nasceu - e com um grito estridente ele caiu desmaiado no chão, sua boca se movendo, seus membros se contorcendo convulsivamente e agitando a areia. Mas eu não estava mais com medo, pois tinha ouvido tais gritos no pátio da Casa da Vida e sabia o que fazer.

Sem uma cavilha para prender entre seus dentes, rasguei uma tira da minha tanga, enrolei e enfiei em sua boca. Então comecei a massagear seus membros. Ele estaria doente e atordoado quando acordasse. Olhei ao meu redor em busca de ajuda, mas Tebas estava atrás de nós, e não havia a menor choupana à vista.

Naquele instante, um falcão passou voando por mim com um guincho, raios do sol nascente em um arco acima de nós, então afundou novamente, e fez como se fosse pousar na testa do príncipe. Assustado, fiz instintivamente o sinal sagrado de Amon; se o príncipe tivesse Hórus em sua mente quando saudou seu deus, e foi

Hórus aqui se manifesta? O menino gemeu, e eu me abaixei para cuidar dele. Quando levantei a cabeça novamente, parecia que o pássaro havia assumido a forma humana. Diante de mim estava um jovem, divino, lindo sob os raios do sol. Ele carregava uma lança e vestia a ombreira grosseira de um homem pobre. Embora eu não acreditasse nos deuses, por segurança eu me prostrei diante dele.

"O que é isso?" ele perguntou no dialeto do Reino Inferior. "O rapaz está doente?"

Sentindo-me muito tolo, me ajoelhei e o cumprimentei no

caminho.

"Se você é um ladrão", eu disse, "você receberá pouco de nós, mas eu tenho aqui um menino doente, e os deuses podem abençoá-lo por sua ajuda."

Ele guinchou como um falcão, e o pássaro caiu do ar para pousar em seu ombro.

"Eu sou Horemheb, filho do falcão", disse ele com orgulho. "Meus pais são apenas fabricantes de queijo, mas foi predito no meu nascimento que eu deveria ganhar o comando de muitos. O falcão voou à minha frente, e eu o segui, não tendo encontrado abrigo para a noite na cidade. Mas pretendo entrar a serviço do faraó como guerreiro. Dizem que ele está doente, portanto pode precisar de armas fortes para proteger sua soberania.

O príncipe gemeu, passou as mãos tateando pelo rosto e se contorceu seus membros. Tirei o pano de sua boca, desejando ter água para reanimá-lo. Horemheb examinou-o e perguntou friamente: "Ele está morrendo?"

"Ele não é", eu respondi impaciente. "Ele tem a doença sagrada."

Horemheb agarrou sua lança enquanto olhava para mim.

"Você não precisa me desprezar, embora eu venha descalço e seja pobre. Posso escrever razoavelmente e ler o que está escrito, e terei comando sobre muitos. Que deus tomou posse dele?"

As pessoas acreditam que um deus fala através daqueles que sofrem da doença sagrada, daí sua pergunta.

"Ele tem seu próprio deus", respondi, "e acho que ele é um pouco esquisito da cabeça."

"Ele é frio." Horemheb tirou a capa e estendeu-a sobre o príncipe.

"A manhã em Tebas está fria, mas meu próprio sangue é suficiente para me manter aquecido. Meu deus é Hórus. Este é certamente o filho de um homem rico, pois sua pele é branca e delicada, e ele nunca trabalhou com as mãos. E quem são vocês?"

"Um médico e iniciado do primeiro grau do sacerdócio na templo em Tebas."

O herdeiro do trono sentou-se, gemeu e olhou aturdido ao seu redor. Seus dentes batiam enquanto ele falava.

"Eu vi! O instante foi como um ciclo de tempo - eu não tinha idade - ele estendeu mil mãos acima da minha cabeça em bênção, e em cada mão o símbolo da vida eterna. Não devo então acreditar?"

Ao ver Horemheb seus olhos clarearam, e ele era lindo em sua maravilha radiante.

"É você quem Aton, o único deus, enviou?"

"O falcão voou à minha frente e eu o segui; é por isso que estou aqui. não mais que isso."

O príncipe olhou com uma carranca para a arma do outro.

"Você carrega uma lança", disse ele em repreensão.
Horemheb o estendeu.

"O eixo é de madeira escolhida", disse ele. "Sua cabeça de cobre anseia por beber o sangue dos inimigos do Faraó. Minha lança está com sede, e seu nome é Cortador de Garganta."

"Não é sangue!" gritou o príncipe. "O sangue é uma abominação para Aton. Não há nada mais terrível do que sangue fluindo."

"O sangue purifica o povo e o fortalece; engorda os deuses e contente. Enquanto houver guerra, o sangue deve fluir."

"Nunca mais haverá guerra", declarou o herdeiro do trono. Horemheb riu.

"O garoto é idiota! A guerra sempre existiu e sempre existirá, pois as nações devem testar o valor umas das outras se quiserem sobreviver."

"Todos os povos são seus filhos - todas as línguas - todas as compleições - os negros terra e o vermelho." O príncipe estava olhando diretamente para o sol. "Vou erguer templos para ele em todas as terras, e para os príncipes dessas terras enviarei o símbolo da vida - pois eu o vi! Dele nasci e a ele voltarei."

"Ele é louco", disse Horemheb para mim, balançando a cabeça com compaixão. "Eu posso ver que ele precisa de um médico."

O príncipe ergueu a mão em saudação ao sol, e seu rosto voltou a se encher de uma beleza apaixonada, como se estivesse olhando para outro mundo. Nós o deixamos terminar sua oração e então começamos a conduzi-lo em direção à cidade. Ele não fez resistência. O ataque o deixou fraco; ele cambaleou e gemeu enquanto andava; então finalmente o carregamos entre nós, e o falcão voou à frente.

Quando chegamos ao limite do cultivo, vimos uma cadeira real nos esperando. Os escravos deitaram-se no chão e da cadeira saiu um padre gordo cuja cabeça estava raspada e cujo rosto escuro era grave e bonito. Estendi minhas mãos na altura dos joelhos diante dele, pois considerei que fosse Eie, de quem Ptahor havia falado. Mas ele não me deu atenção. Ele se prostrou diante do príncipe e o saudou como rei, então eu sabia que Amenhotep III estava morto. Os escravos então se apressaram em cuidar do novo faraó. Seus membros estavam

lavado, massageado e ungido, ele foi vestido de linho real, e sobre sua cabeça foi colocado o toucado real.

Enquanto isso, Eie falou comigo. "Ele conheceu seu deus, Sinuhe?"

"Ele conheceu seu deus, e eu cuidei dele para que nenhum mal pudesse acontecer. Como você sabe meu nome?"

Ele sorriu. "Cabe a mim saber tudo o que se passa dentro dos muros do palácio. Conheço seu nome e que você é médico e, portanto, posso confiá-lo aos seus cuidados. Você também é um dos sacerdotes de Amon e fez seu juramento a ele. ."

Havia uma pitada de ameaça em seu tom quando ele disse isso. Estendendo minhas mãos, exclamei: "O que significa um juramento a Amon?"

"Você está certo e não tem nada do que se arrepender. E este lanceiro?"

Apontou para Horemheb, que estava afastado, testando a ponta da lança em sua mão, com o falcão empoleirado em seu ombro.

"Talvez fosse melhor que ele morresse", acrescentou, "pelos segredos do faraó são compartilhados por poucos."

"Ele cobriu o faraó com sua capa quando estava frio e está pronto para empunhar sua lança contra os inimigos do faraó. Acredito que ele será mais útil para você vivo do que morto, sacerdote Eie."

Eie jogou um anel de ouro de seu braço em direção a ele, dizendo descuidadamente: "Você pode me visitar algum dia na casa dourada, lanceiro."

Mas Horemheb deixou o anel de ouro cair na areia a seus pés e olhou desafiadoramente para Eie.

"Eu recebo minhas ordens de Faraó, e se não estou enganado, Faraó é ele que leva o cocar real. O falcão me levou até ele, e isso é sinal suficiente."

Eie permaneceu imperturbável.

"O ouro é caro e é sempre útil", comentou. Ele pegou o anel de ouro e o colocou de volta em seu braço. "Faça sua reverência ao Faraó, mas você deve deixar de lado sua lança na presença dele."

O príncipe deu um passo à frente. Seu rosto estava pálido e abatido, mas ainda iluminado por um êxtase secreto que aqueceu meu coração.

"Sigam-me", disse ele, "sigam-me, todos vocês, no novo caminho, pois a verdade me foi revelada."

Caminhamos com ele até a cadeira, embora Horemheb murmurasse para si mesmo: "A verdade está em minha lança". Os carregadores partiram a trote para onde o barco nos esperava junto ao cais. Voltamos como tínhamos vindo, sem ser observados, embora as pessoas estivessem amontoadas do lado de fora dos muros do palácio.

Fomos autorizados a entrar no quarto do príncipe, e ele nos mostrou grandes jarros cretenses nos quais estavam pintados peixes e outras criaturas. Veio a notícia de que a rainha

Mamãe estava a caminho para fazer sua reverência a ele, então ele nos deu permissão para irmos, prometendo lembrar de nós dois. Quando o deixamos, Horemheb me disse perplexo: "Estou perdido. Não tenho para onde ir".

"Fique aqui com a mente tranquila", eu o aconselhei. "Ele prometeu lembrar você, e é bom estar à mão quando ele o fizer. Os deuses são caprichosos e esquecem rapidamente."

"Ficar aqui e zumbir com essas moscas?" ele exigiu, apontando para os cortesãos que se aglomeravam na porta do príncipe. "Não, eu tenho boas razões para estar inquieto", ele continuou sombriamente. "O que será de um Egito cujo governante tem medo de sangue e acredita que todas as nações, línguas e cores são de igual mérito? Nasci guerreiro, e meu senso guerreiro me diz que tais noções são um mau presságio para um homem como EU."

Nós nos separamos, e eu pedi a ele que pedisse por mim na Casa da Vida se alguma vez ele precisava de um amigo.

Ptahor estava esperando por mim em nosso quarto, com os olhos vermelhos e irritado.

"Você estava ausente quando o faraó deu seu último suspiro ao amanhecer", ele rosnou.

"Você estava ausente e eu dormi; e nenhum de nós estava lá para ver a alma do faraó voar de suas narinas direto para o sol, como um pássaro."

Contei-lhe o que havia acontecido naquela noite, e ele ergueu as mãos com grande espanto.

"Amon nos mantenha! Então o novo faraó está louco."

"Acho que não", disse eu duvidosamente. "Eu acho que ele tem conhecimento de um novo deus."

Quando sua cabeça clarear, poderemos ver maravilhas na terra de Kem."

"Amon me livre! Sirva-me um pouco de vinho, pois minha garganta está seca como pó de estrada."

Pouco depois, fomos conduzidos sob escolta para um pavilhão da Câmara da Justiça, onde o Guardião do Selo leu a lei para nós de um pergaminho de couro e nos disse que devemos morrer, pois o Faraó não se recuperou depois que seu crânio foi aberto. Olhei para Ptahor, mas ele apenas sorriu quando o carrasco avançou com sua espada.

"Deixe o estanque de sangue ir primeiro", disse ele. "Ele está com mais pressa do que nós, pois sua mãe já está preparando ensopado de ervilhas para ele na Terra do Oeste."

O estanque de sangue despediu-se calorosamente de nós, fez o sinal sagrado de Amon e ajoelhou-se mansamente no chão diante dos rolos de couro. O carrasco balançou sua espada em um grande arco acima da cabeça do condenado, até que ela cantou no ar, mas parou quando o fio tocou sua nuca. Mas o sanguessuga caiu no chão, e pensamos que ele tinha desmaiado de terror, pois não havia o menor arranhão nele. Quando chegou a minha vez, ajoelhei-me sem medo; o carrasco riu e tocou meu pescoço com sua lâmina sem

preocupante para me assustar mais. Ptahor considerou que ele era muito baixo para ser obrigado a se ajoelhar, e o carrasco também balançou a espada sobre o pescoço. Então morremos, a lei foi cumprida e recebemos novos nomes gravados em pesados anéis de ouro. No anel de Ptahor estava escrito "Aquele que é como um babuíno" e no meu "Aquele que está sozinho". Então o presente de Ptahor foi pesado para ele em ouro e meu também, e fomos vestidos com roupas novas. Pela primeira vez vesti uma túnica pregueada de linho real e uma gola pesada de prata e pedras preciosas. Quando os servos tentaram levantar o estanco de sangue e reanimá-lo, encontraram-no morto. Eu vi isso com meus próprios olhos e posso garantir sua veracidade. Mas por que ele morreu eu não sei, a não ser por mera expectativa. Por mais simples que seja, um homem que pode deter o fluxo de sangue não é como os outros homens.

A partir de então, estando oficialmente morto, não poderia assinar meu nome como Sinuhe sem acrescentar Aquele que está sozinho, e na corte não poderia ser conhecido por nenhum outro nome.

3

Quando voltei para a Casa da Vida com minhas roupas novas e com o ouro anel no meu braço, meus professores se curvaram diante de mim. No entanto, eu ainda era aluno e tive que escrever um relato detalhado da operação e morte do faraó, atestando-o com meu nome. Dediquei muito tempo a isso e terminei com uma descrição da alma do faraó voando de suas narinas em forma de pássaro e passando direto para o sol. Mais tarde, tive a satisfação de ouvir meu relatório lido ao povo em cada um dos setenta dias durante os quais o corpo do faraó estava sendo preparado para a imortalidade. Durante todo esse período de luto, todas as casas de prazer, lojas de vinho e tabernas em Tebas foram fechadas, de modo que para comprar vinho ou ouvir música era preciso entrar pela porta dos fundos.

Mas quando esses setenta dias se passaram, eu soube que agora era um médico qualificado e poderia começar a praticar em qualquer bairro da cidade que eu escolhesse. Se, por outro lado, eu preferia seguir meus estudos em um ou outro dos ramos especiais - entre os dentistas ou otorrinos, por exemplo, ou os obstetras, capatazes, cirurgiões, ou em qualquer outro os quatorze

diferentes assuntos em que a instrução foi dada na Casa da Vida - eu só preciso escolher meu ramo. Esta foi uma marca especial de favor, testemunhando quão amplamente Amon recompensou seus servos.

Eu era jovem, e o aprendizado na Casa da Vida não me absorvia mais. EU fora acometido pela febre de Tebas; Eu desejava riqueza e fama; Eu desejava lucrar com o período de minha fama entre o povo. Com o ouro que recebi, comprei uma casinha nos arredores do bairro da moda, mobiliei de acordo com minhas posses e comprei um escravo, um sujeito esquelético com um olho, mas bom o suficiente para mim. Seu nome era Kaptah. Ele me assegurou que seu único olho era minha sorte, pois agora ele poderia dizer aos meus possíveis pacientes na sala de espera que ele estava totalmente cego quando eu o comprei e que eu lhe devolvera a visão parcial. Mandeí pintar quadros nas paredes da sala de espera. Em um desses Imhotep, o Sábio, o deus dos médicos, foi mostrado me dando instruções. Eu fui pintado pequeno diante dele, como é o costume, mas abaixo do quadro havia uma inscrição que dizia assim:

O mais sábio e hábil dos teus discípulos
é Sinuhe, Filho de Senmut, Aquele Que Está Só.

Outra foto me mostrava fazendo sacrifícios a Amon, para que eu pudesse honrá-lo e ganhar a confiança de meus pacientes. Mas em um terceiro, o grande Faraó olhou para mim do céu na forma de um pássaro, enquanto seus servos pesavam ouro para mim e me vestiam com roupas novas.

Encomendei Thothmes para fazer essas pinturas para mim, embora ele não fosse um artista autorizado e seu nome não aparecesse no livro no templo de Ptah. Mas ele era meu amigo, e por causa de seu trabalho, aqueles que olharam para as fotos pela primeira vez levantaram as mãos com espanto, dizendo: "Na verdade, ele inspira fé, este Sinuhe, filho de Senmut, Aquele que está sozinho, e certamente cura todos os seus pacientes por sua habilidade."

Quando tudo estava pronto, sentei-me para esperar os doentes. Fiquei sentado por um longo tempo, mas nenhum veio. À noite, fui a uma loja de vinhos, ainda com um pouco de ouro e prata dos presentes do faraó. Eu era jovem e me considerava um médico inteligente; Eu não tinha dúvidas sobre o futuro e, junto com Thothmes, animava meu vinho. Discutíamos em voz alta os assuntos dos Dois Reinos, pois em todos os lugares - no mercado, diante das casas dos mercadores, nas tavernas e casas de prazer - tais assuntos eram vigorosamente debatidos por todos naquela época.

Aconteceu como o velho Guardião do Selo havia predito. Quando o corpo do grande faraó tinha sido provado contra a morte e atendido

repousando no Vale dos Reis, onde as portas da tumba haviam sido seladas com o selo real, a Rainha Mãe subiu ao trono trazendo nas mãos o flagelo e o cajado. Sobre seu queixo estava a barba da soberania e a cauda do leão estava em sua cintura. O herdeiro ainda não havia sido coroado faraó, e dizia-se que desejava purificar-se e realizar suas devoções aos deuses antes de assumir o poder. Mas quando a Rainha Mãe dispensou o velho Guardião do Selo e elevou Eie, o sacerdote desconhecido, para honrar à sua direita, de modo que ele superou em posição todos os homens ilustres do Egito - então o templo de Amon zumbiu como uma colméia, havia maus presságios, e o infortúnio acompanhava os sacrifícios reais. Os sacerdotes interpretaram muitos sonhos estranhos que os homens tiveram. Os ventos se desviaram de seu quartel habitual contra todas as leis da natureza, e choveu por dois dias seguidos na terra do Egito. As mercadorias que estavam no cais sofreram danos e os grãos apodreceram. Certas poças nos arredores de Tebas se transformaram em sangue, e muitos foram vê-las. Mas o povo ainda não estava com medo, pois tais coisas aconteceram em todas as épocas em que os sacerdotes se enfureciam. Embora houvesse agitação e muita conversa vazia, os mercenários no quartel - egípcios, sírios, negros e shardanas - receberam presentes generosos da rainha-mãe, e a boa ordem foi mantida. O poder do Egito era indiscutível; na Síria, foi sustentado pelas guarnições, e os príncipes de Biblos, Esmirna, Sidon e Gaza - que em sua infância haviam morado aos pés de Faraó e crescido na casa dourada - lamentaram sua morte como se ele tivesse sido seu pai, e escrevia cartas à rainha nas quais se declaravam poeira sob seus pés.

O rei da terra de Mitani, em Naharani, enviou sua filha como noiva para o novo faraó como seu pai havia feito antes dele e como havia sido acordado com o faraó celestial antes de sua morte. Tadukhipa, pois assim era seu nome, chegou a Tebas com servos e escravos e jumentos carregados de mercadorias de grande valor. Ela era uma criança de apenas seis anos de idade, e o príncipe a tomou como esposa, pois o reino de Mitani era um muro entre a riqueza da Síria e as terras do norte, e guardava as rotas das caravanas desde a terra dos rios gêmeos para o mar. A alegria cessou entre os sacerdotes de Sekhmet, a filha celestial de Amon, e as dobradiças dos portões de seu templo estavam enferrujadas rapidamente.

Foi disso que falamos, Thothmes e eu; regozijamos nossos corações com vinho enquanto ouvíamos música síria e observávamos as dançarinas. A febre da cidade estava no meu sangue; no entanto, todas as manhãs, meu criado caolho vinha até a minha cama com deferência e me trazia pão e um peixe salgado e enchia meu copo de cerveja. Então eu me lavava e sentava para esperar meus pacientes, para ouvir seus sofrimentos e curá-los.

Era tempo de enchente. As águas haviam subido até as paredes do templo, e quando voltaram a afundar, a terra brotou em tenro verde, pássaros construíram seus ninhos e flores de lótus desabrocharam nas lagoas em meio ao perfume das acácias. Um dia Horemheb veio à minha casa e me cumprimentou. Ele estava vestido de linho real com uma corrente de ouro no pescoço. Em sua mão ele carregava um chicote denotando que ele era um oficial da casa do Faraó. Mas agora ele não segurava lança.

"Eu venho pedir conselho, Sinuhe, o Solitário", disse ele.

"O que você quer dizer? Você é tão forte quanto um touro e tão ousado quanto um leão. Não há nada que um médico possa fazer por você."

"Peço a você como amigo, não como médico", disse ele, sentando-se. Kaptah derramou água em suas mãos, e eu lhe ofereci bolos que minha mãe Kipa me enviara e vinho do porto, pois meu coração se alegrou ao vê-lo.

"Você foi promovido então. Você agora é um oficial da casa e sem dúvida a luz dos olhos de todas as mulheres."

Seu rosto escureceu. "E que sujeira é tudo isso! O palácio está cheio de moscas que voam sobre mim. As ruas de Tebas são duras e machucam meus pés, e minhas sandálias os machucam."

Ele tirou as sandálias e esfregou os dedos dos pés. "Sou oficial do guarda-costas, sim, mas alguns dos oficiais são garotos de dez anos cujas mechas laterais ainda não foram cortadas, e por causa de seu nascimento nobre eles riem de mim e zombam de mim. Seus braços não têm força para puxar a corda do arco, e suas espadas são brinquedos de ouro e prata; eles podem cortar carne com eles, mas nunca derrubar um inimigo. Os soldados bebem e se deitam com as escravas domésticas e não têm disciplina. Na escola militar eles lêem tratados ultrapassados – eles nunca viram a guerra ou conheceram a fome e a sede ou o medo do inimigo."

Ele sacudiu a corrente no pescoço com impaciência e continuou. "O que são correntes e honras quando não são vencidas em batalha, mas em prostrações diante do faraó? A rainha-mãe amarrou uma barba ao queixo e cingiu-se com a cauda de um leão, mas como pode um guerreiro olhar para uma mulher como seu chefe? Nos dias dos grandes faraós, o guerreiro não era um homem totalmente desprezado, mas agora os tebanos consideram sua profissão a mais desprezível de todas e fecham suas portas para ele. Perco meu tempo. Os dias da minha juventude e força gotejar

embora enquanto eu estudo as artes da guerra com aqueles que se virariam e voariam ao mero som de um grito de guerra negro. Pelo meu falcão! Os soldados são feitos no campo de batalha e em nenhum outro lugar, e são julgados no confronto de armas. Não vou mais ficar aqui!"

Ele golpeou a mesa com seu chicote, derrubando as taças de vinho, e meu criado fugiu com um ganido de medo.

"Horemheb, meu amigo - afinal, você está doente. Seus olhos estão febris e você estão banhados em suor."

"Eu não sou um homem?" Ele bateu no peito. "Posso levantar um escravo musculoso com ambas as mãos e quebrar suas cabeças. Posso carregar fardos pesados como um soldado deveria, posso correr longas distâncias sem ficar sem fôlego, e não temo nem fome e sede nem o sol do deserto. Mas tudo isso é vergonhoso aos seus olhos, e as mulheres da casa dourada admiram apenas os homens que não precisam se barbear; gostam deles com pulsos finos e peito sem pêlos e quadris como os das meninas. Admiram os que carregam guarda-sóis e pintam a boca vermelho e chilrear como os pássaros nas árvores. Sou desprezado por ser forte e por ter a pele e as mãos queimadas de sol, que mostram que posso trabalhar."

Ele ficou em silêncio, olhando para ele. Por fim, esvaziou a taça.

"Você está sozinho, Sinuhe - e eu também, pois imagino o que está por vir. que nasci para um alto comando e que um dia ambos os reinos terão necessidade de mim. Mas não suporto mais ficar sozinho, Sinuhe. Há faíscas de fogo em meu coração; minha garganta está apertada; Eu não consigo dormir. Devo me afastar de Tebas... a sujeira me sufoca, e as moscas me sujam."

Olhando para mim então, ele disse em voz baixa: "Sinuhe, você é um médico. me um remédio que vai conquistar o amor."

"Isso é fácil. Posso dar-lhe bagas que, quando dissolvidas em vinho, o deixarão forte e quente como o babuíno, para que as mulheres suspirem em seus braços e revirem os olhos. Isso é feito facilmente."

— Não, você me entende mal, Sinuhe. Não há nada de errado com minha força. Quero um remédio para a loucura. Quero um remédio para aquietar meu coração... e transformá-lo em pedra.

"Não existe tal remédio. Um sorriso - um olhar de olhos verdes - e as artes do médico são impotentes. Isso eu sei. Mas os sábios dizem que um espírito maligno pode ser expulso por outro. Se isso é verdade, eu sei não, mas imagino que o segundo possa ser pior que o primeiro.

"O que você quer dizer?" ele exigiu irritado. "Estou cansado de frases distorcidas."

"Encontre outra mulher para tirar a primeira do seu coração. Isso é tudo que eu quis dizer. Tebas está cheia de mulheres adoráveis e sedutoras que pintam o rosto e vestem o mais fino linho. Você pode encontrar um entre eles para sorrir para você, sendo jovem

e forte com membros esbeltos e uma corrente de ouro no pescoço. Mas eu não entendo o que te afasta do que você deseja. Mesmo que ela seja casada, não há muro alto demais para o amor superar. Quando uma mulher deseja um homem, sua astúcia pode remover todas as barreiras. Histórias de ambos os reinos provam isso. Diz-se que o amor das mulheres é tão constante quanto o vento, soprando sempre e apenas mudando de direção. A virtude das mulheres, dizem eles, é como cera e derrete com o calor. Assim foi e sempre será."

"Ela não é casada", retrucou Horemheb. "Você está fora do alvo com seu tagarelar de constância e virtude. Ela nem mesmo me vê, embora eu permaneça sob seus olhos, nem pegue minha mão se eu a estender para ajudá-la a sentar em sua cadeira."

"Ela é então uma senhora de alguma distinção?"

"É inútil falar dela. Ela é mais adorável do que a lua e as estrelas e mais remota. Na verdade, eu poderia segurar a lua com mais facilidade em meus braços. Portanto, devo esquecer - portanto, devo deixar Tebas ou morrer."

"Você certamente não foi vítima dos encantos da rainha-mãe", exclamei em tom de brincadeira, pois queria fazê-lo rir. "Ela é muito velha e gorda para agradar um jovem."

"E ela tem seu padre", respondeu Horemheb com desprezo. "Acredito que eles eram adúlteros enquanto o rei ainda vivia".

Eu o parei com a mão levantada e disse: "Você bebeu de muitos poços envenenados desde que chegou a Tebas".

"Aquele que eu desejo pinta seus lábios e bochechas de vermelho amarelo, e seus olhos ovais são escuros, e ninguém ainda tocou aqueles membros velados pelo linho real. Seu nome é Baketamon, e em suas veias corre o sangue dos faraós. Agora você conhece toda a minha loucura, Sinuhe. Mas se você contar a alguém ou me lembrar disso com uma palavra, eu vou procurá-lo e matá-lo onde quer que você esteja - eu vou colocar sua cabeça entre suas pernas e jogar seu corpo na parede."

Fiquei muito alarmado com o que ele disse, pois um homem de baixo nascimento deveria erguer os olhos para a filha do faraó para desejá-la era realmente uma coisa terrível. Eu respondi: "Nenhum mortal pode se aproximar dela. Se ela for se casar com alguém, será seu irmão, o herdeiro, quem a criará para ser igual a ele como consorte real. E assim será, pois li isso em seus olhos no leito de morte do Rei quando ela olhava para ninguém além de seu irmão. Eu a temia como uma mulher cujos membros não trazem calor a nenhum homem, e vazio e morte habitam em seu olhar. Parta, Horemheb, meu amigo; Tebas não é lugar para você."

Ele respondeu impacientemente: "Tudo isso eu sei melhor do que você, e sua tagarelice é como o zumbido de moscas em meu ouvido. Vamos voltar ao que você disse sobre os espíritos malignos, pois meu coração está cheio; e, quando eu tiver vinho bêbado, anseio que alguma mulher sorria para mim, seja ela quem for, mas seu manto deve ser de linho real; ela deve usar

uma peruca e pintar seus lábios e bochechas de vermelho amarelo, e para despertar meu desejo seus olhos devem ser curvados como o arco-íris."

Eu sorri. "Você diz sabiamente. Vamos, portanto, debater o assunto como amigos."

"Ouça! Entre meus colegas oficiais está um Kefta de Creta, que uma vez eu tive ocasião de chutar. Ele agora me respeita e me convidou para ir com ele hoje a uma recepção em uma casa perto do templo de algum deus com cabeça de gato. Esqueci o nome do deus, não tendo sentido vontade de ir."

"Você quer dizer Bast. Eu conheço o templo, e o lugar é muito provavelmente bem adequado ao seu propósito, pois as mulheres leves rezam muito para a cabeça de gato e fazem sacrifícios para conquistar amantes ricos."

— Mas não vou sem você, Sinuhe. Sou de baixo nascimento, ignorante do comportamento em Tebas e especialmente entre as mulheres de Tebas. Você é um homem do mundo e nasceu aqui, e deve vir comigo.

Eu estava corado com o vinho, e sua confiança em mim era lisonjeira; Eu não confessaria que meu conhecimento de mulheres era tão pequeno quanto o dele. Mandeí Kaptah buscar uma cadeira de transporte e negocie com os carregadores enquanto Horemheb bebia mais vinho para ganhar coragem. Os homens nos levaram ao templo de Bast. Quando viram que tochas e lamparinas queimavam diante das portas da casa que iríamos visitar, começaram a reclamar em voz alta do pagamento até que Horemheb os golpeou com seu chicote e eles caíram em um silêncio ferido.

Eu liderei o caminho, e ninguém pareceu surpreso com a nossa chegada. Servos alegres derramavam água sobre nossas mãos, e o aroma de pratos quentes, de unguentos e flores se espalhava até a varanda. Escravos nos adornaram com guirlandas, e nós entramos corajosamente no grande granizo.

Quando entramos, eu não tinha olhos para ninguém além da mulher que veio em nossa direção. Ela estava vestida em linho real de modo que seus membros brilhavam através dele como os membros de uma deusa. Na cabeça, usava uma pesada peruca azul e muitas joias vermelhas; suas sobrancelhas estavam enegrecidas, e sob seus olhos estava pintada uma sombra verde. Mas mais verdes do que todos os verdes eram os próprios olhos, como o Nilo no calor do verão, de modo que meu coração se afogou neles. Pois este era Nefernefernefer, que eu havia conhecido uma vez na colunata do grande templo de Amon. Ela não me reconheceu, mas sorriu para Horemheb, que ergueu o chicote de oficial em saudação. Kefta, o jovem cretense, também estava lá; correu até Horemheb e o abraçou, chamando-o de amigo.

Ninguém me deu atenção, e eu tive tempo para olhar para a irmã do meu coração. Ela era mais velha do que eu me lembrava, e seus olhos não sorriam mais, mas eram duros como pedras verdes. Eles não sorriram, embora a boca dela sorrisse, e pousaram primeiro na corrente de ouro no pescoço de Horemheb. Mas meus joelhos estavam fracos quando a contemplei.

Houve muitos gritos e risos; jarras de vinho viradas e flores esmagadas jaziam pelo chão, e os músicos sírios manejavam seus instrumentos com tal propósito que nenhuma conversa podia ser ouvida. Era evidente que havia bebido muito, pois uma mulher vomitou. Um servo entregou-lhe uma tigela tarde demais, de modo que seu vestido ficou sujo e todos riram.

Kefta, o cretense, também me abraçou, espalhando pomada por todo o meu rosto enquanto fez isso e me chamando de seu amigo. Mas Nefernefernefer olhou para mim e disse: "Sinuhe! Uma vez conheci um Sinuhe; ele também seria médico".

"Eu sou aquela Sinuhe", eu disse, olhando-a nos olhos e tremendo.

"Não, você não é ele." Ela fez um gesto de negação. "O Sinuhe que eu conhecia era um menino com olhos tão claros como os de uma gazela - mas você é um homem com jeito de homem. Há dois sulcos entre suas sobrancelhas, e seu rosto não é liso como o dele."

Mostrei a ela o anel com a pedra verde que usava no dedo, mas ela balançou a cabeça, fingindo estar perplexa, e disse: "Eu devo estar recebendo um ladrão em minha casa, que matou aquele Sinuhe e roubou o anel que eu lhe dei uma vez como prova de nossa amizade. Seu nome também você roubou, e o Sinuhe que me agradou não vive mais."

Ela ergueu as mãos em um gesto de dor e, em minha amargura, tirei o anel do meu dedo e o entreguei a ela, dizendo: "Pegue de volta o seu anel, e eu não irei mais aborrecê-la".

Mas ela disse: "Não vá!" e novamente, colocando sua mão levemente no meu braço enquanto ela tinha feito uma vez antes, ela disse suavemente, "Não vá!"

E não fui embora soubesse que seu corpo me queimaria mais que fogo e que nunca mais poderia ser feliz sem ela. Servos serviram vinho para nós, e vinho nunca foi mais delicioso em minha boca do que então.

A mulher que estava doente lavou a boca e bebeu mais vinho. Então ela tirou o vestido sujo e o jogou no chão; ela também tirou a peruca para ficar completamente nua. Ela apertou os seios com as mãos, dizendo aos servos para derramar vinho entre eles, e ela deixou beber ali quem quisesse. Ela cambaleou pela sala rindo alto - jovem, bonita, imprudente - e, parando diante de Horemheb, ofereceu-lhe o vinho entre os seios. Ele abaixou a cabeça e bebeu. Quando ele a levantou novamente, seu rosto estava escuro, e ele olhou a mulher nos olhos, agarrou sua cabeça nua em suas mãos e a beijou. Todos riram, e a mulher riu com eles. Então, ficando tímida de uma vez, ela exigiu um vestido novo. Servos a vestiram e ela colocou a peruca novamente. Sentou-se perto de Horemheb e não bebeu mais. Os músicos sírios continuaram tocando; Senti a febre de Tebas em meu sangue e soube que nasci para viver no crepúsculo do mundo...

que nada mais importava, desde que eu pudesse sentar ao lado da irmã do meu coração e contemplar o verde de seus olhos e a vermelhidão de seus lábios.

Assim, foi através de Horemheb que vim encontrar Nefernefernefer, minha amada, mais uma vez; mas teria sido melhor para mim se eu nunca a tivesse conhecido.

5

"Esta é a sua casa?" Eu perguntei a ela enquanto ela se sentava ao meu lado, me examinando com seus duros olhos verdes.

"Esta é minha casa, e estes são meus convidados. Tenho convidados todas as noites, pois não gosto de ficar sozinho."

"E Metufer?" Perguntei, pois desejava saber tudo, apesar da dor que isso poderia me causar. Ela franziu a testa um pouco.

"Você não sabia que Metufer está morto? Ele morreu porque usou mal o dinheiro que Faraó havia dado a seu pai para a construção de um templo. Metufer morreu, e seu pai não é mais o mestre construtor real. Você não sabia disso?"

"Se isso for verdade", eu disse sorrindo, "quase posso acreditar que Amon o puniu, pois ele zombou do nome de Amon." Conte-lhe como Metufer e o padre cuspiram no rosto da estátua de Amon para lavá-la e como se esfregaram com o unguento sagrado de Amon.

Ela sorriu, mas seus olhos tinham um olhar duro e distante neles. De repente ela disse: "Por que você não veio até mim então, Sinuhe? Se você tivesse me procurado, você teria me encontrado. Você fez mal em não vir e em visitar outras mulheres com meu anel no dedo."

"Eu era apenas um menino e temia você - mas em meus sonhos você era minha irmã, Nefernefernefer, e - ria de mim se quisesse - eu nunca me deitei com nenhuma mulher. Eu estava esperando para vê-lo novamente."

Ela riu e fez um gesto de incredulidade.

"Você certamente está mentindo. Aos seus olhos eu devo parecer uma velha feia, e você se diverte zombar de mim e mentir para mim." Seus olhos estavam alegres agora como em outros dias, e ela parecia muito mais jovem que meu coração inchou e doeu quando eu olhei para ela.

"É verdade que eu nunca toquei em nenhuma mulher", eu disse, "mas pode não ser verdade que eu esperei por você. Deixe-me ser honesto. Muitas mulheres vieram

diante de mim, jovem e velho, bonito e simples, sábio e simples; mas olhei para todos igualmente com os olhos de um médico; e nenhum deles mexeu com meu coração; embora por que isso deveria ser eu não posso dizer."

"Talvez quando você era um garotinho você caiu do topo de uma carroça e caiu montado no poço, de modo que desde então você tem sido melancólico e mais feliz sozinho"; e, enquanto ela ria, ela me tocou levemente como nenhuma mulher jamais me tocou. A resposta foi desnecessária, pois ela mesma sabia que o que disse não era verdade. Ela rapidamente retirou a mão, sussurrando: "Vamos beber vinho juntos. Eu ainda posso ter prazer com você, Sinuhe."

Bebemos vinho enquanto os escravos carregavam alguns convidados para suas cadeiras, e Horemheb abraçou a mulher ao seu lado, chamando-a de irmã. Ele tirou a corrente de ouro do pescoço e a teria pendurado no dela.

Mas ela resistiu e disse com raiva: "Sou uma mulher decente e não uma prostituta!" Levantando-se, ela se afastou ofendida, mas na porta acenou secretamente e Horemheb a seguiu. Não vi mais nada de nenhum deles naquela noite.

Os que ainda permaneceram continuaram bebendo. Cambaleavam pelo chão tropeçando nos bancos e chacoalhando a sistra que haviam roubado dos músicos. Eles se abraçaram, chamando um ao outro de irmão e amigo - e então se desentenderam com socos e gritos de castrado e eunuco.

Eu estava bêbado, não com vinho, mas com a proximidade de Nefernefernefer e com o toque de sua mão, até que finalmente ela fez um sinal e os servos começaram a apagar as luzes, levar mesas e bancos e recolher as guirlandas pisadas. Então eu disse a ela: "Tenho que ir".

Mas cada palavra picava meu coração como sal em uma ferida, pois eu temia perdê-la, e cada momento não passado em sua companhia me parecia desperdiçado.

"Onde você irá?" ela perguntou com surpresa fingida.

"Vou vigiar esta noite na rua diante de sua casa. Vou fazer sacrifícios em todos os templos de Tebas, em agradecimento aos deuses por ter encontrado você novamente. Vou colher flores das árvores para espalhar em seu caminho quando você sair de casa e comprar mirra para untar as ombreiras da sua porta".

Ela sorriu e disse: "Seria melhor se você não fosse, pois flores e mirra eu já tenho. E se você for assim com vinho, você se perderá entre mulheres estranhas. Isso eu não permitirei."

Suas palavras me encheram de alegria. Eu a teria agarrado, mas ela resistiu, dizendo: "Pare! Meus servos podem nos ver. Embora eu viva sozinha, não sou uma mulher desprezível".

Ela me levou para seu jardim, que estava ao luar e estava cheio de o cheiro de murta e acácia. As flores de lótus no pooi fecharam seus cálices para a noite, e vi que a borda da piscina estava incrustada com cores

pedras. Servos derramaram água em nossas mãos e nos trouxeram ganso assado e frutas embebidas em mel, e Nefernefernefer disse: "Coma e divirta-se aqui comigo, Sinuhe".

Mas minha garganta estava áspera pelo desejo, e eu não conseguia engolir. Ela me deu um olhar zombeteiro e comeu avidamente. Cada vez que ela olhava para mim, o luar se refletia em seus olhos. Eu a teria puxado em meus braços, mas ela me empurrou, dizendo: "Você não sabe por que Bast, a deusa do amor, é retratada como um gato?"

"Não me importo nem com gatos nem com deuses", disse eu, estendendo a mão para ela, meus olhos turvos de desejo. Ela empurrou minhas mãos para o lado.

"Em breve você pode me tocar. Você pode colocar suas mãos no meu peito e meu estômago se isso te acalmar, mas primeiro você deve me ouvir e aprender por que uma mulher é como um gato e por que a paixão também é como um gato. Suas patas são macias, mas escondem garras que rasgam e rasgam e apunhalam impiedosamente em seu coração. Sim, de fato, uma mulher é como um gato, pois um gato também tem prazer em atormentar sua presa e torturá-la sem nunca se cansar do jogo. Não até que a criatura seja mutilada ela a devorará e então partirá em busca de outra vítima. Digo isso porque quero ser honesto com você; Eu nunca te desejei mal. Não, eu nunca te desejei mal", ela repetiu distraidamente, pegando minha mão e movendo-a para seu peito enquanto a outra ela colocava em seu colo. Eu tremi, e as lágrimas saltaram dos meus olhos. Então ela me empurrou novamente.

"Você pode me deixar agora, para nunca mais voltar, e então eu não vou te machucar. você não vá agora, você não pode me culpar por nada que possa acontecer."

Ela me deu tempo para ir, mas eu não fiz. Suspirando um pouco então, como se estivesse cansada do jogo, ela disse: "Então deixe estar. Você deve ter o que veio buscar, mas seja gentil, pois estou cansada e temo que possa adormecer em seu braço."

Ela me levou para seu quarto e para seu sofá de marfim e ébano, Lá, tirando o roupão, ela abriu o abraço para mim.

Era como se todo o meu eu estivesse sendo reduzido a cinzas pelo corpo dela.

Logo ela bocejou e me disse: "Estou com muito sono - e devo acreditar que você nunca se deitou com uma mulher antes, pois você faz isso muito desajeitadamente e não me dá prazer. Mas quando um jovem toma sua primeira mulher, ele lhe dá um tesouro inestimável. Não pedirei outro presente a você. Mas vá agora e me deixe dormir, pois você já teve o que veio buscar.

E quando tentei abraçá-la novamente, ela se defendeu e me mandou embora. Fui para casa com o corpo derretido e fervendo, sabendo que nunca deveria ser capaz de esquecê-la.

No dia seguinte, disse ao meu servo Kaptah que mandasse embora todos os meus pacientes e pedisse que procurassem outros médicos. Chamei um barbeiro, lavei-me e untei-me com óleos perfumados, vesti-me e pedi uma cadeira, mandando os carregadores correrem. Eu desejava correr para a casa de Nefernefernefer sem sujar minhas roupas ou pés com poeira. Kaptah cuidou de mim com preocupação e balançou a cabeça, pois eu nunca tinha saído de minha sala de trabalho no meio do dia, e ele temia que, se eu negligenciasse meus pacientes, os honorários diminuíssem. Mas eu tive apenas um pensamento, e meu corpo queimou como em fogo - um fogo glorioso.

Um criado me recebeu e me conduziu ao quarto de Nefernefernefer. Ela se enfeitava diante do espelho e me olhava com olhos duros e indiferentes.

"O que você quer, Sinuhe? Você me cansa."

"Você sabe muito bem o que eu quero", eu disse, tentando pegá-la em meus braços e lembrando de seu ardor da noite anterior. Mas ela me empurrou bruscamente.

"Isso é malícia ou estupidez? Para vir agora! Um mercador chegou de Sidon com uma jóia que já foi de uma rainha - um ornamento de testa de uma tumba. Esta noite alguém vai me dar; Há muito anseio por uma jóia como ninguém mais possui. Portanto, me embelezarei e deixarei que unjam meu corpo."

Ela se despiu sem constrangimento e se esticou na cama para uma escrava esfregar pomada em seus membros. Meu coração subiu na minha garganta, e minhas mãos suaram ao ver sua beleza.

"Por que demorar, Sinuhe?" ela perguntou quando a escrava foi embora, deixando-a deitada ali despreocupadamente em sua cama. "Por que você não foi? Eu preciso me vestir."

A vertigem tomou conta de mim e eu corri para ela, mas ela me repeliu tão habilmente que eu não pude levá-la e fiquei ali finalmente derramando lágrimas de desejo frustrado.

Eu disse finalmente: "Se eu pudesse comprar essa jóia para você, como você bem sabe - mas ninguém mais tocará em você - eu morrerei primeiro".

"Ah?" ela disse, seus olhos semicerrados. "Você proíbe alguém de me tocar? E se eu entregar este dia para você, Sinuhe - se eu comer, beber e brincar com você hoje - já que ninguém sabe o que o amanhã trará - o que você me dará?"

Ela se esticou na cama de modo que sua barriga lisa ficou oca. Não havia um fio de cabelo nela, nem na cabeça nem no corpo.

"Na verdade, não tenho nada para lhe dar", e olhei ao meu redor enquanto dizia isso - para o chão de lápis-lazúli incrustado de turquesas e para as muitas taças de ouro que havia na sala. "Na verdade, eu não tenho nada para te dar."

Meus joelhos cederam e eu estava me virando quando ela me parou.

"Sinto muito por você, Sinuhe," ela disse suavemente, esticando seu corpo ágil mais uma vez. "Você já me deu o que tinha que valeu a pena dar - embora seu valor me pareça muito superestimado. Mas você tem uma casa, roupas e todos os instrumentos de que um médico precisa. Você não é totalmente pobre, eu acho."

Tremendo da cabeça aos pés, eu disse: "Tudo isso é seu, Nefernefernefer, se você quiser. Vale pouco, mas a casa está preparada para uso médico. Um estudante da Casa da Vida poderia dar um bom preço por se seus pais tivessem os meios."

"Você acha?"

Ela virou as costas nuas para mim, e enquanto se contemplava no vidro, ela passou os dedos finos ao longo das linhas pretas de suas sobrancelhas.

"Como quiser. Encontre um escriba, então, para registrar isso, para que tudo o que você possui possa ser transferido para mim em meu nome. Pois embora eu viva sozinha, não sou uma mulher a ser desprezada, e devo tomar providências para o futuro quando talvez você vai me rejeitar, Sinuhe."

Olhei para suas costas nuas; minha língua ficou grossa em minha boca e meu coração começou a bater tão violentamente que me virei apressadamente e fui. Encontrei um escriba de direito que rapidamente preparou os papéis necessários e os despachou para os arquivos reais para serem guardados. Quando voltei, Nefernefernefer havia se vestido de linho real e usava uma peruca vermelha como ouro; pescoço, pulsos e tornozelos eram adornados com as mais esplêndidas joias. Na entrada, uma bela cadeira a esperava.

Entregando-lhe o recibo do escriba, eu disse: "Tudo o que possuo agora é seu, Nefernefernefer, até as roupas que estou vestindo. Vamos agora comer e beber e nos divertir juntos neste dia, pois ninguém sabe o que o amanhã pode trazer. "

Ela pegou o papel descuidadamente, colocou-o em um caixão de ébano e disse: "Sinto muito, Sinuhe, mas acho que meu problema mensal está sobre mim, então você não pode vir a mim como eu desejava. fiz a purificação designada, pois minha cabeça está pesada e meu corpo me dói. Venha outro dia, e você terá o seu desejo".

Olhei para ela com a morte no peito e não consegui falar. Ela carimbou com impaciência.

"Fora com você. Estou com pressa."

Quando tentei tocá-la, ela disse: "Não manche a tinta do meu rosto".

Fui para casa e arrumei meus pertences, para que tudo ficasse pronto para o novo dono. Meu escravo caolho seguiu cada passo que eu dava, balançando a cabeça, até que sua presença me enlouqueceu. Eu explodi: "Não fique atrás dos meus calcanhares; eu não sou mais

seu mestre. Outro possui você agora. Sirva-o obedientemente quando ele vier, e não roube tanto dele como você fez de mim, pois pode ser que a vara dele seja mais dura que a minha."

Então ele se jogou no chão, levantando as mãos acima da cabeça no profundidade de sua dor e chorando amargamente.

"Não me mande embora, senhor, pois meu velho coração cresceu em seus caminhos e se quebrará se você me banir. Sempre fui fiel a você, embora jovem e simples. O que roubei de você, roubei com o devido respeito à sua vantagem. Eu corri pelas ruas com minhas velhas pernas no calor do meio-dia, gritando seu nome e méritos, embora os servos de outros médicos tenham me batido e jogado esterco em mim.

Meu coração estava como se estivesse cheio de sal, e senti um gosto amargo na boca ao olhar para ele.

Mas fui tocado e, agarrando-o pelos ombros, disse: "Levante-se, Kaptah! muitas vezes mostrou seu temperamento de uma maneira desavergonhada batendo portas e batendo os pratos quando algo o aborreceu. E seu furto não me irritou, pois é um direito de escravo. Fui forçado a entregá-lo contra minha vontade, pois não tinha mais nada para dar; minha casa também se foi, e tudo o que possuo, de modo que nem as roupas das minhas costas são minhas. Você lamenta em vão."

Kaptah rasgou o cabelo e gemeu: "Este é um dia ruim!"

Ele meditou pesadamente por um tempo, e então continuou: "Você é um grande médico, Sinuhe, apesar de sua juventude, e o mundo está diante de você. Será melhor, portanto, que eu me apresse em recolher as coisas que são de maior valor, e quando a escuridão chegar, podemos voar. Podemos ir para as Terras Vermelhas, onde ninguém te conhece, ou para as ilhas no mar onde o vinho é espumante e as mulheres alegres. Na terra de Mitani, também, e na Babilônia, onde os rios correm na direção errada, as artes dos médicos egípcios são altamente consideradas para que você fique rico e eu me torne o servo de um mestre respeitado. Apresse-se, portanto, senhor, para que possamos embalar seus pertences antes de escurecer", e ele puxou minha manga.

"Kaptah, Kaptah! Poupe-me dessa conversa tola. Meu coração está triste até a morte, e meu corpo não é mais meu. Estou preso com grilhões que são mais fortes que correntes de cobre, embora você não os veja. Não posso voar, pois estar ausente de Tebas é estar em uma fornalha incandescente."

Meu servo estava sentado no chão, pois seus pés estavam aflitos com dores inchaços que eu tratava de vez em quando quando tinha lazer.

Ele disse: "Está claro que Amon nos abandonou - o que eu não posso admirar, já que você raramente vai fazer sacrifícios a ele.

sacrifiquei um quinto do que roubei de você em agradecimento por ter recebido um mestre jovem e simples. Agora ele também me abandonou. Bem bem . . . Devemos mudar os deuses e nos apressar em fazer sacrifícios a algum outro que talvez desvie o mal de nós e faça tudo bem novamente."

"Chega dessa bobagem. Você esquece que não temos nada a sacrificar desde tudo agora é de outro."

"Um homem ou uma mulher?"

"Uma mulher", respondi - pois que necessidade havia de escondê-lo?

Quando ele ouviu isso, ele explodiu em nova lamentação. "Oh, que eu nunca tivesse nascido neste mundo! Oh, que minha mãe me estrangulou no cordão umbilical ao nascer! Pois não há destino mais amargo para um escravo do que servir a uma mulher sem coração...

e sem coração deve ser ela quem fez isso com você."

"Ela não é de modo algum insensível", respondi-lhe - pois o homem é tão tolo que preciso falar de Nefernefernefer até mesmo para minha escrava, não tendo mais ninguém em quem confiar. "Nu em seu leito ela é mais bonita que a lua. Seus membros brilham com óleos caros, e seus olhos são verdes como o Nilo no calor do verão. Feliz é você e invejável, Kaptah, se você tem permissão para viver perto dela e respirar o mesmo ar."

Kaptah fez um clamor ainda mais alto.

"Ela vai me vender por um carregador ou um pedreiro - meus pulmões serão sufocados, e o sangue jorrar de minhas unhas, e eu perecerei na lama como um burro mutilado."

Em meu coração eu sabia que isso poderia ser a verdade, pois na casa de Nefernefernefer dificilmente haveria pão e casa para alguém como ele.

Lágrimas caíram dos meus olhos também, embora eu não soubesse se chorava por ele ou por mim mesma. Quando Kaptah viu isso, calou-se imediatamente e olhou para mim horrorizado, mas abaixei a cabeça entre as mãos e não me importei que meu escravo me visse chorar.

Tocando minha cabeça com sua mão larga, ele disse com tristeza: "Isso é tudo culpa minha - eu deveria ter vigiado melhor meu mestre. Mas eu não sonhei que ele era tão branco e puro como um pano antes de sua primeira lavagem. Pois só isso já explicaria. Fiquei maravilhado, de fato, que meu mestre nunca me mandasse buscar uma garota quando voltava à noite da loja de vinhos, e as mulheres que eu lhe enviei para seu prazer foram embora irritadas, chamando-me de rato e corvo carniça. E havia jovens e graciosos entre eles. Mas meu problema foi desperdiçado, e como um idiota eu me alegrei, pensando que você nunca traria uma esposa em sua casa para me dar um tapa na cabeça e jogar água escaldante sobre meus pés sempre que ela tinha brigado com você.

Tolo, idiota que eu era! É o primeiro tição que incendeia a cabana."

Ele também disse muito mais, e o som de sua voz era como o zumbido de moscas em meus ouvidos. Por fim, ele parou e preparou comida para mim e derramou água

sobre minhas mãos. Mas eu não podia comer, pois meu corpo estava em chamas; e, quando a noite chegou, um único pensamento encheu minha mente.

LIVRO 4

Nefernefernefer

1

CEDO de manhã fui à casa de Nefernefernefer, mas ela ainda estava adormecido. Quando despertei seus servos, eles praguejaram e jogaram lixo em cima de mim, então eu sentei na porta como um mendigo até que ouvi movimento e conversas na casa e depois tentei mais uma vez entrar.

Nefernefernefer estava deitada na cama. Seu rosto parecia pequeno e branco, e seu olhos verdes estavam escuros de tanto beber vinho.

"Você me aborrece", disse ela. "O que é que você quer?"

"Para comer e beber e ter prazer com você", respondi pesadamente, "pois assim você prometeu."

"Isso foi ontem. Hoje é um novo dia."

Uma escrava tirou o vestido amarrotado de Nefer e passou óleo e esfregou seus membros. Nefer olhou-se no espelho, pintou o rosto, colocou a peruca e, pegando o novo enfeite de pérolas e pedras preciosas engastadas em ouro antigo, colocou-o na testa.

"É lindo", disse ela, "e vale o preço, embora eu esteja tão cansada como se tivesse lutado a noite toda."

"Então você mentiu para mim ontem, e não havia nada para nos impedir", eu disse, embora em meu coração eu soubesse disso.

"Eu estava enganado - mas minha hora deveria ter chegado, e temo que você me tenha engravidado, Sinuhe, pois eu estava mole em seus braços e você era violento." Mas ela sorriu zombeteiramente.

"Então sua joia vem de uma tumba real na Síria - não foi isso que você me disse ontem?"

"Ah," ela disse suavemente. "Foi encontrado debaixo do travesseiro de um comerciante sírio - mas não deixe que isso o aborreça. Ele era um homem barrigudo, gordo como um porco, e cheirava a cebola. Eu tenho o que eu procurava e não pretendo ver Ele de novo."

Ela tirou a peruca e o enfeite e os deixou cair descuidadamente no chão ao lado da cama. Seu crânio nu era liso e gracioso quando ela se esticou novamente e apoiou a cabeça nas mãos entrelaçadas.

— Estou cansada, Sinuhe, e você abusa de meu cansaço me devorando assim com os olhos quando não tenho forças para impedi-lo. Lembre-se de que, embora eu viva sozinha, não sou uma mulher a ser desprezada.

"Você sabe muito bem que não tenho mais para lhe dar, pois você já possui tudo o que era meu."

Inclinei a cabeça até a beirada da cama e senti o perfume de suas pomadas e de seu corpo. Ela estendeu a mão para tocar meu cabelo, então o retirou rapidamente, rindo e balançando a cabeça.

— Que enganadores são os homens! Você também mente para mim, Sinuhe. Não posso evitar meu carinho por você... sou fraco.

Mas quando eu queria tê-la em meus braços, ela me empurrou e sentou-se, dizendo com uma voz de amargo ressentimento: que seu pai Senmut tem uma casa no bairro pobre perto do porto. A casa vale pouco, mas o terreno em que está fica perto do cais, e sua mobília pode valer alguma coisa no mercado. Eu poderia comer e beber e ter prazer com você hoje se você me der esta propriedade sua - pois ninguém sabe o que o amanhã pode trazer, e eu devo proteger minha reputação."

"A propriedade do meu pai não é minha", eu disse horrorizado. "Você não deve me pedir o que não é meu para dar, Nefernefernefer."

Ela inclinou a cabeça para o lado, me observando com seus olhos verdes.

— A propriedade de seu pai é sua herança legítima, Sinuhe, como você bem sabe. seu próprio."

Isso era verdade, pois quando a visão de meu pai escureceu, ele me deu seu selo e me pediu para cuidar de sua propriedade, pois ele não podia mais ver para assinar

o nome dele. Kipa e ele tinham dito muitas vezes que a casa custaria um bom preço e permitiria que eles comprassem uma pequena propriedade fora da cidade e morassem lá até que chegasse a hora de tomar posse de seu túmulo e começar a jornada para a imortalidade.

Eu não conseguia falar, tão sobrecarregado estava de horror ao pensar em enganar a mãe e o pai que confiavam em mim. Mas Nefernefernefer semicerrou os olhos e murmurou: "Tome minha cabeça entre as mãos - toque meu peito com os lábios - pois há algo em você que me deixa fraco, Sinuhe, para que eu esqueça minha própria vantagem no que diz respeito a você. . O dia todo terei prazer com você se você me transferir a propriedade de seu pai, por pouco que valha a pena.

Peguei sua cabeça entre minhas mãos, e era suave e pequena, me enchendo de uma febre indescritível.

"Assim seja", eu disse, e minha voz ralou em meus próprios ouvidos.

Mas quando eu queria me aproximar dela, ela disse: "Você entrará no reino que já é seu - mas primeiro procure um escriba da lei para preparar o documentos, pois não confio nas promessas dos homens e devo guardar minha reputação".

Deixei-a para chamar um escriba, e cada passo longe dela era um tormento. EU exortei-o a se apressar e, quando tudo terminou, apertei o selo de meu pai no papel e assinei com o nome dele. Mas quando voltei, os criados me disseram que Nefernefernefer estava dormindo, e eu tive que esperar até tarde da noite para ela acordar. Finalmente ela me recebeu, pegou o recibo do escriba e o enfiou descuidadamente no caixão preto.

"Você é obstinado, Sinuhe, mas eu sou uma mulher de honra e sempre mantenho minhas promessas. Pegue o que você veio buscar."

Ela se deitou na cama e abriu o abraço, mas não teve prazer em mim. Ela virou a cabeça para o lado para se olhar no espelho, bocejando atrás das mãos, de modo que o prazer que eu procurava se transformou em cinzas.

Quando me levantei de seu sofá, ela disse: "Você teve o que queria, Sinuhe; agora vá, pois você é muito cansativa. Outro dia você pode voltar, mas sem dúvida já teve tudo o que deseja".

Eu era como a casca de um ovo estourado enquanto cambaleava para casa. Eu desejava estar em paz em um quarto escuro, enterrar a cabeça nas mãos e dar vazão à minha miséria chorando. Mas na varanda estava sentado um estranho usando uma peruca trançada e um manto sírio de muitas cores. Ele me cumprimentou com altivez e disse que viera me consultar como médico.

"Não recebo mais pacientes", disse-lhe, "pois a casa não é mais minha."

"Tenho inchaços malignos nos pés", disse ele, e misturou palavras sírias com o seu discurso. "Seu escravo inteligente Kaptah recomendou sua habilidade em tratar tais inchaços. Alivie-me de meu tormento e você não se arrependerá."

Ele era tão teimoso que finalmente o conduzi ao meu quarto e chamei Kaptah para água quente para lavar as mãos. Não houve resposta, mas só quando examinei os pés do sírio reconheci as próprias articulações retorcidas e esparsas de Kaptah. Meu escravo arrancou sua peruca e explodiu em gargalhadas.

"Que múmia é essa?" exclamei, e dei uma surra nele até que sua risada se transformou em uivos. Quando joguei a vara para o lado, ele disse: "Já que não sou mais seu escravo, mas escravo de outro, posso dizer com segurança que penso em fugir e, portanto, desejava descobrir se você me conheceria neste vestido. ."

Lembrei-o dos castigos que ameaçam os escravos fugitivos e disse-lhe que com certeza seria recapturado mais cedo ou mais tarde, pois com que viver? Mas ele respondeu: "Ontem à noite, tendo bebido muita cerveja, tive um sonho. Você, senhor, estava em uma fornalha ardente, mas eu vim a você com palavras severas e, levantando-o pela nuca, mergulhei em água corrente. que te arrebatou. Desde então fui ao mercado perguntar a um intérprete de sonhos o que isso significa. Ele disse que meu mestre está em perigo e tem uma longa jornada pela frente e que eu, por minha ousadia, deveria vir por muitos golpes. o sonho é verdade, basta ver o seu rosto, senhor, para saber que corre grande perigo. Os golpes já dei, portanto, o fim do sonho também deve ser verdade. Por isso me disfarcei, pois estou decidido a acompanhá-lo em sua jornada."

"Sua lealdade me comove, Kaptah", eu disse e me esforcei para soar zombeteira. "Isto pode ser que uma longa jornada esteja à minha frente, mas se for assim, é para a Casa da Morte, onde você dificilmente me seguirá."

"O amanhã está escondido", foi a resposta atrevida de Kaptah. "Você é jovem e verde como um bezerro não lambido, e não ousa deixá-lo partir sozinho na jornada conturbada para a Casa da Morte e a Terra Ocidental. Como o suficiente, irei com você para ajudá-lo com minha experiência, pois meu coração está ligado a você, apesar de sua tolice. Embora sem dúvida eu tenha gerado muitos filhos em meu tempo, nunca vi nenhum deles e, portanto, tenho o capricho de pensar em você como meu filho. Com isso não quero ofender; Eu procuro apenas expressar minha afeição por você."

Isso estava levando a insolência longe demais, mas eu não tinha coragem suficiente para espancá-lo, e ele não era mais meu escravo. Fechei-me no quarto e cobri a cabeça e dormi como um morto até de manhã, pois não há narcótico como a vergonha e o remorso se forem suficientemente profundos. No entanto, quando finalmente acordei, as primeiras coisas de que me lembrei foram os olhos de Nefernefernefer e seu corpo, e parecia segurar sua cabeça lisa em minhas mãos e sentir seu peito contra o meu. Lavei, me vesti e ungi meu rosto para ir até ela.

Nefernefernefer me recebeu em seu jardim ao lado da piscina de lótus. Seus olhos eram claros, alegres e mais verdes que as águas do Nilo. Quando ela me viu, ela gritou: "Ó Sinuhe! Então você voltou - talvez eu ainda não seja tão velha e feia. O que você quer?"

Olhei para ela como um faminto olha para o pão até que ela inclinou a cabeça em desagrado.

— Sinuhe, Sinuhe... de novo? Moro sozinha, de fato, mas não sou uma mulher desprezível, e devo proteger minha reputação.

"Ontem entreguei a você todos os bens de meu pai; e ele agora é um homem pobre, embora anteriormente um médico respeitado. Sendo cego, ele deve mendigar pão na velhice, enquanto minha mãe deve lavar a roupa de outros."

"Ontem foi ontem e hoje é hoje." Seus olhos se estreitaram. "Mas eu não sou extorsivo. Você pode se sentar ao meu lado e segurar minha mão. Estou feliz hoje e pelo menos compartilharia a alegria do meu coração com você, se não houver outro prazer."

Ela riu maliciosamente e acariciou sua barriga com uma mão leve. "Você não pergunta por que meu coração está feliz hoje, mas eu vou te dizer. Você deve saber que um homem distinto do Reino Inferior chegou à cidade, e ele traz consigo uma tigela de ouro de quase cem debens, sobre os quais estão gravadas muitas imagens bonitas e divertidas. Ele é velho, certamente, e tão magro que suas pernas velhas vão me irritar, mas acredito que pela manhã aquela tigela adornará minha casa."

Ela fingiu um suspiro profundo quando eu não respondi e se sentou com seu olhar sonhador nos lótus e nas outras flores daquele jardim. Então, lentamente, tirando o roupão, ela desceu para a piscina. Sua cabeça se ergueu da água ao lado de uma flor de lótus, e ela era mais bela do que todos os lótus. Flutuando diante de mim com as mãos atrás da cabeça, ela disse: "Você está em silêncio hoje, Sinuhe! Certamente não fui eu que o magoei sem querer? Eu ficaria feliz em fazer as pazes se pudesse."

Eu respondi, apesar de mim mesmo: "Você sabe muito bem o que é que eu quero, Nefernefernefer."

"Seu rosto está corado e posso ver o sangue pulsando em suas têmporas. Não seria bom deixar de lado seu roupão e descer na piscina aqui comigo para se refrescar neste dia quente? Ninguém pode nos ver aqui, então não hesite."

Eu me despi e desci na piscina, e meu lado tocou o dela. Mas quando eu a teria segurado, ela me evitou, rindo e jogando água no meu rosto.

"Eu entendo o que você quer, Sinuhe, embora eu seja muito tímida para olhar para você. Mas primeiro você deve me dar um presente, pois você sabe que eu não sou uma mulher para ser desprezada."

Eu gritei em minha ira: "Você está louco? Você sabe que me roubou tudo! Estou envergonhado e nunca mais ousou olhar meus pais na cara. Mas eu ainda sou um médico, e meu nome está escrito no Livro de Vida. Talvez eu ainda possa ganhar o suficiente para lhe dar um presente digno de você. Tenha piedade de mim agora, pois até na água eu queimo como no fogo e mordo minha mão até o sangue fluir quando olho para você."

Ela se esticou na água, seus seios subindo acima da superfície como duas flores rosadas. Ela olhou para mim por baixo de suas pálpebras pintadas de verde e disse: "Não podemos pensar em nada para você me dar? Pois eu fraquejo, Sinuhe; é perturbador para mim vê-la nua em meu cocô. Você é desajeitada e sem experiência, no entanto, acho que um dia eu poderia lhe ensinar muita coisa que você ainda não sabe - truques para aguçar o prazer de um homem e também o de uma mulher. Pense nisso, Sinuhe!"

Quando eu a agarrei, ela saiu rapidamente da piscina e de pé atrás de uma árvore sacudi a água de seus braços.

"Eu sou apenas uma mulher fraca, e os homens são enganadores – você também, Sinuhe! Não é assim, você nunca teria escondido de mim que seus pais construíram um belo túmulo para si na Cidade dos Mortos e pagaram ao templo a quantia necessária para o embalsamamento de seus corpos contra a morte e para as coisas necessárias para sua jornada para a Terra Ocidental."

Quando ouvi isso, rasguei meu peito com as mãos até o sangue sair.

"Devo privar meus pais da imortalidade e deixar seus corpos se dissolverem no nada como os corpos de mendigos e escravos e aqueles que são lançados no rio por seus crimes? Você não pode exigir tal coisa de mim!"

As lágrimas estavam rolando pelo meu rosto. Embora eu gemesse de angústia, fui até ela, e ela pressionou sua nudez contra mim, dizendo: "Dê-me o túmulo de seus pais e eu vou sussurrar 'meu irmão' em seu ouvido e ser para você um fogo de prazer e ensinar mil coisas desconhecidas para você para lhe trazer alegria!"

Eu não tinha domínio de mim mesmo, mas chorei.

"Seja assim, e que seu nome seja amaldiçoado por toda a eternidade - mas resista a você. Eu não posso, tão poderoso é o feitiço pelo qual você me segura."

"Não fale de feitiçaria, pois isso me ofende. Como você é tedioso e sem humor, enviarei um servo para o escriba enquanto comemos e bebemos para alegrar nossos corações, para que possamos desfrutar uns dos outros quando os papéis estiverem em ordem. ." E com uma risada alegre ela correu para dentro de casa.

Eu me vesti e a segui; servos derramaram água sobre minhas mãos e se curvaram, estendendo as mãos na altura dos joelhos. Mas pelas minhas costas eles riam e zombavam de mim, embora eu fingisse que o escárnio deles não era mais do que o zumbido de moscas no meu ouvido. Quando Nefernefernefer desceu, eles ficaram em silêncio; comemos e bebemos juntos, e havia cinco tipos de carne e doze tipos de doces, e bebíamos vinho misturado, que sobe rapidamente à cabeça. O escriba da lei veio e escreveu os papéis necessários. Eu transferi para Nefernefernefer o túmulo de meus pais na Cidade dos Mortos, com seus móveis, também seu depósito no templo, defraudando-os da imortalidade e de sua esperança de viajar para a Terra Ocidental. Apertei o selo de meu pai no papel e assinei com o nome dele, e o escriba se comprometeu a enviar os documentos para os arquivos reais naquele mesmo dia e assim torná-los legalmente válidos. Ele entregou o recibo a Nefernefernefer; ela o colocou no caixão preto e pagou-lhe pelo trabalho.

Quando ele se foi, eu disse: "A partir desta hora sou amaldiçoado e desonrado diante dos deuses e dos homens - é um preço alto a pagar. Prove-me agora que não é muito alto".

Mas ela sorriu.

"Beba vinho, meu irmão, para que seu coração se alegre."

Quando eu a teria agarrado, ela me evadiu e encheu minha taça de vinho da jarra. Logo ela olhou para o sol e disse: "Veja, o dia acabou, e logo será noite. Para que você fica?"

"Bem, você sabe!"

"E você sabe bem qual poço é mais profundo e qual poço é sem fundo, Sinuhe. Devo me apressar em vestir e pintar meu rosto, pois um cálice de ouro me espera, que amanhã enfeitará minha casa."

Quando eu a teria reunido em meus braços, ela escorregou de mim com um risada estridente e chamou os servos, que imediatamente obedeceram ao seu chamado.

"Como esse mendigo insuportável entrou em minha casa? Jogue-o fora imediatamente e deixe-o nunca mais entrar em minhas portas! Se ele resistir, bata nele."

Os criados me jogaram para fora, entorpecido como eu estava com vinho e fúria, e vieram novamente para me bater com paus quando eu bati na porta externa gradeada. E quando as pessoas começaram a se reunir no local por causa do meu rugido, os servos

declarou: "Este bêbado insultou nossa senhora, que mora em sua própria casa e não é uma mulher para ser desprezada".

Eles me bateram até eu perder os sentidos e me deixaram deitado na rua, onde homens cuspiram em mim e cachorros molharam minhas roupas.

Quando voltei a mim, estava sem vontade de me levantar e fiquei ali imóvel até de manhã. A escuridão me escondeu e senti que nunca mais ousaria mostrar meu rosto novamente. O príncipe me chamou de Aquele que está sozinho e eu era certamente o mortal mais solitário do mundo naquela noite. Mas quando amanheceu, quando as pessoas começaram a se mover pelas ruas, e os mercadores exibiram suas mercadorias diante de suas barracas, e os carros de bois passaram, eu me levantei e deixei a cidade e me escondi entre os juncos por três dias e três noites sem comida ou beber. Coração e corpo eram uma ferida horrível. Se alguém tivesse falado comigo então, eu deveria ter gritado em voz alta, e temi pela minha razão.

3

No terceiro dia lavei as mãos e os pés e lavei o sangue seco das minhas roupas. Virando o rosto para a cidade, fui para minha própria casa. Mas a casa não era mais minha, e na porta estava a placa de outro médico. Chamei Kaptah, e ele veio correndo, soluçando de alegria, e jogou os braços sobre meus joelhos.

"Mestre - pois em meu coração você ainda é meu mestre, não importa quem possa me dar ordens. Chegou aqui um jovem que se considera um grande médico. Ele está experimentando suas roupas e rindo de prazer. Sua mãe já foi até a cozinha jogar água quente nos meus pés e me chamar de rato e mosca de esterco. Mas seus pacientes sentem sua falta - dizem que a mão dele não é tão leve quanto a sua e que ele não entende suas doenças como você. ."

Ele balbuciou, mas seu único olho avermelhado estava fixo em mim com um olhar de horror até que finalmente disse: "Conte-me tudo, Kaptah. Meu coração já é uma pedra dentro do peito e incapaz de mais dor."

Então, levantando os braços para expressar o mais profundo pesar, ele declarou: "Eu teria dado meu único olho restante para poupá-lo dessa dor - mas o dia é mau, e é bom que você tenha vindo. Seus pais estão mortos".

"Meu pai Senmut e minha mãe Kipa", disse eu, levantando minhas mãos enquanto exigências do costume, e meu coração se agitou em meu peito.

"Hoje os servidores da lei arrombaram a porta deles, tendo ontem notificado o despejo, mas os encontraram deitados na cama sem mais respirar. Hoje, portanto, você deve trazê-los para a Casa dos Mortos, pois amanhã sua casa será demolida, por ordem do novo proprietário."

"Meus pais sabiam por que isso aconteceu?" perguntei e não consegui olhar meu escravo na cara.

"Seu pai Senmut veio procurá-lo; sua mãe o conduziu, pois ele não podia ver. Eles eram velhos e frágeis, e tremiam enquanto caminhavam. Mas eu não sabia onde você estava. Seu pai disse que era melhor que caminho, e contou como os servos da lei o expulsaram de sua casa e selaram seus peitos e todos os seus bens para que ele e sua esposa não possuíssem mais do que os trapos que tinham sobre eles. Quando ele perguntou o motivo por tudo isso, os oficiais de justiça riram e disseram que seu filho Sinuhe havia vendido a casa e a propriedade e o túmulo de seus pais por ouro para dar a uma mulher má. carta para você através de algum escriba.

"Mas um novo homem tinha vindo para a casa, e nesse momento a mãe deste homem veio para mim e me bateu com uma vara porque eu estava perdendo meu tempo na companhia de um mendigo. Talvez você acredite em mim quando eu lhe disser isso. Eu teria dado a seu pai o pedaço de cobre, pois embora eu ainda não tenha sido capaz de roubar nada de meu novo senhor, ainda tenho cobre e prata que roubei de você e de meus mestres anteriores. Mas quando voltei para a rua, seus pais já tinham ido. A mãe do meu novo senhor me proibiu de correr atrás deles e me encerrou na assadeira durante a noite para que eu não fugisse.

"Meu pai não deixou nenhuma mensagem?"

"Ele não deixou nenhuma mensagem, senhor."

Embora meu coração fosse uma pedra no peito, meus pensamentos eram serenos como pássaros no ar fresco. Tendo refletido por um tempo, eu disse a Kaptah: "Dê-me todo o cobre e prata que você tem - dê-me rapidamente - e pode ser que Amon ou algum outro deus o recompense se eu não puder. meus pais para a Casa da Morte, e não tenho mais como pagar o embalsamamento de seus corpos."

Kaptah começou a chorar e lamentar-se, mas por fim foi para um canto do jardim, olhando para um lado e para o outro como faz um cão que enterrou um osso. Erguendo uma pedra, tirou um trapo no qual havia atado sua prata e cobre, menos

de dois deben, embora fosse a economia de uma vida. Ele me deu tudo, embora com muitas lágrimas; bendito seja ele, portanto, por toda a eternidade.

Apressei-me para a casa do meu pai, onde encontrei as portas arrombadas e os lacres colocado sobre tudo o que estava dentro. Vizinhos estavam de pé no jardim; eles ergueram as mãos e se afastaram de mim horrorizados, sem dizer uma palavra. No quarto interno, Senmut e Kipa estavam deitados na cama, com os rostos tão rosados como quando estavam vivos, e no chão havia um braseiro ainda fumegante em cuja fumaça haviam perecido, tendo fechado bem as venezianas e as portas. Envolvi seus corpos no sudário, ignorando as focas nele, e procurei um motorista de burro, que concordou em levar os corpos.

Com sua ajuda, eu os coloquei nas costas do burro e os trouxe para a Casa da Morte. Mas na Casa da Morte eles não os aceitaram, pois eu não tinha prata suficiente para pagar nem mesmo a forma mais barata de embalsamamento.

Então eu disse aos lavadores de cadáveres: "Eu sou Sinuhe, filho de Senmut, e meu nome está inscrito no Livro da Vida, embora um destino difícil me privou de prata suficiente para pagar o enterro de meus pais. Portanto, eu te suplico em nome de Amon e de todos os deuses do Egito; embalsamar os corpos de meus pais, e eu os servirei com o melhor de minha habilidade pelo tempo que for necessário para completar sua preservação."

Eles xingaram minha teimosia e me xingaram, mas por fim o capataz poxeaten aceitou o dinheiro de Kaptah, prendeu um gancho sob o queixo de meu pai e o jogou na grande banheira. Ele fez o mesmo com minha mãe, jogando-a na mesma banheira. Havia trinta desses banhos. Todos os dias um deles era enchido e outro esvaziado para que os corpos dos pobres ficassem por trinta dias mergulhados em sal e lixívia para preservá-los contra a morte. Nada mais do que isso foi feito por eles, embora eu não soubesse disso na época.

Tive que voltar para a casa de meu pai com a mortalha, que trazia sobre ela a selo da lei. O capataz lavador zombou de mim, dizendo: "Volte antes de amanhã, ou vamos arrastar os corpos de seus pais e jogá-los aos cachorros".

Com isso vi que ele me considerava um mentiroso e não um médico.

Voltei com o coração de pedra para a casa de meu pai, embora os tijolos de barro em ruínas de suas paredes gritassem por mim, assim como o sicômoro no jardim e a piscina da minha infância. Portanto, eu me virei rapidamente depois de colocar a cobertura de volta em seu lugar, mas na porta encontrei um escriba que exercia seu ofício na esquina da rua com o negociante de especiarias. Ele disse: "Sinuhe, filho de Senmut, o Justo - é você?"

"Sou eu."

"Não fuja de mim, pois tenho uma mensagem para você de seu pai. Ele não o encontrou em sua casa."

Afundi no chão e cobri minha cabeça com as mãos enquanto o escriba tirou um papel do qual leu em voz alta:

"Eu Senmut, cujo nome está inscrito no Livro da Vida, e sua esposa Kipa enviamos esta saudação ao nosso filho Sinuhe, que na casa do Faraó recebeu o nome de Aquele que está sozinho. trouxeram-nos apenas alegria, e grande foi o nosso orgulho em você. Estamos tristes por sua causa porque você encontrou reveses, e não pudemos ajudá-lo como devíamos ter desejado. E acreditamos que em todos vocês você foi justificado e não pôde evitar. Não se aflija por nós, embora você deva vender nosso túmulo, pois certamente você não teria feito isso sem uma boa razão. Mas os servos da lei estão com pressa e não temos tempo para aguardar nossa morte. A morte é tão bem-vinda para nós agora quanto o sono para o cansado - como o lar para o fugitivo. Nossa vida tem sido longa e suas alegrias muitas, mas a maior alegria de todas que tivemos de você, Sinuhe -

você que veio até nós do rio quando já éramos velhos e solitários.

"Portanto, nós os abençoamos. Não se entristeça porque não temos túmulo, pois todos a existência é apenas vaidade, e talvez seja melhor que desapareçamos no nada, sem procurar encontrar mais perigos e dificuldades nessa difícil jornada para a Terra Ocidental. Lembre-se sempre de que nossa morte foi fácil e que o abençoamos antes de partir. Que todos os deuses do Egito o protejam do perigo, que seu coração seja protegido da tristeza, e que você encontre em seus filhos tanta alegria quanto nós encontramos em você. Tal é o desejo de seu pai Senmut e sua mãe Kipa."

A pedra do meu coração derreteu-se e escorreu em lágrimas sobre o pó. O escriba disse: "Aqui está a carta. Ela não traz o selo de seu pai, nem ele podia ver para escrever seu nome, mas você certamente acreditará em mim quando eu lhe disser que escrevi palavra por palavra sob seu ditado; além disso, as lágrimas de sua mãe borraram os personagens aqui e ali."

Ele me mostrou o papel, mas meus olhos estavam cegos pelas lágrimas e não viram nada. Enrolando-o, ele colocou-o na minha mão e continuou: "Seu pai Senmut era um homem justo e sua mãe Kipa uma boa mulher - embora às vezes falasse de língua, como é o jeito das mulheres. Então eu escrevi isso para você. meu pai, embora ele não tivesse o menor presente para me dar, e eu lhe darei o papel, embora seja um bom papel e possa ser limpo e usado novamente."

Refleti um pouco e então disse: "Nem eu tenho nenhum presente para você, excelente homem. Pegue minha túnica, pois é de boa qualidade, embora agora suja e amassada. Que todos os deuses do Egito o abençoem e que seu corpo seja

preservado para sempre, pois nem mesmo você conhece o mérito da ação que fez."

Ele pegou a toalha de ombro e foi, acenando acima de sua cabeça e rindo para a alegria. Mas eu fui à Casa da Morte vestido apenas com uma tanga, como um escravo ou um boieiro, para servir os lavadores de cadáveres por trinta dias e noites.

4

Como médico, imaginei ter visto tudo o que havia para ver de morte e sofrimento e me endurecer com cheiros fétidos e lidar com furúnculos e feridas purulentas. Ao iniciar meu serviço na Casa da Morte, descobri que era uma criança e não sabia de nada. Os pobres, de fato, nos deram poucos problemas. Eles se deitavam pacificamente em seus banhos no cheiro forte de sal e lixívia, e logo aprendi a manejar o gancho com o qual eram movidos. Mas os corpos dos da melhor classe exigiam um tratamento mais elaborado, e enxaguar as vísceras e colocá-las em potes exigia uma mente endurecida. Ainda mais endurecido deve ser testemunhar a pilhagem dos mortos por Amon, excedendo a dos vivos. O preço do embalsamamento variava de acordo com os meios, e os embalsamadores mentiam para os parentes dos mortos, cobrando muitos óleos caros, pomadas e conservantes que juravam usar, embora tudo fosse apenas um e o mesmo óleo de gergelim. Apenas os corpos dos ilustres foram preparados com toda a habilidade. As demais eram preenchidas com um óleo corrosivo que consumia as vísceras, sendo a cavidade então preenchida com juncos embebidos em resina. Para os pobres nem isso foi feito; depois de retirados da bacia, no trigésimo dia, deixaram-se secar e depois foram entregues aos seus familiares.

A Casa da Morte era supervisionada pelos sacerdotes. Mesmo assim, o corpo lavadores e embalsamadores roubavam tudo em que podiam pôr as mãos e viam isso como seu direito. Somente os malditos dos deuses ou criminosos que fugiam da autoridade serviam como lavadores de cadáveres, e podiam ser reconhecidos de longe pelo cheiro de sal e lixívia e cadáveres inseparáveis de seu comércio, de modo que as pessoas os evitavam e não os admitiam na loja de vinhos. ou casa de prazer.

Desde que eu me ofereci para trabalhar entre eles, os lavadores de cadáveres supunham que eu era como um deles, e eles não esconderam nenhuma de suas ações de mim. Se eu já não tivesse presenciado coisas piores, teria fugido horrorizado com a forma como contaminaram os corpos até dos mais ilustres, mutilando-os para vender às feiticeiras os órgãos de que precisavam. Se houver uma Terra Ocidental - o que, pelo bem de meus pais, espero que haja - acredito que muitos dos mortos ficarão maravilhados com sua própria condição desmembrada quando começarem sua jornada, apesar das quantias pagas ao templo por suas enterros.

Mas a maior alegria na Casa da Morte ocorreu quando o corpo de uma jovem foi trazida, não importa se ela era bonita ou simples. Ela não foi imediatamente jogada no banho, mas por uma noite foi mantida como companheira de cama dos lavadores de cadáveres; eles brigaram e lançaram sortes sobre quem deveria tê-la primeiro. Pois esses homens eram tão abominados que nem a mais miserável prostituta se submeteria a eles, embora lhe oferecessem ouro. Nem mesmo as negras os aceitavam, mas os mantinham com grande pavor.

Quando uma vez um homem entrou na Casa da Morte e serviu lá como lavador de cadáveres, ele deixou o local, mas raramente por causa da aversão em que sua casta era mantida, e viveu sua vida entre as carcaças. Nos primeiros dias, todos eles me pareceram estar sob a maldição dos deuses, e sua conversa enquanto zombavam e profanavam os corpos indignava meus ouvidos. Mais tarde descobri que mesmo entre estes havia artesãos habilidosos que tinham seu ofício em alta honra, considerando-o o mais importante de todos, e entre os melhores dos quais era hereditário. Cada um deles se especializou em algum ramo, como os médicos da Casa da Vida, de modo que um tratava da cabeça, outro da barriga, um terço do coração, um quarto dos pulmões, até que cada parte do corpo fosse tratada sua preservação eterna.

Entre eles estava um homem idoso chamado Ramose, cuja tarefa era a mais difícil de tudo: ele teve que separar o cérebro e puxá-lo pelo nariz com uma pinça, e depois lavar o crânio com óleos purificantes. Ele notou a destreza de minhas mãos com espanto e começou a me instruir para que, quando eu completasse metade do meu serviço na Casa da Morte, ele me fizesse seu assistente, e a vida para mim se tornasse mais suportável. Eu o ajudei em seu trabalho, que era o mais limpo e mais respeitado de todos naquele lugar, e sua influência era tão grande que outros não ousavam mais me assustar ou jogar tripas e miudezas em cima de mim.

Não sei como ele tinha esse poder, pois nunca levantou a voz.

Quando observei o ladrão e vi quão pouco foi feito para preservar o corpos dos pobres, embora a taxa fosse grande, resolvi ajudar meus pais sozinho e roubar para eles a vida eterna. Pois, na minha opinião, meu pecado contra eles já era tão hediondo que não poderia ser tornado mais negro por um roubo. A única esperança e alegria de sua velhice tinha sido a de sua própria preservação eterna, e em minha

desejando cumprir esta esperança, embalsamei-os, com a ajuda de Ramose, e os amarrei em faixas de linho, permanecendo para isso quarenta dias e quarenta noites na Casa da Morte. Prolongou-se assim a minha permanência para roubar o suficiente para o tratamento adequado dos corpos. Mas eu não tinha tumba para eles - nem mesmo um caixão de madeira - e não podia fazer mais do que costurá-los em um couro de boi.

Quando estava pronto para deixar a Casa da Morte, fiquei indeciso e meu coração bateu no meu peito. Ramose, que notara minha habilidade, convidou-me a permanecer como seu assistente. Eu poderia então ter ganho e roubado muito e vivido minha vida nas tocas da Casa da Morte sem o conhecimento de nenhum de meus amigos e livre dos vexames e sofrimentos de uma vida normal. No entanto, eu não faria - e quem pode dizer por quê?

Depois de me lavar e me purificar completamente, saí do House of Death, enquanto os lavadores de cadáveres gritavam xingamentos atrás de mim e zombavam. Eles não queriam dizer mal com isso; era sua maneira de falar um com o outro, e a única maneira que conheciam. Eles me ajudaram a fazer o couro de boi. Embora eu tivesse me lavado, os transeuntes me afastaram, tapando o nariz e fazendo gestos insultuosos, tão impregnada eu estava no fedor da Casa da Morte. Ninguém me levaria para o outro lado do rio. Esperei até o anoitecer quando, indiferente ao vigia, roubei um barco de junco e remei os corpos de meus pais até a Cidade dos Mortos.

5

A Cidade dos Mortos era estritamente guardada noite e dia, e eu não podia encontrar uma tumba não vigiada para esconder meus pais para que possam viver para sempre e desfrutar das oferendas que foram trazidas para os ricos e ilustres mortos. Então eu os levei para o deserto, onde o sol queimou minhas costas e tirou a força de meus membros até eu gritar na crença de que estava morrendo. Mas carreguei meu fardo para as colinas por trilhas perigosas que apenas ladrões de túmulos ousavam usar e para o vale proibido onde os faraós estão sepultados.

Chacais uivavam na noite, cobras venenosas do deserto silvavam para mim, e escorpiões rastejavam sobre as rochas quentes. Não senti medo, pois meu coração estava endurecido contra todo perigo. Por mais jovem que eu fosse, eu teria saudado a morte

de bom grado se a morte tivesse pensado em mim. Meu retorno à luz do sol e ao mundo dos homens me fez sentir novamente a amargura da minha vergonha, e a vida não tinha nada a oferecer. Eu.

Eu não tinha aprendido então que a morte evita um homem que a deseja, para arrebatá-lo aquele cujo coração se apegava à vida. Serpentes fugiram do meu caminho, escorpiões não me fizeram mal, e o calor do sol do deserto não me sufocou. Os vigias do vale proibido eram cegos e surdos e nunca ouviram o barulho das pedras enquanto eu descia. Se tivessem me visto, teriam me matado instantaneamente e deixado meu corpo para os chacais. Assim, o vale proibido se abriu diante de mim, mortalmente imóvel e para mim mais majestoso em sua desolação do que todos os faraós entronizados em sua vida jamais haviam sido.

Andei por aquele vale a noite toda, procurando a tumba de algum grande faraó. Tendo chegado tão longe, senti que apenas o melhor era bom o suficiente para meus pais. Procurei e encontrei uma tumba cujo faraó não tinha muito tempo a bordo do barco de Amon, para que as oferendas fossem frescas e as cerimônias de morte em seu templo na praia fossem realizadas sem falhas.

Quando a lua se pôs, cavei um buraco na areia ao lado da porta e lá os enterrei. Longe, no deserto, chacais uivavam. Parecia-me que Anúbis estava no exterior, cuidando de meu pai e minha mãe e fazendo companhia a eles em sua última viagem. E eu sabia que seus corações não seriam encontrados em falta nas grandes escalas antes de Osíris, embora eles não tivessem os livros de morte dos sacerdotes e as mentiras aprendidas de cor às quais os ricos depositavam sua fé. Doce foi o alívio em minha alma quando eu joguei a areia sobre eles, pois eles viveriam de eternidade a eternidade ao lado do grande Faraó e humildemente desfrutariam das boas ofertas apresentadas a ele. Na Terra Ocidental eles viajariam no barco do Faraó, comeriam o pão do Faraó e beberiam seu vinho.

Enquanto eu amontoava a areia sobre eles, minha mão bateu em algo duro, e descobri que estava segurando um escaravelho sagrado esculpido em pedra vermelha, com pequenas jóias para os olhos e gravados com sinais sagrados. Estremeci e minhas lágrimas caíram na areia, pois me pareceu que meus pais me deram um sinal dizendo que estavam contentes e em paz. Eu escolhi acreditar nisso, embora soubesse que o escaravelho devia ter caído de entre os móveis da tumba do faraó.

A lua havia se posto e o céu estava ficando pálido. Curvei-me na areia; Eu levantei minhas mãos e me despedi de meu pai Senmut e minha mãe Kipa. Que seus corpos durem para sempre, e que suas vidas na Terra Ocidental sejam cheias de todo o prazer. Só por eles, eu poderia esperar que tal terra existisse, embora eu não acreditasse mais nela.

Recuperei as margens do Nilo naquele mesmo dia, bebi de suas águas e deitei para dormir entre os juncos. Meus pés foram cortados e rasgados, minhas mãos sangrando.

O deserto havia me cegado, e meu corpo estava queimado e cheio de bolhas, mas eu sobrevivi, e o sono venceu a dor, pois estava muito cansado.

6

De manhã acordei com o grasnar dos patos entre os juncos; Amon navegou em seu barco dourado pelo céu, e da margem distante chegou aos meus ouvidos o murmúrio da cidade. Embarcações fluviais deslizavam sob velas vermelhas; lavadeiras batiam palmas, rindo e gritando umas com as outras enquanto trabalhavam. A manhã era jovem e fresca, mas meu coração estava vazio e a vida como cinzas em minhas mãos.

Eu tinha feito a expiação que pude, e agora parecia não haver mais propósito ou objetivo para minha existência. Eu usava uma tanga esfarrapada, como uma escrava; minhas costas estavam queimadas e cheias de crostas; e eu não possuía nem a menor moeda de cobre para comprar comida. Eu sabia que, se me movesse, logo encontraria os guardas, que me desafiariam. Eu não seria capaz de respondê-las, pois acreditava que o nome Sinuhe era amaldiçoado e desonrado para sempre.

Eu estava meditando sobre isso quando percebi uma criatura viva perto de mim, embora à primeira vista eu não o imaginasse como humano, mas sim como um espectro de um sonho maligno. Havia um buraco onde deveria estar o nariz, suas orelhas foram cortadas e ele estava terrivelmente magro. Quando o olhei mais de perto, vi que suas mãos eram grandes e ossudas e seu corpo duro e cheio de cicatrizes por causa de fardos ou do atrito das cordas.

Quando ele viu que eu o tinha observado, ele falou. "O que é isso que você segura com tanta força em sua mão?"

Abri-o e mostrei-lhe o escaravelho sagrado do faraó, que encontrei na areia do vale proibido, e ele disse: "Dê-me para que possa me trazer sorte, pois estou precisando muito dela, pobre coitado que sou".

Eu respondi: "Eu também sou pobre e não possuo nada além deste escaravelho. Vou mantê-lo como um talismã para me trazer boa sorte."

"Embora eu seja pobre e miserável, você terá uma moeda de prata para isso, embora isso seja demais para dar por um pedaço de pedra colorida. Mas sinto compaixão por sua pobreza. Aqui está a moeda de prata."

E, de fato, ele tirou uma moeda de prata de seu cinto. No entanto, fiquei cada vez mais decidido a manter o escaravelho e obcecado com a ideia de que ele me faria prosperar, e assim lhe contei.

Ele retrucou irado: "Você esquece que eu poderia tê-lo matado onde você estava, pois eu estava observando você por um longo tempo enquanto você dormia, imaginando o que você segurava com tanta força em sua mão. Eu esperei até que você acordasse, mas me arrependo agora de não ter te matado, já que você é tão ingrato."

"Vejo pelos seus ouvidos e nariz que você é um criminoso que escapou das pedreiras. Você foi bem-vindo para me matar enquanto eu dormia - teria sido uma ação gentil, pois estou sozinho e não tenho para onde ir. Mas tome cuidado e fuja daqui, pois se os guardas o virem, eles o açoitarão e o pendurarão de cabeça para baixo nas paredes ou pelo menos o levarão de volta de onde você veio.

"Que tipo de estranho você não sabe que eu não preciso temer os guardas, sendo um homem livre e não escravo? Eu poderia entrar na cidade se quisesse, mas não me importo de andar pelas ruas, pois meu rosto aterroriza as crianças."

"Como pode ser livre aquele que foi condenado a uma vida inteira de trabalho nas pedreiras, por tanto que vejo pelo seu nariz e ouvidos?" Eu zombei, pensando que ele se gabava.

Ele respondeu: "Vocês não sabem então que o príncipe, quando foi coroado com a coroa dos Reinos Superior e Inferior, decretou que todos os laços fossem soltos e todos os escravos libertados das minas e pedreiras para que aqueles que trabalham lá agora sejam homens livres e são pagos por sua labuta?"

Ele riu para si mesmo e continuou: "Muitos sujeitos robustos agora habitam entre os juncos e vivem das oferendas das mesas dos homens ricos na Cidade dos Mortos - pois os vigias nos temem, e nós não tememos ninguém, nem mesmo os Mortos. Nenhum homem que esteve nas minas, não há pior destino do que ser enviado para lá como escravo, como você bem sabe. Muitos de nós não temem nem mesmo os deuses, embora eu acredite que a prudência seja uma virtude, e eu sou um homem piedoso - se eu _vivi por dez anos em uma mina."

Ouvi agora pela primeira vez que o herdeiro tinha subido ao trono como Amenhotep IV e libertou todos os escravos e prisioneiros, de modo que as minas e pedreiras a leste da costa ficaram desertas, também as do Sinai. Pois não havia ninguém no Egito tão louco a ponto de trabalhar nas minas por sua própria vontade. A consorte real era a princesa de Mitani, que ainda brincava com bonecas, e o faraó servia a um novo deus.

"Seu deus é certamente muito notável", disse o ex-escravo, "porque ele faz Faraó agir como um louco. Ladrões e assassinos agora vagam livremente pelos Dois Reinos, as minas estão desertas e a riqueza do Egito vê

nenhum aumento. Eu, de fato, sou inocente de fazer o mal, sendo vítima de injustiça, mas tais coisas sempre aconteceram e sempre acontecerão. É uma loucura cortar os grilhões de centenas e milhares de criminosos para que um homem inocente seja libertado. Mas isso é assunto do Faraó, não meu. Deixe-o pensar por mim."

Ele estava me examinando enquanto falava, sentindo meus braços e as crostas nas minhas costas. Ele não tinha medo do cheiro que ainda pairava sobre mim da Casa da Morte, e estava claro que ele tinha pena de mim por causa da minha juventude, pois ele disse: "Sua pele está queimada; eu tenho óleo. ?"

Ele esfregou óleo em minhas pernas e braços, mas xingou enquanto fazia isso.

"Por Amon, não sei por que faço isso, pois para que você me serve? Ninguém me oleou quando fui espancado e ferido e insultei os deuses por causa da injustiça feita contra mim."

Eu sabia muito bem que todos os escravos e condenados protestam sua inocência, mas ele era bom para mim, e eu desejava ser o mesmo para ele. Além disso, eu estava tão só que temia que ele fosse e me deixasse em minha desolação. Então eu disse: "Conte-me a injustiça que foi feita a você, para que eu possa sofrer com você".

"Saiba então", ele começou, "que eu já fui um homem livre com terra para cultivar, uma cabana, uma esposa, bois e cerveja na minha jarra. Mas eu também tinha um vizinho, um homem influente chamado Anukis – que seu corpo apodreça! Nenhum olho poderia medir sua terra; seu gado era incontável como grãos de areia do deserto, e seu rugido era como o rugido do oceano - no entanto, ele também cobiçou meu pequeno pedaço de terra. Ele me causou todo tipo de aborrecimento, e depois de cada enchente, quando o solo era medido novamente, a pedra do limite era movida para mais perto de minha cabana, e eu perdi terra. Não havia nada que eu pudesse fazer; os agrimensores ouviram a ele e não a mim, porque ele lhes deu belos presentes."

O sem nariz suspirou e esfregou mais óleo nas minhas costas.

"No entanto, eu ainda poderia estar morando em minha cabana se os deuses não me amaldiçoassem com uma linda filha. Eu tive cinco filhos e três filhas, pois os pobres se reproduzem rapidamente. Quando eles cresceram, foram uma ajuda e uma alegria para mim. embora um dos meninos tenha sido roubado por um comerciante sírio quando ele era pequeno. Mas minha filha mais nova era muito bonita, e na minha loucura eu tinha orgulho dela e não a obrigava a fazer trabalhos pesados, nem carregar água, nem bronzear a pele. trabalhando nos campos. Teria sido mais sensato cortar seu cabelo e esfregar fuligem em seu rosto, pois meu vizinho Anukis a viu e a desejou e teria me deixado ficar com meu campo se eu tivesse lhe dado minha filha. Mas isso Eu não concordaria, pois esperava que, com sua beleza, ela conseguisse um homem decente para marido - alguém que cuidasse de mim na minha velhice e me mostrasse bondade.

"Finalmente seus servos me atacaram. Eu não tinha nada além de meu cajado, mas com isso eu feriu um deles na cabeça para que ele morresse. Então eles cortaram meu nariz e orelhas e me mandaram para as minas. Minha esposa e filhos foram vendidos como escravos, mas o

a mais nova que Anukis guardou para si, e quando a desfrutou, deu-a aos seus servos. Portanto, acho injusto me mandar para as minas. Quando depois de dez anos o rei me libertou, corri para casa, mas minha cabana foi derrubada, gado estranho pastava em meus prados, e minha filha não queria ter nada a ver comigo, mas jogou água quente sobre meus pés na cabana dos vaqueiros. Ouvi dizer que Anukis estava morto e que seu túmulo fica na Cidade dos Mortos, perto de Tebas, e tem uma longa inscrição na porta. Então vim a Tebas para alegrar meu coração com o que está escrito lá. Mas eu não sei ler e ninguém leu para mim, embora eu tenha encontrado meu caminho para a tumba por investigação."

"Se você quiser, eu leio a inscrição para você", eu disse.

"Que seu corpo seja preservado para sempre se você me fizer este serviço, pois eu saberia o que está escrito de Anukis antes de eu morrer."

Fomos juntos para a Cidade dos Mortos, sem serem desafiados pelos guardas, e vagamos entre as fileiras de túmulos até chegarmos a um grande, diante do qual havia carne e muitos tipos de bolos, frutas e flores. Uma jarra de vinho lacrada também estava lá. O sem nariz comeu as oferendas, dando algumas para mim, e então me pediu para ler o que estava escrito na porta. E isto é o que eu li para ele:

"Eu Anukis semeei sementes e plantei árvores frutíferas, e minhas colheitas foram abundantes porque temi os deuses e sacrifiquei a eles um quinto de toda a minha colheita. O Nilo me cumprimentou com favor, e ninguém em minha terra passou fome em nenhum momento durante minha vida, nem meus vizinhos faltou comida, porque eu trouxe água para seus campos e os alimentei com meu trigo nos anos de escassez; enxuguei as lágrimas dos órfãos e não roubei as viúvas, mas perdoei suas dívidas, e meu nome é abençoado de ponta a ponta da terra. Para aquele cujo boi morreu, eu Anukis dei um novo e saudável. Eu fui escrupuloso em não remover marcos nem em impedir que a água corresse sobre o campo do meu vizinho. Eu andei em justiça e piedade todos os meus dias. Essas coisas eu fiz Anukis, para que os deuses pudessem ser gentis comigo e iluminar minha jornada para a Terra Ocidental."

O sem nariz ouviu com reverência e, quando terminei, ele derramou lágrimas amargas, dizendo: "Sou um homem pobre e acredito em tudo o que está escrito. Assim, vejo que Anukis era um homem piedoso, reverenciado na morte. leia a inscrição na porta de seu túmulo e honre-o, mas sou miserável e malfeitor e não tenho nariz nem ouvidos para que minha vergonha seja vista por todos, e quando eu morrer, meu corpo será lançado no rio, e deixarei de existir. Não é tudo neste mundo uma grande vaidade?"

Ele quebrou o lacre da jarra de vinho e bebeu. Um vigia veio e o ameaçou com sua bengala, mas meu companheiro disse: "Anukis foi bom para mim em sua época, e eu honraria sua memória comendo e bebendo em seu túmulo. amigo aqui ao meu lado - um homem instruído - saiba que há muitos companheiros robustos entre os juncos, e alguns de nós têm facas e irão encontrá-lo à noite e cortar sua garganta."

Ele olhou para o guarda e foi horrível de se ver. O homem olhou para um lado e para o outro e foi embora. Comemos e bebemos perto da tumba de Anukis, e o teto acima das oferendas dava uma sombra fresca.

Ele disse: "Eu vejo agora que teria sido melhor desistir da minha filha voluntariamente para Anukis. Talvez ele tivesse me deixado ficar com minha cabana e me dado presentes também, pois minha filha era linda e virgem, embora agora ela seja um palete desgastado para seus servos. Vejo que os direitos dos ricos e poderosos são os únicos direitos deste mundo e que a palavra do pobre não chega aos ouvidos do Faraó."

Levando o jarro aos lábios, ele riu alto e disse: "Sua saúde, muito justo Anukis, e que seu corpo seja preservado para sempre! No entanto, parece-me correto que você continue em sua bondade amorosa na terra e compartilhe comigo as taças de ouro e as jóias em seu túmulo, então nesta próxima noite eu irei visitá-lo quando a lua estiver velada em nuvens. "

"O que você está dizendo, Sem Nariz?" exclamei consternado e sem pensar fiz o sinal sagrado de Amon. "Você não se tornaria um ladrão de túmulos, pois esse é o mais vil de todos os crimes aos olhos de deuses e homens!"

Mas Noseless, incendiado com vinho, retrucou: "Você fala grandes tolices em sua maneira erudita. Anukis está em dívida comigo, e eu, sendo menos misericordioso do que ele, cumprirei minhas exigências. Se você tentar me impedir, quebrarei seu Se você for sábio, vai me ajudar, pois quatro olhos veem melhor que dois, e juntos poderíamos levar mais longe do túmulo do que eu poderia sozinho. Isto é, se não houver lua.

"Não quero ser pendurado de cabeça para baixo em uma parede e açoitado", disse eu assustado. Mas, refletindo, eu sabia que minha vergonha dificilmente poderia ser mais profunda, embora meus amigos me vissem enforcado assim, e a morte por si só não me trazia terror.

Naquela noite, os soldados atravessaram o rio a remo da cidade para guardar os túmulos, mas o novo faraó não lhes deu os presentes que eram costumeiros depois de uma coroação. Assim murmuraram entre si e, tendo bebido vinho, pois havia muito vinho entre as ofertas, começaram a abrir os túmulos e despojá-los. Ninguém impediu Noseless e a mim quando violamos a tumba de Anukis, derrubamos seu peito e levamos tantas taças de ouro e objetos de valor quanto pudemos carregar. Ao amanhecer, uma multidão de mercadores sírios se reuniu na margem do rio para comprar o saque e levá-lo rio abaixo em seus navios.

Vendemos nosso espólio para eles, recebendo quase duzentos debens em ouro e prata, que dividimos entre nós de acordo com o peso estampado no metal. O preço que conseguimos foi apenas uma fração do valor real das mercadorias, e o ouro foi ligado, mas Noseless regozijou-se muito.

"Serei um homem rico, pois na verdade esse comércio é mais lucrativo do que cambaleiar sob cargas no porto ou carregar água das valas de irrigação para os campos."

Mas eu disse: "O jarro vai muitas vezes ao poço". Então nos separamos e Voltei no barco de um mercador para a outra margem e Tebas. Comprei roupas novas e comi e bebi em uma loja de vinhos, pois o cheiro da Casa da Morte estava me deixando. Mas durante todo o dia vinham da Cidade dos Mortos, do outro lado do rio, as notas de buzinas e o choque de armas. Carruagens trovejavam ao longo dos caminhos entre os túmulos, e a guarda-costas do faraó perseguiu os soldados e mineiros saqueadores com lanças até que seus gritos de morte pudessem ser ouvidos em Tebas. Naquela noite, a parede estava forrada de corpos pendurados pelos calcanhares, e a ordem foi restaurada.

7

Dormi uma noite em uma pousada, depois fui para o que havia sido minha casa e chamei Kaptah. Ele veio mancando, suas bochechas inchadas com os golpes. Quando me viu, chorou de alegria e se jogou aos meus pés.

"Senhor, você voltou embora eu acreditasse que você estava morto! Eu pensei que, se você estivesse vivo, certamente retornaria por mais prata e cobre, pois quando um homem dá, ele deve continuar dando. Mas você não veio embora eu roubei de meu novo mestre tanto quanto já fiz em minha vida, como você pode ver pela minha bochecha e pelo meu joelho que ele chutou ontem. Sua mãe, o velho crocodilo... que ela apodreça! - ameaça me vender e estou com muito medo. Deixemos esta casa maligna, senhor, e voemos juntos."

Eu hesitei e ele me entendeu mal.

"Eu realmente roubei tanto que posso cuidar de você por um tempo, e quando tudo acabar, eu posso trabalhar para você se você apenas me levar embora."

"Vim apenas para pagar minha dívida com você, Kaptah", disse a ele, e contei ouro e prata em sua mão, muitas vezes a soma que ele me dera. "Mas se você quiser, eu comprarei sua liberdade de seu mestre para que você possa ir aonde quiser."

"E se você me libertar, para onde irei, já que toda a minha vida fui um escravo? Sem você sou um gatinho cego, um cordeiro abandonado pela ovelha. Nem debes desperdiçar bom ouro com a minha liberdade - por que pagar pelo que já é teu? primeiro fazemos sacrifícios generosos aos deuses. É uma pena que eu não tenha encontrado um deus poderoso o suficiente desde que desisti de Amon, que me fez tanto mal."

Lembrando-me do escaravelho que encontrei, dei-o a Kaptah, dizendo: "Aqui está um deus que é muito poderoso, embora pequeno. Guarde-o bem, pois acredito que ele nos trará sorte; já tenho ouro na minha bolsa. Vista-se de sírio, então, e fuja se precisar, mas não me culpe se for pego como escravo fugitivo.

Que o pequeno deus te ajude; assim economizaremos nosso dinheiro para pagar nossa passagem para Esmirna. Não posso mais encarar ninguém em Tebas ou em toda a terra do Egito, então irei para nunca mais voltar".

"Não faça votos, pois quem sabe o que o amanhã pode trazer? Um homem que uma vez bebeu das águas do Nilo não pode saciar sua sede em outro lugar. Eu não sei que mal você fez - você baixa os olhos quando fala disso - mas você é jovem e um dia esquecerá. A ação de um homem é como uma pedra lançada em uma piscina: ela faz um respingo e os anéis se espalham, mas depois de um tempo as águas param de novo e não há vestígios da pedra. Humano a memória é como aquela água. Quando o tempo suficiente tiver passado, todos terão esquecido você e sua ação e você poderá retornar - e espero que até lá você seja rico e poderoso o suficiente para me proteger também."

"Eu vou e não voltarei", eu disse resolutamente. Nesse momento, a amante de Kaptah o chamou com uma voz estridente. Fui esperá-lo na esquina da rua, e depois de algum tempo ele se juntou a mim com uma cesta. Na cesta havia um embrulho, e ele tilintava algumas moedas de cobre na mão.

"A mãe de todos os crocodilos me enviou marketing", disse ele encantado. "Como sempre, ela me deu muito pouco dinheiro, mas tudo vai ajudar, pois acredito que Esmirna fica muito longe daqui."

Seu vestido e peruca estavam na cesta. Descemos até a praia e ele trocou de roupa entre os juncos. Comprei-lhe um belo cajado, como os usados pelos criados e lacaios nas casas dos grandes. Em seguida, fomos ao cais onde os navios sírios estavam atracados e encontramos um grande navio de três mastros, em que uma corda da espessura do corpo de um homem corria de proa a popa e de cujo mastro tremulava o sinal para navegar. O capitão era sírio e ficou feliz em saber que eu era médico, pois respeitava os egípcios.

medicina, e muitos de sua tripulação estavam doentes. O escaravelho estava nos trazendo sorte mesmo, pois nos inscreveu no registro do navio e não aceitou dinheiro para nossa passagem, que disse que deveríamos ganhar. A partir desse momento Kaptah venerou o escaravelho como um deus, ungindo-o diariamente e envolvendo-o em tecido fino.

Partimos, os escravos começaram a se curvar aos remos e em dezoito dias chegamos às fronteiras dos Dois Reinos. Em mais dezoito dias chegamos ao Delta, e em mais dois o mar estava à nossa frente, e não havia mais praia à vista. Quando o navio começou a rolar, o rosto de Kaptah ficou cinza e ele se agarrou à grande corda. Logo ele gemeu para mim que seu estômago estava subindo até os ouvidos e ele estava morrendo. O vento refrescou, o navio virou mais abruptamente e o capitão o dirigiu para o mar até que estávamos além da vista da terra. Então eu também fiquei inquieto, pois não conseguia entender como ele iria encontrá-lo novamente. Eu não ria mais de Kaptah porque me sentia tonta e tinha sensações desagradáveis.

Pouco depois Kaptah vomitou e afundou no convés; seu rosto estava verde, e ele não pronunciou outra palavra. Fiquei alarmado e, quando vi que muitos outros passageiros vomitavam e gemiam que iriam morrer e que estavam estranhamente alterados no rosto, corri para o capitão e disse-lhe que era claro que os deuses haviam amaldiçoado seu navio, pois uma terrível doença havia eclodido a bordo, apesar de minha habilidade. Implorei-lhe que voltasse à terra enquanto ainda podia encontrar algum, ou como médico não podia responder pelas consequências. Mas o capitão me tranquilizou, dizendo que tínhamos um vento bom, que nos levaria com força no nosso curso, e que eu não deveria zombar dos deuses chamando isso de tempestade.

Ele jurou pela barba que todo passageiro seria tão ágil quanto um cabrito no momento em que pisasse em terra firme e que eu não precisaria temer por minha dignidade como médico. No entanto, quando observei a miséria desses viajantes, achei difícil acreditar nele.

Por que eu mesmo não adoeci tão gravemente, não posso dizer, a menos que tenha sido imediatamente após meu nascimento ter sido colocado para balançar no Nilo em um barco de junco.

Procurei atender Kaptah e os outros, mas quando quis tocar nos passageiros, eles me xingaram. Quando ofereci a Kaptah alguma comida fortalecedora, ele virou o rosto e estalou as mandíbulas ruidosamente como um hipopótamo, para esvaziar a barriga, embora não houvesse mais nada nela. Mas Kaptah nunca havia se afastado da comida, e comecei a pensar que ele realmente morreria. Fiquei muito abatido, pois tinha começado a me acostumar com suas tolices.

A noite caiu, e por fim adormeci, por mais temeroso que estivesse com o balanço do navio, o estalar aterrorizante das velas e o trovejar do mar contra o casco. Dias se passaram, mas nenhum dos passageiros morreu; alguns de fato se recuperaram o suficiente para comer e andar pelo convés. Apenas Kaptah ficou imóvel e não tocou em nenhum alimento, mas mostrou algum sinal de vida, pois começou mais uma vez a rezar ao escaravelho, do qual concluí que ele havia recuperado a esperança de chegar vivo à terra. No sétimo dia um

apareceu a linha da costa, e o capitão me disse que havíamos passado por Jope e Tiro e poderíamos fazer Esmirna direto, graças aos ventos favoráveis. Como ele sabia de tudo isso eu não consigo entender agora. No dia seguinte, avistamos Esmirna, e o capitão fez um grande sacrifício em sua cabine aos deuses do mar e outros. As velas foram baixadas, os remadores equiparam seus remos e nos conduziram até o porto de Esmirna.

Quando entramos em águas calmas, Kaptah se levantou e jurou por seu escaravelho que nunca mais colocaria os pés a bordo de um navio.

LIVRO 5

O Khabiri

1

FALO agora da Síria e das diversas cidades para onde vim, e para Para isso, devo explicar em primeiro lugar que as Terras Vermelhas diferem das Terras Negras em todos os detalhes. Não há, por exemplo, nenhum rio como o nosso; em vez disso, a água jorra do céu e molha o solo. Cada vale tem sua colina, e além de cada colina há outro vale. Em cada uma delas mora um povo distinto governado por um príncipe que paga tributo ao Faraó – ou o fazia na época sobre a qual escrevo. A roupa do povo é colorida e habilmente tecida de lã e cobre-os da cabeça aos pés, em parte, acho, porque é mais fresco em seu país do que no Egito e em parte porque eles acham vergonhoso expor seus corpos, exceto quando eles aliviar-se ao ar livre - o que para um egípcio é

abominação. Usam o cabelo comprido e permitem que a barba cresça e comam sempre dentro de casa. Seus deuses, dos quais cada cidade tem o seu, exigem sacrifícios humanos. De tudo isso, pode-se ver prontamente que tudo na Terra Vermelha difere dos costumes do Egito.

Também está claro que, para os ilustres egípcios que ocupavam cargos de residência nas cidades sírias, supervisionando a tributação ou comandando as guarnições, sua tarefa parecia mais uma punição do que uma honra. Eles ansiavam pelas margens do Nilo - todos menos alguns, isto é, que sucumbiram aos caminhos estranhos. Estes alteraram o estilo de suas roupas e seus pensamentos e fizeram sacrifícios a deuses estranhos. Além disso, as constantes intrigas entre os habitantes, as trapaças e trapaças dos contribuintes e as disputas entre príncipes rivais amarguraram a vida dos funcionários egípcios.

Morei em Esmirna por dois anos, durante os quais aprendi a língua babilônica, tanto falada quanto escrita; pois me disseram que um homem com esse conhecimento poderia se fazer entender entre pessoas educadas em todo o mundo conhecido. Os caracteres escritos, como se sabe, são impressos no barro com um estilete afiado, e toda a correspondência entre reis é assim conduzida. Por que isso é assim, não posso dizer, a menos que o papel queime, mas uma tábua de barro dura para sempre como testemunho da velocidade com que os governantes esquecem seus pactos e tratados.

A Síria difere do Egito também porque o médico deve procurar seus pacientes, que, em vez de ir até ele, confiam em seus deuses para enviá-lo a eles. Além disso, eles dão seus presentes antes e não depois de serem curados. Isso beneficia o médico, pois os pacientes tendem a ser esquecidos quando estão bem novamente.

Era minha intenção seguir meu chamado aqui de forma bastante despretensiosa, mas Kaptah tinha outra opinião. Ele queria que eu colocasse tudo o que tinha em roupas finas e contratasse pregoeiros que dariam a conhecer minha fama em todos os lugares públicos. Estes deveriam anunciar também que eu não visitava pacientes, mas que eles deveriam vir até mim, e Kaptah me proibiu de receber qualquer um que não trouxesse pelo menos uma peça de ouro como presente. Eu disse a ele que isso era loucura em uma cidade onde ninguém me conhecia e onde os costumes eram diferentes dos da Terra Negra, mas Kaptah se manteve firme. Eu não podia fazer nada com ele, pois quando ele colocava uma ideia na cabeça, ele era teimoso como um burro.

Ele me convenceu também a visitar aqueles médicos que eram tidos em alta reputação e dizer-lhes:

"Eu sou Sinuhe, um médico egípcio a quem o novo faraó deu o nome daquele que está sozinho, e eu sou um homem de renome em meu próprio país. Eu devolvo os mortos à vida e trago de volta a visão aos cegos, se meu deus quiser - pois tenho um deus pequeno, mas poderoso, que carrego comigo em meu baú de viagem. O conhecimento difere de um lugar para outro, no entanto, nem as doenças

em todos os lugares iguais. Por esta razão vim à sua cidade para estudar as doenças e curá-las e tirar proveito de seu aprendizado e sabedoria.

"Não pretendo de forma alguma invadir sua prática, pois quem sou eu para competir com você? Proponho, portanto, que você me envie os pacientes que estão sob o desagrado de seu deus, para que você não possa curá-los, e especialmente aqueles que precisam de tratamento com a faca - pois a faca você não usa - para que eu possa ver se meu deus os curará. E se tal paciente for curado, eu lhe darei metade do que ele me der, pois não vim aqui por ouro, mas por conhecimento. Se eu falhar em curá-lo, não tomarei nada dele, mas o enviarei de volta para você com seu presente.

Os médicos que eu encontrava nas ruas e mercados visitando seus pacientes e com quem eu falava balançavam suas capas e dedilhavam suas barbas e diziam:

"Você é jovem, mas verdadeiramente seu deus o abençoou com sabedoria, pois suas palavras são agradáveis aos nossos ouvidos. O que você diz sobre ouro e presentes é sábio, assim como sua alusão à faca. O doente, um homem que entra na faca tem mais certeza da morte do que aquele que não o faz.

Só uma coisa nós desejamos de você, e é que você não efetue curas por feitiçaria, pois nossa própria feitiçaria é muito poderosa, e nesse ramo há muita concorrência tanto em Esmirna quanto nas outras cidades ao longo da costa.

Isso era verdade, pois havia muitos homens analfabetos nas ruas que se encarregavam de curar os doentes por meio de magia e viviam fartamente nas casas dos crédulos até que seus pacientes se recuperassem ou morressem.

Assim vieram a mim doentes com os quais outros haviam falhado, e eu os tratei, mas os que não consegui curar enviei de volta aos médicos de Esmirna. Do templo de Amon eu trouxe o fogo sagrado para minha casa para que eu pudesse realizar a purificação prescrita e assim me aventurar a usar a faca e a realizar operações nas quais os médicos tocaram suas barbas e se maravilharam muito. Tive a sorte de devolver a visão a um cego, embora tanto os médicos quanto os feiticeiros tenham espalhado argila misturada com saliva em suas pálpebras sem nenhum efeito. Tratei-o com a agulha, como é a maneira egípcia, aumentando muito minha reputação. No entanto, depois de algum tempo, o homem perdeu a visão novamente, pois a cura da agulha é apenas temporária.

Os mercadores e homens ricos de Esmirna levavam uma vida ociosa e luxuosa; eles eram mais gordos que os egípcios e sofriam de falta de ar e problemas estomacais. Usei a faca neles até sangrarem como porcos. Quando minhas reservas médicas se esgotaram, encontrei bom uso para meu conhecimento na coleta de ervas nos dias certos e sob aspectos favoráveis da lua e das estrelas, pois nisso os homens de Esmirna tinham pouca ciência e eu não ousava confiar em seus remédios.

Aos obesos dei alívio de suas dores abdominais e os salvei de

asfixia por meio de remédios que vendia a eles a preços graduados de acordo com seus meios. Não briguei com ninguém, mas dei presentes aos médicos e às autoridades da cidade, enquanto Kaptah espalhava boas notícias sobre mim e dava comida a mendigos e contadores de histórias para que eles pudessem gritar meus louvores na rua e no mercado e preservar meu nome do esquecimento.

Ganhei uma quantidade de ouro. Tudo o que não gastei nem doei, investi com os mercadores de Esmirna, que enviavam navios para o Egito, para as ilhas do mar e para a terra de Hatti, de modo que eu tinha parte em muitos navios - um centésimo ou quinhentos, de acordo com meus meios na época. Alguns navios nunca mais foram vistos, mas a maioria deles retornou, e minhas apostas neles - agora dobraram ou triplicaram - foram inscritos nos livros de negociação. Este era o costume em Esmirna, embora desconhecido no Egito. Até os pobres especulavam dessa maneira e ou aumentavam seus fundos ou empobreciam ainda mais; dez ou vinte deles juntariam suas peças de cobre para comprar uma milésima parte de um navio ou de sua carga. Assim, nunca tive que manter ouro em minha casa como isca para ladrões. Tampouco fui obrigado a carregá-lo comigo quando viajava para outras cidades, como Biblos e Sidon, no curso de meu trabalho, pois então o comerciante me deu uma tábua de barro para ser apresentada nas casas de negócios dessas cidades, por que eu poderia obter dinheiro deles sempre que eu precisasse.

Assim tudo correu bem comigo. Eu prosperei, e Kaptah engordou em suas roupas novas e caras e se ungiu com óleos finos. Na verdade, ele se tornou insolente, e fui compelido a espancá-lo. Mas por que tudo me favoreceu, então não posso dizer.

2

No entanto, continuei na solidão, e a vida não me deu prazer. eu até Cansado de vinho, pois ele nunca me alegrou, mas tornou meu rosto tão preto quanto fuligem, de modo que, quando bebia, desejava apenas morrer. Portanto, procurei sempre aumentar meu conhecimento de que nenhum momento do dia deveria me encontrar ocioso - pois na ociosidade eu me preocupava comigo e com meus atos - e à noite eu dormia como um morto.

Eu me familiarizei com os deuses de Esmirna para saber se eles poderiam guardar alguma verdade escondida para mim. Como tudo mais, esses deuses diferem dos do Egito. Seu grande deus era Baal, um deus cruel que exigia sangue humano em troca de seu favor e cujos sacerdotes eram feitos eunucos. Ele também exigia filhos. Além disso, o mar era ávido de sacrifícios, de modo que os mercadores e as autoridades deviam estar sempre procurando novas vítimas. Nenhum escravo aleijado jamais foi visto. e os pobres eram ameaçados com punição selvagem pela menor ofensa. Assim, um homem pobre que roubou um peixe para alimentar sua família foi desmembrado como sacrifício no altar de Baal.

Sua divindade feminina era Astarte, também chamada Ishtar, como a Ishtar de Nínive. Ela tinha muitos seios e todos os dias era vestida de novo com jóias e roupas finas, sendo servida por mulheres que por algum motivo eram conhecidas como as virgens do templo, embora não o fossem. Pelo contrário, eles estavam lá para serem desfrutados - uma missão considerada com favor pela deusa - e quanto mais requintado o prazer, mais ouro e prata eram oferecidos ao templo pelo cliente.

Mas os mercadores de Esmirna guardavam suas próprias mulheres com grande rigor, fechando-as em casa e vestindo-as da cabeça aos pés com roupas grossas para que não tentassem o estrangeiro. Os homens, no entanto, visitavam o templo por causa da variedade e para obter a aprovação divina. Assim, em Esmirna não havia casas de prazer como as do Egito. Se as moças do templo não fossem do agrado de um homem, ele teria que se casar ou comprar uma escrava. Escravas estavam à venda todos os dias, pois os navios aportavam continuamente no porto com mulheres e crianças a bordo de todos os tamanhos e cores, tanto gordas quanto magras, para todos os gostos. Mas os aleijados e inaptos foram comprados barato para sacrifício a Baal em nome do conselho da cidade, que então ria e batia em seus peitos e se elogiava por sua astúcia em enganar assim seu deus.

Eu também ofereci sacrifício a Baal, pois ele era o deus da cidade e era prudente buscar seu favor. Sendo egípcio, não comprei sacrifícios humanos para ele; Dei-lhe ouro. Às vezes eu visitava o templo de Astarte, que abria à noite, para ouvir música e observar as mulheres do templo - que não chamarei de donzelas - dançando danças voluptuosas para a glória de sua deusa. Como era costume, deitei-me com eles e fiquei maravilhado com as práticas que me ensinaram, das quais eu nada sabia. Mas não me animei e fiz tudo por curiosidade.

Quando me ensinaram o que deviam transmitir, cansei-me deles e não mais visitei seu templo. A meu ver, não havia realizações tão monótonas como as deles.

Mas Kaptah balançou a cabeça, preocupado comigo, pois meu rosto estava envelhecendo, os sulcos entre minhas sobrancelhas estavam se aprofundando e meu coração estava selado. Seu desejo era que eu tivesse uma escrava para seduzir meus momentos de lazer. Desde que ele manteve

casa e cuidou do meu dinheiro, ele comprou uma garota para mim que era do seu gosto. Lavou-a, vestiu-a e ungiu-a, e apresentou-a a mim uma noite em que, cansado depois do dia de trabalho, eu desejava apenas ir para a cama em paz.

Essa garota era das ilhas do mar; ela era gordinha, sua pele branca, seus dentes impecáveis, e seus olhos eram redondos e gentis como os olhos de uma novilha. Ela olhou para mim com veneração e mostrou medo da cidade estranha para a qual foi levada. Kaptah exaltava seus encantos com a maior seriedade, e para agradá-lo eu a peguei. No entanto, embora eu tenha feito o meu melhor para escapar da minha solidão, meu coração não se alegrou, e eu não consegui chamá-la de minha irmã.

Ao mostrar sua bondade eu errei, pois isso a tornou arrogante, e ela perturbou mim em minhas entrevistas com pacientes. Comia muito e engordava e sempre exigia joias e roupas novas. Também ela perseguiu meus passos em um desejo contínuo de ter prazer comigo. Não foi em vão que fiz viagens para o interior e para as cidades ao longo da costa. No meu regresso, ela foi a primeira a me cumprimentar, com lágrimas e perseguições. Eu bati nela, mas em vão; então ela ficou mais quente do que antes, e a vida em minha casa tornou-se intolerável.

Mas o escaravelho me trouxe boa sorte, pois um dia o rei Aziru, o governante da província do interior de Amurru, veio até mim. Eu manipulei seus dentes, fazendo para ele um dente de marfim para substituir um que havia sido nocauteado em batalha e revestindo outros danificados com ouro. Enquanto permanecia na cidade, conferenciando com as autoridades sobre assuntos administrativos, ele me visitava todos os dias. Ele conheceu minha escrava, a quem chamei de Keftiu por causa das ilhas no mar, sendo incapaz de pronunciar seu nome pagão, e deleitou-se com ela. Este Aziru era de pele branca e forte como um touro. Sua barba era preta azulada e brilhante, e seus olhos tinham um brilho ousado, de modo que Keftiu começou a olhar para ele com desejo - pois as mulheres são sempre cativadas pelo que é novo. Ele admirava sua gordura acima de tudo, e suas roupas, que ela usava à maneira grega, o inflamaram muito. Embora cobrissem sua garganta, deixavam seu seio nu, e ele estava acostumado a ver mulheres com véus da cabeça aos pés.

Por fim, ele foi incapaz de conter seu desejo, e suspirando profundamente, ele disse a "Verdadeiramente você é meu amigo, Sinuhe, o egípcio, e você consertou meus dentes e fez minha boca brilhar com ouro sempre que a abro, o que aumentará muito minha dignidade na terra de Amurru. presentes que farão com que levantem as mãos com admiração. No entanto, sou forçado a machucá-lo contra a minha vontade.

"Desde que pus os olhos sobre a mulher em sua casa, ela me agradou, e eu não posso mais resistir ao meu desejo por ela; ela me rasga como um gato selvagem e nem todas as suas artes podem curar essa doença. Eu nunca vi ela gostar e pode imaginar seu carinho por ela quando ela aquece sua cama à noite.

"No entanto, eu a desejo de você, para que eu possa torná-la minha esposa entre minhas outras esposas e libertá-la da escravidão. Eu lhe digo isso abertamente, pois você é um homem justo, e eu lhe pagarei o que você pedir. Mas eu digo você abertamente também que, se você não desistir dela de livre e espontânea vontade, eu irei buscá-la à força e levá-la para o meu país, onde você nunca poderia encontrá-la, mesmo que ousasse procurá-la."

Com essas suas palavras eu levantei minhas mãos em deleite, mas Kaptah que tinha ouvido arrancou seus cabelos e lamentou: mulher em quem ele encontrou prazer, nem sua perda pode ser compensada, pois para meu senhor ela é mais querida do que todo o ouro do mundo, todas as jóias, todo o incenso, e ela é mais bela do que a lua cheia e sua barriga é redonda e branca como um monte de trigo - embora você ainda não a tenha visto - e seus seios são como melões, o que seus próprios olhos podem dizer."

Assim ele tagarelava, pois desde que chegara a Esmirna aprendera os costumes dos mercadores e esperava um bom preço, embora ele e eu não desejássemos mais do que livrar-nos da garota. Quando Keftiu o ouviu, ela também chorou, dizendo que nunca me abandonaria - mas enquanto chorava, espiava com admiração entre os dedos o príncipe e sua barba encaracolada.

Ergui as mãos e, depois de acalmá-las, assumi uma expressão séria.

"Aziru, Rei de Amurru e meu amigo! Verdadeiramente esta mulher é querida ao meu coração, e eu a chamo de minha irmã, mas sua amizade é mais querida para mim do que qualquer outra coisa. Em sinal dessa amizade eu a darei a você sem pagamento, e rogo-te que a aceites e faça com ela tudo o que o gato selvagem dentro de ti deseja - porque se eu não me enganar, o seu coração se inclinará para ti, e ela ficará contente, porque no seu corpo também se escondem muitos gatos selvagens."

Aziru chorou de alegria.

"Ah, Sinuhe, embora você seja egípcio - e todo o mal sai do Egito - a partir deste dia você é meu irmão e meu amigo; por toda a terra de Amurru será bendito o teu nome; como meu convidado, você se sentará à minha direita acima de todos os outros, embora sejam reis. Isso eu juro!"

Ele riu tanto que seus dentes brilharam. Então, ao olhar para Keftiu, que havia parado de chorar, seu rosto mudou. Com olhos brilhantes ele olhou para ela, agarrou-a pelos braços para que os melões balançassem, e a colocou em sua cadeira de transporte sem perceber seu peso. Então ele partiu, e nem eu nem ninguém em Esmirna o viu por um tempo, pois ele se trancou em seus alojamentos por três dias e três noites. Kaptah e eu nos regozijamos por termos nos livrado da bagagem, embora ele me repreendesse por não exigir nada em troca quando Aziru teria me dado o que eu pedisse.

Mas eu respondi: "Dando a ele esta garota, eu assegurei sua amizade. Ninguém sabe o que o amanhã pode trazer. Embora a terra de Amurru seja pequena e

insignificante – não sendo mais do que pasto para burros e ovelhas – mas a amizade de um rei é a amizade de um rei, e seu valor pode ser mais do que ouro.”

Kaptah balançou a cabeça, mas ungiu o escaravelho com mirra e colocou esterco fresco diante dele em agradecimento por ter sido dispensado de Keftiu.

Antes que Aziru voltasse ao seu próprio país, ele me chamou, e curvando-se para no chão, ele disse: "Eu não ofereço nada a você, Sinuhe, pois você me deu o que não pode ser recompensado com presentes. A garota é ainda mais fascinante do que eu poderia acreditar; seus olhos são como poços sem fundo, e eu não me canso dela, embora ela tenha extraído minha semente como o azeite é extraído das azeitonas. Para ser franco com você, meu país não é rico, e eu não posso adquirir ouro de outra maneira senão taxando os mercadores que viajam por ele ou por meio de fazendo guerra aos meus vizinhos-

-e então os egípcios estão sobre mim como mutucas e muitas vezes eu perco mais do que ganho. Portanto, não posso lhe dar presentes que sua ação merece. Mas eu prometo que sempre que você vier a mim e tudo o que você me pedir, eu lhe darei se estiver em meu poder fazê-lo - desde que você não me peça nem por esta mulher nem por cavalos, pois eu tenho poucos deles e preciso deles para minhas carruagens. E se alguém te ofender, mande-me uma mensagem e meus homens o matarão, onde quer que esteja. Ninguém virá saber disso, e seu nome não será mencionado no caso. Tão grande é a minha amizade por você."

Então ele me abraçou à maneira síria. Vi que ele me honrou e me admirou, pois tirou a corrente de ouro de seu pescoço e a pendurou no meu, embora seu suspiro profundo ao fazê-lo me dissesse quão grande era esse sacrifício. Portanto, tirei do meu próprio pescoço uma corrente de ouro que me dera o armador mais rico de Esmirna por salvar a vida de sua esposa durante um parto difícil, e pendurei-a em seu pescoço. Ele não perdeu nada com a troca, e isso o agradou muito. E assim nos despedimos.

3

Agora que estava livre da mulher, meu coração estava leve como um pássaro. Meus olhos ansiavam por ver coisas novas, e eu estava cheio de inquietação e desejo de sair de Esmirna. A primavera havia chegado novamente. A terra era fresca e verde; folhas brotadas

nas árvores; havia um arrulhar de pombas e rãs coaxavam nas piscinas. No porto, os navios estavam sendo equipados para longas viagens. Com a primavera também veio a notícia de que os Khabiri haviam invadido o deserto e estavam devastando as fronteiras sírias do sul ao norte, queimando aldeias e sitiando cidades.

Mas os exércitos do faraó vieram também, através do deserto do Sinai de Tanis, e estavam lutando contra os Khabiri. Eles capturaram os chefes e levaram o inimigo de volta ao deserto. Aconteceu toda primavera e sempre aconteceu. Desta vez, no entanto, os cidadãos de Esmirna estavam inquietos, pois a cidade de Katna, guarnecida por tropas egípcias, havia sido saqueada, o rei morto, e todos os egípcios passados à espada sem piedade mostrada a mulheres ou crianças e sem prisioneiros. sendo levado e mantido para resgate. Tal coisa não era conhecida na memória viva, pois os Khabiri costumavam evitar as cidades fortificadas.

A guerra estourou na Síria, e eu nunca tinha visto uma guerra. eu me propus a me juntar as forças do faraó e ver se continha alguma verdade oculta para mim e também estudar as feridas infligidas por bastões de guerra e outras armas. Mas sobretudo fui porque o comandante das tropas era Horemheb e, na minha solidão, ansiava por ver de novo o rosto de um amigo e ouvir a sua voz. Tendo embarcado ao longo da costa, rumei para o interior com a coluna de suprimentos, entre os trenós puxados por bois de grãos e os burros carregados de jarras de azeite e vinho e sacos de cebolas. Chegamos a uma pequena cidade situada em uma colina e cercada por um muro; o nome dela era Jerusalém. Uma pequena guarnição egípcia estava estacionada aqui, e aqui também Horemheb havia estabelecido seu quartel-general. Mas os rumores que chegaram a Esmirna exageraram muito o tamanho de sua força, que compreendia apenas um esquadrão de

carruagens e alguns milhares de arqueiros e lanceiros, enquanto as hordas de Khabiri eram consideradas como as areias do deserto.

Horemheb me recebeu em uma cabana de barro sujo, com as palavras: "Conheci um Sinuhe uma vez. Ele também era médico e meu amigo."

Ele me examinou, intrigado com a capa síria que eu tinha começado a usar. Curti para ele eu havia envelhecido, e meu rosto havia se alterado, mas ele me reconheceu novamente e riu, erguendo em saudação seu chicote trançado de ouro.

"Por Amon, é Sinuhe! Achei que você estivesse morto." Ele expulsou sua equipe oficiais e escribas com seus mapas e papéis e pediram vinho.

"Maravilhosos são os modos de Amon que devemos nos encontrar novamente aqui na Terra Vermelha, nesta cidade imunda e miserável."

Com suas palavras, meu coração se agitou em meu peito, e eu sabia que tinha sentido falta dele. Eu contei a ele tudo o que achei adequado da minha vida e aventuras, e ele disse: "Venha conosco e compartilhe as honras da guerra! dia em que nasceram. Eu era um rapaz bastante inexperiente quando nos conhecemos; você era um homem do mundo e me deu bons conselhos. Aprendi - aprendi - e carrego uma medalha de ouro

chicote na minha mão, como você vê. Mas eu o ganhei por serviço degradante na guarda-costas do faraó, cercando os ladrões e condenados que em sua loucura ele havia libertado das minas. Problemas suficientes eles nos deram antes de serem todos destruídos.

"Quando soube que os Khabiri estavam atacando, pedi ao faraó que me desse tropas para repeli-los. Nenhum outro oficial superior se preocupou em competir comigo pelo comando, pois a riqueza e as honras caem mais profusamente na vizinhança do Faraó do que no deserto - além disso, os Khabiri têm lanças afiadas e seus gritos de guerra são horríveis, como eu tenho bons razão para saber. Mas finalmente consegui ganhar experiência e exercitar minhas tropas em uma batalha real. No entanto, a única preocupação do faraó é que eu construa um templo aqui em Jerusalém para seu novo deus e expulse os Khabiri sem derramamento de sangue!"

Horemheb caiu na gargalhada e deu um tapa na perna com o chicote, e eu ri com ele. Então ele ficou em silêncio, e depois de outro trago no vinho ele foi sobre:

"Para ser franco, Sinuhe, eu mudei um pouco desde que nos encontramos pela última vez, como um homem deve quem vive na presença de Faraó, quer ele queira ou não. Ele me perturba, pois pensa profundamente – e fala – sobre seu deus, que difere de todos os outros deuses. Eu costumava sentir como se um enxame de formigas estivesse solto em meu cérebro. Eu não conseguia dormir à noite sem vinho e uma mulher para clarear minha cabeça, tão estranha é essa divindade dele. O deus é sem forma, embora esteja em todos os lugares ao mesmo tempo; sua imagem é um círculo e tem mãos, com as quais abençoa tudo o que fez; e escravo e senhor são iguais aos seus olhos. Diga-me, Sinuhe, isso não é o delírio de um homem doente? Só posso pensar que ele foi mordido por um macaco raivoso quando era pequeno - pois quem, senão um louco, poderia imaginar que os Khabiri podem ser derrotados sem derramamento de sangue?"

Ele bebeu novamente.

"Hórus é meu deus, e eu também não tenho nada contra Amon. Mas eu posso ver que Amon se tornou poderoso demais, e o novo deus se colocou em oposição para fortalecer a soberania do faraó. Foi isso que a própria rainha-mãe me disse, e foi repetido por Eie, o padre que agora carrega o cajado na mão direita do rei. Com a ajuda de Aton, eles pretendem derrubar Amon ou pelo menos limitar seu poder, pois não é apropriado que os sacerdotes de Amon governem o Egito sobre a cabeça do Faraó. Isso é um bom estadista e, como guerreiro, posso entender muito bem que um novo deus é indispensável. Se o faraó se contentasse apenas em erguer templos para ele e pagar sacerdotes em seu serviço, eu não teria do que reclamar. Mas o Faraó pensa e fala muito sobre ele.

Qualquer que seja a ocasião, mais cedo ou mais tarde ele traz a conversa até ele, fazendo com que os que o cercam sejam mais loucos do que ele. Ele diz que vive pela verdade - mas a verdade é como uma faca afiada nas mãos de uma criança; uma faca deve ser

transportado em sua balsa e usado somente quando necessário. Assim é com a verdade, e para ninguém a verdade é mais perigosa do que para o governante."

Ele tomou outro gole de vinho.

"Agradeço ao meu falcão que pude deixar Tebas, pois a cidade está fervendo como um ninho de serpentes por causa disso, e não quero me envolver em disputas entre deuses. Os sacerdotes de Amon já estão espalhando belas histórias sobre as origens do Faraó e fomentando a sedição contra o novo deus. Seu casamento também causou indignação, pois a princesa de Mitani, que costumava brincar com bonecas, morreu repentinamente, e o faraó levantou Nefertiti, a filha do padre, para ser sua consorte. Certamente essa Nefertiti é linda e se veste bem, mas é muito voluntariosa e filha do pai em tudo."

"Como a princesa de Mitani morreu?" Eu perguntei, pois eu tinha visto a criança assustada, de olhos arregalados, olhando para Tebas enquanto ela era carregada, enfeitada e adornada como uma imagem, ao longo da Avenida dos Carneiros até o templo.

"Os médicos dizem que ela não suportou o clima", ele riu. "E essa é uma mentira descarada, pois é do conhecimento geral que nenhum país tem um clima tão saudável como o Egito. Mas você mesmo sabe que a taxa de mortalidade entre as crianças reais é alta - mais alta do que no bairro pobre, embora pareça difícil de acreditar. É mais sensato não citar nomes, mas eu pararia minha carruagem diante da casa do padre Eie se ousasse."

Depois disso nos deitamos na barraca para dormir.

De manhã fui despertado pelo som de buzinas e vi os soldados caindo em companhias, enquanto os sargentos corriam para cima e para baixo nas fileiras gritando com eles, esbofetendo-os e golpeando-os com seus chicotes. Quando todos desfilaram, Horemheb saiu da cabana suja com seu chicote de ouro na mão, e um criado segurou um guarda-chuva sobre sua cabeça e manteve as moscas longe dele com um batedor de moscas enquanto se dirigia aos soldados:

"Soldados do Egito! Hoje eu os conduzo para a batalha, pois meus batedores relatam que os Khabiri estão acampados além das colinas. Quais são seus números, não posso dizer, pois esses batedores fugiram assustados e nunca ficaram para contá-los. Espero que haja o suficiente para acabar com todos vocês, para que eu seja poupado da visão de seus rostos miseráveis e possa voltar ao Egito para levantar um exército de homens reais que amam a glória e os espólios da guerra."

Ele olhou ferozmente para as tropas, e o brilho atingiu o alvo: nenhum deles ousou mover um cílio.

"Eu os conduzirei à batalha, e vocês devem saber - cada um de vocês - que eu vou na vanguarda e não ficarei para ver qual de vocês seguirão. Pois eu sou filho de Hórus; o falcão voa à minha frente, e pretendo derrotar os Khabiri se tiver que fazê-lo sozinho. No entanto, digo-lhe agora que esta noite meu chicote pingará sangue, pois com minhas próprias mãos açoitarei qualquer um que não me seguir. EU

digolhe que meu chicote morde mais fundo do que as lanças de Khabiri, que são de cobre pobre e quebradiças. Não há nada de terrível nos Khabiri, exceto sua voz, que é realmente assustadora. Se algum de vocês treme ao som de gritos, tampe seus ouvidos com barro. Não vá para a batalha choramingando como as mulheres velhas - pelo menos finja masculinidade: você usa tangas, não saias. Se você derrotar os Khabiri, você pode dividir seu gado entre você e seus outros bens, pois eles coletaram muito saque nas cidades que saquearam. Você também pode dividir suas mulheres entre vocês; Acho que você vai gostar de um tombo com eles esta noite, pois as mulheres Khabiri são graciosas e ardentes, e adoram guerreiros ousados.

Horemheb fez uma pausa e examinou seus homens, que de comum acordo levantaram um grande grito, golpearam seus escudos com suas lanças e brandiram seus arcos. Ele sorriu e com um movimento do chicote continuou:

"Vejo que você queima por sua surra, mas primeiro devemos consagrar um templo ao novo deus do faraó, Aton. Ele é, por natureza, um deus não guerreiro, e não acho que você tenha muito prazer nele. Portanto, a força principal podem partir em sua marcha enquanto as reservas ficam para trás para consagrar o templo e assegurar-se do favor do Faraó para conosco."

Mais uma vez as tropas o aclamaram, então começaram a fluir da cidade em desordem, cada empresa seguindo seu próprio padrão, sustentado em um poste. Esses emblemas eram caudas de leões e falcões e cabeças de crocodilos, que iam adiante deles para a batalha. As carruagens leves seguiam adiante para limpar a estrada. Mas os oficiais que detinham o mais alto comando ficaram para trás com as reservas e seguiram Horemheb até o templo, que ficava em uma elevação nos arredores da cidade. O templo era pequeno e construído de madeira. Tinha sido batido às pressas e coberto de lama. Era diferente de outros templos, sendo aberto no meio, onde ficava o altar. Nenhum deus era visto, de modo que os soldados intrigados olhavam para encontrá-lo.

Horemheb disse a eles: "O deus é redondo e é como o disco do sol, então olhe para o céu se seus olhos puderem suportar o brilho. Ele estende as mãos sobre você em bênção, embora minha mente me dê medo de que hoje, depois de sua marcha, sua dedos em suas costas parecerão agulhas em brasa."

Os soldados murmuraram que o deus do faraó estava muito distante. Eles desejavam alguém diante de quem pudessem se prostrar e a quem pudessem tocar com as mãos se ousassem. Mas eles ficaram em silêncio quando o padre deu um passo à frente, um jovem esguio com a cabeça por barbear, que trazia um pano branco sobre o ombro. Seus olhos estavam claros e ansiosos, e sobre o altar ele ofereceu flores primaveris, azeite e vinho, o que fez os soldados rirem alto. Ele também cantou um hino a Aton que teria sido composto pelo faraó. Era muito longo e monótono, e os homens o ouviam de boca aberta e com muito pouca compreensão.

_"Mais bela és tu no horizonte, _ _Aton vivo, fonte
de todas as coisas vivas! _ _Quando te ergues no
céu oriental _ _Todas as terras estão cheias de
tua glória. _ _Justa és tu, grande és, radiante
acima do mundo. _ _Teus raios abraçam todas as terras e
as criaste, _ _E eles estão unidos com os raios do teu amor. _
_Longe estás, mas teus raios tocam o chão; _ _Exaltado és, mas
as solas de teus pés se movem a poeira." _

O padre cantou sobre as trevas, sobre leões que escapam de seus covis à noite, e de serpentes, e muitos dos que ouviram ficaram com medo. Ele cantou sobre o brilho do dia e declarou que quando os pássaros abrem suas asas pela manhã, é em adoração a Aton. Ele declarou também que este novo deus vivificou o bebê no útero e deu fertilidade à semente do homem. Ouvindo-o, pode-se imaginar que não havia uma coisinha no mundo com a qual Aton não se preocupasse, nem mesmo um pintinho poderia quebrar sua casca e piar sem a ajuda de Aton. O padre terminou:

_"Só tu habitas no meu coração _ _E
ninguém te conhece senão o Rei teu filho. _ _Tu
partilhas o teu pensamento com ele, _ _Tu o unges com
o teu poder. _ _O mundo está entre as tuas mãos como
tu o criaste; _ _Pela tua luz vivem os homens _ _E se velares
deles o teu semblante, eles perecem. _ _Tu és a vida e os homens
vivem por ti. _ _Todos os olhos se voltam para a tua glória _ _Até
a hora do teu pôr-do-sol, _ _Todo trabalho cessa _ _Quando tu
declinares em o Ocidente. _ _Desde a tua criação do mundo _ _Tu
o preparaste para a vinda de teu filho: _ _Para aquele que nasceu
de ti, _ _O Rei que vive pela verdade, _ _Senhor de ambos os
Reinos, o Filho de Ra, _ _Quem vive pela verdade. _

Para o Senhor das Coroas tu criaste o mundo
E para sua grande consorte, sua amada,
Rainha dos Dois Reinos, Nefertiti,
Quem viverá e florescerá de eternidade a eternidade!"

Os soldados ouviram e mexeram os dedos dos pés na areia. Quando finalmente a canção terminou, eles gritaram de alívio e para a honra do faraó, pois tudo o que eles entenderam do hino foi a intenção de louvar o faraó e saudá-lo como o filho do deus, o que era certo e apropriado. : assim sempre tinha sido e sempre seria. Horemheb deu permissão ao sacerdote para ir, e o jovem, encantado com a aclamação das tropas, foi escrever um relato do evento ao faraó.

4

Os homens marcharam para longe, seguidos por trenós puxados por bois e burros de carga. Horemheb avançou em sua carruagem, enquanto os oficiais superiores seguiam em suas cadeiras, queixando-se do calor. Contentei-me em sentar no lombo de um burro como meu amigo intendente, e levei comigo minha caixa médica, da qual esperava fazer bom uso.

A coluna marchou até a noite com apenas um breve descanso durante o qual os homens foram autorizados a comer e beber. Um número cada vez maior ficou com os pés doloridos e caiu na beira da estrada, incapaz de se levantar apesar dos chutes e chicotadas dos sargentos. Os homens xingavam e cantavam alternadamente. Com o prolongamento das sombras vinha o gemido das flechas das rochas que margeavam a estrada e de vez em quando um grito das fileiras, onde um homem agarrava seu ombro, no qual uma flecha estava cravada, ou caía de cabeça na estrada. Horemheb não ficou para abater os franco-atiradores, mas seguiu em frente até que as tropas se moviam a trote. As carruagens leves abriram caminho à frente e logo vimos deitados à beira da estrada os corpos de Khabiri em capas esfarrapadas, suas bocas e olhos cheios de moscas.

Alguns de nossos homens caíram para entregar esses corpos em busca de pilhagem, mas não havia mais nada para levar.

O contramestre suava em seu burro e me pediu que levasse sua última saudação à esposa e aos filhos, pois achava que aquele seria seu último dia. Ele me disse onde em Tebas sua esposa poderia ser encontrada e me implorou para que ninguém saqueasse seu cadáver - desde que não estivéssemos todos mortos à noite, acrescentou, com um aceno sombrio de cabeça.

Por fim, abriu-se diante de nós a vasta planície em que os Khabiri eram acampado. Horemheb deu ordem para o soar das trompas e dispôs suas tropas para o ataque, lanceiros no centro e arqueiros em ambos os flancos. As carruagens, exceto algumas das mais pesadas, ele despachou para desempenhar um certo papel em outro lugar, e elas correram a tal velocidade que a poeira girou e as escondeu. Dos vales além das colinas subia a fumaça das aldeias em chamas. Os Khabiri na planície pareciam inumeráveis, e seus uivos e gritos encheram o ar enquanto avançavam sobre nós, escudos e pontas de lanças brilhando ameaçadoras à luz do sol.

Horemheb gritou em alta voz: "Apertem os joelhos, sapos, porque os lutadores entre eles são poucos, e o que você vê são gado, mulheres e crianças – todos para serem seus antes do anoitecer. Em suas panelas, comida quente espera por você. Vá embora agora, para que possamos comer, pois já estou faminto como um crocodilo!"

Mas a hoste Khabiri chegou mais perto, superando em muito a nossa. Suas lanças pareciam afiadas à luz do sol, e a batalha não tinha encantos para mim. As fileiras de nossos lanceiros vacilaram, e eles olharam para um lado e para outro como eu. Os sargentos golpearam com seus chicotes e xingaram - e sem dúvida os homens estavam cansados demais para se virar e fugir, pois endureceram suas fileiras, e os arqueiros tilintavam nervosamente as cordas dos arcos, aguardando o sinal.

Quando os Khabiri se aproximaram, soltaram seu grito de guerra, um uivo tão horrível que o sangue escapou de minha cabeça e minhas pernas cederam. Naquele instante eles atacaram, soltando suas flechas enquanto corriam. O som das flechas era bzzzt, bzzzt, como o zumbido das moscas. Não conheço barulho mais enlouquecedor do que o canto de flechas passando pelo ouvido. No entanto, fiquei animado ao ver quão pouco dano eles causavam, pois ou voavam sobre nossas cabeças ou eram repelidos pelos escudos.

Agora Horemheb gritou: "Siga-me, sua escória!" Seus cocheiros entregaram a cabeça aos cavalos e foram atrás dele; os arqueiros lançavam suas flechas como um só homem, enquanto os lanceiros corriam atrás das carruagens. Um grito irrompeu de todas as gargantas - um grito mais aterrorizante do que o uivo dos Khabiri - pois cada homem estava gritando para si mesmo para afogar seu terror. Ouvi-me berrar também a plenos pulmões e senti um grande alívio.

As carruagens trovejaram entre os Khabiri atacantes e se afastaram no À frente, acima da poeira rodopiante e das lanças pontiagudas, brilhava o elmo plumado de Horemheb. Na retaguarda dos carros atacaram os lanceiros liderados por seus

estandartes de batalha - suas caudas de leões e falcões - enquanto os arqueiros se espalhavam pela planície descarregando rajadas no inimigo assediado. A partir deste momento, tudo era uma confusão horrível, chocante, trovejante, estridente e uivante. Flechas assobiaram em meus ouvidos; meu burro estremeceu e disparou no meio da luta, e eu gritei e chutei em minha extremidade, mas não consegui segurá-lo. Os Khabiri lutaram resolutamente e sem medo, e aqueles que foram pisoteados pelos cavalos ainda atacaram com suas lanças aqueles que os atacaram, e muitos egípcios foram mortos quando se abaixaram para cortar a mão de sua vítima em sinal de triunfo. O fedor de sangue superava o fedor dos soldados suados, e os corvos desciam do céu em bandos cada vez maiores.

De repente, os Khabiri soltaram um grito de raiva e partiram em plena retirada, pois viram que aquelas carruagens que haviam sido enviadas ao redor da planície haviam entrado em seu acampamento; suas mulheres estavam sendo atacadas e o gado expulso. Esta visão eles não puderam suportar, mas correram para o resgate, um movimento que foi sua ruína. Os carros os cercaram e os dispersaram, e o restante foi tratado pelos lanceiros e arqueiros. Quando o sol se pôs, a planície estava cheia de cadáveres sem alças, o acampamento estava em chamas e de todos os cantos vinha o berro de gado frenético.

No delírio da vitória, nossos homens prolongaram o massacre, mergulhando suas lanças em tudo o que viam, matando homens que já haviam deposto as armas, cravando miolos em crianças com seus porretes e disparando flechas loucamente no gado em debandada até que Horemheb ordenou que as trombetas soassem; após o que oficiais e subordinados caíram em si e cercaram a ralé com seus chicotes. Mas meu burro louco ainda galopava pelo campo de batalha, batendo e sacudindo-me nas costas como um saco de farinha até que eu mal sabia se estava vivo ou morto. Os soldados riram de mim e zombaram de mim até que finalmente um deles atingiu o burro no focinho com a ponta da lança, fazendo o animal parar para que eu pudesse descer. Dali em diante eu era conhecido entre eles como o Filho do Asno Selvagem.

Os prisioneiros foram conduzidos juntos para os cercados, as armas empilhadas e os pastores enviados para reunir o gado. Tão numerosos eram os Khabiri que muitos deles conseguiram escapar, mas Horemheb supôs que eles correriam a noite toda e não teriam pressa para voltar. À luz das tendas em chamas e cargas de forragem, o baú sagrado foi trazido e colocado diante de Horemheb. Ele a abriu e tirou Sekhmet, a cabeça de leão, cujo peito esculpido inchava orgulhosamente à luz do fogo. Os soldados, em grande júbilo, borrifaram-na com gotas do sangue que escorria de suas feridas e lançaram diante dela as mãos decepadas em sinal de conquista. Estes formaram um grande amontoado, e alguns homens trouxeram até quatro e cinco. Horemheb conferiu correntes e braceletes a eles e honrou os mais valentes com promoção. Ele estava empoeirado

e manchado de sangue, e seu chicote dourado estava pingando, mas seus olhos sorriam para seus guerreiros enquanto os saudava como seus próprios rufiões e brutamontes alegres.

Havia muito trabalho para mim, pois as lanças e clavas dos Khabiri causavam feridas horríveis. Trabalhei à luz das tendas em chamas, e os gritos dos feridos misturavam-se aos das mulheres que eram arrastadas pelos soldados, que lançavam sortes sobre eles. Lavei e costurei feridas abertas, enfiei entranhas de volta em barrigas cortadas e recoloquei retalhos de couro cabeludo rasgados.

Àqueles cuja morte era certa dei cerveja e narcóticos para que passassem em paz durante a noite.

Atendi também alguns dos Khabiri cujos ferimentos impediram a fuga, dando pontos e curando suas feridas. Por que razão fiz isso, mal sei, a menos que pensei que Horemheb conseguiria um preço melhor por eles quando os vendesse como escravos se eu os curasse primeiro. Mas muitos deles não se importaram com a minha ajuda e abriram suas feridas novamente quando ouviram o choro de seus filhos e os lamentos de suas mulheres violentadas. Eles enrolaram as pernas, colocaram suas vestes sobre a cabeça e sangraram até a morte.

Eu os assisti e me senti menos orgulhoso da vitória do que antes. Eles eram apenas pobres e famintos povos do deserto, tentados pelo gado e grãos dos vales a fazer esses ataques desesperados na Síria. Eles eram magros e sofriam muitas vezes de doenças oculares. Embora fossem valentes e aterrorizantes na guerra e deixassem para trás um rastro de aldeias em chamas, não pude deixar de sentir compaixão quando os vi puxar suas roupas esfarrapadas sobre a cabeça para morrer.

No dia seguinte, encontrei Horemheb e implorei-lhe que montasse um acampamento vigiado onde os soldados mais gravemente feridos pudessem se recuperar, pois, se fossem levados diretamente para Jerusalém, certamente pereceriam no caminho.

Horemheb agradeceu-me por minha ajuda e disse: "Eu nunca lhe dei crédito por tal valor como você demonstrou ontem, cavalgando no meio da batalha em seu burro louco. Você não pode saber que na guerra a tarefa do médico não começa até a batalha. Eu ouvi os homens te chamarem de Filho do Asno Selvagem, e se você quiser, eu vou levá-lo para a batalha em minha própria carruagem. A boa sorte certamente deve acompanhá-lo, já que você ainda está vivo, embora você não tenha carregado nenhum dos dois. lança nem clava."

"Seus homens elogiam seu nome e juram seguir onde quer que você os leve" Eu disse, para lisonjeá-lo. "Mas como é que você não está nem mesmo ferido depois de atacar sozinho no meio das lanças? Você está protegido por alguma magia poderosa, ou como é que você não sente medo?"

"Sei que estou destinado a realizar grandes feitos, mas como sei disso não posso lhe dizer. É verdade que meu falcão não amava o palácio e voou para nunca mais voltar.

no deserto do Sinai, suportando grande fome e maior sede - pois sofri com meus homens para saber o que eles estavam sentindo e assim ter comando sobre eles - vi em algum vale uma sarça ardente. Era de fogo vivo em forma de um grande arbusto ou árvore, e não era consumido, mas queimado noite e dia. A terra ao redor tinha um cheiro que me subiu à cabeça e me inspirou coragem. Eu o vi quando estava dirigindo à frente de minhas tropas para caçar as feras do deserto, e não foi visto por nenhum outro, exceto meu cocheiro, que pode testemunhar a aparição. Mas desde aquele momento eu soube que nenhuma lança ou flecha ou porrete de guerra pode me tocar antes da hora marcada."

Eu acreditei em seu relato e fiquei maravilhado, pois ele não tinha motivos para inventar tal história para minha diversão. Na verdade, dificilmente acho que ele poderia ter feito isso, sendo um homem que acreditava apenas no que podia tocar com as mãos.

No terceiro dia Horemheb dividiu suas tropas, enviando alguns de volta a Jerusalém com o saque – pois poucos comerciantes vinham ao próprio campo de batalha atrás de nossos escravos, panelas e grãos – e outro grupo ele enviou para pastorear o gado pastando. Eu havia montado um acampamento para os feridos, guardado por um pelotão especial, mas a maior parte dos doentes morreu. O próprio Horemheb partiu com suas carruagens em busca dos Khabiri, pois ao interrogar os prisioneiros ficou sabendo que os fugitivos haviam conseguido resgatar e levar seu deus.

Ele me levou consigo contra a minha vontade, e eu fiquei atrás dele na carruagem, segurando-o pela cintura e desejando nunca ter nascido. Ele dirigia como um louco, e pensei que a cada instante deveríamos capotar e eu deveria ser arremessado de cabeça entre as pedras. Mas ele apenas zombou e me disse que me daria um gostinho da guerra desde que eu vim para descobrir o que ela tinha a me dizer.

Ele me deu um gostinho disso: eu vi as carruagens passarem como uma tempestade sobre os Khabiri – os Khabiri cantando alegremente e agitando as palmas – enquanto conduziam seu gado roubado para seu esconderijo no deserto. Seus cavalos pisoteavam mulheres, crianças e idosos; ele foi envolto na fumaça das tendas em chamas; e com sangue e lágrimas os Khabiri aprenderam que era melhor viver na pobreza no deserto e morrer de fome em suas tocas do que atacar a rica e fértil Síria, para que eles pudessem manchar suas peles secas ao sol com óleo e se encher de comida roubada. grão. Assim, experimentei a guerra - que não era mais guerra, mas perseguição e assassinato - até que o próprio Horemheb se cansou e, virando-se, ordenou a colocação das pedras de fronteira que o Khabin havia derrubado.

Ele alcançou o deus Khabiri, no entanto, e mergulhou nele como um falcão, dispersando os carregadores que o largaram e fugiram. A imagem foi posteriormente cortada em lenha e queimada antes de Sekhmet. Os guerreiros bateram no peito dizendo: "Vejam como queimamos o deus dos Khabiri!" O nome desse deus era Jehou ou Jahveh; era o único que os invasores possuíam, e eles tiveram que

voltar despojado para o deserto. Eles estavam assim mais pobres, apesar de todos os antigos acenar de palmas e canções de alegria, do que quando partiram.

5

Horemheb retornou a Jerusalém, que estava repleta de refugiados do país fronteiriço, e vendeu de volta a eles seus grãos e panelas. Com isso eles rasgaram suas roupas e gritaram: "Esses ladrões são piores que os Khabiri!" Mas eles não sofreram dificuldades, pois puderam pedir dinheiro emprestado de seus templos, dos mercadores e dos coletores de impostos, que afluíram a Jerusalém de toda a Síria. Assim Horemheb converteu os despojos em ouro e prata, que distribuiu entre seus soldados. Agora eu entendia por que a maioria dos feridos havia morrido apesar dos meus cuidados. Restava muito mais despojo para seus camaradas, que também haviam roubado as roupas, armas e tesouros dos doentes e não lhes deram água nem comida para que pudessem. Que maravilha que cirurgiões inexperientes estivessem sempre ansiosos para seguir as tropas para a batalha ou que, apesar de sua incompetência, eles voltassem tão ricos!

Jerusalém estava cheia de barulho e clamor e o barulho dos instrumentos sírios. Os soldados esbanjavam ouro e prata em cerveja e garotas até que os comerciantes, tendo assim recuperado seu dinheiro, foram embora. Horemheb cobrava um imposto sobre os mercadores tanto quando eles chegavam quanto quando partiam e, portanto, era um homem rico, embora tivesse se abstinido de sua parte nos despojos.

Ele não sentiu alegria, e quando fui despedir-me dele antes de partir para Esmirna, ele disse: "Esta campanha terminou antes de começar, e em sua carta para mim o Faraó me repreende por derramar sangue contra suas ordens. voltar para o Egito com meus ratos, para debandá-los e entregar seus estandartes aos cuidados do templo. Mas qual será o resultado eu não sei, pois essas são as únicas tropas treinadas no Egito, e o resto não serve para nada além de sujando paredes e beliscando as nádegas das mulheres no mercado. Por Amon, é bastante fácil no palácio dourado do Faraó escrever canções em homenagem ao seu deus e acreditar que todas as nações podem ser governadas pelo amor!

homens e o lamento das mulheres nas aldeias em chamas quando o inimigo cruza as fronteiras, ele pode pensar de outra forma."

"O Egito não tem inimigos; ela é muito rica e muito poderosa", eu disse. "Também seu a fama se espalhou sobre a Síria, e os Khabiri não removerão os marcos pela segunda vez. Por que então você não deveria dispersar as tropas, pois na verdade eles se enfurecem em suas taças como feras selvagens, seus covis adormecidos fedem e são venenosos?"

"Você não sabe o que diz", ele retrucou, olhando para ele e coçando as axilas - pois até a cabana do comandante estava cheia de piolhos. "O Egito é auto-suficiente e nisso está enganado. O mundo é grande e nos lugares escondidos está sendo semeada a semente da qual o fogo e a destruição serão colhidos. Ouvi, por exemplo, que o rei dos amorreus está acumulando cavalos diligentemente e carros, ao passo que seria mais conveniente para ele pagar seu tributo ao Faraó com maior pontualidade. Em seus banquetes, seus altos funcionários falam apenas de como os amorreus governaram o mundo inteiro - o que é, em certo sentido, verdade, pois o último dos hicsos habitam na terra de Amurru."

"Aquele Aziru é meu amigo e um homem vaidoso, pois dourei seus dentes. E acho que ele tem outras coisas em mente, pois ouvi dizer que ele se casou com uma esposa que tira a força de seus lombos".

"Você sabe muitas coisas", observou Horemheb, olhando-me atentamente. "Você é um homem livre, um homem independente; você viaja de cidade em cidade ouvindo muito do que está escondido dos outros. Se eu estivesse em seu lugar e livre, eu viajaria para todos os países em busca de conhecimento. Eu deveria ir para a terra de Mitani, e também Babilônia, e aprender que tipo de carros de guerra os hititas usam agora e como eles exercem suas tropas. Eu deveria visitar as ilhas no mar para notar quão grandes são os navios, de que tanto se fala. Mas meu nome é conhecido em toda a Síria, e talvez eu não devesse ouvir tanto.

Sinuhe, estão vestidos com roupas sírias e falam uma língua conhecida pelos educados de todas as nações. Você também é médico, e ninguém imaginaria que você entende alguma coisa fora da sua profissão. Além disso, sua fala é simples e para meus ouvidos muitas vezes infantil, e você tem um olhar arregalado. No entanto, eu sei que seu coração está trancado e o que você carrega dentro de você não é conhecido por ninguém. Isso não é verdade?"

"Talvez. Mas o que você quer de mim?"

"O que você diria se eu lhe fornecesse um bom suprimento de ouro e mandá-lo para as terras de que falei para praticar seu ofício e espalhar a fama tanto da medicina egípcia quanto de seus próprios poderes de cura? Os ricos e influentes até mesmo os reis, talvez, o convocariam, e você examinaria seus corações. Enquanto você seguisse seu chamado, você deixaria seus olhos serem meus e seus ouvidos meus, para que quando você voltasse ao Egito você pudesse me prestar contas de tudo o que você viu e ouviu".

"Eu não pretendo voltar nunca - e além disso há perigo no que você propõe. Eu não tenho nenhum desejo de ficar pendurado de cabeça para baixo na parede de uma cidade estrangeira."

"Ninguém sabe o que o amanhã pode trazer. Acho que você vai voltar para Egito, pois aquele que uma vez bebeu das águas do Nilo não pode saciar sua sede em outro lugar. Até as andorinhas e os groux voltam a cada inverno. O ouro é apenas pó para mim, e prefiro trocá-lo por conhecimento. Quanto ao enforcamento, sua conversa é como o zumbido de moscas no meu ouvido. Eu não peço que você faça o mal ou quebre as leis de qualquer lugar. Todas as grandes cidades não atraem o viajante para visitar seus templos - elas não preparam todos os tipos de banquetes e diversões para atrair ele e seu ouro? Você é bem-vindo em todos os lugares se trouxer ouro.

"Suas artes também são bem-vindas em terras onde eles matam os velhos com um machado e expõem os doentes no deserto para morrer, como você sabe que é feito. Os reis são orgulhosos e adoram desfilar seus soldados para impressionar o estrangeiro. Você não faz mal nenhum, observando como os homens marcham e de que maneira estão armados, contando os carros e tendo em mente se são grandes e pesados ou pequenos e leves e se levam dois ou três homens - pois ouvi dizer que alguns usam um escudo. Também é importante notar se as tropas estão bem alimentadas e brilhando com óleo ou magras e verminosas, com olhos doentios, como meus próprios ratos. Há um boato de que os hititas descobriram algum novo metal e que armas feitas com isso podem lascas as pontas do melhor machado de cobre. Se isso é verdade eu não sei; é possível que eles tenham descoberto alguma nova maneira de endurecer o cobre. Seja como for, gostaria de saber mais. Mas acima de tudo eu aprenderia os corações dos governantes e dos conselheiros. Olhe para mim!"

Olhei para ele, e ele pareceu crescer diante dos meus olhos. Ele era divino, e seu olhar era como um carvão em brasa, de modo que meu coração fraquejou e eu me curvei diante dele.

Ele disse: "Você crê agora que eu sou um homem de autoridade?"

"Meu coração me diz que você pode me comandar, mas eu não sei por que isso deveria ser." Eu vacilei, e minha língua estava grossa na minha boca. "Sem dúvida, é verdade que você está destinado a comandar muitos, como você disse. Eu vou, portanto, e meus olhos serão seus olhos e meus ouvidos seus ouvidos. Não sei se você ganhará com o que vejo e ouço, pois nos assuntos que você aprenderia, eu sou um burro. No entanto, farei isso da melhor maneira possível e não por ouro, mas porque você é meu amigo e porque claramente os deuses assim o quiseram - se é que realmente existem deuses".

Ele disse: "Eu não acho que você vai se arrepender de ser meu amigo. Eu lhe darei ouro para sua viagem, no entanto, porque se eu sei alguma coisa dos homens, você precisará dele. Você não pergunta por que esse conhecimento é mais precioso para mim do que o ouro, mas isto eu posso lhe dizer: os grandes faraós enviaram homens inteligentes para cortes estrangeiras, mas os enviados deste faraó são cabeças de carneiro que não sabem mais do que pregar suas vestes e usar suas honras e em que ordem eles devem ficar à direita ou

mão esquerda de Faraó. Portanto, não preste atenção a eles se você encontrar algum, mas deixe a conversa deles ser como o zumbido de moscas em seu ouvido."

Quando nos separamos, ele deixou de lado sua dignidade, acariciou minha bochecha e tocou meus ombros com seu rosto, dizendo: "Meu coração está pesado por causa de sua partida, Sinuhe, pois se você está sozinho, por que, eu também estou. Nenhum homem conhece os segredos do meu coração."

Acredito que, ao dizer isso, seus pensamentos estavam com a princesa Baketamon, cuja beleza o enfeitiçou.

Ele me deu muito ouro, mais do que eu poderia imaginar - acredito que ele me deu todo o ouro que ganhou na campanha da Síria - e me forneceu uma escolta até a costa para que eu pudesse viajar sem medo de ladrões. Assim que cheguei lá, coloquei o ouro com uma grande empresa comercial, trocando-o por tablets de barro, que eram mais seguros de transportar, sendo inúteis para os ladrões, após o que embarquei em um navio para Esmirna.

LIVRO 6

O Dia do Falso Rei

1

ANTES de começar um novo livro devo dar glória aos dias passados em que viajei sem ser molestado por muitas terras adquirindo sabedoria, pois tal tempo dificilmente voltará. Viajei por um mundo que durante quarenta anos não conheceu nenhuma guerra. Reis por toda parte protegiam as rotas das caravanas e os comerciantes que

os usavam, enquanto seus navios e os de Faraó varriam os mares de piratas. As fronteiras estavam abertas; mercadores e viajantes que traziam ouro eram bem-vindos em todas as cidades, e não havia amargura nem dissensão entre os homens; eles se curvaram um para o outro, estendendo as mãos na altura dos joelhos, e aprenderam os caminhos uns dos outros. Muitos dos educados falavam várias línguas e escreviam dois tipos de escrita.

Os campos foram regados e produziram colheitas abundantes, e nas Terras Vermelhas o rio dos céus serviu para o nosso Nilo e refrescou a terra. Naqueles dias, o gado percorria em segurança as pastagens, e os pastores não carregavam lanças, mas tocavam gaitas e cantavam canções alegres. Os vinhedos prosperaram e as árvores frutíferas se curvaram sob seus fardos; os sacerdotes eram gordos e reluzentes de óleo; e a fumaça de incontáveis sacrifícios subia dos pátios dos templos em todos os países. Os deuses também prosperaram e foram graciosos e engordaram com holocaustos. Os ricos ficaram mais ricos, os poderosos ainda mais poderosos, e os pobres mais pobres, como os deuses decretaram, de modo que todos ficaram contentes e não houve murmuração. Tal é a visão que tenho deste tempo passado - um tempo que nunca mais voltará - quando em minha juventude meus membros não se cansavam de longas jornadas, quando meus olhos estavam ansiosos por coisas novas e quando meu coração, sedento de conhecimento, bebeu a sua plenitude.

E agora, tendo elogiado o passado, quando até o sol brilhava mais forte e os ventos eram mais suaves do que nestes dias maus, contarei minhas viagens e tudo o que vi e ouvi. Mas primeiro devo falar do meu retorno a Esmirna.

Quando cheguei em casa, Kaptah correu ao meu encontro, gritando e chorando de alegria, e se jogou aos meus pés.

"Abençoado seja o dia que traz meu senhor para casa!" ele chorou. "Você voltou embora eu acreditasse que você estava morto em batalha - eu acreditei positivamente que você tinha sido aberto com uma lança porque você não deu atenção aos meus avisos e saiu para ver como é a guerra. Verdadeiramente nosso escaravelho é um deus poderoso e te protegeu, e abençoado é o dia. Meu coração está cheio de alegria ao vê-lo, e a alegria flui de meus olhos em lágrimas - pois não posso contê-los, embora me imaginasse seu herdeiro e esperasse tomar posse de todo o ouro que você colocou com os mercadores de Esmirna. No entanto, eu não sofro por essa riqueza perdida, pois sem você sou como uma criança que perdeu sua represa, e meus dias são sombrios. E não roubei mais de você do que antes, mas guardaste a tua casa, os teus bens e todos os teus interesses para que voltes mais rico do que foste."

Ele lavou meus pés e derramou água sobre minhas mãos e cuidou de mim em todos os sentidos com gritos ininterruptos até que lhe mandei calar.

"Façam preparativos rápidos, pois devemos iniciar uma jornada que pode levar muitos anos e que será cheia de dificuldades; vamos para a terra de Mitani e para a Babilônia e para as ilhas do mar".

Então Kaptah exclamou: "Agora, sinceramente, eu gostaria de nunca ter nascido neste mundo e também de nunca ter crescido gordo e próspero, pois quanto mais afortunado um homem é, mais difícil é para ele renunciar à sua facilidade. para um mês ou dois, como você fez antes, eu não deveria dizer nada além de permanecer em paz aqui em Esmirna. Mas se sua jornada durar anos, você pode nunca mais voltar e eu nunca mais te ver. Venha com você, levando nosso escaravelho sagrado. Contra tais perigos você precisará de toda sorte possível, e sem o escaravelho você cairia em fendas em seu caminho e seria paralisado pelas lanças de ladrões. Mas seria melhor permanecer em nossa casa em Esmirna."

Pois Kaptah ficava mais insolente a cada ano que passava e já falava da nossa casa e do nosso escaravelho e quando pagava alguma coisa falava do nosso ouro.

Mas eu me cansei disso e de sua lamentação e disse: "Meu coração me diz que um belo dia você vai ficar pendurado pelos calcanhares na parede por sua insolência. Resolva, portanto, se você virá comigo ou ficará aqui - e, acima de tudo, cesse esse lamento contínuo quando eu me preparar para uma longa jornada.

Com isso, Kaptah ficou em silêncio e resignou-se ao seu destino, e nos preparamos para partir. Como ele havia jurado nunca mais pôr os pés a bordo de um navio, nos juntamos a uma caravana que estava a caminho do norte da Síria, pois eu desejava ver os cedros do Líbano, de onde vinham as madeiras para os palácios e para o barco sagrado de Amon. . Da viagem havia pouco a dizer; foi tranquilo e nenhum ladrão nos atacou. As estalagens eram boas, e comíamos e bebíamos bem; em um ou dois dos pontos de parada, pessoas doentes vinham até nós, de quem eu cuidava. Viajei em uma cadeira, pois já estava farto de burros. Embora o vento seco secasse meu rosto de modo que eu devesse estar sempre esfregando óleo e embora a poeira me sufocasse e as pulgas da areia me atormentassem, essas pareciam apenas pequenas provações, e meus olhos se regozijavam com tudo o que viam.

Vi florestas de cedros e árvores tão grandes que nenhum egípcio acreditaria em mim se eu as descrevesse. A fragrância desses bosques era maravilhosa, e os riachos eram claros, e parecia-me que ninguém que vivesse em um país tão bonito poderia ser totalmente infeliz. Mas isso foi antes de eu ver os escravos que derrubavam e arrancavam a madeira para mandá-la encosta abaixo até a beira-mar. A miséria desses escravos era terrível de testemunhar; seus braços e pernas estavam cobertos de feridas purulentas rasgadas pela casca e por suas ferramentas, e em suas costas os vergões cortados pelo flagelo estavam cheios de moscas.

Finalmente chegamos à cidade de Cades, onde havia uma fortaleza e um grande guarnição egípcia. Mas as muralhas da fortaleza estavam desguarnecidas, as defesas haviam desmoronado, e oficiais e soldados viviam na cidade com suas famílias, lembrando-se de que eram guerreiros apenas nos dias em que grãos, cebolas e cerveja eram distribuídos nas lojas do faraó. Ficamos na cidade

tempo suficiente para as feridas de equitação no traseiro de Kaptah cicatrizarem. Curei muitos doentes, pois os médicos egípcios neste lugar eram incompetentes, e seus nomes há muito devem ter sido apagados do Livro da Vida - se é que eles já foram inscritos lá.

Nesta cidade mandei cortar para mim um selo numa pedra rara, como convinha à minha dignidade; pois os selos também diferem dos do Egito, não sendo usados em um anel, mas pendurados no pescoço na forma de cilindros que, quando enrolados sobre a tábua, deixam sua impressão no barro. Os pobres e analfabetos simplesmente pressionam seus polegares sobre ele - se algum dia tiverem oportunidade de deixar sua marca.

Continuamos nossa jornada e cruzamos a fronteira para Naharani, sem nenhum impedimento, onde chegamos a um rio que flui para cima em vez de descer como o Nilo. Disseram-nos que estávamos na terra de Mitani e pagamos o imposto dos viajantes nas receitas reais. Mas por sermos egípcios, o povo nos cumprimentou com respeito, chegando até nós na rua e dizendo:

"Nós lhe damos as boas-vindas; nossos corações se alegram com a visão dos egípcios, pois faz muito tempo que não os vimos. Nossos corações também estão inquietos, pois seu Faraó não nos enviou soldados, nem armas, nem ouro; e correm rumores que ele ofereceu ao nosso rei algum novo deus do qual nada sabemos, embora já tenhamos Ishtar de Nínive e vários outros que até agora nos protegeram."

Eles me convidaram para suas casas e me deram comida e bebida, e eles também serviu Kaptah porque era egípcio, embora apenas meu servo, de modo que me disse: "Esta é uma boa terra. Vamos ficar aqui, senhor, e praticar a medicina, pois parece que essas pessoas são ignorantes e crédulas e ser fácil de enganar."

O rei de Mitani e sua corte subiram as montanhas para o estação quente. Eu não tinha vontade de segui-los até lá, impaciente para ver as maravilhas da Babilônia, de que tanto ouvira falar. Mas fiz como Horemheb me ordenara e falei com os grandes e com os humildes; todos contaram a mesma história; todos estavam inquietos. A terra de Mitanni tinha sido antigamente poderosa, mas agora parecia uma terra flutuando no ar, cercada pela Babilônia no leste, por tribos selvagens no norte e no oeste pelos hititas, cujo nome era Hatti. . Quanto mais eu ouvia sobre os hititas, que eram muito temidos, mais firme se tornava minha decisão de viajar também para a terra de Hatti, mas primeiro eu desejava visitar a Babilônia.

Os habitantes da terra de Mitani eram de baixa estatura, suas mulheres eram lindas e seus filhos como bonecas. Pode ser que eles tenham sido um povo poderoso em seu tempo, pois disseram que uma vez governaram os povos do norte e do sul, do leste e do oeste - mas isso é o que todas as nações dizem. Desde o tempo dos grandes faraós, este país dependia do Egito e, por duas gerações, as filhas de seu rei haviam morado como esposas na casa do faraó.

casa dourada. Ouvindo a conversa e a queixa dos mitanianos, vim a entender que seu país havia sido projetado como um escudo para a Síria e o Egito contra o poder da Babilônia e dos povos selvagens, para receber em seu corpo as lanças apontadas para o faraó. soberania. Por esse motivo, e somente por esse motivo, os faraós sustentaram o trono cambaleante do rei e lhe enviaram ouro, armas e mercenários. Mas as pessoas não entendiam isso e estavam extremamente orgulhosas de seu país e de seu poder.

Vi que era uma nação cansada e decadente com a sombra da morte em suas têmporas. As pessoas não sabiam disso e prestavam mais atenção à sua comida, preparando-a de muitas maneiras notáveis; eles também desperdiçavam seu tempo experimentando roupas novas - seus sapatos pontudos e chapéus altos - e eram exigentes na escolha de jóias. Seus membros eram esguios como os dos egípcios, e a tez das mulheres era tão transparente que se podia ver o sangue fluindo azul em suas veias. Eles falavam e se comportavam com delicadeza e foram ensinados na infância a andar graciosamente, tanto homens quanto mulheres. Viver aqui era agradável; mesmo nas casas de prazer não havia brigas: tudo era silêncio e discrição, de modo que me sentia desajeitado quando as frequentava e bebia meu vinho lá. No entanto, meu coração estava pesado, pois eu tinha visto a guerra e sabia que se tudo o que foi dito sobre a terra de Hatti fosse verdade, então Mitanni estava condenado.

Sua medicina também era de alto padrão, e seus médicos homens habilidosos que conheciam seu ofício e também muitas coisas que eu não conhecia. Eu obtive deles uma poção para expelir vermes que era muito menos problemática e desagradável do que qualquer outra que eu já havia encontrado antes. Eles também podiam curar a cegueira com a agulha, e nisso também me tornei mais proficiente. Mas eles não sabiam nada sobre a abertura do crânio e diziam que só os deuses podiam curar ferimentos na cabeça – e que mesmo assim os pacientes nunca mais eram os mesmos, então era melhor para eles morrerem.

No entanto, as pessoas estavam curiosas; eles vieram me ver e trouxeram seus doentes, sendo atraídos por qualquer coisa estranha. Assim como adoravam usar roupas e joias estrangeiras, comer pratos exóticos e beber vinho importado, desejavam ser tratados por um médico estrangeiro. As mulheres também vieram e sorriram para mim e me contaram suas doenças e reclamaram que seus homens eram preguiçosos e cansados e sem virilidade. Eu entendia bem o que eles queriam, mas tive o cuidado de não ceder a eles, pois não queria ofender as leis de uma terra estrangeira. Em vez disso, dei-lhes drogas para misturar com o vinho de seus maridos. Eu havia obtido dos médicos de Esmirna drogas que faziam até mesmo um morto ficar no cio, sendo os sírios os mais espertos do mundo nesse assunto e seus remédios mais poderosos que os do Egito. Mas se as mulheres deram essas drogas a seus maridos ou a outros homens, não sei, embora imagine que preferiam estranhos, pois eram livres em seus caminhos. Poucos deles tinham filhos, o que novamente era um sinal para mim de que a sombra da morte pairava sobre suas terras.

Devo mencionar que essas pessoas não conheciam mais os limites de sua próprio reino, uma vez que as pedras dos limites estavam constantemente sendo movidas. Os hititas os levaram em seus carros e os colocaram onde quiseram. Se os mitanianos protestaram, os hititas riram e os desafiaram a colocá-los de volta se assim o desejassem. Mas esse não era o desejo deles, pois se o que foi dito sobre os hititas fosse verdade, nunca na terra havia sido visto um povo tão cruel, tão formidável. Diz a lenda que seu maior prazer era ouvir os gritos dos mutilados e ver o sangue fluir de feridas abertas. Eles cortaram as mãos do povo da fronteira de Mitannian que se queixava de que o gado hitita pisoteava seus campos e devorava suas colheitas e depois zombava deles e lhes dizia para levantar as pedras de fronteira de volta em seus lugares. Eles também cortavam os pés desses camponeses e diziam para eles correrem e reclamarem com o rei ou cortariam o couro cabeludo e puxariam a pele sobre os olhos para que não pudessem ver para onde os marcos haviam sido levados. Não posso contar todo o mal que os hititas fizeram, todas as suas crueldades e práticas hediondas. Foi dito que eles eram piores do que gafanhotos, pois depois dos gafanhotos a terra produz novamente, mas onde os carros dos hititas passaram, nenhuma grama cresceu.

Eu não queria ficar mais na terra de Mitanni, pois sentia que tinha aprendido tudo o que desejava saber, mas meu orgulho de doutor foi ferido pelas dúvidas da faculdade de Mitanni, que não acreditou no que eu lhes disse. de abertura do crânio. Chegou à minha estalagem um homem distinto que se queixava de que tinha o rugido do mar continuamente nos ouvidos, que era dado a desmaiar e que sofria de dores tão excruciantes na cabeça que, se ninguém pudesse curá-lo, ele desejava morrer. Os médicos de Mitani não o trataram.

Eu disse a esse homem: "É possível que, se você me deixar abrir seu crânio, você ser curado, mas é mais provável que você morra. Desta operação, apenas um em cem se recupera."

Ele respondeu: "Eu deveria estar louco para não concordar com isso, pois então pelo menos tenho uma chance em cem de sobrevivência. Não confio em sua cura, mas ao morrer por sua mão não há transgressão à vista. dos deuses, como haveria em pôr fim à minha própria vida. Se, por outro lado, você me curar, de bom grado lhe darei metade de tudo o que possuo - e isso não é uma soma pequena - nem você se arrependerá se eu morrer, pois também meus dons serão liberais".

Examinei-o com grande meticulosidade, sentindo cada parte de sua cabeça com minha mão, mas meu toque não lhe causou dor, e nenhum lugar em sua cabeça era mais sensível do que qualquer outro.

Então Kaptah disse: "Bata na cabeça dele com um martelo; você não tem nada a perder."

Bati nele com o martelo em diferentes pontos, e ele não fez nenhum sinal até que de repente ele gritou e caiu no chão sem sentido. Concluí disso que havia encontrado o local onde seria melhor abrir seu crânio.

Convocando os médicos céticos, eu disse: "Você pode acreditar ou não, mas pretendo abrir o crânio deste homem para curá-lo, embora sua morte seja o resultado mais provável".

Os médicos zombaram: "Isso realmente deveria valer a pena ver!"

Peguei emprestado o fogo do templo de Amon, depois purifiquei a mim e meu paciente distinto e tudo o que estava na sala. Quando a luz do meio-dia estava mais forte, comecei meu trabalho. Cortando o couro cabeludo, estanquei o sangramento abundante com ferros em brasa, embora estivesse desconfortável com a agonia que isso lhe causava. Mas ele me disse que a dor não era nada a que ele sofria todos os dias. Dei-lhe goles abundantes de vinho em que os narcóticos eram dissolvidos de modo que seus olhos se projetavam como os de um peixe morto e ele estava alegremente disposto. Em seguida, abri o osso com todo o cuidado que pude com os instrumentos que tinha à minha disposição, e ele nem desmaiou, mas respirou fundo e me disse que já o aliviou quando removi o pedaço de osso. Agora meu coração se regozijou, pois exatamente onde eu havia aberto sua cabeça ou o diabo ou o espírito da doença havia posto seus ovos, como Ptahor me ensinara. Era vermelho e horrível e do tamanho de um ovo de andorinha. Com o maior cuidado, removi-o, queimando tudo o que o prendia ao cérebro, e o mostrei aos médicos, que não riram mais. Fechei o crânio com uma placa de prata e costurei o couro cabeludo sobre ele, e o paciente nunca perdeu a consciência em momento algum. Quando terminei, ele se levantou e caminhou e me agradeceu de todo o coração, pois não ouvia mais o terrível rugido em seus ouvidos, e as dores também haviam cessado.

Essa conquista me trouxe fama na terra de Mitani, e minha fama foi antes de mim na Babilônia. Embora meu paciente tenha começado a beber vinho e se divertir, seu corpo ficou quente e ele delirou. No terceiro dia, ele saiu da cama em delírio, caiu da parede e quebrou o pescoço. Mas todos ousaram que a culpa não era minha e elogiaram muito a minha ciência.

Kaptah e eu alugamos um barco com remadores e viajamos rio abaixo até a Babilônia.

A terra sob o domínio da Babilônia é chamada por muitos nomes; é conhecida como Caldéia e também a terra dos cassitas, em homenagem às pessoas que ali vivem. Mas vou chamá-la de Babilônia, pois todos sabem que terra é essa. É um país fértil cujos campos são ladeados por valas de irrigação, e é plano até onde a vista alcança, diferindo do Egito nisso como em tudo o mais. Assim, por exemplo, enquanto as mulheres egípcias moem seu milho em posição ajoelhada e girando uma pedra redonda, as mulheres da Babilônia sentam-se e trituram duas pedras juntas, o que obviamente é mais trabalhoso.

Há tão poucas árvores que derrubar uma é considerado uma ofensa aos deuses e homens e é punível por lei. Mas quem planta uma árvore ganha assim o favor dos deuses. Os habitantes da Babilônia são mais gordos e mais oleosos do que as outras pessoas e, como todas as pessoas gordas, são dados ao riso. Eles comem comida pesada e farinhenta, e eu vi lá um pássaro que eles chamam de galinha, que não podia voar, mas vivia entre as pessoas e botava um ovo do tamanho de um ovo de crocodilo para eles todos os dias, embora ninguém que ouvisse isso acreditasse. . Ofereceram-me alguns desses ovos para comer, pois os babilônios os consideram uma grande iguaria, mas nunca me arrisquei a experimentá-los e me contentei com pratos familiares ou cujos ingredientes conhecia.

As pessoas do país me disseram que Babilônia era a maior e mais antiga de todas as cidades do mundo, embora eu não acreditasse nelas, sabendo que Tebas é a maior e a mais antiga. Não há cidade no mundo como Tebas, embora eu admita que Babilônia me surpreendeu com seu tamanho e riqueza.

Suas próprias muralhas eram altas como colinas e formidáveis de se ver, e a torre que haviam construído para seus deuses se elevava até o céu. As casas da cidade tinham quatro e cinco andares, de modo que as pessoas viviam suas vidas acima e abaixo umas das outras, e em nenhum lugar... nem mesmo em Tebas - vi lojas tão magníficas e tanta riqueza de mercadorias como nas casas de comércio do templo.

Seu deus era Marduk, e para a honra de Ishtar um portão foi construído que era mais alto do que os pilares do templo de Amon. Estava coberto de muitos azulejos coloridos que se encaixavam em quadros que deslumbravam os olhos à luz do sol. Deste portão, uma estrada larga corria para a torre de Marduk, pela qual um caminho em espiral levava ao cume - um caminho tão liso e largo que várias carruagens poderiam ter sido conduzidas lado a lado. No topo desta torre moravam os astrólogos, que conheciam todos os corpos celestes, calculavam seus caminhos e proclamavam dias auspiciosos e desfavoráveis para que todos pudessem regular suas vidas. Dizia-se também que podiam prever o destino de um homem, embora para isso tivessem que saber o dia e a hora de seu nascimento. Sendo ignorante da minha própria, eu não poderia colocar a ciência deles à prova.

Eu tinha todo o ouro que queria tirar da casa de contagem do templo, e me instalei perto do Portão de Ishtar em uma grande estalagem de muitos andares, em cujo telhado havia jardins de árvores frutíferas e arbustos de murta e onde riachos fluíam e peixes saltavam nas piscinas. Esta pousada era frequentada por pessoas eminentes que visitavam a Babilônia de suas propriedades rurais - se não tivessem casa própria na cidade - e também por enviados estrangeiros. Os quartos eram acarpetados com tapetes grossos e os sofás macios com peles de animais selvagens, enquanto nas paredes havia quadros frívolos muito alegres e coloridos juntos com azulejos vitrificados. Esta estalagem chamava-se Casa da Alegria de Ishtar e pertencia, como todas as outras dignas de nota da cidade, à Torre do Deus.

Em nenhum outro lugar do mundo há tantos tipos diferentes de pessoas para serem vistos ou línguas para serem ouvidas como na Babilônia. Os cidadãos dizem que todos os caminhos levam até lá e que é o centro do mundo. Seu povo é antes de tudo mercador; nada é mais valorizado do que o comércio, de modo que até seus deuses negociam entre si. Por isso não têm amor pela guerra, mantêm mercenários e constroem muros apenas para proteger seus negócios. Seu desejo é que as estradas em todos os países sejam mantidas abertas a todos, principalmente porque eles sabem que são os maiores comerciantes de todos e que o comércio é mais vantajoso para eles do que a guerra. No entanto, eles se orgulham dos soldados que guardam suas muralhas e templos e que marcham todos os dias para o Portão de Ishtar, seus elmos e couraças brilhando com ouro e prata. Os punhos de suas espadas também e eles: pontas de lanças são adornadas com ouro e prata em sinal de sua riqueza. Eles perguntam ansiosamente ao estrangeiro se ele já viu tais tropas e tais carros.

O rei da Babilônia era um menino de rosto liso que teve que pendurar uma barba falsa no queixo quando subiu ao trono. Ele adorava brinquedos e contos estranhos. Minha fama havia corrido antes de mim de Mitanni, de modo que, quando me instalei na Casa da Alegria de Ishtar e falei com os sacerdotes e doutores da torre, recebi a notícia de que o rei ordenou minha presença.

Kaptah, como de costume, estava ansioso e me disse: "Não vá, mas deixe-nos voar juntos, pois dos reis nada de bom pode vir".

Mas eu disse: "Seu tolo, você não se lembra que temos o escaravelho com nós?"

"O escaravelho é o escaravelho", ele retrucou, "e eu não esqueci, mas a segurança é melhor do que o perigo, e não devemos tentar o escaravelho muito alto. Se você está decidido a ir, não posso impedi-lo, e vou venha também, para que pelo menos possamos morrer juntos, mas devemos nos colocar em nossa dignidade e pedir que uma cadeira real seja enviada para nos buscar - e não iremos hoje, pois pelo costume do país é uma dia mau. Os mercadores fecharam suas lojas, e as pessoas descansam em suas

casas e não trabalham. Se o fizessem, abortaria, sendo este o sétimo dia da semana."

Eu ponderei sobre isso e sabia que ele estava certo. Embora para os egípcios todos os dias sejam iguais, exceto aqueles proclamados impróprios de acordo com as estrelas, ainda neste país o sétimo dia pode ser azar para um egípcio também, e é melhor ser prudente.

Eu disse, portanto, ao servo do rei: "Você deve me tomar por um simples estrangeiro, de fato, se você acha que eu apareceria diante do rei em um dia como este. Amanhã eu irei se seu rei enviar uma cadeira para mim. Não tenho vontade de ir até ele com esterco entre os dedos dos pés."

O servo respondeu: "Por estas suas palavras, escória egípcia, temo que você venha diante do rei com uma lança cutucando seu traseiro".

Mas ele foi e certamente ficou impressionado, pois no dia seguinte a cadeira do rei veio à Casa da Alegria de Ishtar para me buscar. Mas a cadeira era comum, como é enviada para trazer comerciantes e outras pessoas comuns ao palácio para mostrar jóias e penas e macacos.

Kaptah gritou bem alto para os carregadores e para o mensageiro: "Em nome de Set e todos os demônios! Que Marduk te açoite com escorpiões! Esteja fora! Como se fosse decente para o meu senhor viajar em um galinheiro tão precário como aquele!"

Os carregadores pareciam inexpressivos, e o mensageiro ameaçou Kaptah com seu cajado. Os espectadores começaram a se reunir na porta da estalagem e rir, dizendo: "Na verdade, desejamos ver seu senhor para quem a cadeira do rei é inadequada."

Mas Kaptah alugou a grande cadeira pertencente à estalagem, que exigia quarenta escravos para carregá-lo; nisso os embaixadores de reinos poderosos cuidavam de seus negócios, e nisso também deuses estrangeiros eram carregados quando visitavam a cidade. E os espectadores não riram mais quando desci do meu quarto com uma túnica em que estavam bordados em prata e ouro os símbolos de minha vocação. Meu colarinho brilhava ao sol com ouro e pedras preciosas, enquanto no meu pescoço estavam penduradas correntes de ouro. Os escravos da hospedaria seguiram com arcos de cedro e ébano incrustadas de marfim, nas quais estavam meus remédios e meus instrumentos.

Na verdade, não havia mais riso; em vez disso, eles se curvaram diante de mim, dizendo uns aos outros: "Verdadeiramente este homem deve ser como os deuses menores em sabedoria. Vamos segui-lo até o palácio."

Nos portões do palácio os guardas dispersaram a multidão com suas lanças e ergueram seus escudos como uma barreira, uma verdadeira muralha de ouro e prata. Leões alados ladeavam o caminho ao longo do qual fui carregado para os pátios internos. Aqui veio ao meu encontro um velho cujo queixo estava raspado à moda dos eruditos e em cujas orelhas brilhavam anéis de ouro. Suas bochechas penduradas em dobras descontentes, e havia raiva em seus olhos quando ele se dirigiu a mim.

"Meu fígado está indignado por causa do alvoroço desnecessário que você causou por sua chegada. O senhor dos quatro cantos do mundo já está perguntando que tipo de homem é este que vem quando lhe convém e não quando convém ao rei - e que, quando vem, traz consigo o tumulto."

Eu disse a ele: "Velho! Sua fala é como o zumbido de moscas no meu ouvido. No entanto, pergunto quem você pode ser para se dirigir a mim assim?"

"Sou médico-chefe do senhor dos quatro cantos do mundo - e que vigarista é você que vem atrair ouro e prata do rei? Saiba que se de sua generosidade ele o recompensar com ouro ou prata cunhada, você deve dar metade disso para mim."

"Vejo que você faria melhor em falar com meu servo, cujo negócio é afaste chantagistas e parasitas do meu caminho. No entanto, serei seu amigo, já que você é um homem velho e não conhece nada melhor. Eu lhe darei estes anéis de ouro do meu braço para mostrar-lhe que ouro e prata são apenas pó sob meus pés e que não é para eles que eu vim, mas para sabedoria".

Dei-lhe as pulseiras, e ele ficou atônito e não sabia o que dizer. Ele até permitiu que Kaptah me acompanhasse e nos levou à presença do rei.

O rei Burnaburiash estava sentado em almofadas macias em uma sala arejada com as paredes brilhando com azulejos coloridos, um menino mimado e mal-humorado com a mão no rosto. Ao lado dele jazia um leão que rosnava baixinho quando aparecíamos. O velho se prostrou para limpar o chão com a boca diante do rei, e Kaptah fez o mesmo. Quando ele ouviu o rosnado, no entanto, ele saltou sobre as mãos e os pés como um sapo com um ganido de medo, o que fez o rei cair na gargalhada e cair para trás em suas almofadas, se contorcendo de alegria. Kaptah agachou-se no chão, as mãos levantadas defensivamente, enquanto o leão também se sentou e bocejou longamente, depois bateu suas presas uma contra a outra quando os cofres do templo se fecharam sobre o ácaro de uma viúva.

O rei riu até as lágrimas correrem de seus olhos. Então ele se lembrou de sua dor e gemeu e levou a mão à bochecha tão inchada que um olho estava meio fechado. Ele fez uma careta para o velho, que se apressou em dizer: "Aqui está aquele egípcio teimoso que não veio quando você o chamou. Diga apenas uma palavra, e os guardas cortarão seu fígado".

Mas o rei o chutou, dizendo: "Não é hora de falar bobagem, mas para ele me curar imediatamente. A dor é terrível, e temo que possa morrer, já que não durmo há muitas noites nem comi nada além de caldo."

Então o velho lamentou, batendo a cabeça no chão: "Ó senhor dos quatro cantos do mundo! Fizemos tudo o que podíamos para curá-lo; oferecemos mandíbulas e dentes no templo para expulsar o espírito maligno que está alojado em

sua mandíbula. Mais não pudemos fazer porque você não nos deixou tocar em sua pessoa sagrada. Nem acho que esse egípcio imundo possa fazer melhor do que nós."

Mas eu disse: "Sou Sinuhe, o egípcio, Aquele que está sozinho, filho do burro selvagem, e não preciso examiná-lo para ver que um dente fez sua bochecha inchar porque você não a limpou ou desenhrou. a tempo, como seus médicos certamente o aconselharam a fazer. Tais dores são para as crianças e os tímidos e não para o senhor dos quatro cantos do mundo, diante de quem os próprios leões tremem e inclinam suas cabeças como vejo com meus seus próprios olhos. No entanto, sei que sua dor é grande e vou ajudá-lo."

O Rei, ainda com a mão no rosto, respondeu: "Você fala com ousadia. Se eu estivesse bem, mandaria cortar sua língua descarada e cortar seu fígado, mas não há tempo para isso agora. Cure-me rapidamente, e sua recompensa será grande. Mas se você me machucar, eu vou matá-lo sem demora."

"Seja assim. Tenho comigo um deus pequeno, mas extraordinariamente poderoso, graças ao qual não vim ontem - pois se tivesse, não teria servido para nada. Posso ver que hoje o mal amadureceu o suficiente para me trate, e isso eu farei se você quiser. Mas nem mesmo um rei os deuses podem preservar da dor, embora eu declaro a você que seu alívio quando acabar será tão grande que a dor será esquecida e que Vou torná-lo tão leve quanto qualquer homem no mundo pode fazê-lo."

O rei hesitou por um tempo, carrancudo, com a mão na bochecha. Ele era um menino bonito quando bem, embora mimado, e eu sabia que gostava dele. Sentindo meus olhos sobre ele, ele finalmente disse irritado: "O que você tem que fazer, faça rapidamente."

O velho gemeu e bateu a cabeça no chão, mas não lhe dei atenção. Ordenei que o vinho fosse aquecido, e com isso misturei um narcótico. Ele bebeu e depois de um tempo se animou um pouco, dizendo: "A dor está me deixando, e você não precisa me atormentar com suas facas e fórceps".

Mas minha vontade era mais forte. Enfiando sua cabeça firmemente em minha axila, eu o fiz abrir a boca, então lancei o furúnculo em sua mandíbula com uma faca purificada no fogo que Kaptah trouxera com ele. O fogo não era, de fato, o fogo sagrado de Amon; Kaptah, descuidadamente, permitiu que isso acontecesse na jornada rio abaixo. A nova chama que Kaptah acendeu com uma broca de incêndio em meu quarto na pousada, acreditando em sua simplicidade que o escaravelho era potente como Amon.

O rei soltou grandes gritos quando sentiu a faca, e o leão com chamas olhos se ergueram e rugiram, balançando a cauda de um lado para o outro; mas logo o menino estava ocupado cuspidando. Seu alívio foi doce, e eu o ajudei pressionando levemente sua bochecha. Ele cuspiu e chorou de alegria, e cuspiu novamente, exclamando: "Sinuhe, o egípcio, você é um homem abençoado, embora tenha me machucado". E ele cuspiu sem parar.

Mas o velho disse: "Eu poderia ter feito isso tão bem quanto ele, e melhor, se você tivesse me permitido tocar sua mandíbula sagrada. E seu dentista teria feito isso melhor do que tudo".

Ele ficou surpreso quando eu disse: "Este velho diz a verdade, pois ele poderia ter feito tão bem quanto eu, e o dentista teria feito melhor. Mas as vontades deles não eram tão fortes quanto a minha, e por isso não puderam livrá-lo de sua dor. Pois um médico deve se aventurar a causar dor mesmo a um rei quando for inevitável, sem temer por si mesmo. Estes temiam, mas eu não temo, pois tudo é um para mim, e seus homens são bem-vindos para cortar meu fígado quando eu te curar."

O rei cuspiu e apertou a bochecha, e a bochecha não doeu mais.

"Eu nunca ouvi um homem falar como você fala, Sinuhe. Verdaderamente você trouxe-me grande alívio; portanto, perdô-te a tua insolência, e perdô também o teu servo, ainda que me tenha visto com a cabeça debaixo do teu braço e me tenha ouvido gritar. Eu o perdô porque ele me fez rir com suas cambalhotas." Para Kaptah, ele acrescentou: "Faça de novo!"

Mas Kaptah disse irado: "É inconsistente com a minha dignidade."

Burnaburiash disse sorrindo: "Vamos ver."

Ele chamou o leão, e o leão se levantou e se espreguiçou até suas juntas racharem, seus olhos inteligentes sobre seu mestre. O rei apontou para Kaptah, e o leão caminhou preguiçosamente em sua direção acenando com a cauda, enquanto Kaptah recuava e olhava para a fera como se estivesse enfeitiçado. De repente, o leão abriu as mandíbulas e deu um rugido abafado; Kaptah virou-se e, agarrando as cortinas da porta, escalou-as e empoleirou-se no lintel. Ele guinchou de terror quando o animal o tocou com a pata. O rei riu mais do que nunca.

"Nunca vi tanta palhaçada", disse ele.

O leão ficou lambendo os beiços enquanto Kaptah se agarrava ao lintel em grande aflição. Mas agora o rei pediu comida e bebida, declarando que estava com fome. O velho chorou de alegria porque o rei estava curado, e muitas comidas diferentes foram trazidas em pratos de prata, vinho também em taças de ouro.

O rei disse: "Coma comigo, Sinuhe! Mesmo que seja adequado à minha dignidade, vou esquecer-lo hoje e não pensar em como você segurou minha cabeça debaixo do braço e enfiou os dedos na minha boca".

Então comi e bebi com ele, e lhe disse: "Sua dor é aliviada, mas pode retornar a qualquer momento se o dente que a causou não for removido. Portanto, que o dentista o tire assim que o inchaço em sua bochecha desceu, quando isso pode ser feito sem pôr em perigo sua saúde."

Seu rosto escureceu.

"Você fala muito e tediosamente, seu estrangeiro maluco." Então, depois de alguma reflexão, ele acrescentou: "Mas pode ser verdade, pois a dor volta todo outono e primavera quando meus pés estão molhados - e tanto que eu gostaria de estar morto."

feito, então você deve fazê-lo, pois eu não vou colocar os olhos naquele dentista novamente por causa da dor desnecessária que ele me causou."

Respondi-lhe gravemente: "Seu dentista tirará o dente e não eu, pois em tais assuntos ele é o homem mais inteligente do país - mais inteligente também do que eu - e eu não traria sua raiva sobre minha cabeça. desejar, estarei ao seu lado, segurar suas mãos e encorajá-lo enquanto ele faz isso, e aliviarei a dor com todas as artes que aprendi em muitas terras e entre muitas pessoas. E isso será feito daqui a duas semanas... - pois é melhor fixar o tempo para que você não se arrependa. Até então sua mandíbula estará suficientemente curada, e enquanto isso você deve lavar sua boca de manhã e à noite com um remédio que eu lhe darei, embora possa doer e causar um mal. gosto."

Ele ficou com raiva. "E se eu não fizer isso?"

"Você deve me dar sua palavra sagrada de que tudo será feito como eu disse - pois de fato o senhor dos quatro cantos do mundo não pode voltar atrás nisso. E se você deixar ser feito, eu o distrairei com minhas artes e transformarei água em sangue diante de seus olhos - vou até ensiná-lo a fazer isso e surpreender seus súditos. Mas você deve prometer nunca revelar o segredo a mais ninguém, pois é sagrado para os sacerdotes de Amon, e eu mesmo não saberia se não fosse um sacerdote do primeiro grau, nem ousaria ensiná-lo a você se não fosse você. um rei."

Quando terminei de falar, Kaptah gritou lamentavelmente do batente da porta: "Tire essa besta do diabo ou eu vou descer e matá-la, pois minhas mãos estão dormentes e meu traseiro dolorido por estar sentado neste lugar desconfortável que de forma alguma convém ao meu dignidade."

Burnaburiash riu mais do que nunca dessa ameaça. Então fingindo gravidade ele disse: "Seria realmente uma coisa lamentável se você matasse meu leão, pois eu o trouxe de um filhote, e ele é meu amigo. Vou chamá-lo, portanto, para que você não cometa esse mal em meu palácio."

Chamou o leão para perto de si e, quando Kaptah desceu pelas cortinas, ficou ali, esfregando as pernas com cãibras e olhando para o leão, de modo que o rei riu de novo e bateu em seus joelhos.

"Um homem mais cômico que eu nunca vi em minha vida. Venda-o para mim, e eu o tornarei rico."

Mas eu não queria vender Kaptah. O rei não insistiu e nos separamos. Ele tinha começado a assentir agora, e suas pálpebras estavam caídas, pois ele não dormia por muitas noites.

O velho médico me seguiu e eu disse a ele: "Vamos nos aconselhar juntos sobre o que acontecerá dentro de duas semanas, pois esse será um dia ruim, e devemos ser sábios em fazer sacrifícios a todos os deuses adequados. ."

Isso o agradou muito, pois ele era um homem piedoso, e combinamos de nos encontrar no templo para fazer sacrifícios e conversar com os médicos sobre o dente do rei.

Antes de sairmos do palácio, ele fez com que oferecessem refresco aos porteiros que me trouxeram; eles comeram e beberam no pátio e me elogiaram voluvelmente. Eles cantavam alto enquanto me levavam de volta para a pousada, multidões nos seguiam, e a partir daquele dia meu nome ficou famoso na Babilônia. Mas Kaptah montou seu burro branco com grande raiva e não quis falar comigo, pois ele havia sido ferido em sua dignidade.

3

Duas semanas depois, encontrei os médicos do rei na torre de Marduk, onde sacrificaram uma ovelha juntos e os sacerdotes examinaram seu fígado; na Babilônia, os sacerdotes consultam os fígados dos animais sacrificados, interpretando a partir deles muito do que está escondido dos outros. Eles nos disseram que o rei ficaria extremamente irado, mas que nenhum homem perderia a vida por causa disso ou sofreria ferimentos duradouros, embora devamos tomar cuidado com garras e lanças. Em seguida, pedimos aos astrônomos que consultassem o Livro dos Céus para saber se o dia era auspicioso para esse empreendimento. Eles nos disseram que o dia não era desfavorável, embora pudéssemos ter escolhido um melhor. Em seguida, os sacerdotes, a nosso pedido, derramaram óleo na água e nisso procuraram ler o futuro. Tendo examinado o petróleo, eles disseram que não viram nada de notável - ou pelo menos nada de mau presságio. Ao sairmos do templo, um abutre voou sobre nós carregando em suas garras uma cabeça humana que havia arrancado da parede. Isso os padres interpretaram como um sinal favorável - embora para mim parecesse muito longe disso.

Avisados pelos augúrios, dispensamos a guarda do rei e isolamos o leão, pois quando o rei se irritou, ele poderia ter colocado sobre nós, para nos rasgar, como os médicos declararam ter acontecido. Mas o rei Burnaburiash entrou com vigor, tendo fortificado seu fígado com vinho, como se diz na Babilônia. mas quando viu a cadeira do dentista que havia sido transportada para o palácio ficou extremamente pálido e disse que tinha assuntos importantes de estado para cuidar, que esquecera enquanto bebia.

Ele fez menção de ir, mas enquanto os outros médicos estavam deitados de bruços sobre o chão, enxugando-o com a boca, peguei a mão do rei e o encorajei, dizendo que tudo acabaria rapidamente se ele tivesse coragem. Ordenei que os médicos se limpassem e purifiquei os instrumentos do dentista

no fogo do escaravelho, depois esfregou pomadas anestésicas na gengiva do menino até ele me mandar parar, dizendo que sua bochecha era como madeira e ele não conseguia mais mexer a língua. Então o colocamos na cadeira, amarrando sua cabeça a ela e colocando cunhas em sua boca para que ele não pudesse fechá-la. Segurei suas mãos e o animei, o dentista invocou audivelmente todos os deuses da Babilônia para ajudá-lo e, colocando o fórceps na boca do menino, arrancou o dente com mais habilidade do que eu já vi. Apesar das mordidas, o rei gritou de maneira terrível, e o leão começou a rugir do lado de fora da porta, arremessando-se contra ela até ranger e arranhando-a com as garras.

Foi um momento aterrorizante, pois quando desamarramos a cabeça do menino e tiramos as cunhas de suas mandíbulas, ele cuspiu sangue em um prato, gritando e gritando, com as lágrimas escorrendo pelo rosto. Ele rugiu para que seu guarda-costas nos matasse a todos; chamou seu leão e chutou o fogo sagrado e espancou seu médico com uma vara até que eu a tirei dele e o mandei lavar a boca. Isso ele fez enquanto os médicos jaziam a seus pés tremendo em todos os membros, e o dentista pensava que sua última hora havia chegado. Mas o rei se acalmou e bebeu um pouco de vinho, embora com a boca torta, e me pediu para distraí-lo como eu havia prometido.

Entramos no grande banquete de granizo, para a sala em que o dente tinha sido desenhada já não agradava ao Rei. Na verdade, ele pretendia fechá-la para sempre e chamá-la de Sala Amaldiçoada. Coloquei água em uma vasilha e deixei o rei e os outros médicos provarem e se certificarem de que era, de fato, água comum. Em seguida, despejei a água lentamente em outro recipiente e, ao entrar nele, foi transmutado em sangue, de modo que o rei e seus médicos choraram alto em consternação.

Depois disso, o rei recompensou ricamente seus médicos e fez do dentista um homem rico, e mandou todos embora. Mas ele me mandou ficar, e eu o ensinei a transformar água em sangue, dando-lhe um pouco da substância que deve ser misturada com a água para realizar o milagre. É uma questão simples, como todo mundo familiarizado com ela sabe, mas toda grande arte é simples, e o Rei ficou muito maravilhado e cheio de meus elogios. Ele não ficou satisfeito até ter chamado ao jardim todos os homens ilustres da corte e também as pessoas das muralhas.

À vista de todos, ele transmutou a água do tanque em sangue, de modo que tanto os poderosos quanto os humildes gritaram de medo, prostrando-se diante dele, para sua grande satisfação.

Ele havia esquecido seu dente e me disse: "Sinuhe, o egípcio, você me curou de um grande mal e agradou meu fígado de muitas maneiras, portanto, você pode me pedir o que quiser. Diga o presente que deseja, e eu te darei, seja o que for, porque eu também alegraria o seu fígado".

Eu respondi: "Rei Burnaburiash, senhor dos quatro cantos do mundo! Como seu médico, segurei sua cabeça debaixo do braço e segurei suas mãos quando

você proferiu gritos irados. Não é apropriado que eu, um estrangeiro, preserve tal memória do rei da Babilônia quando voltar ao meu próprio país para contar o que vi aqui. Impressiona-me, portanto, com um vislumbre de seu poder! Pendure uma barba em seu queixo, cinge uma cauda em torno de você e ordene a seus guerreiros que desfilem diante de seu rosto para que eu possa contemplar sua majestade e poder - para que eu possa me prostrar humildemente diante de você e beijar o pó. Não peço mais do que isso."

Meu pedido o agradou, pois ele respondeu: "Na verdade, ninguém nunca falou como você, Sinuhe. Eu concederei seu pedido, embora para mim seja muito cansativo, pois devo ficar sentado o dia inteiro em um trono de ouro até meus olhos estão cansados e estou cheio de bocejos. No entanto, será como você deseja."

Ele enviou uma mensagem a todas as partes do país convocando suas forças e fixou um dia para o desfile.

Este desfile ocorreu no Portão de Ishtar. O rei sentou-se sobre um dourado trono com o leão a seus pés e com seus principais dignitários ao redor dele totalmente armados; ele parecia flutuar em uma nuvem de ouro, prata e púrpura. Abaixo dele ao longo da estrada larga corriam os guerreiros - lanceiros e arqueiros sessenta lado a lado e carruagens seis lado a lado - e sua passagem levou o dia inteiro. As rodas da carruagem eram trovejantes, e o baque de pés correndo e o estrépito de apetrechos eram como uma tempestade, fazendo os olhos nadarem e os joelhos tremerem.

Eu disse a Kaptah: "Não será suficiente para nós relatar que os babilônios os guerreiros são como as areias do mar em número; devemos contá-los."

Ele protestou: "Senhor, isso não pode ser feito, pois não há tantos números no mundo."

No entanto, eu contava tão bem quanto podia. Os soldados de infantaria eram sessenta vezes sessenta vezes sessenta homens, enquanto os carros eram sessenta - pois sessenta é um número sagrado na Babilônia, assim como cinco, sete e doze.

Notei, também, que os escudos e armas da guarda-costas do rei resplandeciam de ouro e prata, seus rostos brilhavam com óleo, eram tão gordos que correr os deixava sem fôlego, e passavam ofegantes pelo rei como uma manada de bois. Mas eles eram poucos em número; as tropas dos distritos periféricos estavam queimadas de sol, sujas e cheiravam a urina. Muitos deles não tinham lanças, pois a convocação do Rei os havia pego de surpresa. Seus olhos estavam doloridos de moscas, e refleti que os soldados em todos os países são iguais. Além disso, seus carros eram velhos e barulhentos, um ou dois deles perderam uma roda ao passar, e as foices presas a eles estavam verdes de verdete.

Naquela noite, o rei me chamou à sua presença e disse sorrindo: "Você viu meu poder, Sinuhe?"

Prostrei-me a seus pés, beijei o chão e respondi: "Verdadeiramente não há monarca mais poderoso do que você, e não é à toa que os homens o chamam de senhor dos quatro cantos do mundo. Meus olhos estão cansados, minha cabeça redemoinhos,

e meus membros tremem de medo, pois o número de seus guerreiros é como as areias do mar."

Ele sorriu em deleite.

"Você teve seu desejo, Sinuhe. Vamos agora beber vinho e alegrar nossos fígados depois deste dia tedioso, pois tenho muito a lhe pedir."

Bebi com o rei, e ele me fez muitas perguntas, como as crianças e os jovens que não viram nada do mundo farão.

Minhas respostas o agradaram, e por fim ele disse: "O vinho me vivificou e alegrou meu fígado, e eu vou agora para minhas mulheres. Mas venha comigo, para isso como médico você pode fazer. Eu tenho uma superabundância de esposas e não se ofenderá se escolher uma para si esta noite, desde que não a engravide, pois isso causaria dificuldades. Também estou curioso para ver como um egípcio se deita com uma mulher, pois cada nação tem seus próprios costumes. Se eu lhe contasse os costumes dessas esposas que vêm de terras distantes, você não acreditaria em mim e ficaria muito surpreso.

Ele não atendeu à minha recusa, mas me conduziu até a casa das mulheres, em cujas paredes ele me mostrou fotos que seus artistas haviam feito de azulejos coloridos. Eles retratavam homens e mulheres tendo prazer um com o outro de muitas maneiras diferentes. Ele me mostrou, também, algumas de suas esposas, que estavam vestidas com roupas ricas e adornadas com pedras preciosas. Entre eles estavam mulheres e moças de todas as terras conhecidas, e também algumas das nações selvagens, trazidas pelos mercadores. Variavam em cor e forma e tagarelavam como macacos em muitas línguas diferentes; eles dançavam diante do rei com barrigas à mostra e o distraíam de várias maneiras, competindo por seu favor. Instou-me continuamente a escolher uma delas para mim, até que finalmente lhe disse que havia prometido ao meu deus que me absteria de mulheres sempre que estivesse prestes a tratar de um paciente. Eu ia operar um dos funcionários da corte no dia seguinte, então insisti que, como não poderia abordar uma mulher, seria melhor me aposentar, para não desacreditar minha vocação. O rei aceitou isso e me permitiu ir, mas as mulheres ficaram muito descontentes e demonstraram isso com vários gestos e sons. Eles nunca tinham visto ali um homem no auge de sua masculinidade, mas apenas eunucos e o rei, que era jovem e esguio e ainda sem barba.

Antes de eu ir, o rei disse, rindo consigo mesmo: "Os rios transbordaram e a primavera chegou, e os sacerdotes escolheram o décimo terceiro dia de hoje para o festival da primavera e o Dia do Falso Rei. preparei uma surpresa para você naquele dia que acredito que irá distraí-lo muito, e espero aproveitá-la também. Não direi o que será, pois isso estragaria meu prazer.

Fui embora cheio de dúvidas, temendo que o que divertia King Burnaburiash não me divertiria nem um pouco, e neste Kaptah pela primeira vez foi da minha opinião.

Durante minha permanência na Babilônia, adquiri muito conhecimento oculto que foi útil para um médico; especialmente a arte sacerdotal da profecia me interessava. Apreendi também sob a direção dos sacerdotes a ler os augúrios nos fígados das ovelhas, que revelavam muitas coisas ocultas, e passei muito tempo estudando os padrões formados pelo óleo na superfície da água.

Antes de falar do festival da primavera na Babilônia e do Dia do Falso Rei, gostaria de mencionar um curioso incidente relacionado ao meu nascimento.

Quando os sacerdotes consultaram o fígado de uma ovelha por minha causa e contemplaram o óleo flutuante, eles disseram: "Há algum segredo terrível relacionado ao seu nascimento que não podemos resolver e do qual parece que você não é apenas um egípcio, como acredita, mas um estranho. no mundo."

Disse-lhes então que não tinha nascido como os outros homens, mas que viera à deriva no rio em um barco de junco e que minha mãe me encontrara entre os juncos. Então os sacerdotes se entreolharam e se curvando diante de mim, disseram: "Isto nós adivinhamos".

Eles passaram a me contar sobre seu grande rei Sargão, que havia reunido os quatro cantos do mundo sob seu domínio e cujo império se estendia do mar do norte ao mar do sul e que também governava as ilhas do mar. Disseram-me que, quando recém-nascido, ele havia sido carregado rio abaixo em um barco de junco e que nada se sabia de seu nascimento até que seus feitos poderosos mostrassem que ele era nascido dos deuses.

Com isso meu coração se encheu de pavor, e tentei rir do assunto.

"Certamente você não imagina que eu, um médico, nasci dos deuses?"

Eles não riram, mas disseram gravemente: "Isso não sabemos, mas a prudência é uma virtude – portanto, nós nos curvamos diante de você."

Eles se curvaram diante de mim mais uma vez até que eu tivesse o suficiente e disse: "Vamos acabar com essa tolice e voltar aos nossos negócios."

Eles começaram mais uma vez a interpretar os labirintos do fígado, mas roubaram olhares espantados para mim e sussurraram entre si.

A partir deste dia, o pensamento de minha origem pesou em meu espírito, e meu coração afundou porque eu era um estranho em todos os quatro cantos do mundo. Eu tinha um forte desejo de questionar os astrólogos, mas como não sabia a hora exata do meu nascimento, era inútil perguntar, pois eles não poderiam ter me esclarecido.

No entanto, a pedido dos padres, eles procuraram as tábuas referentes ao ano e ao dia da minha descida do rio, pois os padres também estavam curiosos. Mas tudo o que os astrólogos podiam dizer era que, se eu tivesse nascido em tal e tal hora do dia, devia ser de sangue real e destinado a governar uma nação de muitos

peessoas. Esse conhecimento não me confortava, pois, quando pensava no passado, lembrava-me apenas do crime que cometera e da vergonha que causara a mim mesmo em Tebas. Pode ser que as estrelas tenham me amaldiçoado desde o dia do meu nascimento e me enviado no barco de junco para levar Senmut e Kipa a uma morte prematura e roubá-los do contentamento de sua velhice - roubá-los até mesmo de seu túmulo. E com isso estremei, pois se uma vez que as estrelas se opusessem a mim, não poderia evitar meu destino, mas continuaria a trazer ruína e sofrimento para aqueles que me amavam. O futuro me oprimia, e eu o temia, e percebia que tudo o que havia acontecido comigo era para me fazer desviar meu coração de meus semelhantes e viver sozinho, pois somente a solidão poderia me salvar de trazer destruição sobre os outros.

4

Resta-me falar do Dia do Falso Rei.

Quando o milho jovem começou a brotar e o frio feroz das noites deu lugar ao calor, os sacerdotes saíram da cidade para trazer seu deus de sua tumba e gritar que ele havia ressuscitado. Sobre isso, a cidade de Babilônia foi transformada em um campo de feiras, onde havia dança e onde multidões vestidas de maneira alegre se espalhavam pelas ruas. A multidão saqueou as lojas, fazendo mais comoção e alvoroço do que os soldados fizeram após a grande inspeção.

Mulheres e meninas iam ao templo de Ishtar para coletar prata para suas porções de casamento, e quem escolhesse poderia desfrutá-las sem vergonha. O último dia do festival era o Dia do Falso Rei.

Eu já estava familiarizado com muitos costumes na Babilônia, mas fiquei surpreso ver o guarda-costas do rei antes do amanhecer naquele dia se amontoando bêbado em A Casa da Alegria de Ishtar, arrombando as portas e atingindo todos que encontravam com as pontas de suas lanças enquanto gritavam a plenos pulmões:

"Onde nosso rei está escondido? Tragam-no rapidamente, pois o sol está prestes a nascer, e o rei deve fazer justiça ao seu povo!"

O barulho estava além da descrição. Lâmpadas foram acesas, e os criados da estalagem correram assustados pelas passagens, enquanto Kaptah, acreditando que os tumultos haviam começado,

na cidade, escondido debaixo da minha cama. Mas eu fui ao encontro dos soldados, nu sob meu manto de lã, tendo acabado de acordar do sono, e lhes perguntei: "O que você quer? Cuidado como você se comporta comigo, pois eu sou Sinuhe, o egípcio, o filho da natureza Ass, cujo nome você certamente já ouviu."

Com isso eles gritaram: "Se você é Sinuhe, então você é aquele a quem procuramos!"

Rasgaram meu manto para que eu ficasse nu; então eles me apontaram um para o outro maravilhados, nunca tendo visto um homem circuncidado. Então eles debateram juntos, dizendo: "Podemos deixar este homem livre? Ele é um perigo para nossas mulheres, que amam tudo o que é novo e estranho".

Mas quando eles se cansaram de zombaria, eles me soltaram, dizendo: "Não perca mais nosso tempo, mas entregue-nos seu servo, pois devemos trazê-lo ao palácio com toda a rapidez, hoje é o Dia do Falso Rei. É a vontade do rei que nos apressemos para o palácio com o homem."

Quando Kaptah ouviu isso, ficou tão aterrorizado que começou a tremer e sacudir toda a cama para que o encontrassem e, arrastando-o com júbilo, fizeram uma profunda reverência diante dele.

Eles disseram uns aos outros: "Este é um dia de grande alegria, pois finalmente encontramos nosso rei que se escondeu e desapareceu de nossa vista. Nossos olhos estão alegres por ele, e esperamos que ele recompense nossa fidelidade com muitos presentes."

O trêmulo Kaptah olhou para eles com olhos grandes como anéis de bridão, e ao ver seu espanto e terror, eles riram mais do que nunca e disseram: "Este é realmente o rei dos quatro cantos do mundo, e conhecemos seu rosto!"

Eles se curvaram diante dele, e aqueles que estavam atrás dele o chutaram no banco para apressá-lo.

Kaptah me disse: "Verdadeiramente esta cidade - realmente todo este mundo está cheio de destruição, de maníacos e malignos contra os quais nem mesmo o escaravelho parece capaz de me proteger. Não posso dizer se estou de cabeça ou de calcanhar - pode ser que eu esteja dormindo profundamente ali na cama e nas garras de um pesadelo. De qualquer forma, devo ir com eles, pois são homens robustos. Mas salve sua própria vida, senhor, se puder. Retire meu corpo da parede quando me pendurarem pelos calcanhares e embalse-o por segurança. Não deixe que me joguem no rio."

Os soldados uivaram de alegria quando o ouviram.

"Por Marduk, não poderíamos ter encontrado rei melhor do que este; é uma maravilha que sua língua não esteja em nós com sua fala."

A aurora estava agora despontando, e eles golpearam Kaptah nas costas com suas hastes de lança para apressá-lo e levá-lo embora. Vesti-me rapidamente e os segui até o palácio, onde encontrei todos os pátios e salas externas cheias de

multidões. Agora eu tinha certeza de que os motins haviam eclodido e que a sarjeta correria sangue assim que os reforços chegassem das províncias.

Mas quando segui os soldados até a grande sala do trono, vi Burnaburiash sentado em seu trono dourado com pés de leão sob o dossel da soberania, vestido com roupas reais e com os símbolos do poder em suas mãos. Ao redor dele estavam os principais sacerdotes de Marduk, os conselheiros e os principais homens do reino. Mas os soldados nunca lhes deram atenção; eles empurraram Kaptah para a frente, abrindo caminho com suas lanças até chegarem ao trono, onde pararam.

De repente, houve silêncio; ninguém falou até que Kaptah disse de repente: "Leve embora essa criatura do diabo, ou vou me cansar deste jogo e ir embora".

Nesse momento, a luz do sol atravessou o rendilhado da janela leste e todos começaram a gritar: "Ele está certo! Leve esta criatura, pois já estamos fartos de ser governados por um menino imberbe. Este homem é sábio, por isso fazemos ele rei para que ele possa governar sobre nós."

Eu não podia acreditar em meus olhos quando os vi pousar sobre o rei, empurrando e rindo com palavras rudes, para arrancar os símbolos de suas mãos e o manto de suas costas para que ele logo estivesse tão nu quanto eu quando os soldados me surpreenderam. Eles beliscaram seus braços e sentiram os músculos de suas coxas e zombaram dele.

"É fácil ver que ele é recém-desmamado e sua boca ainda molhada com sua leite materno. Já é hora de as mulheres da casa das mulheres se divertirem um pouco, e achamos que esse velho patife, Kaptah, o egípcio, pode montar nessa sela!"

Burnaburiash não pronunciou nenhuma palavra de protesto, mas riu com eles, enquanto seu leão em grande inquietação e perplexidade se esgueirou com o rabo entre as pernas, assustado pela multidão.

E então, pelo que eu sabia, eu poderia estar de cabeça para baixo, pois do Rei eles correram para Kaptah, vestiram-no com o manto real e o forçaram a tomar os símbolos de majestade em suas mãos. Eles o empurraram para o trono e se prostraram diante dele, enxugando o chão com os lábios. O primeiro deles rastejou Burnaburiash, completamente nu, gritando: "É assim que deve ser! Ele será nosso rei, e um melhor que não poderíamos ter escolhido."

Então todos eles se levantaram e proclamaram Kaptah rei, e eles bateram os pés e contorceu-se e segurou seus lados em alegria.

Kaptah fitou-os com os olhos arregalados, o cabelo arrepiado por baixo do diadema real, que tinham torcido na cabeça.

Por fim, ele disse: "Se eu realmente sou rei, vale a pena beber. Apressem-se, portanto, em trazer vinho, escravos, se houver algum aqui, ou minha bengala dançará em suas costas, e eu você será pendurado nas paredes. Traga um grande

quantidade de vinho, pois estes cavalheiros e amigos que me fizeram rei beberão comigo, enquanto eu mesmo pretendo me banhar em vinho até o pescoço".

Suas palavras provocaram grande regozijo, e a multidão que gritava o arrastou para um vasto salão onde muitos pratos deliciosos eram servidos e muito vinho. Cada um pegou o que queria, e Burnaburiash vestiu um avental de servo e correu como um palhaço, tropeçando nos pés das pessoas e derramando vinho e molho sobre suas roupas, de modo que muitos xingaram e atiraram ossos roídos nele. Em todos os pátios externos, comida e bebida eram oferecidas à turba; bois e ovelhas foram alojados ali; e a população podia colher cerveja e vinho das piscinas e se empanturrar com um mingau preparado com creme e tâmaras doces. À medida que o sol subia mais alto, um tumulto indescritível prevalecia.

Assim que surgiu a oportunidade, aproximei-me de Kaptah e disse-lhe em particular: "Kaptah, siga-me; vamos voar sem ser observados, pois nada de bom pode vir disso".

Mas Kaptah havia bebido vinho e sua barriga estava inchada de boa comida. Ele respondeu: "Suas palavras são como o zumbido de moscas em meu ouvido. Nunca ouvi uma conversa tão tola. Devo ir agora que todas essas boas pessoas me fizeram rei e se curvar diante de mim?"

Ele limpou a gordura da boca e, sacudindo um osso de burro roído mim, gritou: "Tire essa escória de egípcio antes que eu perca a paciência e deixe minha bengala dançar nas costas dele!"

Pode ter ido mal comigo, mas naquele momento uma buzina soou, e um homem anunciou que agora era hora do rei descer e fazer justiça ao seu povo; então fui esquecido.

Kaptah ficou um pouco surpreso quando começaram a conduzi-lo em direção ao House of Justice e disse que estava satisfeito em deixar o negócio para os juizes nomeados - homens sãos em quem ele confiava. Mas o povo respondeu com calor e indignação e gritou: "Vamos testemunhar a sabedoria do rei para provar a nós mesmos que ele é o rei certo e conhece as leis".

Assim Kaptah foi elevado ao trono da justiça; diante dele foram colocados flagelos e grilhões, os símbolos da justiça; então o povo foi chamado a dar um passo à frente e apresentar seus casos perante o rei.

Quando Kaptah pronunciou julgamento sobre alguns deles, ele se cansou do negócio; espreguiçou-se e disse: "Hoje comi e bebi e...
- como eu penso - labutava e torturava meu cérebro o suficiente. Como rei, sou também senhor da casa das mulheres, onde, pelo que sei, cerca de quatrocentas esposas me esperam. Devo, portanto, inspecionar essas minhas posses, pois o vinho e a majestade estranhamente me incendiaram, e me sinto forte como um leão."

Quando as pessoas ouviram isso, deram um grito tremendo, que parecia como se nunca fosse acabar. Eles o seguiram de volta ao palácio, onde no

pátio diante da porta da casa das mulheres, eles se posicionaram. Mas Burnaburiash não estava mais rindo; esfregou as mãos nervosamente e coçou a perna com o outro pé.

Quando ele me viu, ele se aproximou e disse rapidamente: "Sinuhe, você é meu amigo, e como médico você pode entrar na casa das mulheres do rei. Siga-o e cuide para que ele não faça nada de que possa se arrepender mais tarde. mandá-lo esfolar vivo e colocar sua cabeça para secar na parede se ele tocar minhas mulheres; se ele se comportar bem, prometo-lhe uma morte fácil.

Eu disse a ele: "Burnaburiash, eu sou realmente seu amigo e desejo-lhe felicidades, mas me diga o que tudo isso significa, pois meu fígado está pesado ao vê-lo no lugar de um servo e ridicularizado por todos".

Ele me respondeu impacientemente: "Hoje é o Dia do Falso Rei como Todo mundo sabe; apresse-se agora a segui-lo, para que o mal não aconteça."

Eu não fiz nenhum movimento para obedecer, embora ele me agarrou pelo braço, mas disse apenas: "Eu não conhece os costumes do seu país; você deve me explicar o que tudo isso significa."

"Todos os anos, no Dia do Falso Rei, o homem mais estúpido e louco da Babilônia é escolhido rei para governar do amanhecer ao pôr do sol em plena majestade e poder, e o próprio Rei o espera. E nunca vi um rei mais cômico do que Kaptah, que escolhi por isso. Ele não sabe o que vai acontecer com ele, e isso é o mais engraçado de tudo.

"O que então vai acontecer?"

"Ao pôr do sol, ele será morto tão repentinamente quanto foi coroado. Posso matá-lo cruelmente se quiser, mas principalmente dou a eles um veneno suave em seu vinho, e eles adormecem sem saber que vão morrer. Apresse-se agora e veja para que teu servo não cometa nenhuma loucura da qual possa se arrepender antes do pôr-do-sol".

Mas não havia necessidade de buscar Kaptah, que agora saía da casa aos pulos, furioso, com sangue escorrendo do nariz e com a mão sobre o único olho. Ele disse em meio a uivos e gritos: "Veja o que eles fizeram comigo! Eles me ofereceram bruxas velhas e negras, mas quando eu queria provar um cabrito, ele se transformou em um tigre e me deu um olho roxo e me acertou no nariz com chinelo!"

Burnaburiash estava tão indefeso com o riso que ele teve que se equilibrar agarrando meus braços, e Kaptah continuou com sua lamentação.

"Não ouse abrir a porta daquela casa, pois a jovem ali está furiosa como um animal selvagem, e eu não sei o que deve ser feito - a menos que você, Sinuhe, entre e abra o crânio dela e solte o espírito maligno que está nela. Na verdade, ela deve estar possuída; de que outra forma ela ousaria colocar as mãos no rei e me ferir no nariz com seu chinelo para que o sangue flua de mim como de um boi preso?

Burnaburiash me cutucou e disse: "Entre, Sinuhe, e veja o que aconteceu. Você conhece o lugar agora, e hoje posso não entrar nele.

diga-me. Acho que sei qual garota é, pois uma foi trazida aqui ontem das ilhas do mar de quem espero muito prazer, embora ela devesse primeiro ser drogado com suco de papoula."

Ele me importunou até eu entrar na casa das mulheres, onde tudo era tumulto. Os eunucos não me impediram, sabendo que eu era médico. Velhas que em homenagem ao dia se vestiram em todo o seu esplendor e pintaram seus rostos enrugados vieram se aglomerando em torno de mim, perguntando a uma só voz: "O que aconteceu com ele, nosso amado, a flor do nosso coração, nosso bode para quem esperamos desde a manhã?"

Uma negra grande, cujos seios caíam sobre a barriga como painéis pretos, se despiu para ser a primeira a receber Kaptah e gritou: "Dê-me meu amado para que eu possa pressioná-lo contra meu peito! para que ele possa enrolar sua tromba sobre mim!"

Mas os eunucos perseguidos disseram: "Não dê ouvidos a essas mulheres. Sua tarefa é apenas para entreter o falso rei, e eles beberam seus fígados cheios de vinho enquanto esperavam por ele. Mas realmente precisamos de um médico, pois a garota que foi trazida aqui ontem é louca. Ela é mais forte do que nós e nos chuta com muita força, e não sabemos o que acontecerá com isso, pois ela tem uma faca e é tão selvagem quanto uma fera".

Levaram-me ao pátio das mulheres cujos azulejos coloridos brilhavam na brilho do sol. No meio disso havia uma piscina redonda na qual estavam monstros de água esculpidos jorrando água de suas mandíbulas. A mulher frenética subiu nelas; suas roupas haviam sido rasgadas pelos eunucos que tentavam pegá-la, e ela estava encharcada por ter nadado pela piscina e pelos muitos jatos de água que jorravam ao seu redor. Com uma mão ela agarrou a boca de um golfinho jorrando e na outra ela segurava uma faca brilhante. Com o barulho da água e os gritos dos eunucos, não consegui ouvir uma palavra do que ela disse. Apesar do vestido rasgado e do cabelo molhado, ela certamente era uma garota bonita. Ela me confundiu, e eu disse irado aos eunucos: "Vão embora e deixem-me falar com ela e acalmá-la; fechem a água para que eu possa ouvir o que ela diz, pois vejo que ela está gritando".

Quando o barulho da água se acalmou, ouvi que ela não estava gritando mas cantando. Eu não conseguia entender as palavras da música, pois elas estavam em um idioma que eu não conhecia. Sua cabeça estava jogada para trás, seus olhos brilhavam verdes como os de um gato, e suas bochechas estavam coradas de excitação.

Eu a chamei com paixão: "Pare com esse grito, gato selvagem - jogue fora o faca e venha aqui para que possamos conversar e que eu possa curá-lo, pois você certamente está louco."

Ela interrompeu sua canção e me respondeu em babilônico imperfeito - foi ainda pior do que o meu: "Pule na piscina, babuíno, e nade aqui para que eu deixe o sangue de seu fígado, pois estou muito zangado!"

"Eu não quero te fazer mal!"

"Muitos homens me disseram isso e mentiram. Eu não posso me aproximar de um homem, mesmo que eu deseje, pois fui dedicado ao meu deus para dançar diante dele. É por isso que carrego esta faca e a darei meu próprio sangue para beber em vez de um homem me tocar. Muito menos aquele demônio de um olho só virá atrapalhar-me, pois ele parecia mais um saco inflado do que um homem.

"Dance o quanto quiser, seu maníaco, mas guarde essa faca, pois você pode se machucar, e isso seria uma pena, já que os eunucos me dizem que pagaram uma quantidade de ouro por você no mercado de escravos em nome do rei."

"Eu não sou escravo; fui roubado em segredo, como você veria se tivesse olhos em sua cabeça. Mas você não pode falar uma linguagem respeitável que essas pessoas não podem seguir? Os eunucos estão à espreita entre as colunas com os ouvidos atentos para ouvir o que estamos dizendo."

"Sou egípcio", respondi em minha própria língua, "e meu nome é Sinuhe, Aquele Que Está Só, Filho do Asno Selvagem. Sou médico por profissão, portanto não precisa me temer."

Ela pulou na água e nadou até mim, faca na mão.

Jogando-se diante de mim, ela disse: "Sei que os homens egípcios são fracos e não tomarão uma mulher à força; portanto, confio em você e imploro que me perdoe por guardar minha faca, pois parece provável que neste mesmo dia eu vou ter que abrir minhas veias para que meu deus não seja contaminado por mim. Mas se você teme os deuses e me deseja bem, então me salve e me tire desta terra, embora eu não possa recompensá-lo como você mereceria, pois é proibido."

"Eu não tenho nenhuma intenção de ajudá-la a escapar," eu rebati para ela. "Isso seria uma ofensa ao rei, que é meu amigo e que pagou uma montanha de ouro por você. Além disso, posso lhe dizer que o saco explodido que estava aqui é apenas o falso rei que reina apenas por hoje. , e amanhã o verdadeiro rei irá visitá-lo. Ele ainda é um menino imberbe e agradável em sua pessoa, e ele espera encontrar muito prazer com você quando ele o tiver domado. Eu não acho que o poder de seu deus possa alcançá-lo aqui, e você não perderia nada por submissão ao inevitável. Será melhor, portanto, que você dê um fim a essa loucura e se vista e se enfeitar para ele. Você está longe de ser graciosa com seus cabelos molhados e com o vermelho de seus lábios espalhado por todo o seu rosto."

Essas observações surtiram efeito, pois ela sentiu o cabelo e molhar a ponta do dedo esfregou as sobrancelhas e os lábios com ele. Então ela sorriu para mim - ela tinha um rosto pequeno e adorável - e disse suavemente: "Meu nome é Minea, e você pode me chamar assim quando me levar embora e voarmos juntos desta terra malvada".

Eu levantei minhas mãos em exasperação e me virei rapidamente para longe, mas ela O rosto me atormentava tanto que voltei atrás e disse: "Minea, falarei por você com o rei; mais não posso fazer. Enquanto isso, vista-se e componha-se. não se importa mais com o que é feito com você."

"Tente isso se você se atreve! No entanto, já que você toma minha parte, eu lhe darei esta faca, que me protegeu até agora - porque eu sei que uma vez que eu tenha feito isso você me protegerá e não me trairá e que você tomará me fora desta terra."

Ela sorriu para mim sob seu cabelo pingando até que eu a deixei, carregando sua faca e sofrendo profunda mortificação. Pois percebi que ela era mais astuta do que eu, pois ao me dar sua faca ela amarrou seu destino ao meu e eu não pude fugir dela.

Burnaburiash me encontrou no caminho da casa das mulheres e foi mais curioso para saber o que tinha acontecido.

"Seus eunucos fizeram um péssimo negócio", eu disse a ele, "pois Minea, a garota que eles compraram para você, está delirando e não se aproximará de um homem porque seu deus o proibiu. Será melhor, portanto, se você a deixar em paz até que ela mude de ideia."

Mas Burnaburiash apenas riu alegremente.

"Na verdade, espero muito deleite com ela, pois conheço esse tipo de garota; com elas, a vara é o melhor argumento. encontram maior prazer em olhar e ouvir seus gritos quando os eunucos os açoitam com varinhas finas.

Portanto, esta menina teimosa me agrada muito, pois me dá a oportunidade de mandá-la chicoteada pelos eunucos, e eu juro que esta noite ela será espancada até que sua pele inche e a impeça de deitar de costas, pelo que meu prazer será maior do que antes."

Ele esfregou as mãos quando me deixou e riu como uma garota. Enquanto eu me levantava e o observava partir, eu sabia que ele não era mais meu amigo, nem lhe desejava o bem. E a faca de Minea ainda estava na minha mão.

Depois disso, não pude participar da festa geral, embora o palácio e seus pátios fervilhavam de pessoas que bebiam vinho e cerveja e aplaudiam freneticamente as palhaçadas de Kaptah - pois ele já havia esquecido o constrangimento na casa das mulheres. Seu olho roxo havia sido tratado com pedaços de carne crua fresca para que não fosse mais doloroso, embora ricamente colorido. Mas o que estava errado comigo eu não sei.

Refleti que ainda tinha muito a aprender na Babilônia, pois meus estudos sobre o fígado das ovelhas ainda não haviam sido concluídos e eu ainda não conseguia derramar óleo na água com a mesma habilidade dos sacerdotes. Além disso, Burnaburiash devia muito a mim, tanto por minha habilidade profissional quanto por minha amizade, e eu sabia que, permanecendo seu amigo, receberia presentes generosos em minha partida. No entanto, quanto mais eu ponderava sobre isso, mais persistentemente eu era assombrado pelo rosto de Minea. Pensei também em Kaptah, que morreria naquela noite por um capricho estúpido do rei, totalmente sem meu consentimento, embora fosse meu servo.

O resultado disso foi que eu endureci meu coração contra o rei, que, ao me ofender assim, me convenceu do meu direito de ofendê-lo - embora meu coração me dissesse que o mero pensamento era uma violação de todas as leis da amizade. . Mas eu era um estrangeiro solitário, livre dos costumes locais. Naquela tarde, portanto, desci à margem do rio e aluguei um barco de dez remos, e disse aos remadores:

"Hoje é o Dia do Falso Rei, e eu sei que você está bêbado com alegria e cerveja e não vai remar de bom grado. Mas eu lhe darei o dobro da recompensa costumeira, pois meu tio rico morreu, e devo levar seu corpo para colocá-lo entre seus antepassados - e fazê-lo rapidamente antes que seus filhos ou meu irmão comecem a disputar a herança e me deixem sem um tostão. Portanto, eu lhe pagarei generosamente, se você remar com velocidade, apesar da duração da jornada - pois meus antepassados estão reunidos em nossa antiga casa nas fronteiras de Mitani."

Os barqueiros resmungaram, mas comprei-lhes dois jarros de cerveja e disse-lhes que poderiam beber até o pôr-do-sol, desde que se mantivessem prontos para partir assim que escurecesse. Com isso eles fizeram protesto violento.

"Em nenhuma circunstância partiremos depois do anoitecer, pois a noite está cheia de muitos demônios grandes e pequenos, também espíritos malignos que soltam gritos medonhos e talvez virão nosso barco ou nos matarão."

Mas eu respondi: "Vou fazer oferendas no templo para que nenhum mal nos aconteça no decorrer de nossa jornada, e o tilintar de toda a prata que lhe darei quando chegarmos abafará os uivos dos demônios".

Fui à torre e sacrifiquei uma ovelha no pátio; não muitas pessoas estavam por perto, pois a maioria dos cidadãos havia se reunido no palácio para celebrar a festa do Falso Rei. Contemplei o fígado da ovelha, mas meus pensamentos estavam tão tumultuados que pouco me disse. Notei apenas que era

mais escuro do que o normal e tinha um cheiro ruim, de modo que eu estava cheio de dúvidas. Coletei o sangue das ovelhas em uma bolsa de couro, que levei debaixo do braço para o palácio. Quando entrei na casa das mulheres, uma andorinha passou voando pela minha cabeça, o que aqueceu meu coração e fez meu corpo valente, pois era um pássaro da minha terra natal, e tomei isso como um bom presságio.

Na casa das mulheres eu disse aos eunucos: "Deixem-me em paz com esta louca para que eu possa expulsar o demônio dela".

Eles obedeceram e me levaram para uma pequena sala onde expliquei a Minea o que ela deveria fazer, e eu lhe dei a faca e a bolsa de sangue. Ela prometeu seguir minhas instruções e eu a deixei, fechando a porta atrás de mim e dizendo aos eunucos que ninguém deveria perturbá-la, pois eu lhe dera um remédio para expulsar o demônio dela - um demônio que poderia se apossar dela. o primeiro que abriu a porta sem minha permissão. Eles não precisavam de mais admoestações.

A essa altura, o sol poente enchia os aposentos do palácio com uma luz avermelhada. Kaptah estava comendo e bebendo novamente enquanto Burnaburiash o servia, rindo e dando risadinhas como uma menina. Por todo o chão, homens encharcados de bebida dormiam em poças de vinho. Eu disse a Burnaburiash: "Desejo me convencer de que Kaptah terá uma morte indolor, pois ele é meu servo, e devo a ele ter essa certeza".

"Depressa, então", disse ele, "pois o velho já está misturando o veneno com o vinho e seu servo devem morrer ao pôr-do-sol, como exige o costume."

Encontrei o velho, o médico do rei. Quando lhe contei que o rei me havia enviado, ele acreditou em mim e disse: "Misture o veneno você mesmo, pois minhas mãos estão trêmulas de tanto beber vinho, e meus olhos estão tão embaçados que não consigo ver nada, de tanto rir hoje. nas brincadeiras de seu servo."

Joguei fora a mistura e despejei suco de papoula no vinho, embora não suficiente para causar a morte. Então, levando o cálice para Kaptah, eu disse: "Kaptah, pode ser que nunca mais nos encontremos, pois suas dignidades subiram à sua cabeça e até amanhã você não se dignará a me conhecer. Beba, portanto, do cálice Eu agora te ofereço, para que quando eu voltar ao Egito eu possa dizer que o senhor dos quatro cantos do mundo era meu amigo. Quando você beber, você saberá que eu não quero dizer nada além de bom, o que acontecer. Lembre-se também do nosso escaravelho!"

Kaptah disse: "A conversa deste egípcio seria como o zumbido de moscas em meus ouvidos se meus ouvidos já não estivessem tão cheios do zumbido do vinho que eu não possa ouvir o que ele diz. Mas o cálice eu nunca rejeitei como todos aqui sei e como me esforcei para provar hoje a todos os meus súditos, com os quais estou muito satisfeito. Portanto, vou esvaziar o copo que você me oferece, embora saiba que sentirei bundas selvagens chutando minha cabeça amanhã."

Ele esvaziou a taça, e naquele momento o sol se pôs. Tochas foram trazidas e lamparinas acesas. Todos se levantaram e ficaram em silêncio para que a quietude reinasse em todo o palácio. Kaptah tirou o diadema babilônico, dizendo: "Esta maldita coroa pesa sobre minha cabeça e estou cansado dela. Também minhas pernas estão dormentes e minhas pálpebras como chumbo. É melhor eu ir para a cama."

Assim dizendo, arrastou uma pesada toalha de mesa sobre si e deitou-se para dormir no chão. Com o pano, jarras e taças de vinho caíram sobre ele, de modo que ele se banhou em vinho até o pescoço, como havia prometido fazer pela manhã.

Os servos do rei o despiram e colocaram o manto encharcado de vinho em Burnaburiash, colocaram o diadema real em sua cabeça e os símbolos de majestade em suas mãos e o levaram para ocupar seu lugar no trono.

"Este foi um dia cansativo", disse ele. "No entanto, no decorrer disso, não deixei de notar um e outro de vocês que me mostraram pouco respeito durante as festas, sem dúvida na esperança de que eu me sufocasse e nunca mais recuperasse meu trono. Expulse esses dormentes com chicotes, expulse a ralé dos pátios e coloque esse tolo na jarra da eternidade se ele estiver morto, pois estou cansado dele."

Kaptah foi rolado de costas, e o médico, depois de examiná-lo com mãos trêmulas e olhos turvos, declarou: "Ele está morto como um escaravelho".

Os servos carregavam uma grande urna de barro, como os babilônios usam para o sepultamento de seus mortos, e nela foi colocado Kaptah, sendo o topo selado com argila. O rei deu ordens para que a jarra fosse levada para as abóbadas sob o palácio e colocada entre as dos falsos reis anteriores.

Nesse ponto eu intervi, dizendo: "Este homem é um egípcio e circuncidado como eu. Portanto, devo embalsamar seu boiy segundo o costume egípcio, e para sua viagem à Terra Ocidental devo fornecer-lhe todas as coisas necessárias para que ele pode comer e beber e ter seu prazer após a morte sem a necessidade de labuta. Isso pode levar trinta dias ou pode levar setenta dias, de acordo com a posição que o morto ocupou durante sua vida. Com Kaptah, acho que levará apenas trinta dias, dias, como ele era meu servo. Depois disso, eu o trarei de volta ao seu lugar entre seus predecessores, os outros falsos reis, nos cofres sob sua casa."

Burnaburiash ouviu com curiosidade e disse: "Assim seja. Faça com ele como quiser, pois é o costume de sua terra; eu não vou brigar sobre costumes, pois também rezo a deuses que não conheço para propiciar-lhes os pecados que eu possa cometer. cometeu sem saber. A prudência é uma virtude."

Pedi aos servos que carregassem Kaptah em sua jarra e o colocassem em uma cadeira de transporte que esperava junto à parede do palácio. Antes de partir eu disse ao rei: "Durante trinta dias você não me verá, pois durante o período de embalsamamento não posso mostrar

eu mesmo entre os homens, para que não lhes transmita os demônios que fervilham ao redor do cadáver”.

Ao chegar à cadeira de transporte, fiz um buraco no barro que selava o jarro, para dar ar a Kaptah para respirar, e depois voltei secretamente ao palácio e à casa das mulheres. Os eunucos se alegraram ao me ver, pois temiam que a qualquer momento o rei pudesse vir.

Mas quando abri a porta do quarto em que deixei Minea, voltou imediatamente, arrancando meus cabelos e lamentando. "Venha e veja o que aconteceu, pois lá ela jaz morta em seu sangue com a faca manchada de sangue ao lado dela, e seu cabelo também está ensanguentado!"

Os eunucos vieram e ficaram horrorizados - pois os eunucos têm um grande horror ao sangue - e não ousaram tocá-la, mas começaram a chorar e gritar de terror da ira do rei.

Eu disse a eles: "Estamos envolvidos no mesmo infortúnio, você e eu. Tragam rapidamente uma esteira na qual eu possa enrolar o corpo; depois lavem o sangue do chão, para que ninguém saiba o que aconteceu. muito prazer dessa garota, e sua ira será terrível se ele souber que você e eu em nosso erro a deixamos morrer como seu deus exigia. Apresse-se, portanto, para colocar outra garota em seu lugar - uma de uma terra estrangeira por escolha, que não fala a sua língua.

Vista-a e adorne-a para o Rei, e se ela resistir, bata nela com varas diante de seus olhos, pois isso agrada especialmente ao Rei, e ele o recompensará ricamente."

Os eunucos perceberam a sabedoria de minhas palavras e, depois de negociar com eles por um tempo, dei-lhes metade da prata que declararam ser o preço de uma nova garota. Trouxeram-me uma esteira na qual enrolei Minea e me ajudaram a carregá-la pelos pátios escuros até a cadeira já ocupada por Kaptah em sua jarra.

Quando chegamos à margem do rio, pedi aos carregadores que levassem a jarra para dentro do barco, mas a esteira eu mesmo carreguei e escondi embaixo do convés. Então eu disse aos porteiros: "Escravos e filhos de cães! Esta noite vocês não ouviram nem viram nada, se alguém lhes perguntar. Para lembrá-los disso, dou a cada um de vocês uma moeda de prata".

Empinando-se de alegria eles gritaram: "Verdadeiramente servimos a um senhor ilustre, mas nossos ouvidos são surdos e nossos olhos são cegos, e não vimos nem ouvimos nada esta noite."

Deixei-os ir, sabendo muito bem que se embriagariam sem demora, como tem sido o costume dos carregadores em todos os tempos, e que em seus copos balbuciarão tudo o que tinham visto. Como eram oito e eram homens corpulentos, não pude matá-los e jogá-los no rio como gostaria.

Assim que eles se foram, acordei os barqueiros. À luz do aumento lua, desmontaram os remos e afastaram-se da cidade, bocejando e amaldiçoando seu destino, pois suas cabeças estavam tontas com toda a cerveja que haviam bebido.

Assim fugi da Babilônia, embora não possa dizer por que razão fiz tudo isso; sem dúvida foi escrito nas estrelas antes do dia do meu nascimento, e era inevitável.

LIVRO 7

Minha

1

CONSEGUIMOS sair da cidade sem sermos desafiados pela vigília, pois havia acesso livre ao rio à noite, e eu rastejei sob o convés para descansar minha cabeça cansada. Mas ainda não havia paz, pois Minea havia se desenrolado da esteira e estava se lavando de sangue, pegando a água do rio nas mãos enquanto o luar brilhava nas gotas que caíam entre seus dedos.

Ela olhou para mim sem sorrir e disse em reprovação: "Por seu conselho eu tenho me fiz imundo, e cheiro a sangue e certamente nunca mais serei limpo, e é tudo culpa sua. Além do mais, quando você me carregou, você me apertou com muito mais força do que o necessário para que eu não pudesse respirar."

A conversa dela me incomodou, e eu estava muito cansado, então eu a repreendi: "Segure seu língua, maldita mulher! Quando penso em tudo o que você me fez fazer, sinto que

jogando você no rio, onde você poderia lavar o conteúdo do seu coração. Se não fosse por você, eu estaria agora sentado à direita do rei da Babilônia, e os sacerdotes da torre me transmitiriam toda a sua sabedoria, sem esconder nada, e eu seria o médico mais sábio do mundo. Por sua causa, perdi os presentes que poderia ter ganhado pela prática de meu chamado. Meu ouro está diminuindo, e não ousa apresentar as tabuinhas que me autorizam a sacar dinheiro nas casas de contagem do templo. Tudo isso é por sua conta, e amaldiçoo o dia em que te vi; todos os anos, neste dia, usarei pano de saco e cinzas".

Ela arrastou a mão no rio enlazarado, a água rachando diante dele como prata derretida, enquanto ela disse em voz baixa e com o rosto virado: "Se é assim, deixe-me pular no rio como você deseja. se livre de mim."

Ela se levantou e teria saltado, mas eu a agarrei e a segurei, dizendo: acabou com essa loucura! Se você pular, todo o meu artifício terá sido em vão. Em nome de todos os deuses, deixe-me dormir em paz, Minea, e não me incomode com esses caprichos, pois estou muito cansado.

Com isso, rastejei para debaixo do tapete e o puxei para perto de mim, pois a noite estava fria, embora a primavera tivesse chegado e as cegonhas estivessem chorando entre os juncos. Ela se arrastou ao meu lado, murmurando: "Se não posso fazer mais nada, posso pelo menos mantê-lo aquecido."

Eu estava muito cansado para discutir mais, mas adormeci e dormi profundamente em seu calor, pois ela era jovem e seu corpo como um pequeno fogão ao meu lado.

Quando acordei, tínhamos vindo rio acima e os barqueiros resmungavam. "Nossos ombros são como madeira, e nossas costas doem. Você procura nossa morte? Sua casa está em chamas que devemos correr para apagá-la?"

Endureci meu coração e disse: "Quem afrouxar sentirá minha bengala; você descansará primeiro ao meio-dia. Depois poderá comer e beber, e a cada um de vocês darei um gole de vinho de tâmaras para revivê-los, e vocês vai se sentir tão arejado quanto os pássaros. Mas se houver alguma murmuração, invocarei todos os demônios contra você; pois você deve saber que eu sou um sacerdote e um mago."

Eu disse isso para assustá-los, mas o sol estava brilhando e eles não acreditaram em mim. Eles disseram apenas: "Ele está sozinho e nós somos dez!" e o mais próximo deles tentou me golpear com seu remo.

Naquele momento, um ruído estrondoso veio da proa: era Kaptah batendo no interior da jarra, xingando e gritando. Os remadores ficaram com o rosto cinza e, um após o outro, pularam no rio e nadaram para longe de vista. O barco balançou no riacho, mas deixei cair a pedra âncora. Minea saiu da cabana penteando os cabelos, e naquele instante todo o meu medo me abandonou, pois ela era loura, e o sol brilhava, e as cegonhas choravam entre os juncos. Corri até a urna funerária e disse em voz alta enquanto quebrava o selo de argila: "Levante-se, seu homem aí dentro!"

Kaptah enfiou a cabeça desgrenhada para fora da jarra, e nunca vi um homem mais confuso. Ele gemeu: "O que é essa tolice? Onde estou? Onde está meu diadema real, e onde estão os símbolos de minha majestade? Estou nu e gelado - também minha cabeça está cheia de vespas, e meus membros são como chumbo, como se eu tivesse sido mordido por uma serpente venenosa. Cuidado como você zomba de mim, Sinuhe, pois é perigoso brincar com reis!"

Eu queria castigá-lo por sua arrogância do dia anterior, então olhei em branco e disse: "Eu não sei o que você está dizendo, Kaptah; você ainda deve estar em uma névoa de vinho. Você vai se lembrar disso quando partimos Babilônia você bebeu demais e ficou tão violento no barco e falou tão descontroladamente que os barqueiros tiveram que trancá-lo naquela jarra para que você não lhes fizesse algum mal. Você estava tagarelando sobre reis e juízes e muito mais.

Kaptah fechou os olhos e se esforçou para se recompor, e por fim respondeu: "Senhor, nunca mais beberei vinho, pois o vinho e os sonhos me levaram a uma terrível aventura - uma aventura tão medonha que não posso relatar a você. Mas isto posso dizer: Pareceu-me que pela graça do escaravelho eu era um rei, fazendo justiça do meu trono, também que entrei na casa das mulheres e ali tive grande prazer com uma bela moça. Muitas outras coisas aconteceram também, mas não ousou pensar nelas agora."

Só então ele viu Minea. Abaixando-se apressadamente para dentro da jarra novamente, ele disse com uma voz lamentável: "Senhor, eu ainda não estou completamente recuperado - ou então ainda estou sonhando - pois lá na popa do barco parece que vejo a garota que encontrei na casa das mulheres."

Ele tocou seu olho roxo e nariz inchado e lamentou em voz alta. Minea foi até a jarra, puxou a cabeça pelos cabelos e disse: "Olhe para mim! Eu sou a mulher com quem você teve prazer ontem à noite?"

Kaptah olhou para ela com terror, fechou o olho e gemeu: "Todos os deuses do Egito, tenha piedade de mim e me perdoe por ter adorado deuses estranhos e feito sacrifícios a eles - mas você é ela! Perdoe-me, pois foi apenas um sonho."

Ajudei-o a sair do pote e dei-lhe uma poção amarga para limpar o estômago, depois amarrando uma corda em sua cintura, mergulhei-o no rio, apesar de seus protestos, e o segurei flutuando na água para limpar sua cabeça do suco de papoula e vinho. Mas quando eu o puxei a bordo novamente, eu cedi, dizendo: "Que isso seja uma lição para você por sua rebeldia contra mim, seu mestre. Tudo o que aconteceu com você é verdade e se não fosse por minha ajuda você estaria agora jazendo sem vida em uma jarra entre todos os outros falsos reis."

Então contei a ele tudo o que havia acontecido, e tive que contar muitas vezes antes que ele entendesse tudo e acreditasse em mim. Finalmente eu disse a ele: "Nossas vidas estão em perigo, e o que passou não parece mais engraçado, pois tão certo quanto estamos sentados aqui neste barco, vamos nos pendurar de cabeça para baixo na parede se o rei nos encontrar - e ele

pode fazer ainda pior. Um bom planejamento agora é essencial, e você deve encontrar alguma maneira de escaparmos com vida para a terra de Mitanni."

Kaptah coçou a cabeça e meditou. Por fim, ele disse: "Se eu o compreendi corretamente, tudo o que aconteceu é verdade e nenhuma ilusão nascida do vinho. Sendo assim, vou elogiar este dia como um bom dia, pois agora posso beber vinho sem receio pelo amor da minha cabeça, embora achasse que nunca mais na minha vida deveria ousar prová-lo."

Ele entrou na cabine, quebrou o lacre de uma jarra de vinho e tomou um gole profundo, pelo qual louvou todos os deuses do Egito e da Babilônia pelo nome, e também louvou muitos outros deuses cujos nomes ele não conhecia. Para cada divindade que ele nomeava, ele se curvava sobre a jarra de vinho até que finalmente afundou na esteira em sonolência, roncando como um hipopótamo.

Fiquei tão furioso com o comportamento dele que o teria jogado na água e o afogado, mas Minea disse: "Kaptah está certo: a cada dia seus próprios vexames. Então, por que não beber vinho e ser feliz no lugar para onde o rio nos trouxe? Pois é um lugar lindo, e estamos escondidos pelos juncos. Cegonhas estão chorando entre eles, e vejo outros voando com o pescoço estendido para construir seus ninhos; as águas brilham verdes e douradas à luz do sol, e meu coração está tão arrepiado quanto um pássaro agora que estou livre da escravidão."

Eu considerei suas palavras e elas foram sábias.

"Já que vocês dois estão loucos, por que eu não deveria estar louco também? Na verdade, para mim, é tudo um para mim se minha pele está secando na parede amanhã ou daqui a dez anos, pois tudo isso foi escrito nas estrelas antes de nosso nascimento, como os sacerdotes da torre me ensinaram. O sol brilha em glória, e nos campos ao longo da margem do rio o milho está ficando verde. Portanto, vou me banhar no rio e tentar pegar peixes em minhas mãos como fiz quando criança, pois este dia é tão bom quanto qualquer outro."

E assim tomamos banho no rio e secamos nossas roupas ao sol, e comemos e bebemos vinho. Minea fez sacrifício a seu deus e dançou sua dança para mim no barco, de modo que meu peito apertou enquanto eu a observava, e eu respirava com dificuldade.

Eu finalmente disse a ela: "Só uma vez na minha vida chamei uma mulher de 'minha irmã', mas seu abraço era um fogo e seu corpo um deserto árido que não me trazia refrigério. livre do feitiço em que seus membros me prenderam. Não olhe para mim com olhos que são como o luar no rio, ou então eu a chamarei de 'minha irmã' e você me levará à destruição e à morte como o outro mulher fez."

Minea olhou para mim com curiosidade.

"Você deve ter conhecido mulheres estranhas, Sinuhe – mas talvez as de seu país sejam diferentes.

seduzi-lo como você parece temer. Meu deus me proibiu de me aproximar de um homem, sob pena de morte."

Ela pegou minha cabeça entre as mãos e colocou-a contra os joelhos, e acariciando minhas bochechas e cabelos, ela disse: "Esta é uma cabeça estúpida para fazer você falar tão mal de mulheres, pois embora existam mulheres que envenenam todos os poços, certamente há outros que são como uma fonte no deserto - como orvalho em um prado seco. Mas, embora você tenha uma cabeça grossa e incompreensível e seu cabelo seja preto e duro, eu gosto de segurá-lo em minhas mãos. sobre você - em seus olhos e suas mãos - que eu acho adorável e sedutor. Portanto, estou triste por não poder lhe dar o que você deseja - triste não apenas por você, mas por mim, se uma confissão tão imodesta puder agradar vocês."

A água ondulava contra o barco, verde e dourado, e eu a segurei forte, lindas mãos nas minhas. Eu os segurei como um homem se afogando e olhei em seus olhos que eram como o luar no rio e ainda tão quentes quanto uma carícia.

"Mineia, minha irmã!" Eu disse. "Estou cansado de todos os deuses que os homens levantaram para si - por medo, como acredito. Renuncie ao seu deus, portanto, pois sua demanda é cruel e inútil - e hoje mais cruel do que nunca. para um país além do alcance de seu poder, embora tenhamos que viajar para os confins do mundo e comer grama e peixe seco entre tribos selvagens e dormir em juncos até o fim de nossas vidas. seu Deus."

Ela segurou firmemente em minhas mãos e virou a cabeça.

"Meu deus estabeleceu seus limites dentro de meu coração para que, onde quer que eu vá, esteja ao seu alcance - e se eu me entregar a qualquer homem, devo morrer. Hoje, ao vê-lo, meu deus me parece cruel e tolo para exigir isso, mas não posso fazer nada contra ele. Amanhã tudo pode ser diferente - você vai se cansar de mim e me esquecer, pois esse é o jeito dos homens.

"Nenhum homem sabe o que o amanhã trará", eu disse impacientemente, apesar de todo o meu ser ardendo em direção a ela como um feixe de juncos que foi queimado ano após ano pelo sol até ser aceso por uma faísca. "Sua conversa é apenas uma evasiva vazia para me atormentar - como todas as mulheres gostam de fazer - e você gosta de meu tormento."

Ela retirou as mãos com um olhar de reprovação.

"Não sou uma mulher ignorante, pois além da minha própria língua, falo a da Babilônia e a sua também e posso escrever meu nome em três tipos de letras, tanto no barro quanto no papel. Além disso, estive em muitas grandes cidades e dancei diante de muitas pessoas diferentes, que se maravilharam com minha arte, até que fui roubado por mercadores quando nosso navio naufragou. Desde a infância, cresci nos estábulos do deus e fui iniciado em seu ritual secreto para que nenhum poder ou feitiçaria pode me separar dele. Se você também tivesse dançado diante de touros e na dança se balançasse entre chifres afiados e fizesse cócegas em um

focinho berrando em jogo com seu pé, você entenderia. Mas acredito que você nunca viu jovens e meninas dançando diante de touros."

"Eu nunca ouvi falar disso. Mas se eu devo poupar sua virgindade para o benefício de touros, então é uma questão além de todo entendimento, embora eu tenha ouvido que na Síria os sacerdotes que realizam o ritual secreto da mãe terra sacrificar donzelas a bodes, e essas donzelas são escolhidas entre o povo".

Ela me golpeou com força nas duas bochechas, e seus olhos queimaram como os olhos de um O gato selvagem queimava no escuro enquanto gritava em fúria: "Acho que não há diferença entre um homem e um bode, pois seus pensamentos se voltam para coisas corporais apenas para que um bode responda às suas luxúrias tão bem quanto uma mulher. Afunde-se então sob a terra e me deixe em paz; não me atormente mais com sua doença de amor, pois você sabe tanto sobre isso quanto um porco sabe sobre prata."

Seu discurso era áspero e seus golpes severos. Eu a deixei e fui para a popa. Passar a hora em que abri minhas caixas de remédios e comecei a limpar meus instrumentos e pesar drogas. Ela se sentou na proa, batendo os calcanhares no fundo do barco em sua exasperação; logo ela tirou a roupa com paixão, esfregou o corpo com óleo e começou uma dança tão selvagem e violenta que o barco balançou. Eu não pude resistir a um olhar de soslaio, pois seu desempenho foi magistral além da crença. Ela podia se curvar para trás sem esforço até descansar sobre as mãos, arqueando o corpo como um arco, e então levantar os pés no ar. Todos os músculos de seu corpo estremeceram sob a pele reluzente, ela ficou sem fôlego e seu cabelo ondulou sobre a cabeça, pois a dança exigia um grau de habilidade como nunca vi igual, embora tenha visto dançarinas nas casas de prazer de muitas terras.

Enquanto eu a observava, minha raiva se desvaneceu e não pensei mais no que havia perdido ao roubar essa garota caprichosa e ingrata. Lembrei-me também de que ela estivera pronta para se esfaquear até a morte em defesa de sua virgindade e sabia que eu havia me comportado mal ao exigir dela o que ela não podia dar. Depois de dançar tanto que o suor escorria por seu corpo e todos os músculos estremeciam de exaustão, ela se cobriu, com a cabeça e tudo, com uma roupa, e eu a ouvi chorar. Então esqueci minhas drogas e instrumentos. Apressando-me para ela, toquei seu ombro suavemente e perguntei: "Você está doente?"

Ela não respondeu, mas empurrou minha mão e chorou ainda mais. Sentei-me ao lado dela, e meu coração estava cheio de tristeza.

"Mineia, minha irmã, não chore - não chore pelo menos por minha causa, pois Na verdade, eu nunca pretendo tocar em você - nunca, nunca - mesmo se você me perguntar. Eu salvaria você de toda dor e tristeza e faria com que você ficasse sempre como está."

Ela levantou a cabeça e enxugou as lágrimas em um gesto de aborrecimento.

"Não temo nem dor nem tristeza, seu tolo. E não choro por sua causa mas por causa do meu destino, que me separou de meu deus e me fez tão

fraco como um trapo, de modo que um olhar de um imbecil faz meus joelhos cederem sob mim."

Eu segurei suas mãos, e ela não as retirou, mas se virou para mim por fim, para dizer: "Sinuhe, aos seus olhos devo parecer ingrato e mesquinho, mas não posso evitar, pois não sei o que aconteceu comigo. melhor, mas falar dele para os não iniciados é proibido. Posso dizer apenas que ele é o deus do mar e vive em uma casa escura, e ninguém que entrou naquela casa jamais voltou, mas mora com ele eternamente. Mas há quem diga que ele se parece com um touro, embora viva no mar. Nós que nos dedicamos ao seu serviço somos treinados para dançar diante dos touros. Diz-se também que ele é como um homem apesar da cabeça de touro, mas acredito nisso não passa de um conto.

"Sei apenas que a cada ano doze são escolhidos por sorteio entre os dedicados a entrar em sua casa um de cada vez quando a lua está cheia, e não há maior alegria para aqueles tão dedicados do que entrar nesta casa. caiu para mim, mas antes que chegasse a minha vez, nosso navio naufragou, como eu lhe disse. Os mercadores me roubaram e me venderam no mercado de escravos da Babilônia. Toda a minha juventude sonhei com as maravilhosas mansões do deus e do seu leito e da imortalidade. Embora nós que somos consagrados tenhamos permissão para retornar a este mundo depois de um mês, ninguém ainda o fez - então eu acho que o mundo não tem nada a oferecer àqueles que uma vez viram o deus. "

Uma nuvem parecia encobrir o sol enquanto ela falava; a cena assumiu um tom pálido e mortal em meus olhos, e eu estava trêmulo, pois sabia que Minea não era para mim. Sua história era como as histórias contadas pelos sacerdotes de todas as terras - e ela acreditou, o que a impediu de mim para sempre. Eu não queria irritá-la ou entristecê-la.

Aquecendo suas mãos entre as minhas, eu disse apenas: "Eu entendo que você deseja retornar ao seu deus, então eu vou levá-la através do mar para Creta - pois agora eu sei que é de onde você vem. você falou de touros, mas o que você disse do deus na casa escura me dá certeza disso. É o que mercadores e marinheiros em Esmirna me disseram, embora eu nunca tenha acreditado neles até agora. Eles queriam que os sacerdotes matassem todos que tentou voltar da casa do deus, para que ninguém saiba deles como ele é. Isso era apenas conversa de marinheiros e pessoas comuns; você sendo iniciado saberá melhor."

"Eu devo voltar - você sabe disso!" ela implorou. "Em nenhum outro lugar da terra eu deveria encontrar paz. Eu me alegro em cada dia que passo com você, Sinuhe, e não porque você me livrou do mal, mas porque ninguém nunca me tratou como você. a casa do deus como antes, mas vá para ela com tristeza em meu coração. Se me for concedido, retornarei a você após o tempo previsto - ainda assim, acho que não será, pois ninguém nunca voltou . Nosso tempo é curto e

ninguém sabe o que o amanhã pode trazer como você diz, então vamos aproveitar cada dia que vier, Sinuhe, e não percamos nenhum pensamento sobre o que está por vir. Isso é o melhor."

Outro homem poderia tê-la levado à força, levado para sua própria terra e morado lá com ela todos os dias. Eu sabia que ela estava falando a verdade e que nunca teria um dia feliz se traísse seu deus; antes chegaria o momento em que ela me amaldiçoaria e fugiria de mim. Tal é o poder dos deuses quando os homens acreditam neles, embora sobre aqueles que não acreditam não possam ter nenhum.

Sem dúvida, essas coisas foram escritas nas estrelas antes do meu nascimento e eram insuscetíveis de mudança. Assim comemos e bebemos em nosso barco, escondidos pelos juncos, e o futuro estava distante de nós. Minea inclinou a cabeça e passou o cabelo pelo meu rosto, sorrindo. Quando ela bebeu vinho, ela tocou minha boca com seus lábios cheirando a vinho e a dor que ela causou em meu coração foi doce – mais doce talvez do que se eu a tivesse tomado, embora eu não pensasse nisso então.

2

Ao anoitecer, Kaptah acordou e saiu de debaixo do tapete, esfregando os olhos e bocejando.

"Pelo escaravelho - e não esquecendo totalmente de Amon - minha cabeça não é mais como uma bigorna. Eu poderia me sentir em harmonia com o mundo mais uma vez se ao menos tivesse algo para comer, pois meu estômago parece estar cheio de leões vorazes."

Sem pedir licença, ele se juntou a nós em nossa refeição e mastigava pássaros assados em barro, cuspiendo os ossos ao mar. Ao vê-lo, lembrei-me de nossa situação.

"Seu morcego bêbado! Você deveria ter nos aplaudido com bons conselhos e nos ajudado a sair disso, pois em breve estaremos os três pendurados pelos calcanhares em fila. Em vez disso, você bebeu até ficar encharcado e roncou de bruços como um porco na lama. Diga rapidamente o que deve ser feito, pois os soldados do rei já devem estar nos perseguindo para nos matar."

Kaptah coçou a cabeça.

"Este barco é realmente grande demais para nós três remarmos rio acima. Para falar a verdade, não gosto de remos; eles fazem bolhas em minhas mãos. Devemos, portanto, desembarcar e roubar dois burros para carregar nossas trouxas. Vamos Vista-se com roupas surradas para não chamar a atenção, e devemos barganhar e pechinchar nas estalagens. Você não deve deixar saber que é um médico, mas sim fingir ser de algum outro ofício. Seremos uma companhia de pantomimeiros viajando de aldeia em aldeia, entreitando os camponeses à noite nas eiras. Ninguém persegue malabaristas, e os ladrões pensam que não vale a pena roubar. Você pode contar a sorte dos caipiras no óleo, como aprendeu a fazer; eu pode contar-lhes histórias engraçadas sem fim, e a menina pode dançar por seu pão. Nunca seria bom roubar o barco dos pobres barqueiros, que sem dúvida estão à espreita em algum lugar nos juncos, esperando apenas que a escuridão nos mate. seja sábio partir imediatamente."

A noite estava chegando e não havia tempo a perder. Kaptah certamente estava certo em supor que os barqueiros venceriam seus medos e voltariam para buscar seu barco, e eles eram dez homens fortes. Nós nos untamos com seu óleo e sujamos nossas roupas e rostos com lama, então dividimos os restos de meu ouro e prata entre nós, escondendo-os em nossos cintos e outras roupas. Minha caixa de remédios, que eu não queria deixar, enrolamos no tapete e deitamos nas costas de Kaptah, apesar de seus protestos. Então, deixando o barco flutuar entre os juncos, desembarcamos. No barco deixamos comida e duas jarras de vinho, Kaptah acreditando que os homens ficariam para se embriagar, depois do que não se dariam ao trabalho de nos perseguir. Se eles tentassem nos acusar diante dos juízes quando estavam sóbrios, eles dariam provas conflitantes, e sua história seria tão confusa que os juízes os expulsariam com paus – ou assim eu esperava.

Assim começamos a nossa peregrinação e chegamos a tempo a uma rota de caravanas que seguiu a noite toda, embora Kaptah amaldiçoasse o dia em que nasceu por causa do peso da trouxa que estava torta em seus ombros. De manhã chegámos a uma aldeia cujos habitantes nos receberam calorosamente e com respeito porque ousamos viajar de noite independentemente dos demónios. Eles nos deram mingau feito com leite e nos venderam dois burros; eles faziam festa quando os deixamos, pois eram pessoas simples que não viam ouro cunhado há muitos meses, mas pagavam seus impostos em grãos e gado e moravam em cabanas de barro entre seus animais.

Dia após dia caminhávamos pelas estradas da Babilônia. Conhecemos comerciantes; saímos do caminho das cadeiras dos homens ricos e nos curvamos quando eles passaram. O sol queimava-nos a pele, esfarrapavam-se as nossas roupas e habituamo-nos a encenar as nossas actuações em eiras de terra batida. Derramei óleo na água e predisse dias de sorte e colheitas abundantes, filhos homens e casamentos lucrativos - pois eu tinha pena de sua pobreza e era relutante em profetizar qualquer coisa que não fosse boa.

Eles acreditaram em mim e se alegraram muito. Se eu tivesse dito a eles a verdade, eu deveria ter

falavam de cobradores de impostos implacáveis, golpes duros, juízes corruptos, febres na época das enchentes, gafanhotos e moscas, seca escaldante e água ruim no verão, labuta pesada e, depois de labuta, morte - pois essa era a vida deles. Kaptah contou-lhes histórias de feiticeiros e princesas e de terras estrangeiras onde as pessoas carregavam a cabeça debaixo dos braços e se transformavam em lobos uma vez por ano. Eles acreditaram em suas histórias e o veneraram e o alimentaram bem. Minea dançava para eles todos os dias para manter a prática de seu deus, e eles se maravilhavam com sua arte, dizendo: "Nunca vimos algo assim!"

A viagem foi proveitosa para mim, pois me ensinou que, se os ricos e os poderosos são iguais em todos os lugares e pensam da mesma maneira, os pobres também são os mesmos em todo o mundo. Seus pensamentos são os mesmos, embora seus costumes sejam diferentes e seus deuses tenham nomes diferentes. Meu coração se derreteu com eles por sua grande simplicidade, e eu não pude deixar de curar os doentes quando os vi, de lancetar furúnculos e limpar os olhos que, de outra forma, logo ficariam cegos... e tudo isso fiz por vontade própria, sem pedir nada em troca.

Mas por que me expus tanto ao perigo da descoberta, não posso dizer. Talvez meu coração foi abrandado por Minea, que eu via todos os dias e cuja juventude aqueceu meu lado à noite, quando nos deitamos naqueles pisos de terra que cheiravam a palha e esterco pungente. Talvez eu tenha feito isso por causa dela, para propiciar os deuses por ações meritórias; mas também pode ser que eu desejasse testar minha habilidade, para que minhas mãos não perdessem sua firmeza e meus olhos sua agudeza na detecção de doenças. Pois quanto mais eu vivo, mais claramente vejo que o que um homem faz, ele o faz por muitas razões - razões que ele mesmo pode desconhecer; portanto, suas ações são como poeira sob meus pés, pois não posso conhecer seus motivos ou propósitos.

Encontramos muitas dificuldades. Minhas mãos ficaram calejadas, as solas dos meus pés engrossaram, e a poeira cegou meus olhos. No entanto, quando me lembro desta nossa viagem pelas estradas poeirentas da Babilônia, parece-me bela, e não posso esquecê-la. Não, eu daria muito do que conheci e possuo neste mundo se pudesse fazer essa viagem mais uma vez, com a juventude, os olhos aguçados e o corpo incansável devolvidos a mim e Minea ao meu lado, seus olhos brilhando como o luar no rio. A morte nos acompanhou por todo o caminho - uma morte que não teria sido fácil se tivéssemos sido descobertos e tivéssemos caído nas mãos do rei. Mas naqueles dias distantes nunca pensei na morte nem a temi, embora a vida me fosse mais preciosa do que nunca, caminhando assim ao lado de Minea e vendo-a dançar nas eiras polvilhadas. Na companhia dela esqueci o crime e a vergonha da minha juventude, e todas as manhãs, quando acordava com o balido das crianças e o mugido do gado, meu coração estava leve como um pássaro; Eu saía para ver o sol nascer e navegar como um navio dourado no suave azul do céu.

Por fim chegamos à devastada região fronteira, mas os pastores, acreditando-nos pobres, mostraram-nos o caminho para que entrássemos na terra de Mitani e viéssemos como

até Naharani sem pagar tributo ou encontrar os guardas de nenhum dos reis.

Só quando chegamos à grande cidade, onde as pessoas não se conheciam, nos aventuramos nos bazares, onde compramos roupas novas e nos lavamos e nos vestimos de acordo com nossa posição, depois nos hospedamos na melhor pousada.

Como meu ouro estava acabando rapidamente, fiquei um pouco naquela cidade para praticar meu chamado, encontrando muitos pacientes e curando muitos doentes, pois o povo de Mitanni estava mais curioso do que nunca e adorava tudo o que era estranho. Minea também chamou a atenção por sua beleza, e muitos se ofereceram para comprá-la de mim. Kaptah descansou depois de seu trabalho e engordou e conheceu muitas mulheres que lhe concederam seus favores por causa de suas histórias. Quando ele bebia nas casas de prazer, ele contava sobre seu dia como rei da Babilônia, e todos riam e batiam nos joelhos e gritavam: "Nunca encontramos um mentiroso assim! Sua língua é tão longa e fluente quanto o rio. "

Assim o tempo passou até que Minea começou a me olhar com apreensão, e à noite ela ficou acordada chorando. Então eu disse a ela: "Eu sei que você anseia por seu próprio país e seu deus, e temos uma longa jornada pela frente. No entanto, primeiro devo visitar a terra de Hatti, onde vivem os hititas, por razões que não posso lhe dizer. Acredito que do país deles se pode navegar para Creta - embora disso eu não tenha certeza - e se você preferir, eu o levarei direto para a costa da Síria, de onde os navios com destino a Creta partem todas as semanas. Ouvi dizer que uma caravana está prestes a partir daqui para levar os presentes anuais do rei de Mitani ao rei dos hititas, e com isso podemos viajar em segurança e ver e ouvir muitas coisas novas.

No entanto, a decisão não será minha, mas sua."

Em meu coração eu sabia que a havia enganado, pois meu desejo de visitar a terra de Hatti era simplesmente meu desejo de mantê-la comigo por mais tempo antes de entregá-la ao seu deus.

Mas ela respondeu: "Quem sou eu para interferir em seus planos? Eu vou com você de bom grado onde quer que seja, desde que você prometeu me levar de volta ao meu país. Aonde você for, eu vou, e se a morte nos alcançar, eu vou lamentar não por mim, mas por vocês."

Resolvi, portanto, juntar-me à caravana como médico e assim viajar sob a proteção do rei de Mitani à terra de Hatti, que também é chamada de Cheta. Quando Kaptah ouviu isso, ele irrompeu em imprecções e invocou os deuses em seu auxílio.

"Difícilmente saímos das garras de uma morte antes que meu senhor anseie por mergulhar na goela de outra. Todo mundo sabe que os hititas são feras selvagens e piores. Pelo escaravelho! Maldito seja o dia em que nasci neste mundo para sofrer os caprichos do meu mestre lunático!"

Eu tive que chamá-lo para pedir com um bastão, depois do que eu disse: "Seja como quiser! Eu o enviarei em companhia de alguns mercadores direto para Esmirna, e pagarei por

sua jornada. Cuida da minha casa lá até que eu volte, pois estou doente até a morte de suas eternas lamentações."

Mas Kaptah se inflamou novamente, dizendo: "E qual seria o sentido disso? Como posso permitir que meu senhor viaje sozinho para a terra de Hatti? Eu poderia muito bem perder um cabrito recém-nascido entre cães de caça, e meu coração nunca pararia para me repreender pelo crime. Faço apenas uma pergunta: a terra de Hatti é alcançada por mar?

Eu lhe disse que, até onde eu sabia, não havia mar entre as terras de Hatti e Mitanni.

"Abençoado seja meu escaravelho", respondeu Kaptah, "pois se fosse necessário ir pelo mar eu não poderia acompanhá-lo, pois jurei aos deuses nunca pisar em um navio de mar."

Ele então começou a juntar nossas coisas e preparar nossa partida, e eu deixei tudo aos seus cuidados, pois nessas questões ele era mais habilidoso do que eu.

3

A viagem com o enviado Mitannian foi tranquila, e há pouco a dizer sobre isso, pois os hititas nos escoltaram por todo o caminho em suas carruagens e providenciaram para que tivéssemos comida e bebida em todos os pontos de parada. Os hititas são resistentes, não se importando nem com frio nem com calor, pois vivem entre colinas áridas e são treinados para dificuldades e privações desde a infância. Eles são destemidos e obstinados na batalha; eles desprezam as nações mais fracas e as subjugam, enquanto honram os valorosos e buscam sua amizade.

Sua nação é dividida em muitos clãs e aldeias governadas por príncipes cujos o poder sobre eles é absoluto, mas que por sua vez estão sujeitos ao grande rei que mora em sua cidade de Hattushash, entre as montanhas. Ele é seu sumo sacerdote, seu comandante-chefe e seu juiz supremo. Nele está unida toda a autoridade pela qual os homens são governados, tanto divina quanto temporal, e não conheço nenhum rei a quem esteja investido poder igual, embora absoluta toda autoridade real seja mantida em seu poder.

ser. Em outros países, incluindo o Egito, os sacerdotes e juízes têm mais controle sobre as ações do rei do que geralmente se supõe.

Ao falar das grandes cidades do mundo, os homens mencionarão Tebas e Babilônia e às vezes Nínive, que eu não vi. Mas nunca os ouvi falar de Hattushash, que é a grande cidade dos hititas e a sede da autoridade, situada nas montanhas como o ninho de uma águia no coração dos campos de caça. No entanto, esta cidade pode ser comparada com outras; e quando me lembro que seus edifícios gigantescos são de pedra lavrada e suas paredes inexpugnáveis e mais maciças do que qualquer outra que já vi, devo reconhecer que esta cidade é uma das maiores. Permanece um segredo do mundo porque o rei o fechou para estrangeiros. Somente enviados credenciados são admitidos para ter audiência com o rei e entregar a ele seus presentes, e mesmo esses homens são observados de perto durante o tempo em que permanecem em Hattushash. Portanto, os cidadãos não falam voluntariamente com estranhos, mesmo que conheçam sua língua. Se alguém perguntar a eles, eles respondem: "Eu não entendo" ou "Eu não sei", e olham em volta, inquietos, para que ninguém os veja conversando com um estranho. Eles não são grosseiros por natureza, no entanto, mas sim amigáveis, e adoram ver roupas estrangeiras, se forem bonitas, e seguem os que as vestem pelas ruas.

Eles não contratam soldados, como fazem os povos civilizados, mas são eles próprios guerreiros, sendo os homens divididos em classes correspondentes à sua patente militar. Assim, os mais distintos são aqueles que podem manter uma carruagem, e seu status é determinado não por suas origens, mas por sua proficiência em armas. Todos os homens em idade de combate se reúnem anualmente para exercícios militares sob a direção de seus comandantes. Hattushash não é uma cidade de comércio como as outras grandes cidades, mas está cheia de forjas e oficinas de onde vem um barulho constante de martelos, pois nessas oficinas são forjadas pontas de flechas e pontas de lanças e rodas e armações de carros.

Na época de minha chegada à terra de Hatti, o grande rei Shubbiluliuma reinava por vinte e oito anos. Seu nome era tão temido que as pessoas se curvavam e levantavam as mãos ao ouvi-lo, clamando em voz alta seus louvores, pois ele havia trazido ordem à terra de Hatti e subjugado muitos povos. Ele morava em um palácio de pedra no meio da cidade, e muitas histórias foram contadas sobre seu nascimento e seus feitos heróicos, como são contadas sobre todos os grandes governantes. Eu nunca o vi; nem os enviados de Mitanni o viram. Eles tiveram que deixar seus presentes no chão do salão de recepção, em meio às vaías dos soldados.

A princípio, parecia haver pouco para um médico fazer em Hattushash, pois pelo que entendi, os hititas tinham vergonha da doença e a escondiam enquanto podiam. Crianças magras e deformadas foram mortas ao nascer, e escravos doentes também foram mortos. Por esta razão, seus médicos tinham pouca habilidade e eram homens ignorantes e analfabetos, embora tratassem bem as feridas e contusões e

remédios eficazes também para as doenças peculiares às regiões montanhosas, remédios que diminuía rapidamente o calor do corpo e dos quais fiquei feliz em aprender. Mas se algum homem se visse afligido por uma doença que ameaçava ser fatal, ele preferia a morte a uma cura, para que não ficasse mutilado ou fraco pelo resto de sua vida. Pois os hititas não temiam a morte como as pessoas civilizadas, mas tinham grande pavor da debilidade.

No entanto, no geral, todas as grandes cidades são iguais, e os eminentes e ricos de todos os países são iguais. Quando minha fama se espalhou entre as pessoas, vários deles vieram à minha estalagem em busca de curas; seus males eram conhecidos por mim e eu podia tratá-los. Mas eles preferiram vir a mim disfarçados, secretamente e ao abrigo da escuridão, para que sua dignidade não fosse diminuída. Por esta razão também me deram presentes generosos, e no final adquiri muito ouro e prata em Hattushash, embora a princípio temesse deixá-lo como um mendigo.

Os hititas eram rígidos em seu comportamento, e os homens da melhor classe podiam não aparecerem bêbados nas ruas sem perda de dignidade, mas, como em todas as outras grandes cidades, bebiam grande quantidade de vinho e também vinhos misturados perniciosos. Tratei as câibras resultantes disso e acalmei suas mãos trêmulas quando deveriam comparecer perante o rei. Deixei Minea dançar para seu entretenimento; eles a admiravam muito e lhe davam ricos presentes sem desejar mais dela - pois os hititas eram generosos quando qualquer coisa os agradava. Tendo conquistado sua boa vontade dessa maneira, aventurei-me a perguntar-lhes sobre muitas coisas que não poderia ter investigado abertamente. Apreendi mais com o Guardião dos Arquivos do Rei, que falava e escrevia muitas línguas, lidava com a correspondência estrangeira do Rei e não estava preso ao costume. Deixei-o acreditar que eu havia sido banido do Egito para nunca mais voltar, e que não tinha outro objetivo em viajar para o exterior além de adquirir riqueza e conhecimento. Ele confiava em mim e estava disposto a responder minhas perguntas em troca de um bom vinho e da dança de Minea.

"Por que Hattushash está fechado para estrangeiros?" Eu perguntei a ele. "E por que caravanas e mercadores devem seguir certas estradas, embora seu país seja rico e sua cidade rivalize com qualquer outra em maravilhas? méritos?"

Ele provou seu vinho e disse, enquanto seus olhos se desviavam avidamente para o corpo esguio de Minea. membros, "Shubbiluliuma, nosso grande rei, disse quando subiu ao trono: 'Dê-me trinta anos e farei da terra de Hatti o reino mais poderoso que o mundo já viu.' Esses trinta anos acabarão em breve, e acho que em breve o mundo ouvirá mais sobre a terra do Hatti do que gostaria de saber."

"Mas na Babilônia eu vi sessenta vezes sessenta vezes sessenta homens marchando ao lado de seu rei, e o som de seus pés era como o rugido do mar. Aqui talvez eu tenha visto dez vezes dez homens ao mesmo tempo, e não consigo entender o que você faz

com todas as carruagens que estão sendo construídas nas oficinas da cidade. Para que servem as carruagens na região montanhosa? Eles são destinados a lutar nas planícies."

Ele riu.

"Para um médico, você é muito curioso, Sinuhe, o egípcio! Talvez ganhemos nosso pequeno pedaço de pão vendendo carros para os reis dos países planos."

Ele estreitou os olhos conscientemente.

"Isso eu não acredito!" eu disse com ousadia. "Tão prontamente um lobo emprestaria suas presas a uma lebre."

Ele caiu na gargalhada, batendo nos joelhos até que o vinho derramou de sua boca. copo.

"Devo dizer isso ao rei! Talvez ainda durante sua vida você possa ver uma grande corrida de lebres, pois a justiça dos hititas é diferente da justiça das planícies. Em sua terra, acredito que os rick governam os pobres; em os fortes governam os fracos. O mundo aprenderá uma nova lição antes que seu cabelo fique grisalho, Sinuhe.

"O novo faraó no Egito também tem um novo deus", eu disse com simplicidade fingida.

"Isso eu sei, pois li todas as cartas do rei. Este deus é um grande amante da paz e declara que não há disputa entre nações que não possa ser resolvida pacificamente. Não temos nada contra esse deus; pelo contrário, gostamos muito dele. bem, enquanto ele governar no Egito e nas planícies. Seu faraó enviou ao nosso grande rei uma cruz egípcia que ele chama de símbolo da vida, e ele certamente terá paz por alguns anos, desde que nos envie bastante ouro, para que possamos armazenar ainda mais cobre, ferro e grãos, construir novas oficinas e fabricar carros mais e mais pesados do que antes. Para tudo isso, muito ouro é necessário, e nosso rei reuniu aqui em Hattushash os mais inteligentes armeiros de muitos países diferentes e os recompensa generosamente. Mas por que ele faz isso eu acredito que a sabedoria de nenhum médico pode adivinhar!"

"O futuro que você prevê pode agradar a corvos e chacais, mas não anima mim, e não encontro nisso motivo de riso. Em Mitanni, contam-se histórias de seus crimes no país fronteiriço - histórias tão assustadoras que não as repetirei, pois são impróprias para um povo culto."

"O que é cultura?" ele perguntou, enchendo sua taça de vinho. "Também podemos ler e escrever e acumular tabuletas de argila numeradas em nossos arquivos. Nosso objetivo é incutir medo entre os povos inimigos para que, quando chegar a hora, eles se submetam a nós sem luta e assim se salvem de danos e perdas desnecessários. Pois não amamos a destruição por si mesma; preferimos anexar países e cidades em um estado o menos danificado possível. Um inimigo tímido é um inimigo meio vencido."

"Então todo mundo é seu inimigo? Você não tem nenhum amigo?"

"Nossos amigos são todos aqueles que se submetem a nós e nos prestam homenagem", explicou. "Nós os deixamos viver à sua maneira e não interferem muito com

seus costumes e seus deuses enquanto nós somos os governantes. Nossos amigos também são todos aqueles que não são nossos vizinhos – pelo menos até o momento em que se tornam nossos vizinhos, pois então tendemos a descobrir neles traços ofensivos que perturbam a harmonia e nos forçam a guerrear contra eles. Assim tem sido até agora, e temo que seja daqui em diante, pelo que sei de nosso grande rei."

"Os seus deuses não têm nada a dizer sobre isso? Em outros países, muitas vezes são eles que determinam o que é certo e o que é errado."

"Certo e errado? Certo é o que desejamos, e errado é o que nossos vizinhos desejam. Esse é um princípio muito simples que facilita tanto a vida quanto o estadista e que, na minha opinião, difere pouco do ensinamento dos deuses nas planícies. entenda, esses deuses consideram certo o que os ricos desejam e o errado o que os pobres desejam".

"Quanto mais eu aprendo sobre os deuses, mais triste eu fico", eu disse desanimado.

Naquela noite eu disse a Minea: "Aprendi o suficiente sobre a terra de Hatti e encontrei o que vim procurar. Estou pronto para partir, pois há um cheiro de cadáveres aqui, e isso me sufoca. A morte paira sobre mim como uma sombra opressiva enquanto eu permanecer, e não duvido que o rei me empalasse em uma estaca se soubesse o que descobri. Fugamos dessa corrupção; isso me faz sentir que preferia ter nascido corvo do que um homem."

Com a ajuda de alguns dos meus pacientes mais eminentes, consegui obter um autorização para viajar por uma rota prescrita para a costa e aí embarcar num navio. Meus pacientes lamentaram minha partida e insistiram para que eu ficasse, assegurando-me que, se continuasse a praticar entre eles, ficaria rico em poucos anos. No entanto, ninguém procurou impedir que eu fosse, e eu ri e brinquei com eles e contei as histórias que eles gostaram para que nos despedimos e eles me deram muitos presentes de despedida. Deixamos as temíveis muralhas de Hattushash, atrás das quais espreitava o mundo do futuro, e cavalgamos em nossos burros, passando pelos escravos cegos que giravam as mós trovejantes, passando pelos cadáveres de feiticeiros empalados em ambos os lados da estrada. Fiz toda a velocidade possível e em vinte dias chegamos ao porto.

Ficamos lá por um tempo - embora fosse uma cidade barulhenta, cheia de vícios e crimes - pois quando víamos um navio com destino a Creta, Minea dizia: "Aquele é muito pequeno e vai afundar, e não tenho desejo de naufragar uma segunda vez." E quando víamos um maior, ela dizia: "Esse é um navio sírio, e eu não vou navegar nele". E de um terceiro ela objetaria: "O mestre do navio tem olhos maus, e temo que ele nos venda como escravos em uma terra estrangeira".

Então ficamos no porto, e eu não me arrependi. eu tive muito para fazer lá, limpando e costurando cortes e abrindo crânios esmagados. O próprio capitão do porto acabou me procurando, pois estava com varíola. Eu conhecia a doença desde meus dias de Esmirna e consegui curá-la com um remédio usado pelos médicos de lá.

Quando o curei, ele disse: "O que devo dar a você, Sinuhe, por sua grande habilidade?"

Eu respondi: "Eu não quero o seu ouro. Dê-me a faca em seu cinto, e a obrigação será minha; eu também terei um presente duradouro para me lembrar de você."

Mas objetei, dizendo: "A faca é comum; nenhum lobo corre ao longo de sua borda, nem há incrustações de prata no cabo".

Mas ele disse isso porque a faca era de metal hitita, da qual era proibido dar ou vender a estranhos. Eu não tinha conseguido comprar tal arma, não gostava de insistir por medo de levantar suspeitas. Em Mitanni, tais facas eram vistas apenas entre as pessoas mais ilustres, e seu preço era dez vezes seu peso em ouro - e mesmo assim seus possuidores não as venderiam porque eram poucas no mundo conhecido. Mas para um hitita tal faca não tinha grande valor, pois ele estava proibido de vendê-la a um estrangeiro.

O capitão do porto sabia que em breve eu deixaria o país e, refletindo que poderia encontrar um uso melhor para seu ouro do que entregá-lo a um médico, acabou me presenteando com a faca. Era tão afiada que raspava o cabelo com mais facilidade do que a mais fina lâmina de sílex e podia fazer cortes no cobre sem danificar sua própria borda. Fiquei encantado com isso e resolvi lavar a lâmina com prata e encaixar nela um cabo de ouro, como fizeram os mitanianos quando adquiriram tal faca.

O capitão do porto não guardava rancor, mas era meu amigo porque eu lhe dera uma cura duradoura.

Nesta cidade havia um campo onde eram mantidos touros selvagens, como caso nos portos marítimos, e os jovens do lugar costumavam exibir sua agilidade e coragem em confrontos com essas feras, atirando dardos em seus ombros e saltando sobre eles. Minea ficou muito feliz em vê-los e desejou testar sua habilidade.

Assim a vi dançar pela primeira vez entre touros selvagens; era como nada que eu já tinha visto antes, e meu coração congelou enquanto eu assistia. Para um touro selvagem é o mais terrível

de todos os animais selvagens - pior ainda do que um elefante, que é gentil quando não está irritado - e seus chifres são longos e afiados como furadores bravos; com um golpe, ele cortará o corpo de um homem ou o lançará no ar e o pisoteará.

Mas Minea dançou diante deles vestindo apenas uma roupa frágil, e ela deram um passo para o lado quando eles abaixaram a cabeça e atacaram ela com gritos terríveis. Seu rosto estava corado e, com crescente excitação, ela tirou a rede de cabelo prateada para que seu cabelo flutuasse ao vento. Sua dança era tão rápida que o olho não podia acompanhar todos os seus movimentos quando ela saltou entre os chifres de uma fera atacante, agarrou-se a eles e então, empurrando com os pés contra sua testa, lançou-se para cima em uma cambalhota, para pousar em suas costas. Olhei fascinado para sua performance; Acredito que sua consciência disso a impeliu a fazer coisas que eu nunca poderia acreditar que um ser humano pudesse realizar. Então eu olhava com meu corpo escorrendo de suor, e eu não conseguia ficar parado, embora aqueles que estavam sentados atrás de mim nos bancos me xingassem e puxassem minha ombreira.

Em seu retorno do campo, ela foi aplaudida ruidosamente. Guirlandas foram colocadas em sua cabeça e em seu pescoço, e os outros jovens a presentearam com uma tigela na qual os touros foram pintados em vermelho e preto. Todos exclamaram: "Não vimos nada igual!" e os capitães do mar que estiveram em Creta disseram, enquanto sopravam vapores de vinho pelas narinas: "Mesmo em Creta dificilmente se vê outro assim".

Mas ela veio até mim e se inclinou contra mim, e seu vestido fino estava molhado com suor. Ela se inclinou contra mim, e cada músculo em seu corpo forte e esbelto estava tremendo de cansaço e orgulho. Eu disse a ela: "Eu nunca vi ninguém como você." Meu coração estava pesado de tristeza, pois agora que eu a tinha visto dançar diante dos touros, eu sabia que eles se interpuseram entre nós como uma feitiçaria maligna.

Logo depois disso, um navio de Creta aportou no porto; ela não era nem muito pequena nem muito grande, e os olhos do capitão não eram maus. Ele falava a própria língua de Minea; e ela me disse: "Este navio me levará em segurança para casa de meu deus, então agora você me deixará alegremente, porque eu lhe causei muito aborrecimento e perda".

"Você sabe muito bem, Minea, que estou indo para Creta com você."

Ela olhou para mim com olhos como o mar ao luar; ela tinha pintado os lábios, e suas sobrancelhas eram finas linhas pretas.

"Eu não sei por que você viria comigo, Sinuhe, já que o navio vai leve-me direto para casa em segurança, e nenhum outro mal poderá me acontecer."

"Você sabe tão bem quanto eu, Minea."

Ela colocou seus dedos longos e fortes nos meus e suspirou.

"Passamos por muita coisa juntos, Sinuhe, e vi tantas pessoas que minha pátria escureceu em minha memória como uma feira

sonho, e não anseio pelo meu deus como antigamente. Portanto, adiei esta viagem com desculpas vazias, como você bem sabe - mas quando dancei mais uma vez diante dos touros, sabia que deveria morrer se você me possuísse.

"Sim, sim, eu sei. Já passamos por tudo isso antes; é uma história tediosa, inútil e repetida com frequência. menina escrava pode me dar o que você recusa -

não há diferença, como diz Kaptah."

Então seus olhos brilharam verdes como os olhos de um gato selvagem no escuro; ela a dirigiu pregos em minha mão e assobiou: "Apreste-se então e encontre sua escrava, pois a visão de você me revolta. Fuja agora para as garotas sujas no porto que você tanto deseja, mas saiba que depois disso eu não vou reconhecê-la e talvez até derrame seu sangue com sua própria faca. O que eu posso renunciar, você também pode renunciar."

Eu sorri para ela.

"Nenhum deus me proibiu esta coisa!"

"Eu proíbo - e te desafio a vir até mim depois!"

"Acalme-se, Minea, pois realmente estou cansado do assunto. Não há mais nada monótono do que ter prazer com uma mulher, e tendo experimentado, não sinto vontade de repetir a experiência."

Mas ela se inflamou novamente e disse: "Sua conversa fere a mulher em mim, e Imagino que você não acharia – todo mundo – tão monótono."

Descobri que não podia dizer nada para agradá-la, embora tenha feito o meu melhor. Naquela noite ela não se deitou ao meu lado como de costume, mas levou sua esteira para outro quarto e cobriu a cabeça para dormir.

Chamei-a: "Minea! Por que você não me aquece? Você é mais jovem do que eu. sou; as noites são frias, e eu tremo."

"Isso não é verdade, pois meu corpo queima como se eu estivesse com febre e não consigo respirar neste calor sufocante. Prefiro dormir sozinho - mas se você estiver com frio, leve um braseiro para o seu quarto ou leve um gato para deitar ao seu lado, e não me incomode mais."

Fui e a senti, e seu corpo estava quente e trêmulo debaixo do cobertor. EU disse: "Você está doente, talvez. Deixe-me cuidar de você."

Ela me chutou e me empurrou, dizendo com raiva: "Vá embora agora! Não duvido que meu deus cure essa doença".

Mas depois de um tempo ela disse: "Dê-me alguma coisa, Sinuhe, ou meu coração vai quebrar."

Dei-lhe um remédio calmante e, por fim, ela dormiu; mas observei até que os cães do porto começaram a latir na luz pálida do amanhecer.

Então chegou o dia da partida, e eu disse a Kaptah: "Arrume nossos pertences, pois vamos embarcar em um navio com destino à ilha de Keftiu, que também é de Minea".

"Adivinhei isso, mas não rasguei minhas roupas, pois então teria que remendá-las - e não vale a pena jogar cinzas no meu cabelo para um traficante tão falso como você! Mitanni que não precisamos colocar no mar?

No entanto, resignei-me e não direi nada; Não vou nem chorar para não perder a visão do meu único olho restante - tão amargamente já chorei por sua causa nos países para onde sua loucura nos levou. Digo apenas de uma vez, para evitar erros posteriores, que esta é minha última viagem - meu estômago me diz isso.

Mas não me incomodarei nem mesmo em censurá-lo, pois a simples visão de você e o cheiro de você do médico me revoltam. Juntei nossas coisas e estou pronto para partir, pois sem o escaravelho você não pode se aventurar em um navio, e sem o escaravelho não posso esperar viajar pela rota terrestre até Esmirna e preservar minha vida. Portanto, eu vou com o escaravelho e morro a bordo ou me afogo no mar com você."

Fiquei maravilhado com a atitude razoável de Kaptah - até que soube que ele havia perguntado aos marinheiros no porto sobre remédios para enjoo e havia comprado talismãs mágicos deles. Antes de embarcarmos, ele amarrou esses objetos no pescoço, apertou o cinto e bebeu uma mistura de ervas inebriantes, de modo que, quando subiu a bordo, seus olhos pareciam os de um peixe cozido. Ele implorou com voz grossa por carne de porco gorda, que os marinheiros lhe garantiram ser o melhor preventivo de enjôo. Deitou-se no beliche e adormeceu com a omoplata de um porco numa das mãos e o escaravelho na outra. O capitão do porto pegou nossa tábua de barro e se despediu de nós; então os remadores tiraram seus remos e nos levaram para fora da baía.

Assim começou a viagem a Creta. O capitão fez sacrifício em sua cabine para o deus do mar e outros, então deu o comando para içar velas; a embarcação virou e começou a cortar a água enquanto meu estômago subia até a garganta - pois à frente não havia linha de costa. À frente havia apenas o mar interminável e ondulante.

LIVRO 8

A casa escura

1

ANTES de nós rolamos as águas sem limites, mas eu não temia nada por Minea estava comigo, Minea que respirava a brisa do mar e voltava a ser ela mesma, com o luar nos olhos. Ela ficou na proa junto à figura de proa, inclinando-se para a frente e bebendo o ar como se com sua própria força pudesse nos puxar mais rapidamente ao longo de nosso curso. O céu sobre nós estava azul e o sol brilhava; o vento não era muito violento, mas fresco e constante e soprava do lado direito - ou assim disse o capitão. Acostumado ao movimento do navio, não sofri nenhuma doença, embora o medo do desconhecido assaltasse meu coração quando, no segundo dia, a última das aves marinhas de asas brancas e circulantes abandonou o navio. Em vez disso, a equipe de golfinhos do deus do mar nos atendeu, suas costas lisas piscando enquanto caíam na água. Minéia gritou em voz alta e os saudou em sua própria língua, pois eles trouxeram seus cumprimentos de seu deus.

Nem estávamos sozinhos nas águas; avistamos um navio de guerra cretense cujo casco estava coberto de escudos de cobre e que mergulhou sua flâmula quando viu que o nosso não era um navio pirata. Kaptah levantou-se de seu beliche quando conseguiu ficar de pé e conversou com os marinheiros, gabando-se de suas viagens em muitas terras. Ele falou de sua viagem do Egito a Esmirna, de uma tempestade que arrancou a vela do mastro e de como ele e o capitão eram os únicos a bordo que podiam comer, enquanto o resto estava no convés gemendo e vomitando ao vento. Ele também contou sobre os mais temíveis monstros marinhos que assombravam o delta do Nilo e engolfavam qualquer barco de pesca que se aventurasse muito longe no mar. Os marinheiros lhe deram o mesmo e descreveram certos pilares nos confins do oceano, que sustentavam os céus, e de donzelas rabo de peixe que esperavam os marinheiros e os enfeitiçaram para seduzi-los. Contavam histórias de monstros marinhos que faziam Kaptah arrepiar os cabelos e o mandavam correndo para mim com o rosto cinza, para se agarrar à minha ombreira.

Minea ficava cada dia mais radiante. Seu cabelo flutuava ao vento, seus olhos eram como o luar sobre as águas, e ela era tão esbelta e bonita de ver que meu coração derreteu dentro de mim enquanto eu a contemplava e lembrava de quanto tempo ela iria embora.

Voltar a Esmirna ou ao Egito sem ela parecia uma coisa vazia. Vida

era como cinzas em minha boca ao pensar no momento em que ela não colocaria suas mãos nas minhas ou pressionaria contra o meu lado e quando eu não a contemplasse mais.

O capitão e seus homens a veneraram profundamente quando souberam que dançava diante de touros e que lhe coube a sorte de entrar na casa do deus na lua cheia, embora até então tivesse sido impedida por naufrágio. Quando tentei perguntar a eles sobre seu deus, eles não responderam; alguns diziam: "Não sabemos" e outros: "Não entendemos sua língua, estranho". Eu sabia apenas que o deus cretense governava o mar e que as ilhas do mar enviavam seus jovens e suas donzelas para dançar diante de seus animais com chifres.

Chegou o dia em que Creta se ergueu como uma nuvem azul do oceano e os marinheiros soltaram gritos de alegria, enquanto o capitão oferecia sacrifício ao deus do mar que nos enviara bom tempo e vento seguinte. As montanhas de Creta e suas costas íngremes e cobertas de oliveiras ergueram-se diante de meus olhos, e vi uma terra estranha da qual nada sabia, embora devesse deixar meu coração enterrado lá. Mas Minea viu nela sua pátria e chorou de alegria pelas colinas nuas e o verde tenro da terra no abraço do mar. Então a vela foi baixada; os remadores desmontaram os remos e remaram o navio ao longo do cais, passando por outras embarcações de todas as terras - tanto navios de guerra como navios mercantes - que estavam fundeados nas estradas. Devia haver mil embarcações, e Kaptah, examinando-as, disse que não podia acreditar que houvesse tantas no mundo. Aqui não havia torres, nem muralhas, nem fortificações, e a cidade era contígua ao porto; tão assegurada era a soberania dos mares de Creta - tão poderoso seu deus.

2

Falarei agora de Creta e do que vi lá, mas do que penso do país e de seu deus não direi nada; Selarei meu coração e deixarei meus olhos relatarem. Em nenhum lugar do mundo, então, vi algo tão estranho e belo quanto Creta, embora tenha viajado por todas as terras conhecidas. Assim como a espuma brilhante é soprada para a praia, como as bolhas brilham em todas as cinco cores do arco-íris, como as conchas dos mexilhões são brilhantes com madrepérola, Creta estava translúcida para meus olhos. Em nenhum lugar os prazeres humanos são tão imediatos, tão caprichosos, como aqui. Ninguém age senão pelo impulso de

o momento, e as mentes das pessoas mudam de hora em hora. Por isso é difícil extrair deles promessas ou fazer acordos. Eles são belos de fala e de grande encanto, porque se deleitam com a música das palavras; a morte não é reconhecida entre eles, nem acredito que a tenham nomeado. Está escondido, e quando um homem morre, ele é removido em segredo para que outros não sejam oprimidos. Acredito que eles queimam os corpos de seus mortos, embora disso eu não possa ter certeza, pois durante toda a minha estada não vi um morto nem nenhum túmulo, exceto os de antigos reis. Eles foram construídos de enormes pedras em alguma época passada, e hoje as pessoas se esforçam muito para evitá-los, como se desviando seus pensamentos da morte pudessem escapar dela.

Sua arte também é estranha e rebelde. Todo pintor pinta como a fantasia o leva, sem se importar com as regras, e pinta apenas as coisas que aos seus próprios olhos são belas. Vasos e tigelas brilham com cores ricas; ao redor de seus lados nadam todas as estranhas criaturas do mar. Sobre eles crescem flores, borboletas pairam sobre eles, de modo que um homem acostumado a uma arte regulada pela convenção fica perturbado quando vê a obra e se pensa em sonho.

Os edifícios não são imponentes como os templos e palácios de outros países, conveniência e luxo sendo o objetivo e não a simetria externa. Os cretenses amam o ar e a limpeza; suas janelas de treliça admitem a brisa, e suas casas contêm muitos banheiros onde a água quente e fria corre de canos prateados para banhos prateados com o simples toque de uma torneira. Nas latrinas, a água corrente escorria das painéis com um som ruidoso, e em nenhum outro lugar vi tamanho refinamento de luxo. Não são apenas os ricos e eminentes que vivem dessa maneira, mas todos, exceto os do porto, onde os estrangeiros e os trabalhadores portuários têm suas moradias.

As mulheres gastam um tempo interminável lavando-se, arrancando os cabelos de seus corpos, cuidando, embelezando e pintando seus rostos, de modo que nunca podem estar prontas a qualquer momento, mas chegam às recepções quando lhes convém. O mais estranho de tudo são suas roupas. Usam vestidos tecidos de ouro ou prata, que cobrem todo o corpo, exceto os braços e o peito - pois se orgulham de seus seios lindos. Mas as saias largas e plissadas são adornadas com mil bordados ou com pinturas de artistas. Também eles têm vestidos feitos de inúmeras peças de ouro batido na forma de chocó, borboletas e folhas de palmeira, e sua pele brilha entre eles. Arrumam o cabelo alto e com complexidade, dedicando dias inteiros à tarefa, e usam chapéus pequenos e leves que prendem nos cabelos com grampos de ouro, de modo a parecerem borboletas. Seus corpos são esguios e esguios e seus lombos tão estreitos quanto os de um menino, de modo que têm dificuldade em gerar filhos e evitam isso tanto quanto podem, pensando que não é vergonha não ter filhos ou ter apenas um ou dois.

Os homens usam botas ornamentadas até o joelho, mas suas tangas são simples, e eles se cingem bem, sendo vaidosos de suas cinturas finas e

ombros largos. Eles têm cabeças pequenas e bonitas e membros delicados e, como as mulheres, não permitem cabelos em seus corpos. Apenas alguns deles falam línguas estrangeiras, pois preferem seu próprio país a outros, que não oferecem a mesma facilidade e alegria. Embora eles obtenham sua riqueza da navegação e do comércio, encontrei aqueles que se recusavam a visitar o porto por causa de seus maus cheiros e que não podiam fazer o cálculo mais simples, mas em tudo confiavam em seus comissários. Os estrangeiros capazes podem, portanto, adquirir riqueza rapidamente se se contentarem em viver no bairro portuário.

Eles têm instrumentos que tocam sem músico e afirmam ser capazes de colocar música na escrita para que se aprenda a tocar sem nunca ter ouvido a peça executada. Os músicos da Babilônia também declararam que poderiam fazer isso, e eu não vou contradizê-los nem aos cretenses, pois não sei nada de música e os instrumentos de muitas terras diferentes deixaram meus ouvidos perplexos.

No entanto, posso entender bem o ditado corrente em outras partes do mundo: "Ele mente como um cretense".

Não há templos ali, e eles prestam pouca atenção aos deuses, mas se contentam em servir seus touros. Isso eles fazem, no entanto, com grande entusiasmo, de modo que raramente passa um dia sem uma visita ao campo. Eu não acho que isso deva ser atribuído tanto à sua piedade quanto à excitação e prazer proporcionados pela dança.

Nem posso dizer que eles demonstrem muita veneração por seu rei, pois ele é seus iguais, exceto que ele vive em um palácio muitas vezes maior do que os de seus súditos. Eles estão tanto em sua companhia quanto em qualquer outra pessoa; brincam com ele e contam histórias, vêm às suas recepções à hora que lhes agrada e vão embora quando estão entediados ou em resposta a algum novo capricho. Eles bebem vinho com moderação, por causa da alegria, e são muito livres em seus caminhos. Eles nunca estão bêbados, no entanto, pois consideram isso bárbaro, nem vi ninguém vomitar por excesso de bebida em seus banquetes, como muitas vezes acontece no Egito e em outros lugares. No entanto, o desejo um pelo outro é prontamente despertado, e eles desfrutam das esposas ou maridos um do outro como ou quando a fantasia os leva. Os jovens que dançam diante dos touros são os mais favorecidos pelas mulheres. Muitos homens ilustres aprendem esta arte embora não sejam iniciados; eles o fazem por prazer e às vezes atingem uma proficiência igual à dos jovens dedicados aos quais as mulheres são proibidas, como os homens são proibidos às meninas. Este último eu não consigo entender, pois pelo seu modo de vida não se esperaria que eles atribuíssem muita importância ao assunto.

Ao chegarmos ao porto, nos hospedamos na hospedaria dos estrangeiros, que era a mais luxuosa que já vi, embora não fosse grande. A Casa da Alegria de Ishtar na Babilônia, com toda sua poeirenta magnificência e seus grosseiros servos, parecia em

comparação um lugar muito bárbaro. Nessa pousada nos lavamos e nos vestimos, e Minea prendeu o cabelo e comprou roupas novas para mostrar aos amigos.

Fiquei espantado ao vê-la - ela usava na cabeça um chapeuzinho como uma lâmpada e nos pés sapatos de salto alto que eram desajeitados para andar. pedras de cores diferentes, que o mercador me disse que estava na moda naquele dia, embora no dia seguinte não pudesse responder. Observei também com espanto seus seios nus com mamilos pintados de vermelho, que inchavam da bainha prateada ao redor de seu corpo; ela evitou meus olhos, dizendo desafiadoramente que seus seios não eram nada para se envergonhar, mas seriam comparados com os de qualquer mulher em Creta. Depois de uma inspeção mais detalhada, não neguei isso, pois ela pode estar certa.

Em seguida, fomos transportados para a própria cidade. Com seus jardins e casas arejadas era como um outro mundo depois da multidão, do barulho, do cheiro de peixe e da chacinha do porto. Minea me levou a um homem idoso de alguma distinção que era seu patrono e amigo especial; era seu costume apostar dinheiro com ela no campo de touros, e Minea considerava a casa dele como dela. Ele estava estudando a lista de touros quando chegamos e anotando as apostas que faria no dia seguinte.

Quando viu Minea, esqueceu-se de seus papéis de alegria, abraçou-a sem reservas e gritou: "Onde você se escondeu? No entanto, não escolhi ninguém para tomar o seu lugar, e seu quarto está vazio - isto é, se meus servos se lembraram de mantê-lo assim e minha esposa não o derrubou para dar lugar a uma piscina; ela acabou de agora uma fantasia para criar diferentes tipos de peixes e não consigo pensar em mais nada."

"Helea - criação de peixes?" exclamou Minea com espanto.

Um pouco envergonhado, o velho respondeu: "Não é mais Helea. nova esposa, e ela tem com ela agora mesmo um jovem não iniciado a quem ela está mostrando seu peixe; Eu não acho que ela gostaria de ser perturbada. Mas apresente-me seu amigo para que ele seja meu amigo também e esta casa dele."

"Meu amigo é Sinuhe, o egípcio, Aquele que está sozinho, e é médico de profissão", disse Minea.

"Eu me pergunto quanto tempo ele vai ficar sozinho aqui", brincou o velho. "Mas com certeza você não está doente, Minea, para vir acompanhada de um médico? Isso me afligiria, pois espero que você dance diante dos touros amanhã e mude minha sorte. Meu mordomo no porto está reclamando que minha renda não cobre mais minhas despesas - ou talvez seja o contrário? Não me lembro bem, pois não posso fazer nada de suas contas complicadas, que ele constantemente me apresenta da maneira mais tediosa.

"Não estou doente, mas este amigo me resgatou de muitos perigos, e viajamos muito para voltar à minha terra natal. Naufragei a caminho de dançar diante de touros na Síria."

"De fato?" disse o velho inquieto. "Espero que, apesar de sua amizade, você tenha mantido sua virgindade, ou será excluída das competições - e também há outros vexames, como você bem sabe. Estou realmente angustiado, pois noto que seus seios se desenvolveram em um maneira desconfiada e seus olhos têm um brilho úmido neles. Minea, Minea! Você não se rejeitou?"

"Não!" disse Minea com ira. "E quando eu negar, você pode confiar na minha palavra e não precisa me examinar como eles fizeram no mercado de escravos da Babilônia. Você parece mal entender que é graças ao meu amigo aqui que eu voltei em segurança depois de muitos perigos. Eu pensei meus amigos se alegrariam em me ver, mas você pensa apenas em seus touros e suas apostas!" Ela começou a chorar de raiva, e suas lágrimas deixaram manchas pretas em suas bochechas.

O velho ficou muito perturbado e abatido, e disse: "Não duvido que você esteja exausto de suas viagens, pois em países estrangeiros você pode nem ter sido capaz de tomar seu banho diário. da Babilônia pode ser comparada com a nossa - e isso me lembra que eu deveria ter estado há muito tempo na casa de Minos, embora o assunto tenha escapado à minha mente. É melhor eu ir imediatamente.

Se minha esposa vier, diga-lhe que estou com Minos e que não queria incomodá-la e ao jovem aspirante. Ou posso ir para a cama, já que ninguém na casa de Minos vai observar se estou lá ou não. Por outro lado, se eu fosse, poderia dar uma olhada nos estábulos no caminho e saber como aquele novo touro está se moldando - aquele com o remendo no flanco. Talvez, afinal de contas, seja melhor eu ir. Uma fera verdadeiramente excepcional!"

Distraidamente, ele se despediu de nós, mas Minea disse a ele: "Nós também iremos à casa de Minos para que eu apresente Sinuhe aos meus amigos".

Assim fomos ao palácio de Minos, a pé, porque o velho não conseguia decidir se valia ou não a pena pegar uma cadeira por tão curta distância. Só quando chegamos ao palácio descobri que Minos era o rei e que seus reis sempre se chamavam Minos para distingui-los de outras pessoas. Mas não se sabia qual Minos de sua linhagem ele poderia ser, pois ninguém tinha paciência para contá-los e registrá-los.

Havia inúmeras salas neste palácio; nas paredes do salão de recepção foram retratadas algas ondulantes e chocas e águas-vivas nadando em águas transparentes. A grande sala estava cheia de pessoas, cada uma mais rara e extravagantemente vestida do que a outra, e elas se moviam conversando em tons alegres umas com as outras, rindo alto e bebendo bebidas geladas - vinho e suco de frutas - em copos pequenos, enquanto o mulheres compararam vestidos. Minea me apresentou a muitos de seus amigos, que demonstraram a mesma cortesia distraída; O rei Minos me disse algumas palavras amigáveis em minha própria língua, agradecendo-me

por ter guardado Minea para seu deus e a trazido para casa. Ela agora deveria entrar na casa do deus na primeira oportunidade, disse ele, embora sua vez de acordo com a sorte que ela havia tirado já tivesse passado.

Minea andou pelo palácio como se fosse seu, me levando do quarto para o quarto, gritando de prazer ao ver algum objeto familiar para ela, e cumprimentando os criados, que retribuíram sua saudação como se ela nunca tivesse ido embora. Soube que qualquer cretense eminente podia visitar suas propriedades rurais ou fazer uma viagem sempre que lhe apetecesse e, embora se esquecesse de mencionar isso aos amigos, ninguém se espantaria com sua ausência. Ao retornar, ele se juntaria ao resto novamente como se nunca tivesse estado fora. Esse hábito deve ter amenizado o fato da morte para eles, pois quando alguém desaparecia, ninguém o procurava e ele era esquecido. Sua ausência de uma nomeação. Um comentário ou uma reunião ou uma recepção não causavam comentários, pois ele poderia ter pensado em fazer outra coisa em vez disso.

Por fim, Minea me levou para um quarto que ficava em cima de uma rocha acima do resto do prédio. Suas amplas janelas permitiam uma vista sobre campos sorridentes e arados, olivais e plantações além da cidade. Ela me disse que aquele era o quarto dela; todos os seus pertences estavam lá como se ela os tivesse deixado ontem, embora as roupas e as jóias estivessem desatualizadas e não pudessem mais ser usadas. Só agora soube que ela era parente de Minos, embora devesse ter adivinhado pelo nome dela. Ouro, prata e presentes caros não faziam sentido para ela, pois desde a infância estava acostumada a ter tudo o que desejava. Desde a infância também ela foi dedicada ao deus e foi criada na casa dos deuses, onde morava quando não estava hospedada no palácio, ou com seu antigo patrono, ou com amigos. Eles são tão casuais em suas moradas quanto em qualquer outro particular.

Em seguida Minea me levou para a casa dos touros, que era uma cidade em si, com barracas e arenas, prados e piquetes, prédios escolares e casas de padres. Fomos de baía em baía, respirando o cheiro fétido dessas feras.

Minea não se cansou de chamá-los por apelidos carinhosos e seduzi-los, embora eles tentassem feri-la entre os postes das divisórias, berrando e arranhando a areia com seus cascos afiados.

Lá ela conheceu meninos e meninas que ela conhecia, embora esses dançarinos fossem em geral, não amigável, com ciúmes de sua habilidade e sem vontade de compartilhar seus truques um com o outro. Mas os padres que treinavam touros e dançarinos nos receberam calorosamente e, quando souberam que eu era médico, fizeram-me muitas perguntas sobre a digestão dos touros e sua dieta e o brilho de suas pelagens, embora devessem saber mais sobre esses assuntos do que eu. Minea se destacou em seu favor e foi imediatamente atribuído um animal e um lugar no programa para o dia seguinte; ela estava ansiosa para me mostrar sua proficiência com os melhores animais.

Finalmente Minea me levou a um pequeno prédio onde morava sozinho o sumo sacerdote do deus cretense. Assim como Minos sempre se chamava Minos, o sumo sacerdote era sempre Minotauros, e por alguma razão ele era o homem mais venerado e temido de Creta. Seu nome não foi mencionado de bom grado e ele foi referido como "o homem na pequena casa de touro". Até Minea temia visitá-lo, embora não me confessasse; Eu vi em seus olhos, cuja cada sombra eu aprendi a conhecer.

Quando fomos anunciados, ele nos recebeu em uma sala escura. A princípio, imaginei que víssemos o próprio deus e acreditei em todas as histórias que me contaram, pois vi um homem com a cabeça dourada de um touro. Quando nos curvamos diante dele, ele removeu essa cabeça e revelou seu próprio rosto; no entanto, apesar de seu sorriso cortês, não gostei dele, pois havia em seu rosto inexpressivo algo de severidade e crueldade. Não consegui definir o que era, pois era um homem bonito, muito moreno e nascido para comandar. Minea não precisava dizer nada a ele; ele já sabia de seu naufrágio e de suas viagens. Ele não fez perguntas desnecessárias, mas me agradeceu por minha boa vontade para com Minea e através dela para Creta e seu deus. Ele me disse que me esperavam presentes ricos em minha estalagem, com os quais ele imaginou que eu deveria estar bem contente.

"Sou indiferente a presentes", eu disse. "O conhecimento é mais valioso para mim do que o ouro, e para aumentá-lo viajei em muitos países, de modo que agora estou familiarizado com os deuses da Babilônia e dos hititas. Espero me familiarizar com o deus de Creta, de quem Ouvi muitas coisas maravilhosas e que amam virgens e meninos puros em contraste com os deuses da Síria, cujos templos são casas de prazer e que são servidos por sacerdotes castrados".

"Temos um grande número de deuses que o povo adora", respondeu ele. "No porto há templos para a glória de deuses estrangeiros, onde você pode fazer sacrifícios a Amon ou ao Baal do porto, se assim desejar. Mas eu não o enganaria, e reconheço que o poder de Creta depende desse deus. que tem sido adorado em segredo desde os tempos mais remotos de nosso conhecimento. Só os iniciados podem conhecê-lo, e isso somente quando o encontrarem face a face. Ninguém voltou para nos contar sobre sua forma.

"Os deuses dos hititas são os céus e a chuva que cai dos céus e frutifica a terra. O deus de Creta eu entendo ser o deus do mar, pois a riqueza e o poder de Creta derivam do mar."

"Talvez você esteja certo, Sinuhe," ele disse com um sorriso estranho. "Saiba, no entanto, que nós cretenses adoramos um deus vivo, diferindo aqui do povo do continente que adora deuses mortos e imagens de madeira. Nosso deus não é imagem, embora os touros sejam considerados seus símbolos, e enquanto nosso deus vive, dura tanto tempo a soberania cretense dos mares. Assim foi predito, e

temos certeza disso, embora também depositemos grande confiança em nossos navios de guerra, com os quais nenhuma outra nação marítima pode competir."

"Ouvi dizer que seu deus mora nos labirintos de uma mansão escura", insisti.

"Gostaria de ver este labirinto, do qual ouvi falar muito. Mas não entendo por que os iniciados nunca voltam dele, embora tenham permissão para fazê-lo quando estiverem lá pelo espaço de uma lua."

"A maior honra, a mais profunda bem-aventurança, que pode caber a um iniciado é entrar na mansão do deus", disse Minotauros, repetindo palavras que já ouvira inúmeras vezes antes. "Assim, as ilhas do mar competem entre si enviando suas mais belas donzelas e a flor de seus jovens para dançar diante dos touros, para que participem do sorteio. Não sei se você já ouviu histórias de as mansões do deus do mar; a vida lá é totalmente diferente daquela que conhecemos, de modo que ninguém que nela entrou deseja retornar ao tormento e tristeza do mundo. Como você diz, Minea? Você tem medo de entrar?"

Minea não respondeu e eu disse: "Eu vi os corpos dos marinheiros na praia de Esmirna; seus rostos e barrigas estavam inchados, e nenhuma alegria se refletia em suas feições. Isso é tudo que sei das mansões do deus do mar, mas não duvido de sua palavra, e desejo tudo de bom para Minea."

Minotauros disse friamente: "Você verá o labirinto para a noite da plena a lua está próxima, e nessa noite Minéia entrará na casa do deus".

"E se ela recusar?" Eu exigi ferozmente, pois suas palavras me irritaram e congelou meu coração com desespero.

— Uma coisa dessas nunca aconteceu. Calma, Sinuhe, a egípcia. Quando Minea tiver dançado diante dos touros, ela entrará na casa do deus por vontade própria.

Ele vestiu a cabeça do touro dourado mais uma vez como um sinal de que poderíamos nos retirar, e seu rosto estava escondido de nós. Minea pegou minha mão e me levou embora; ela não estava mais feliz.

Kaptah estava na pousada quando voltei e havia bebido copiosamente no vinho lojas do porto. Ele me disse: "Senhor, para os servos esta terra é a Terra Ocidental; ninguém bate neles ou se lembra de quanto ouro havia em sua bolsa ou que jóias ele tinha. casa, o servo tem apenas que se esconder e voltar no dia seguinte, quando seu senhor esqueceu tudo.

Isso ele disse em sua maneira habitual como se estivesse bêbado, mas depois fechou a porta e, tendo certeza de que ninguém estava ouvindo, continuou: "Senhor, coisas estranhas estão acontecendo neste país. as vinícolas dizem que o deus de Creta morreu e que os sacerdotes, com muito medo, procuram um novo deus. Essa é uma conversa perigosa para a qual os marinheiros já foram arremessados do topo da falésia para serem devorados por choccos, pois foi predito que o poder de Creta desmoronará quando o deus morrer."

Uma esperança selvagem brilhou em meu coração. Eu disse a Kaptah: "Na noite de lua cheia, Minea deve entrar na casa desse deus. Se ele estiver realmente morto - e pode ser assim, pois as pessoas finalmente sabem de todas as coisas, embora ninguém diga eles – então Minea talvez volte para nós da casa do deus, de onde ninguém voltou até agora".

No dia seguinte consegui um bom lugar no grande anfiteatro cujos bancos de pedra se erguiam como degraus um atrás do outro para que todos pudessem ver os touros sem dificuldade. Admirei muito esse engenhoso dispositivo, nunca tendo visto outro igual; no Egito, em procissões e exhibições, altas plataformas são erguidas para que todos possam ver o deus e os sacerdotes e aqueles que dançam.

Os touros foram deixados no ringue um por um, e cada dançarino, por sua vez, carregava uma rotina que era complexa e exigente. Incluía muitos feitos diferentes, que deveriam ser executados sem falhas em uma ordem prescrita. O mais difícil de tudo era o salto entre os chifres e, a partir daí, o salto mortal para o ar, que deve terminar com o dançarino em pé nas costas do touro. Nem mesmo o mais habilidoso poderia executar o todo sem alguma falha, pois muito dependia do comportamento da fera, de como ela se levantava, atacava ou abaixava a cabeça. Os ricos e eminentes de Creta faziam apostas entre si em cada evento, cada um apoiando seu favorito. Quando vi alguns deles, não pude entender sua ansiedade, pois todos os touros me pareciam todos iguais, e eu não conseguia distinguir um evento do outro.

Minea também dançava, e temi por sua vida até que sua maravilhosa agilidade e habilidade me enfeitiçou tanto que esqueci seu perigo e me alegrei com o resto. Aqui as meninas dançavam nus, e os meninos também, pois o esporte era tão traiçoeiro que a menor roupa teria impedido seus movimentos e colocado em perigo suas vidas.

A meu ver, Minea era a mais linda de todas enquanto dançava ali, sua pele brilhando com óleo, embora eu deva admitir que entre o resto havia alguns

meninas extremamente bonitas que ganharam grandes aplausos. Mas eu não podia olhar para ninguém além de Minea. Em comparação com os outros, ela estava fora de prática por causa de sua longa ausência, e não ganhou uma única guirlanda. Seu antigo patrono, que apostava em seu sucesso, estava cheio de amargura e ressentimento até que esqueceu a prata que havia perdido e foi aos estábulos fazer novas apostas, o que como patrono de Minea ele tinha o direito de fazer.

Quando encontrei Minea na casa dos touros após a apresentação, ela olhou em volta e me disse friamente: "Sinuhe, não te verei mais, pois meus amigos me convidaram para um banquete; também devo preparar para meu deus já que a lua está cheia depois de amanhã. Portanto, é provável que não nos encontremos novamente antes de eu entrar na casa do deus, a menos que você queira me acompanhar até lá com o resto de meus amigos.

"Assim seja", eu disse. "Tenho muito para ver em Creta; os costumes e também as roupas das mulheres me divertem muito. Enquanto eu estava sentado assistindo a sua apresentação, várias de suas amigas me convidaram para suas casas, e eu encontrei prazer em olhar para seus rostos e seus seios - mesmo que essas mulheres fossem um pouco mais gordas e mais frívolas do que você."

Ela me agarrou pelos braços com fúria; seus olhos brilharam e sua respiração veio rapidamente quando ela disse: "Eu proíbo você de se divertir entre meus amigos quando eu estiver ausente! Por minha causa, você deve esperar até que eu vá, Sinuhe. - o que nunca me ocorreu antes - ainda faça isso por amizade por mim, já que eu peço isso a você."

"Foi uma brincadeira. Não desejo perturbar sua paz, pois sem dúvida você tem muito a fazer antes de entrar na casa do deus. Voltarei, portanto, à minha estalagem e curarei os doentes, pois no porto há muitos que precisam minha ajuda."

Eu a deixei, e por um longo tempo depois o cheiro dos animais com chifres estava em minhas narinas. Nunca esquecerei o cheiro dos estábulos cretenses, e até hoje, quando vejo um rebanho e sinto o cheiro dele, fico doente e não consigo comer, e meu coração dói no peito. No entanto, passei dela para meus pacientes na pousada; Tratei-os e aliviei seu sofrimento até que a escuridão caiu e as lâmpadas foram acesas nas casas de prazer do porto. Através das paredes vinha o som de música e risos - pois até os escravos haviam captado as maneiras despreocupadas de seus senhores, cada um vivendo como se nunca fosse morrer e como se dor, tristeza e perda não existissem.

Estava escuro; Sentei-me no meu quarto, onde Kaptah já havia estendido meu colchonete, na escuridão, pois não queria acender nenhuma lâmpada. A lua estava grande e brilhante, mas ainda não completamente cheia, e eu odiava a lua porque era para me separar da única no mundo que era minha irmã. Eu também me odiava por ser fraco e tímido e incerto de meus próprios desejos. Então a porta se abriu e Minea entrou cautelosamente. Ela não estava mais vestida à maneira cretense, mas usava o

mesmo vestido simples com o qual ela havia dançado para os poderosos e humildes de muitas terras, e seu cabelo estava preso com uma fita dourada.

"Minha!" Eu chorei de espanto. "Por que você veio? Eu pensei que você estava se preparando para o seu deus."

Ela disse: "Fale baixinho, pois não quero que os outros nos ouçam."

Ela se sentou perto de mim e olhando para a lua ela continuou estranhamente: "Eu não gosto do meu lugar de dormir na casa dos touros, e eu não sou tão feliz entre meus amigos como antigamente. esta estalagem no porto, que é uma coisa tão imprópria de se fazer, não posso lhe dizer. Se você quiser dormir, no entanto, eu não vou perturbá-lo - eu vou.

"Eu não conseguia dormir e senti um desejo pelo cheiro antigo de drogas e ervas; eu queria beliscar a orelha de Kaptah mais uma vez e puxar seu cabelo pelas bobagens que ele fala. As viagens e os povos estranhos me distraíram, de modo que não me sinto mais em casa entre os touros, nem exultante com os aplausos no campo, e nem anseio pela casa do deus como antes. A conversa deles sobre mim é como o balbúcio de crianças tolas, sua alegria é como a espuma do mar na praia, e seus prazeres não são prazeres para mim. Meu coração está vazio, e minha cabeça também está vazia; não há um único pensamento que eu possa chamar de meu. Tudo é dor, e eu nunca na minha vida conheci tal aflição. Peço-lhe, portanto, que segure minha mão novamente, como costumava fazer. Não temo mal algum - nem mesmo a morte - enquanto você segurar minhas mãos, Sinuhe, embora eu saiba muito bem que você preferiria olhar para mulheres mais gordas e mais bonitas do que eu e segurar suas mãos.

Eu disse a ela: "Mineia, minha irmã! Minha infância e juventude foram como uma clara, riacho profundo. Minha masculinidade era um grande rio, que se espalhava e se espalhava, cobrindo muito solo, mas suas águas eram túrgidas e se formavam em poças imundas e estagnadas. Mas quando você veio a mim, Mineia, você recolheu todas essas águas; eles se derramaram alegremente por um canal profundo para que tudo dentro de mim fosse purificado. O mundo sorriu para mim, e o mal foi facilmente deixado de lado. Por amor de ti busquei o bem; Curei os enfermos sem levar em conta os presentes, e os deuses das trevas não tinham poder sobre mim. Assim foi quando você veio. Agora que você vai, a luz também vai, e meu coração é como um corvo solitário no deserto. Eu não tenho boa vontade para mais ninguém. Odeio os homens, odeio os deuses e não quero ouvir falar deles.

"Assim é comigo, Mineia, e por isso te digo: no mundo há muitos países, mas apenas um rio. Deixe-me levá-lo comigo para a Terra Negra às margens desse rio, onde pato selvagem chora nos juncos e todos os dias o sol rema pelos céus em seu barco de ouro. Venha comigo, Mineia; vamos quebrar uma jarra juntos e seremos marido e mulher, nunca mais nos separaremos. A vida será fácil para nós, e quando morrer, nossos corpos serão preservados para que possamos nos encontrar na Terra Ocidental e vivermos lá juntos para sempre."

Mas ela esmagou minhas mãos nas dela; ela tocou minhas pálpebras, minha boca e minha garganta com as pontas dos dedos e disse: "Sinuhe, se eu quisesse, não poderia segui-lo, pois não há um único navio que nos leve de Creta, e nenhum capitão ousaria nos esconder a bordo. Já pelo amor de meu deus, e não permitirei que você seja morto por mim. Não posso ir com você. Como dancei diante dos touros, a vontade deles é mais forte do que a minha, embora eu não possa explicar isso a você porque você não senti. Portanto, na noite de lua cheia devo entrar na casa do deus, e nenhum poder na terra pode me impedir. Por que é que eu não sei - e pode ser que ninguém saiba, exceto Minotauros."

Meu coração era como um túmulo vazio em meu peito quando eu disse: "Ninguém sabe o que o amanhã trará, e não posso acreditar que você voltará daquela casa. Nas mansões douradas do deus do mar você pode beber a vida eterna de sua fonte, esquecendo todas as coisas terrenas - esquecendo até mesmo de mim - embora eu não acredite em nada disso. É um conto de fadas, e nada que eu tenha visto em qualquer país me faz acreditar em contos de fadas. Saiba, portanto, que se você não tiver retornado dentro do prazo estipulado, eu mesmo entrarei na casa do deus e o buscarei. Eu vou buscá-lo mesmo que você não queira voltar. Este é o meu propósito, Minea, se for meu último ato na terra."

Mas ela colocou a mão na minha boca aterrorizada e olhando ao redor exclamou: "Silêncio! Você nunca deve dizer tais coisas - ou mesmo pensar nelas. A casa do deus é escura, e nenhum estranho pode encontrar seu caminho nela. Para um não-iniciado espreita uma morte assustadora. Nem você seria capaz de entrar, pois é guardado por portões de cobre. Estou feliz por isso, sabendo que em sua loucura você pode realmente fazer o que diz e se lançar à destruição. Acredite em mim, voltarei por vontade própria, pois meu deus não pode ser tão maligno a ponto de me impedir de voltar para você, se assim o desejar. Ele é um deus mui formoso e amável, que guarda o poder de Creta e tem boa vontade para com todos, para que as oliveiras floresçam e o grão amadureça nos campos e os navios naveguem de porto em porto; Ele dirige os ventos a nosso favor e guia os navios quando são assolados pela neblina, e nenhum mal acontece aos que estão sob sua proteção. Por que então ele deveria sentir má vontade em relação a mim?

Desde a infância ela cresceu sob a sombra; seus olhos estavam cegos, e eu não conseguia abri-los, embora tivesse curado os cegos com agulhas e lhes devolvido a visão. Em fúria impotente, peguei-a nos braços e a beijei e acariciei seus membros, e seus membros eram lisos como vidro, e ela era para mim uma verdadeira fonte no deserto.

Ela não resistiu a mim, mas apertou o rosto contra meu pescoço e tremeu, e suas lágrimas estavam quentes em meu pescoço quando ela disse: "Sinuhe, meu amigo, se você duvidar do meu retorno, não lhe negarei nada. Vai se ele pode te dar alegria,

mesmo que eu deva morrer por causa disso - pois em seus braços eu não temo a morte; nada importa a não ser que meu deus me tire de você."

Perguntei a ela: "E isso lhe daria alegria?"

Sua resposta foi hesitante.

"Eu não sei. Eu só sei que meu corpo está inquieto e sem conforto longe de você. Sei apenas que uma névoa se ergue diante dos meus olhos, e meus joelhos fraquejam quando você me toca. Eu costumava me odiar por isso e temia seu toque. Naquela época tudo era simples, nada apagava minha alegria, e eu me gloriava apenas em minha habilidade e agilidade e minha virgindade. Agora eu sei que seu toque é doce para mim, embora possa me causar dor - mas eu não sei. Talvez depois eu devesse ficar triste. Mas se você estava feliz - então sua alegria é minha, e não desejo outra."

Afrouxando meu abraço, acariciei seu cabelo e seus olhos e sua garganta e disse: "Para mim é suficiente que você tenha vindo aqui esta noite como você estava quando andamos juntos pelas estradas da Babilônia. Dê-me a fita dourada do seu cabelo; eu não peço mais de você do que isso".

Ela me olhou desconfiada e, passando as mãos sobre o lombo, disse: "Talvez eu esteja muito magra, e você imagina que meu corpo não lhe daria prazer. Sem dúvida você preferiria uma mulher mais gay do que eu. Mas eu seria gay, faria tudo o que você deseja para não decepcioná-lo e lhe daria o máximo de prazer que pudesse."

Sorri para ela, acariciei seus ombros lisos e disse: "Mineia, nenhuma mulher é mais bonita para mim do que você, e ninguém poderia me dar maior alegria, mas eu não a tomaria para meu prazer enquanto você estivesse em aflição. Pelo amor de seu deus, sei de algo que podemos fazer que daria felicidade a nós dois.

Seguindo o costume do meu país, pegaremos um jarro e o quebraremos entre nós. Quando fizermos isso, somos marido e mulher, embora eu não os possua e não haja sacerdotes para testemunhar ou escrever nossos nomes no livro do templo. Deixe Kaptah nos trazer uma jarra, portanto, para que possamos realizar este rito."

Seus olhos se arregalaram e brilharam ao luar, e ela bateu palmas e sorriu alegremente. E então fui procurar Kaptah – mas o encontrei sentado no chão do lado de fora da minha porta, esfregando o rosto manchado de lágrimas com as costas da mão. Quando me viu, chorou alto.

"O que é isso, Kaptah?" Eu perguntei. "Por que você chora?"

Ele respondeu descaradamente: "Senhor, eu tenho um coração terno e não pude conter minhas lágrimas quando ouvi tudo o que você e aquela garota de quadris esbeltos estavam dizendo. Nunca em minha vida ouvi algo tão comovente".

Eu o chutei com raiva e disse: "Você quer dizer que você estava ouvindo na porta e ouviu tudo o que dissemos?"

Inocentemente, ele respondeu: "É isso que quero dizer, pois outros ouvintes estavam invadindo sua porta que não tinham nada a ver com você, mas que vieram espionar.

a garota. Por isso, afastei-os com ameaças e sentei-me à porta para resguardar sua paz, pensando que você não aceitaria uma perturbação no meio de uma conversa importante. Enquanto estava sentado aqui, não pude deixar de ouvir o que foi dito, e foi tão bonito - embora infantil - que fui obrigado a chorar".

Quando ele falou assim, não pude ficar zangado com ele por sua simplicidade e disse apenas: "Se você estiver ouvindo, saberá do que precisamos. Apresse-se em trazer-me uma jarra".

"Que tipo de jarro será, senhor", disse ele evasivamente. "Você deseja um jarro de barro ou de pedra, pintado ou liso, alto ou baixo, largo ou estreito?"

Bati nele com minha vara, embora levemente, pois meu coração estava cheio de boa vontade e disse a ele: "Você sabe muito bem o que quero dizer e que para meu propósito qualquer jarro serve. Não vamos mais nos esquivar, mas traga-me rapidamente o primeiro pote em que você pode colocar as mãos."

Ele disse: "Já estou a caminho rapidamente e pronunciei essas palavras para dar tempo para considerar o que você é. Quebrar uma jarra com uma mulher é um passo importante na vida de um homem, que não deve ser dado às pressas ou sem a devida reflexão. Mas é claro que vou buscar a jarra já que você deseja e não deve atrapalhar o assunto."

Kaptah nos trouxe um velho jarro de óleo que cheirava a peixe, e nós o quebramos juntos, Minea e eu. Kaptah foi testemunha do casamento, e ele colocou o pé de Minea em seu pescoço e disse: ordene-me como meu senhor faz - ou até mais -, mas espero que você não jogue água escaldante sobre meus pés quando estiver com raiva. Além disso, espero que você use chinelos macios e sem salto; não gosto de salto alto. chinelos porque eles deixam hematomas e

golpes na minha cabeça. Pretendo servi-lo com a mesma fidelidade que sirvo a meu senhor, pois por alguma estranha razão meu coração se apegou fortemente a você, embora você seja magra e seus seios pequenos e eu não compreendo o que meu senhor imagina que vê em você. Também pretendo roubar de você tão conscientemente quanto dele, considerando sua vantagem e não a minha."

Ao dizer isso, ele ficou tão emocionado que chorou novamente e soltou uma grande lamentação. Minea acariciou suas costas e suas bochechas gordas e o consolou até que ele ficou mais calmo, então eu o fiz varrer os fragmentos do jarro e o mandei para fora do quarto.

Naquela noite deitamos como costumávamos deitar, Minea e eu. Ela dormiu no meu quarto. braços, sua respiração em meu pescoço e a carícia de seu cabelo em meu rosto. Mas eu não a possuía, pois o que não era alegria para ela não era para mim. Imagino que minha alegria fosse mais doce e mais profunda do que se ela fosse minha, embora disso eu não possa ter certeza, nunca tendo feito a comparação. Uma coisa eu sei: senti caridade para com todos os homens, e não havia um único pensamento maligno em meu coração; todo homem

era meu irmão, cada mulher minha mãe e cada menina minha irmã tanto na Terra Negra quanto nas Terras Vermelhas sob o mesmo céu enluarado.

4

No dia seguinte, Minea dançou mais uma vez diante dos touros, e meu coração estremeceu por ela, embora ela não tenha sofrido nenhum dano. Mas um jovem entre seus companheiros escorregou da testa de seu animal e caiu no chão, onde o touro abriu seu corpo e o pisoteou sob seus cascos, de modo que os espectadores ao redor da arena se levantaram e gritaram de horror e prazer. Quando o touro foi expulso e o corpo do dançarino levado para os estábulos, as mulheres correram para olhá-lo. Eles tocaram seus membros sangrentos, sua respiração veio rapidamente e eles exclamaram: "Que visão para ver!" Mas os homens disseram: "Faz muito tempo que não vimos competições tão excelentes como as de hoje". Fizeram suas apostas uns com os outros sem pesar, pesando ouro e prata, e beberam vinho juntos e se divertiram em suas casas, de modo que as luzes brilharam até muito tarde. As esposas se desviavam de seus maridos para camas estranhas, mas ninguém franziu a testa para isso, pois era seu costume.

Deitei-me sozinho na minha esteira, pois naquela noite Minea não pôde vir. De manhã cedo aluguei uma cadeira no porto e parti para acompanhá-la até a casa do deus. Ela foi levada para lá em uma carruagem dourada puxada por cavalos emplumados, e seus amigos a atenderam em cadeiras ou a pé com muito barulho e risadas, jogando flores sobre ela e parando à beira do caminho para beber vinho.

O caminho era longo, mas todos estavam bem abastecidos, e eles quebravam galhos e abanavam uns aos outros e debandavam as ovelhas dos camponeses e se entregavam a muitos outros truques. A casa do deus ficava em um lugar deserto no sopé de uma montanha perto da praia, e quando o grupo se aproximou dela, eles baixaram suas vozes e falaram em sussurros, e o riso cessou.

Esta casa é difícil de descrever, pois era como uma colina baixa sobre a qual crescia grama e flores, e corria diretamente para a montanha. A entrada era barrada por altos portões de cobre, e antes havia um pequeno templo onde se realizava a dedicação e onde se alojavam os vigias. Era crepúsculo quando o

procissão chegou aqui. Os amigos de Minea saíram de suas cadeiras, se jogaram na grama e começaram a comer, beber e pregar peças uns nos outros, tendo esquecido sua recente solenidade – pois os cretenses têm memória curta. Quando a escuridão caiu, eles acenderam tochas e perseguiram uns aos outros pelos arbustos até que os gritos de mulheres e risadas de homens ecoaram na escuridão, mas Minea sentou-se sozinha no templo, onde ninguém poderia se aproximar dela.

Eu a observei enquanto ela se sentava. Ela estava vestida de ouro como uma imagem divina, e na cabeça ela usava um grande cocar dourado; ela tentou sorrir para mim, mas o sorriso era sem alegria. Quando a lua nasceu, eles tiraram dela as jóias e o ouro, vestiram-na com uma túnica simples e amarraram seus cabelos com uma rede de prata. Então os guardas afastaram as barras dos portões de cobre, que se abriram com um ruído profundo e retumbante; dez homens foram necessários para mover cada portão. Além, tudo era uma escuridão escancarada. Houve um silêncio profundo. Minotauro cingiu-se com um cinto de ouro, pendurou uma espada ao seu lado e colocou a cabeça do touro de ouro para que ele deixasse de parecer um homem. Uma tocha acesa foi colocada na mão de Minea; Minotauros a levou para a casa escura, onde eles desapareceram, e a luz das tochas se apagou.

Então os estrondosos portões de cobre foram fechados novamente e trancados com as enormes barras que exigiram muitos homens fortes para puxá-los, e não vi mais Minéia.

Fui tomado por tal agonia de desespero que meu coração parecia um ferida da qual o sangue da minha vida estava se esvaindo. Caí de joelhos e inclinei minha cabeça para a terra. Naquela hora eu sabia que nunca mais veria Minea, embora ela tivesse prometido voltar e viver sua vida comigo. Eu sabia que ela não voltaria. Por que eu deveria ter sido persuadido disso neste exato momento, não posso dizer, pois até então eu vacilei, acreditei, temi e esperei, e procurei me convencer de que o deus de Creta era diferente de todos os outros deuses e libertaria Minéia. pelo amor que a ligava a mim.

Agora eu não esperava mais, mas estava deitada com o rosto no chão, enquanto Kaptah sentava ao meu lado balançando a cabeça entre as mãos e lamentando.

A flor da juventude cretense passou correndo por mim com tochas nas mãos; dançavam danças intrincadas e cantavam canções cujas palavras eu não conseguia entender. Uma vez que os portões de cobre foram fechados, eles foram tomados com tal frenesi que pularam, dançaram e correram até ficarem cansados, e suas vozes ecoaram em meus ouvidos como o grasnar dos corvos de uma muralha da cidade.

Depois de um tempo Kaptah parou de lamentar e disse: "Se meus olhos não enganam eu - e ainda não bebi o suficiente para ver o dobro - Hornhead saiu da montanha. Não sei como, pois ninguém abriu os portões de cobre."

Ele falou de verdade. Minotauros havia retornado, e a cabeça do touro dourado brilhava com um brilho aterrorizante ao luar onde com os outros dançou a dança cerimonial. Ao vê-lo, não consegui me controlar, dei um pulo e corri até ele, agarrei-o pelas mangas e perguntei: "Onde está Minea?"

Ele afastou minhas mãos e balançou sua máscara, mas quando eu não quis dar de qualquer forma, ele a removeu e disse irado: "É proibido perturbar o ritual sagrado, mas sendo um estranho, você sem dúvida ignora isso, e eu o perdoarei desde que você não levante a mão para mim novamente."

"Onde está Mina?" Perguntei a ele novamente.

"Deixei Minea na escuridão da casa do deus como é ordenado e voltei dançar a dança cerimonial em honra do deus. O que mais você quer de Minea já que você já foi recompensado por trazê-la de volta?"

"Como você pôde voltar quando ela não voltou?" Eu exigi, pressionando para ele, mas ele me empurrou para o lado, e os dançarinos ficaram entre nós. Kaptah agarrou meu braço e me arrastou para longe. Foi bem o que ele fez, ou quem sabe o que pode ter acontecido?

Ele me disse: "Você é tolo de atrair tanta atenção; seria melhor dançar com o resto e rir e cantar como eles fazem, ou então pode dar errado para você. Eu sei agora que Minotauros saiu por uma pequena porta ao lado dos portões de cobre. Fui olhar para ela e vi um vigia trancá-la e tirar a chave. Mas agora beba vinho, senhor, e se recomponha. Seu rosto está distorcido como o de um possuído, e você rola seus olhos como uma coruja."

Ele me deu vinho para beber, e eu dormi ali na grama ao luar, enquanto o brilho das tochas piscava diante dos meus olhos. Ele misturou enganosamente suco de papoula com o vinho. Então ele foi vingado pelo que eu fiz com ele na Babilônia para salvar sua vida, mas ele não me colocou em nenhuma jarra. Ele estendeu um cobertor sobre mim e impediu que os dançarinos me pisoteassem. Por sua vez, ele pode ter salvado minha vida, pois em desespero eu poderia ter enfiado minha lâmina em Minotauros e o matado. Ele ficou sentado ao meu lado a noite toda até o jarro de vinho ficar vazio, depois adormeceu e soprou fumaça de vinho no meu ouvido.

Acordei tarde no dia seguinte. Tão poderosa tinha sido a droga que a princípio me perguntei onde estava. Quando me lembrei, estava calmo e lúcido e, graças à dose, não delirei mais. Muitos dos que participaram da procissão voltaram para a cidade, mas alguns ainda dormiam entre os arbustos, homens e mulheres juntos, seus corpos descaradamente descobertos, pois haviam bebido e dançado até de manhã. Quando acordaram, vestiram roupas limpas e as mulheres voltaram a prender os cabelos, descontentes porque não podiam tomar banho; os riachos eram frios demais para os que estavam acostumados à água quente das torneiras de prata.

Mas eles lavaram a boca e esfregaram pomada em seus rostos, pintaram lábios e sobrancelhas, e disseram bocejando um ao outro: "Quem fica esperando Minea e quem volta para a cidade?"

A maioria deles já se cansou da folia e voltou para a cidade no curso do dia. Restavam apenas os mais jovens e insaciáveis para se distrair ainda mais, a pretexto de aguardar a volta de Minea, o verdadeiro motivo

ser um encontro durante a noite com um ou outro em quem tinham encontrado prazer. As esposas aproveitaram a oportunidade para enviar seus maridos de volta à cidade para se livrarem delas. Agora eu entendia por que não havia uma única casa de prazer na cidade, mas apenas no porto. Tendo visto o seu jogo durante esta noite e no dia seguinte, refleti que as meninas que fizeram disso sua profissão dificilmente poderiam rivalizar com as mulheres de Creta.

Antes que Minotauros partisse eu lhe disse: "Devo esperar a volta de Minea na companhia de seus amigos, embora eu seja estrangeiro?"

Ele me examinou com malevolência e respondeu: "Não há nada para impedi-lo. Mas imagino que agora há um navio no porto que o levará de volta ao Egito - pois você espera em vão. para o deus já voltou."

Mas insisti, com ar de simplório: "É verdade que fiquei um pouco encantado com Minéia, embora fosse tedioso negá-la por causa de seu deus. Mas, para falar a verdade, não espero que ela volte. ; como as outras, dou isso como minha razão para permanecer aqui, pois há muitas garotas encantadoras - e esposas também - que gostam de olhar nos meus olhos e colocar seus seios sedutoramente entre minhas mãos, e isso é uma coisa que tenho nunca antes experimentada. Minea era de fato uma garota terrivelmente ciumenta e briguenta que interferia em meus prazeres embora ela mesma não pudesse me oferecer nenhum. Além disso, devo pedir seu perdão se eu estava tão bêbado na noite passada a ponto de ofendê-lo sem querer. lembre-se do assunto, ainda um pouco confuso."

Engrossei minha fala ao dizer isso e pisquei e gemi sobre minha dor de cabeça até que ele sorriu, tomando-me por idiota, e respondeu: "Se é assim que a questão está, não vou impedir sua diversão, pois em Creta não somos estreitos em nossas opiniões. Fique, portanto, e espere Minea o quanto quiser, mas tome cuidado para não engravidar ninguém, pois isso - como você é um estrangeiro - seria inadequado. Não deixe que esse conselho o machuque; eu ofereço como de um homem para outro, para que você possa entender nossos costumes."

Assegurei-lhe que seria cuidadoso e balbuciou sobre minha suposta experiências com as donzelas do templo da Síria e da Babilônia até que ele me achou um tolo maior do que antes e muito tedioso. Ele me deu um tapinha no ombro e se virou para começar a jornada para a cidade. No entanto, creio que ele conclamou o vigia a ficar de olho em mim, e creio também que ele ordenou aos cretenses que me entretivessem, pois logo depois que ele se foi um bando de mulheres veio até mim. Eles penduraram guirlandas no meu pescoço e olharam nos meus olhos e se apoiaram em mim até que seus seios nus pressionaram meu braço. Levaram-me com eles entre os loureiros para comer e beber. Foi assim que vi a lascívia deles, e eles não se envergonharam de mim. Bebi muito e fingi embriaguez para que eles não tivessem alegria de mim, mas se cansaram e me feriram, me chamando de porco e bárbaro.

Kaptah veio e me arrastou pelos braços, insultando-me em voz alta por causa da minha embriaguez, e ele se ofereceu para tomar meu lugar com eles para sua diversão. Eles riram ao vê-lo, e os jovens zombaram dele, apontando para sua grande barriga e sua cabeça calva. Mas ele era estrangeiro, e as mulheres de todos os lugares são atraídas pelo que é estrangeiro. Quando acabaram de rir, deixaram-no juntar-se à sua companhia, dando-lhe vinho e enchendo-lhe a boca de fruta, encostando-se a ele e chamando-o de seu bode e indignando-se com o seu cheiro - até que o seu cheiro também começou a parecer sedutor.

Assim, aquele dia se passou até que eu fiquei enojado com sua alegria e libertinagem e não pude imaginar uma vida mais tediosa do que a deles, pois o capricho sem lei é, no final, mais cansativo do que uma vida de propósito. Passaram a noite como antes, e meus sonhos angustiados foram interrompidos pelos gritos das mulheres, fingindo fugir de jovens perseguidores que arrancavam suas roupas para retirá-las. Mas pela manhã eles estavam cansados e enjoados e desejavam tomar banho, e o maior número retornou naquele dia para a cidade. Apenas os mais jovens e incansáveis permaneciam junto aos portões de cobre.

No terceiro dia eles também foram, e deixei-os tomar minha cadeira, que tinha me esperava. Os que vieram a pé eram incapazes de andar e cambaleavam ao passar de luxúria imoderada e falta de sono; além disso, atendeu ao meu propósito que ninguém deve esperar por mim. Todos os dias eu dava vinho aos guardas, e quando lhes trazia uma jarra ao entardecer, eles não ficavam surpresos, mas recebiam com alegria. Eles tinham poucos prazeres em sua solidão, que durava um mês de cada vez, desde a chegada de um iniciado até a do próximo. Se eles ficaram maravilhados é que eu fiquei para trás esperando Minea, mas como eu era estrangeiro eles me consideraram simples e beberam meu vinho.

Quando vi que o sacerdote residente era da opinião deles, disse a Kaptah: "Os deuses agora decretaram que devemos nos separar. aquela casa escura já apareceu novamente, e não é de se esperar que eu o faça. Portanto, escrevi para você uma tabuinha de barro e atestei com meu selo sírio para que você possa retornar à Síria e sacar meu dinheiro de lá. as casas dos mercadores. Você pode vender minha casa, se quiser. Depois de fazer isso, você está livre para ir e vir. Se você tem medo de ser capturado no Egito como um escravo fugitivo, então fique em Esmirna e viva em minha casa com meu dinheiro. Como as coisas estão agora, você não precisa nem mesmo providenciar o embalsamamento do meu corpo. Se eu não encontrar Minea, não me importo se meu corpo é preservado ou não. Vá, portanto, e que o boa sorte do escaravelho vá com você - pois você pode ficar com o escaravelho, já que tem mais fé nele do que eu. ourney eu estou agora para tomar."

Kaptah ficou em silêncio por um longo tempo e não olhou para mim. Por fim, ele disse: "Senhor, não guardo rancor de você se às vezes você me bate com desnecessariamente

severidade, pois o fizeste com boa intenção. Mas com mais frequência você ouviu meu conselho e falou comigo como um amigo e não como um servo, de modo que às vezes me preocupei com sua dignidade até que sua bengala novamente estabelecesse a divisão divinamente ordenada entre nós. A situação agora é que eu coloquei o pezinho de Minea na minha cabeça e, portanto, sou responsável por ela como sua serva. Tampouco posso permitir que você entre naquela casa escura sozinho, de modo que, mesmo que eu não possa atendê-lo lá como seu servo - já que você me ordenou que o deixasse, e devo obedecer às suas ordens, mesmo que sejam tolas - ainda assim amigo, irei com você. Pois não posso deixá-lo sozinho e certamente não sem o escaravelho

- embora como você eu acredite que mesmo o escaravelho dificilmente pode nos ajudar nesta questão."

Ele falou tão grave e pensativo que eu mal o reconheci, nem ele choramingou como era seu costume. Mas, para mim, era loucura para nós dois buscarmos a morte onde uma seria suficiente. Eu disse isso a ele e novamente ordenei que ele me deixasse.

Mas ele foi obstinado e disse: "Se você não me deixar ir com você, então eu seguirá atrás de você. Mas prefiro ir com você, pois temo tanto aquela casa escura que meu corpo se transforma em água só de pensar nela. Por essa razão, espero que me permita trazer uma jarra de vinho para que eu possa tomar um gole de vez em quando no caminho para me dar coragem, para que eu não grite de terror e perturbe você."

Terminei a discussão, dizendo: "Pare com essa tagarelice e traga o vinho, se quiser, mas vamos começar agora, pois acredito que os guardas estão dormindo e dominados pela bebida que preparei para eles.

Os guardas dormiam profundamente, e o padre também, de modo que pude retirar a chave sem dificuldade do local da casa do padre onde a havia observado. Também levamos conosco um prato de brasas e algumas tochas, mas não as acendemos naquele momento, pois a lua estava brilhante e a portinha era fácil de destrancar. Entramos na casa do deus e fechamos a porta atrás de nós. Na escuridão, ouvi os dentes de Kaptah baterem na borda da jarra de vinho.

Quando Kaptah fortaleceu seu valor com vinho, ele disse em voz fraca: "Senhor, vamos acender uma tocha. Seu brilho não será visto de fora, e essa obscuridade é pior que a escuridão da morte: isso é inevitável, mas entramos nisso por nossa própria vontade."

Soprei o carvão e, acendendo uma tocha, percebi que estávamos em uma grande abóbada, cuja entrada estava fechada pelos portões de cobre. Desta abóbada saíam dez passagens que conduziam em direções diferentes e separadas umas das outras por paredes maciças de tijolo. Eu estava preparado para isso, pois tinha ouvido falar que o deus de Creta morava em um labirinto, e os sacerdotes babilônicos me ensinaram que os labirintos eram construídos no mesmo plano que as vísceras dos animais sacrificados. Por isso acreditei que poderia encontrar o meu caminho, tantas vezes tinha visto as entranhas de touros no sacrifício, e presumi que o labirinto cretense foi construído com esse plano.

Portanto, apontei para a passagem que ficava mais ao lado e disse: "Vamos entrar lá".

Mas Kaptah disse: "Não estamos com muita pressa, e nada foi perdido por precaução. Tenhamos cuidado para não nos desviarmos e, acima de tudo, certifiquemo-nos de encontrar o caminho de volta - se é que vamos voltar, o que Eu duvido seriamente."

Com isso, ele tirou um novelo de linha de sua bolsa e prendeu a ponta em um alfinete de osso, que enfiou entre os tijolos. O dispositivo era tão astuto em sua simplicidade que eu nunca deveria tê-lo encontrado, embora não tenha dito isso para não perder a dignidade aos olhos dele, mas apenas lhe disse para se apressar. Assim, entrei nos labirintos da casa escura com a imagem de entranhas bovinas impressa em minha memória, enquanto Kaptah a seguir desenrolava o fio.

Vagamos sem parar na escuridão, enquanto novas passagens continuamente se abriam diante de nós. Às vezes esbarramos em uma parede e tivemos que nos virar e seguir outro caminho. Por fim, Kaptah ficou parado e farejou o ar. Então seus dentes bateram, e a tocha vacilou em sua mão quando ele disse: "Senhor, você sente o cheiro dos touros?"

Eu também já estava ciente de um fedor repulsivo como o fedor de touros, embora ainda mais vil, e parecia sair das próprias paredes como se todo o labirinto fosse um gigantesco estábulo de gado. Ordenei a Kaptah que continuasse sem inspirar, e quando ele tomou um gole profundo da jarra de vinho, corremos para frente até que meu pé escorregou em algum objeto escorregadio. Ao me abaixar, descobri que era o crânio apodrecido de uma mulher, ao qual o cabelo ainda estava grudado. Então eu sabia que não veria Minea viva novamente, mas um desejo lunático de ter certeza me fez seguir em frente. Algemei Kaptah e o proibi de choramingar, e continuamos, desenrolando o fio à medida que avançamos. Mas logo encontramos outra parede e tivemos que nos virar.

De repente, Kaptah parou, apontando para o chão; seu cabelo ralo eriçou-se na cabeça, e seu rosto estava contorcido e cinza. Segui seu olhar e observei um pouco de esterco seco de gado no chão - mas o monte era tão alto quanto um homem, de modo que, se um touro o tivesse deixado, a criatura deveria ser grande além da crença.

Kaptah teve o mesmo pensamento, pois disse: "Isto não pode ser de um touro, pois tal touro não poderia entrar nessas passagens. Eu acredito que são os excrementos de uma serpente monstruosa!"

Assim dizendo, ele tomou outro gole profundo da jarra, seus dentes batendo contra a borda, e eu refleti que o labirinto parecia feito para os movimentos de tal serpente e foi tomado pelo impulso de voltar. Mas então me lembrei de Minea e, impelido por um desespero selvagem, avancei, arrastando Kaptah comigo e segurando minha faca com a mão úmida, embora soubesse que nenhuma faca poderia me ajudar.

À medida que continuávamos, o fedor das passagens tornava-se cada vez mais aterrador, assemelhando-se ao miasma de uma enorme sepultura, e era-nos difícil respirar. No entanto, regoziquei-me, sabendo que estávamos perto de nosso objetivo. Corremos para frente até que uma luz fraca era perceptível nas passagens. Estávamos agora na própria montanha; as paredes não eram mais de tijolos, mas esculpidas em rocha macia. Agora o caminho descia e tropeçamos em ossos humanos e montes de esterco até que finalmente uma grande caverna se abriu diante de nós. Estávamos em uma saliência rochosa pendendo sobre uma extensão de água e estávamos envolvidos no ar mais fétido e venenoso.

A luz entrava nesta caverna vinda do mar, uma terrível luz esverdeada que nos permitia ver sem tochas, e em algum lugar ao longe ouvíamos ondas trovejando contra as rochas. Na superfície da água diante de nós flutuava o que parecia ser uma fileira de imensos sacos de couro, até que o olho percebeu que era um animal enorme e morto - um animal mais enorme e mais aterrorizante do que se pode imaginar, que exalava o fedor de corrupção. Sua cabeça havia afundado na água; era a de um touro colossal. O corpo assemelhava-se ao corpo de uma serpente, que, aligeirada pela decomposição, balançava suas horríveis curvas na água. Eu sabia que via o deus de Creta – sabia também que estava morto há meses.

Onde então estava Minea?

Ao pensar nela, pensei também em todos aqueles que a precederam. Pensei nos jovens a quem as mulheres eram proibidas e nas moças que deviam preservar sua virgindade para entrar na bem-aventurança e na glória do deus. Pensei em seus crânios e ossos caídos nas passagens da casa escura. Pensei no monstro perseguindo-os pelo labirinto e bloqueando o caminho com seu volume monstruoso para que nem seus saltos nem qualquer outro stratagema pudesse ajudá-los.

Esse leviatã vivia de carne humana - uma refeição por mês - uma refeição fornecida pelos governantes de Creta na forma das mais belas moças e das mais perfeitas.

jovens, porque esses governantes imaginavam que assim poderiam manter a soberania dos mares. Das terríveis profundezas do oceano, a criatura deve ter sido empurrada para a caverna uma vez, há muito tempo, por alguma tempestade. Uma barreira havia sido lançada na entrada para impedir seu retorno e o labirinto construído para ele correr. Foi então alimentado com sacrifícios até morrer, e não poderia haver outro monstro semelhante em todo o mundo. Onde então estava Minea?

Louco de desespero gritei o nome de Minea e despertei os ecos na caverna até que Kaptah apontou para a rocha em que estávamos; estava manchado de sangue seco. Seguindo o rastro disso na água, meus olhos viram o corpo de Minea, ou o que restava dele. Mexeu-se lentamente ao longo do fundo, arrastado por caranguejos do mar que o dilaceravam vorazmente. Seu rosto havia sumido e eu a reconheci apenas pela rede prateada sobre seu cabelo. Não precisei procurar o corte de espada em seu peito, pois sabia que Minotauros a havia seguido até aqui, enfiado sua lâmina por trás dela e a jogado na água, para que ninguém pudesse

saber que o deus de Creta estava morto. Isso ele deve ter feito com muitos meninos e meninas antes de Minea.

Quando vi e compreendi tudo, um grito terrível saiu de minha garganta. Afundei desmaiado e certamente teria caído da borda para me juntar a Minea se Kaptah não tivesse me arrastado para um lugar seguro, como ele me contou depois. Do que aconteceu então não sei nada, exceto pelo relato de Kaptah, tão misericordiosamente profundo foi o desmaio que se seguiu à ansiedade, tormento e desespero.

Kaptah me disse que lamentou muito ao lado do meu corpo, acreditando que eu estava morto, e chorou também por Minea até que seu bom senso voltou para ele. Tendo me apalpado e descoberto que eu estava vivo, ele refletiu que poderia me salvar, pelo menos, embora não pudesse fazer nada por ela. Ele tinha visto os corpos de outros jovens e meninas que Minotauros havia matado; os caranguejos haviam arrancado toda a carne desses ossos para que eles ficassem lisos e brancos sobre o leito arenoso do mar.

Então ele começou a ser sufocado pelo cheiro. Quando ele descobriu que não poderia carregar tanto a mim quanto a jarra de vinho, ele bebeu resolutamente o resto do vinho e jogou a jarra vazia na água. Ele estava tão fortalecido por isso que conseguiu meio arrastar, meio me carregar de volta aos portões de cobre por meio do fio que desenrolamos ao entrar. foi para não deixar vestígios de nossa visita. Parece que à luz de sua tocha ele notou sinais secretos nas paredes, sem dúvida colocados ali por Minotauros para ajudá-lo a encontrar o caminho. Kaptah me disse que havia jogado a jarra de vinho na água para dar a Minotauros algo em que pensar na próxima vez que ele realizasse seu trabalho sangrento.

O dia estava amanhecendo quando ele me trouxe para fora. Ele trancou a porta atrás dele e coloque a chave de volta na casa do padre - pois o padre e os guardas ainda estavam dormindo, drogados com o vinho que eu havia preparado para eles. Em seguida, ele me levou para um

esconderijo em um matagal na margem de um riacho. Lá ele banhou meu rosto e esfregou minhas mãos até que eu voltei a mim. Também não me lembro de nada disto. Parece que eu estava muito distraído e incapaz de falar, então ele me deu um sedativo. Só voltei à consciência clara muito mais tarde, quando estávamos nos aproximando da cidade, ele me guiando e me apoiando. Depois me lembro de tudo.

Não me lembro de nenhum sofrimento, nem meus pensamentos se voltavam frequentemente para Minea. Ela estava agora uma sombra remota em minha alma, como se a tivesse conhecido em outra vida. Em vez disso, refleti que o deus de Creta estava morto e que o poder de Creta agora declinaria de acordo com a profecia. Não fiquei de modo algum abatido com isso, embora os cretenses tivessem me mostrado bondade, e sua alegria brilhasse como a espuma do mar na praia. Quando me aproximei da cidade, fiquei feliz em pensar que aqueles prédios arejados e delicados um dia estariam em chamas e que os gritos lascivos das mulheres se transformariam em gritos mortais, que a máscara de ouro de Minotauro seria esmagada e dividida entre o resto dos despojos, e que nada restaria da esplêndida majestade de Creta. A própria ilha afundaria novamente no mar do qual, com outras maravilhas das profundezas, havia surgido.

Pensei também em Minotauros, e sem má vontade, pois a morte de Minea tinha sido fácil, e ela não teve que fugir do monstro com todos os truques que sua arte lhe ensinara; ela morreu antes de saber o que havia acontecido com ela. Refleti que Minotauros estava sozinho sabendo que o deus estava morto e que Creta devia cair e imaginei que seu segredo não seria fácil de suportar. Eu não tinha certeza se sua tarefa havia sido fácil, mesmo nos dias em que o monstro ainda vivia e ele enviava a flor da juventude de seu país para aquela casa escura, mês após mês, ano após ano, sabendo o que acontecia com eles lá.

Não, não senti rancor. Eu cantava e ria como um louco enquanto caminhava, inclinado em Kaptah. Ele convenceu facilmente os amigos de Minea que conhecemos que eu ainda estava bêbado depois de ter esperado seu retorno. Acharam natural, visto que eu era estrangeiro e ignorante demais para saber quão bárbaro lhes deve parecer estar bêbado publicamente no meio do dia. Finalmente ele conseguiu alugar uma cadeira e me levou de volta à estalagem onde, tendo bebido uma grande quantidade de vinho, mergulhei em um sono longo e profundo.

Quando acordei, minha cabeça estava fria e clara, e o passado remoto. Eu pensei novamente de Minotauros. Devo partir e matá-lo? Mas eu sabia que não serviria para nenhum propósito útil. Dizendo a verdade, eu poderia salvar a vida de todos aqueles que ainda iriam sortear, ou que já haviam sorteado, pelo privilégio de entrar na casa do deus. Mas eu sabia que a verdade é uma faca desembainhada nas mãos de uma criança e prontamente se volta contra seu portador.

Como estrangeiro, portanto, senti que o deus de Creta não era da minha conta - e Minea se foi. Caranguejos e lagostins roeriam seus ossos delicados,

e ela descansaria para sempre nos fundos arenosos do mar. Disse a mim mesmo que tudo estava escrito nas estrelas muito antes do dia do meu nascimento, e isso me trouxe consolo. Falei disso com Kaptah, mas ele disse que eu estava doente e precisava descansar, e proibiu qualquer pessoa de me ver.

Eu estava muito aborrecido com Kaptah neste momento, pois ele persistia em me encher de comida, embora eu não sentisse fome alguma e desejasse apenas vinho. Eu sofria de uma sede contínua e insaciável e ficava mais calmo quando bebia o suficiente para distorcer minha visão. Nesses momentos, percebi que as coisas podem não ser bem o que parecem. Pois o bebedor vê tudo dobrado quando bebe o suficiente. Para ele, esta é uma visão verdadeira mesmo quando ele sabe em seu coração que é falsa. E o que é isso senão a própria essência da verdade? Quando com paciência e autodomínio procurei expor isso a Kaptah, ele não quis ouvir, mas me mandou deitar, fechar os olhos e me recompor.

Agora posso apreciar a gravidade do meu distúrbio, embora tenha esquecido meus pensamentos, pois o vinho tendia a me confundir e obscurecer meu entendimento. No entanto, acho que o bom vinho salvou minha razão e me ajudou no pior quando perdi Minea para sempre e com ela minha fé nos deuses e na humanidade.

Algo em mim evaporou na fumaça do vinho. Eu já havia sentido algo parecido quando, na minha infância, vi o sacerdote de Amon cuspir no rosto do deus no santuário e esfregá-lo com a manga. O rio da vida foi sufocado e suas águas se espalhando - espalhando-se em um amplo lago cuja superfície era bela, um espelho para os céus estrelados. Enfie um cajado nele, e a água ficou turva e o fundo, apenas lodo e corrupção.

Certa manhã, acordei na estalagem e vi Kaptah sentado em um canto da sala chorando silenciosamente e balançando a cabeça entre as mãos. Inclinei a cabeça sobre a jarra de vinho e, tendo bebido, disse rudemente: "Por que você chora, cachorro?"

Era a primeira vez em muitos dias que me dava ao trabalho de falar com ele, tão cansado estava de sua tola solicitude. Ele levantou a cabeça e respondeu: "Um navio está agora no porto pronto para navegar para a Síria, o último, dizem, que partirá antes que os vendavais de inverno cheguem. É tudo o que eu choro".

Eu lhe disse: "Fuja para o seu navio, então, antes que eu o vença novamente. Pelo menos serei poupado da visão de seu rosto insuportável e do som de suas eternas lamentações e queixas".

Dito isso, fiquei envergonhado e empurrei a jarra de vinho. Um consolo amargo estava no pensamento de que havia pelo menos uma criatura dependente de mim, embora fosse apenas um escravo fugitivo.

Kaptah disse: "Verdadeiramente, senhor, eu também estou cansado de sua tolice. Os mortos estão mortos e não voltam. Vamos embora daqui enquanto podemos. Seu ouro e prata - tudo o que você acumulou no curso de suas viagens - você jogou pela janela. Com suas mãos trêmulas, não acredito que você possa efetuar um

cura única; você não pode sequer segurar uma jarra de vinho. A princípio, achei bom que você bebesse para sua paz de espírito; Eu insisti para que você fizesse isso, quebrando continuamente os selos de novos jarros - e eu também bebi. Além disso, eu me gabava para os outros: Vejam que mestre eu tenho! Ele bebe como um hipopótamo - ele afoga ouro e prata em seu vinho, imprudentemente, e se diverte muito. Agora não me gabo mais e me envergonho por causa de meu mestre, pois há limites para tudo, e para mim você os excede.

"Eu nunca condenarei um homem que se embriaga em uma paixão e briga na rua e quebra a cabeça. Esse é um costume sensato, que alivia a mente em muitos tipos de sofrimento, e muitas vezes tenho feito o mesmo. Os distúrbios resultantes devem ser tratados com prudência com cerveja e peixe salgado, após o que o homem retoma seu trabalho, como os deuses ordenaram e a decência exige. Mas você bebe como se cada dia fosse o último, e temo que queira mergulhar em seu túmulo.

Se este é o seu objetivo, você faria melhor se afogar em um banho de vinho, pois este é um método mais rápido, mais agradável também, e não desonra."

Eu considerei suas palavras. Examinei minhas mãos, que eram as de um curandeiro, mas que agora tremia como se tivessem vontade própria e eu não fosse mais seu mestre. Pensei no conhecimento que havia acumulado em muitas terras e vi que excesso era tolice. Era tão tolo comer e beber imoderadamente quanto dar lugar a extremos de alegria e tristeza.

Portanto, eu disse a Kaptah: "Que seja como você diz, mas saiba que o assunto já era evidente, e não são suas palavras que me convencem. São como o zumbido tedioso de moscas em meu ouvido. Vou deixar de beber por um tempo e não pretendo abrir outra jarra. Coloquei ordem em meus pensamentos e pretendo retornar a Esmirna."

Kaptah saltitou alegremente pela sala e saiu para organizar nossa partida, e no mesmo dia embarcamos. Os remadores abaixaram os remos e deslizamos para fora do porto, passando por dezenas e centenas de navios ancorados e pelos navios de guerra cretenses blindados com cobre. Uma vez fora do porto, os homens embarcaram seus remos; o capitão fez sacrifício em sua cabine ao deus do mar e outros e deu ordens para o içar da vela. A embarcação virou e acelerou em seu caminho. Atrás de nós, a ilha de Creta derreteu como uma nuvem azul - uma sombra - um sonho - e estávamos sozinhos na extensão ondulante do oceano.

LIVRO 9

A cauda do crocodilo

1

ASSIM, amadureci até a idade adulta e, quando voltei para Esmirna, não estava mais jovem. Estive ausente daquela cidade por três anos, durante os quais adquiri conhecimentos, bons e maus, de muitos países. Os ventos do oceano sopraram a fumaça do vinho da minha cabeça, limparam meus olhos e restauraram a força dos meus membros. Eu comia e bebia e me comportava como as outras pessoas, exceto que falava menos do que elas e era ainda mais solitário do que antes. A solidão é o destino de alguns homens – um destino de anos maduros – mas eu era solitário desde a infância, um estranho no mundo desde que o barco de junco me levou para a costa de Tebas. Não tive necessidade de me adaptar à solidão como muitos devem, pois desde o início ela foi meu lar e um refúgio no escuro.

Mas enquanto eu estava ao lado da figura de proa do navio em meio às águas verdes e ondulantes e o vento soprava loucamente de minha mente, vi ao longe dois olhos verdes como o luar no mar; Ouvi a risada espontânea de Minea e a observei dançar em uma eira ao lado das estradas da Babilônia, em seu vestido frágil, jovem e leve como um junco tenro. E sua imagem não me era dolorosa, mas um doce tormento como o que sente um homem ao acordar de um sonho que é mais belo que a vida. Ao pensar nela, regozijei-me por tê-la conhecido e não teria renunciado nem uma hora à sua companhia, sabendo que sem ela teria sido menos de mim. A figura de proa do navio era de madeira fria e pintada, mas o rosto era de uma mulher. De pé ao lado dela com o rosto ao vento, senti minha masculinidade forte dentro de mim e percebi que ainda haveria muitas mulheres em minha vida, pois para um homem solitário não é confortável ficar todas as noites sozinho. No entanto, eu imaginava que para mim todas essas mulheres seriam apenas figuras de madeira pintadas e que, quando na escuridão eu as levasse para mim, eu deveria buscar nelas apenas Minea - apenas o brilho de

o luar, o calor de um corpo esguio, a fragrância do cipreste, que me faria lembrar de Minea. Assim, pela figura de proa do navio, despedi-me dela.

Minha casa em Esmirna ainda estava de pé, embora as venezianas estivessem quebradas aberto por ladrões. Eles haviam levado tudo o que valia a pena tomar de posses que eu não havia confiado à guarda dos mercadores. Desde que estive tanto tempo fora, meus vizinhos começaram a usar o espaço diante da minha casa como depósito de lixo e latrina, cujo fedor era muito fétido. Ratos corriam pelo chão quando entrei em meus aposentos e rasguei as teias de aranha dos lintéis.

Meus vizinhos não gostaram de me ver. Eles desviaram os olhos e disseram uns aos outros: "Ele é egípcio e todo mal vem do Egito". Portanto, fui primeiro a uma estalagem, ordenando a Kaptah que colocasse minha casa em ordem para que eu pudesse morar lá novamente, e depois visitei as casas dos mercadores onde eu havia depositado meus fundos. Depois de meus três anos de viagem, eu havia retornado pobre, pois além de meus próprios ganhos eu havia perdido o que Horemheb me dera, principalmente para os sacerdotes da Babilônia por causa de Minea.

Os ricos armadores ficaram surpresos ao me ver. Seus narizes cresceram ainda mais tempo do que antes e puxavam pensativamente suas barbas, pois minha longa ausência os encorajara a pensar que minha riqueza agora era deles. No entanto, eles me prestaram contas rigorosas e, embora alguns navios tivessem naufragado e eu tivesse perdido minha parte neles, outros ainda se mostraram extremamente lucrativos. Quando tudo foi avaliado, parecia que agora eu estava mais rico do que quando parti e não preciso me preocupar com meu sustento em Esmirna.

No entanto, os proprietários me convidaram para seus quartos, ofereceram-me vinho e pão de mel e, fazendo caretas, disseram-me: "Sinuhe, o médico! Você é nosso amigo, mas embora tenhamos prazer em negociar com o Egito, não gosto de ver egípcios entrando no meio de nós. O povo murmura e está muito aborrecido com o tributo que devem pagar ao faraó. Os egípcios têm sido apedrejados nas ruas ultimamente, porcos mortos foram lançados em seus templos, e nosso povo não quer mostrar-se publicamente em sua companhia. Você, Sinuhe, é nosso amigo, e nós o respeitamos muito por sua habilidade de cura, da qual ainda lembramos. Por isso, deixamos tudo claro para você, para que você possa agir de acordo e com prudência."

Suas palavras me deixaram perplexo, pois antes de minha partida as pessoas competiam entre si pelo favor dos egípcios e os convidavam para suas casas. Assim como os costumes sírios foram adotados em Tebas, aqui em Esmirna os homens seguiram a moda dos egípcios. No entanto, Kaptah confirmou suas palavras quando, em grande indignação, visitou a estalagem.

"Um espírito maligno certamente se infiltrou nestas pessoas, pois eles se comportam como cães loucos, fingindo ignorância da língua egípcia.

me da taverna onde fui refrescar minha garganta ressecada quando viram que eu era egípcia. Eles gritaram palavras maldosas atrás de mim e as crianças me encheram de esterco. Então fui para outra taverna, pois minha garganta estava seca como palha e eu ansiava pela forte cerveja síria. Mas aqui eu nunca emití um som - uma coisa difícil para mim, como você sabe. No entanto, fui prudente e mergulhei minha palheta na cerveja com os outros em silêncio, e escutei o que diziam. Disseram que Esmirna já foi uma cidade livre, sem pagar tributo a ninguém, e que não desejavam mais que seus filhos nascessem escravos do faraó. Outras cidades sírias também já foram livres e, portanto, todos os egípcios devem ser espancados e expulsos - esse era o dever de todo homem que ama a liberdade e está cansado de ser servo do faraó. Tal foi a tolice deles, embora seja bem sabido que a proteção do Egito é para o benefício da Síria e não para seu próprio benefício. Se deixadas a si mesmas, as cidades da Síria seriam como gatos selvagens em um saco, rasgando e dilacerando umas às outras, em grande detrimento da agricultura e do comércio. Essas pessoas se gabavam de seu poder e falavam de alguma aliança entre todas as suas cidades. Como egípcio, fiquei tão enojado com a conversa deles que, quando o proprietário virou as costas, fui embora sem pagar e quebrei minha cana".

Não precisei andar muito pela cidade antes de observar a veracidade das palavras de Kaptah. Ninguém me molestou, pois eu tinha aprendido a usar roupas sírias, mas aqueles que me conheciam antes agora se afastaram quando nos encontramos, enquanto outros egípcios na cidade foram vigiados. Mesmo assim, os homens zombavam deles e os bombardeavam com frutas e peixes podres. Não senti nenhuma preocupação, no entanto. Sem dúvida, o povo de Esmirna ficou indignado com os novos impostos, e um tumulto como esse estava prestes a diminuir rapidamente, pois a Síria tinha tanto lucro do Egito quanto o Egito da Síria. Eu não imaginava que as cidades da costa pudessem se manter por muito tempo sem grãos egípcios.

Arrumei minha casa, recebi os pacientes e os tratei como antes.

Como antes, eles vieram, pois a dor e a doença não perguntam pela raça de um homem, mas apenas por sua habilidade.

No entanto, eles discutiam comigo, dizendo: "Diga-nos, você egípcio, não é injusto que o Egito nos extorque tributos, nos explore e se alimente de nossa pobreza como uma sanguessuga sugadora de sangue? conserte nossos muros e torres se assim o desejarmos e estivermos dispostos a arcar com o custo disso nós mesmos!

Nossos próprios conselheiros são competentes para nos governar bem e com justiça, sem interferência egípcia na coroação de nossos governantes ou na administração de nossa justiça. Por Baal, se não fosse pelos egípcios, deveríamos florescer e prosperar. Eles estão sobre nós como gafanhotos, e seu Faraó está agora forçando um novo deus sobre nós para que percamos o favor dos nossos."

Eu não queria trocar palavras com eles, mas disse isso: "Contra quem você construiria seus muros e torres, senão o Egito? É sem dúvida verdade que sua cidade era livre dentro de seus próprios muros nos dias de seus bisavós, mas você

derramaram sangue e se empobreceram em incontáveis guerras com vizinhos que vocês ainda odeiam, enquanto seus príncipes eram déspotas licenciados sob os quais nem ricos nem pobres conheciam a segurança. Agora você está protegido de seus inimigos pelos escudos e lanças do Egito, e as leis do Egito asseguram os direitos de ricos e pobres."

Mas isso os enfureceu; seus olhos avermelharam e suas narinas tremeram quando eles retrucaram: "As leis do Egito são imundas para nós e seus deuses uma abominação. E se nossos príncipes fossem déspotas e injustos - o que não acreditamos! Eles eram nossos próprios príncipes, e nossos corações diga-nos que a injustiça em uma terra livre é melhor do que a justiça em uma terra escravizada."

Eu disse: "Não vejo entre vocês sinais de escravidão; antes, vocês engordam e se gabam da riqueza adquirida à custa da estupidez egípcia. Se vocês fossem livres, saqueariam os navios uns dos outros e cortariam as árvores frutíferas uns dos outros. viagens para o interior suas vidas não seriam mais seguras."

Mas eles não ouviram. Eles jogaram seus presentes no chão e foram embora, dizendo: "Você é um egípcio em seu coração, embora use roupas sírias. Todo egípcio é um opressor e um malfeitor, e o único egípcio bom é um morto."

Por causa dessas coisas, eu estava agora pouco à vontade em Esmirna. Eu comecei a reunir tudo o que era meu em preparação para a partida. Devo ir ao Egito, de acordo com minha promessa, encontrar Horemheb e contar-lhe tudo o que vi. Mas não me apressei muito, pois meu espírito estremeceu com a ideia de beber água do Nilo mais uma vez, e assim o tempo passou.

Uma noite eu estava voltando no escuro do templo de Ishtar, que visitei de vez em quando – como um homem sedento bebe sem levar em conta a fonte de seu refresco. Alguns homens vieram em minha direção ao longo do muro, dizendo uns aos outros: "Não é este homem um egípcio? Devemos permitir que um homem circuncidado se deite com nossas virgens e contamine nosso templo?"

Eu disse: "Suas virgens, para quem eu poderia sugerir um termo mais adequado, não se importam com raça nem pessoa. Elas pesam seu prazer pelo ouro que o homem tem em sua bolsa. Eu não discuto com elas por isso, pois é minha costume de ter prazer com eles, e pretendo continuar quando isso me agrada."

Com isso, eles puxaram suas capas diante de seus rostos, jogaram-se sobre mim e me derrubaram no chão, então bateram minha cabeça contra a parede até que eu pensei que estava prestes a morrer. Mas quando eles começaram a me roubar e estavam tirando as roupas de mim antes de me jogar no porto, um deles viu meu rosto e disse: "Não é Sinuhe, o médico egípcio e amigo do rei Aziru?"

Reconheci isso e jurei que os mataria e jogaria suas carcaças aos cães. Minha cabeça doía muito, e eu estava com muita raiva para ficar com medo. Eles me soltaram, restauraram minhas roupas e fugiram, segurando seus

mantos diante de seus rostos. Eu não conseguia pensar por que eles fizeram isso, pois comigo em seu poder eles não tinham razão para atender minha ameaça.

2

Alguns dias depois, um mensageiro veio até minha porta a cavalo, o que era uma visão rara, pois um egípcio nunca viaja a cavalo e um sírio muito raramente. São principalmente os invasores do deserto que viajam dessa maneira, sendo o cavalo uma criatura alta e indisciplinada que chuta e morde quando um homem tenta montá-lo, e o derruba, e se comporta de maneira bem diferente do burro, que é receptivo a todos. usa.

Este homem veio até a minha porta em uma fera ensaboada e ofegante, de cuja boca o sangue escorria. As roupas do homem me diziam que ele vinha das colinas do país das ovelhas, e em seu rosto eu li intensa agitação.

Ele correu até mim e mal se deu tempo de proferir uma saudação antes gritando para mim em sua excitação: "Peça sua cadeira de transporte, Sinuhe, e siga-me rapidamente. Eu venho da terra de Amurru, cujo rei, Aziru, me enviou para buscá-lo. Seu filho está doente, e ninguém sabe o que aflige o menino. O rei se enfurece como um leão no deserto e quebra os ossos de todos os que se aproximam. Portanto, pegue sua caixa de remédios e me siga rapidamente, ou vou cortar sua cabeça de seus ombros e chutá-la ao longo do rua."

"Só minha cabeça seria de pouca utilidade para o rei. No entanto, perdão sua impetuosidade e vou segui-lo - não por causa de suas ameaças, mas porque o rei Aziru é meu amigo e eu o ajudaria."

Ordenei a Kaptah que fosse buscar uma cadeira e segui o mensageiro, regozijando-me meu coração. Eu estava tão sozinho que ansiava por conhecer até mesmo Aziru, cujos dentes eu já havia revestido de ouro. Mas eu não estava mais tão feliz quando chegamos à boca de uma passagem, pois então eu e minha caixa de remédios fomos içados em uma carruagem e puxados por cavalos selvagens. Corremos sobre pedras e rochas até que temi que todos os meus membros fossem quebrados e gritei estridente de terror. Meu companheiro em seu cavalo cansado foi deixado bem na retaguarda, e eu esperava que ele quebrasse o pescoço.

Do outro lado da cordilheira, fui puxado da carruagem para outra puxada por cavalos frescos. Eu mal sabia se estava na minha cabeça ou nos meus calcanhares, e eu só podia gritar para os motoristas: "Seu imundo! Sua carniça! Seu escaravelho!" e bato-lhes nas costas com os punhos quando chegamos aos trechos mais suaves, e ousei afrouxar o aperto na borda da carroça. Eles não me deram atenção, mas sacudiram as rédeas e estalaram o chicote, de modo que saltamos sobre as pedras e pensei que as rodas iriam voar.

Nossa viagem para Amurru não foi longa, e antes do pôr-do-sol chegamos a uma cidade cercada por altas muralhas recém-construídas. Estes eram patrulhados por soldados com escudos, mas os portões estavam abertos para nós. Atravessamos a cidade em meio ao zurro de burros e gritos de mulheres e crianças, enquanto cestas de frutas voavam pelo ar e inúmeras jarras eram esmagadas sob as rodas, pois os motoristas não prestavam atenção a ninguém em seu caminho.

Quando fui levantado do veículo, não conseguia mais andar, mas cambaleava como um homem bêbado. Os motoristas me apressaram pelos braços para dentro da casa, seguidos por escravos com minha caixa de remédios. Não havíamos chegado além da parede externa, que estava coberta de escudos e couraças e lanças com borlas, quando Aziru colidiu conosco, trombeteando como um elefante ferido. Ele havia rasgado suas roupas e jogado cinzas em seus cabelos, e havia arranhado o rosto com as unhas até sangrar.

Aziru então me abraçou calorosamente e chorou e disse: "Cure meu filho, Sinuhe-
- cure-o, e tudo o que é meu será seu."

Eu disse a ele: "Deixe-me ver primeiro seu filho para que eu possa descobrir se posso curá-lo".

Ele me conduziu rapidamente a uma grande sala aquecida por um braseiro, embora fosse verão. O ar lá dentro era sufocante. No meio do piso havia um berço no qual jazia um bebê de menos de um ano, envolto em roupas de lã. Ele estava gritando tanto que estava com o rosto azul e preto e o suor formava gotas em sua testa. Embora ele ainda fosse tão pequeno, ele tinha cabelos pretos grossos como seu pai. Eu não podia ver que tanto o afligia. Se ele estivesse morrendo, ele não poderia ter rugido tão vigorosamente. Deitada no chão ao lado do berço estava Keftiu, a mulher que uma vez dei a Aziru. Ela estava mais gorda e mais branca do que nunca, e sua carne montanhosa tremeu quando ela bateu a testa no chão em sua dor e chorou e gritou. Dos cantos da sala vinham os gritos de escravas e enfermeiras cujos rostos estavam inchados e machucados pelos golpes que Aziru lhes dera porque não conseguiam curar seu filho.

"Tenha coragem, Aziru", eu disse. "Seu filho não está morrendo, mas preciso me limpar antes de examiná-lo. E tire o maldito braseiro antes que todos engasguemos!"

Keftiu levantou a cabeça rapidamente do chão e disse assustada: "A criança vai pegar um resfriado!" Seus olhos permaneceram em mim. Então ela sorriu e sentou-se, arrumou o cabelo e o vestido e disse: "Sinuhe, é você?"

Mas Aziru torceu as mãos e gemeu: "O menino não pode comer, mas vomita tudo o que come, e seu corpo está quente. Faz três dias que ele não comeu quase nada - apenas chorou tanto que meu coração se partiu ao ouvir isso."

Mandei-o expulsar as enfermeiras e as escravas, e ele me obedeceu mansamente, esquecendo-se completamente de sua majestade. Depois de me limpar, desfiz as roupas de lã do bebê e as tirei, depois abri as persianas para que o quarto fosse refrescado pelo ar fresco da noite. A criança imediatamente ficou mais quieta. Seu choro cessou e ele começou a chutar suas pernas gordas. Senti seu corpo e sua barriga até que de repente pensei em algo e coloquei meu dedo em sua boca. Eu tinha adivinhado corretamente: o primeiro dente estava aparecendo como uma pérola em sua mandíbula.

Então exclamei irado: "Aziru, Aziru! Foi para isso que seus cavalos selvagens arrastaram até aqui o médico mais inteligente de Esmirna? Nada aflige seu filho... ele é simplesmente tão impaciente e irritável quanto seu pai. Pode ser que ele tenha tido um pouco de febre, mas isso agora diminuiu. Se vomitou, foi porque teve o bom senso de salvar a própria vida, pois foi empanturrado de leite rico. É hora de Keftiu desmamá-lo e acostumá-lo à comida adequada, ou ele logo morderá os mamilos de sua mãe. Você deve saber que seu filho chorou de petulância ao cortar seu primeiro dente - e se você não acredita em mim, veja por si mesmo."

Abri a boca do bebê e mostrei o dente a Aziru. Ele irrompeu em júbilo selvagem, bateu palmas e dançou pela sala até o chão tremer embaixo dele. Mostrei o dente a Keftiu também, e ela jurou que nunca tinha visto um dente tão bonito na boca de uma criança. Quando ela teria envolto o bebê nas coisas de lã novamente, eu a proibi e o envolvi em um pano de linho fresco para que ele não ficasse gelado pelo ar da noite.

Aziru continuou a dançar e a bater os pés e a cantar com sua voz rouca e não se envergonhou de ter me arrastado de tão longe. Ele insistiu em mostrar o dente de seu filho para os membros de sua corte e seus oficiais. Até os guardas das muralhas foram chamados para contemplá-la. Apertaram-se ao redor do berço em meio a um tinido de lanças e escudos e admiraram a criança e tentaram enfiar os polegares sujos em sua boca para ver o dente, até que os expulsei todos da sala, pedindo a Aziru que pensasse em sua dignidade e se controlasse. .

Aziru pareceu tolo e disse: "Verdadeiramente eu posso ter esquecido de mim mesmo e feito um pother desnecessário. Muitas noites eu fiquei acordado ao lado de seu berço com um coração doente. Mas você deve entender que ele é meu filho e meu primogênito, meu príncipe. , minha jóia, a menina dos meus olhos, meu pequeno leão que um dia usará a coroa de Amurru e governará sobre muitos. Pois realmente pretendo fazer desta terra uma grande, digna de herança, para que ele venha louvar o nome de seu pai. Sinuhe, Sinuhe,

você não sabe o quanto sou grato a você por tirar esta pedra do meu coração. Você deve reconhecer que nunca viu um filho homem tão bom, nem em todas as suas viagens. Olhe para o cabelo dele - para a juba do leão moreno - e diga-me se você já viu tal cabelo em uma criança dessa idade! Você mesmo viu que o dente dele é como uma pérola, impecável e brilhante - e olhe para os membros dele!"

Cansei-me tanto de sua tagarelice que mandei que ele e seu filho fossem para o fundo do poço. Eu disse a ele que meus membros estavam aleijados por causa daquele impulso hediondo, de modo que mesmo agora eu mal sabia se estava de ponta-cabeça ou sobre os calcanhares. Mas ele me aplacou e, colocando o braço sobre meus ombros, ofereceu-me muitos tipos de comida em pratos de prata, carneiro assado e arroz cozido na gordura, também vinho de taça dourada. Fiquei revigorado e o perdoei.

Permaneci como seu hóspede por alguns dias. Ele me deu presentes luxuosos e muito ouro e prata; sua riqueza havia aumentado muito desde a última vez que nos encontramos. De que maneira seu pobre país havia enriquecido, ele não me contou, mas riu na barba e disse que a esposa que eu lhe dera lhe trouxera boa sorte. Keftiu também foi cordial e me mostrou um profundo respeito - sem dúvida, lembrando-se do bastão com o qual tantas vezes eu havia testado a dureza de sua pele. Ela me seguiu, balançando, tinindo e tilintando em toda sua opulência, olhando-me com carinho e me acariciando com seu sorriso. Aziru tinha um amor tão ardente por ela que raramente visitava suas outras esposas, e apenas por cortesia. Eram filhas de chefes tribais cuja aliança ele assim prudentemente garantiu.

Eu tinha viajado tanto e visto tantos países que ele se sentiu impelido a se gabar de seu poder. Ele me contou muita coisa que mais tarde pode ter se arrependido de ter mencionado. Assim, soube que os homens que me atacaram em Esmirna e me teriam lançado no porto eram agitadores que ele havia enviado, e foram eles que lhe informaram que eu estava novamente em Esmirna.

Ele lamentou o que havia acontecido, mas acrescentou: "Verdadeiramente haverá muitos crânios quebrados entre os egípcios, e muitos soldados egípcios serão lançados no porto antes que Esmirna e Biblos e Sidon e Gaza saibam que os egípcios não são invulneráveis - que seus O sangue corre e a vida os abandona quando suas peles são perfuradas. Os mercadores da Síria são excessivamente cautelosos, os príncipes tímidos e o povo tão preguiçoso quanto os bois.

Perguntei-lhe: "Por que deve ser isso, Aziru, e por que você tem tanto ódio pelos egípcios?"

Ele acariciou sua barba encaracolada com um sorriso malicioso e disse: "Quem disse que eu os odeio, Sinuhe? Eu não odeio você. Eu cresci na casa dourada do Faraó, como meu pai antes de mim e todos os outros príncipes egípcios. Aprendi lá que aos olhos dos instruídos, todos os povos são muito, nenhuma nação é mais corajosa ou mais covarde, mais cruel ou mais compassiva, mais perversa ou mais virtuosa

do que outro. Entre todas as raças existem heróis e covardes, homens retos e corruptos – e isso vale também para a Síria e o Egito. Os governantes, portanto, não odeiam ninguém e não reconhecem nenhuma diferença entre as nações - mas o ódio é uma grande força na mão do governante! É mais potente do que muitas armas, pois sem ódio nenhum braço é forte o suficiente para empunhar uma arma. Portanto, estou fazendo o que posso para acender o ódio entre a Síria e o Egito, e vou soprar a chama até que ela se transforme em fogo para consumir a soberania egípcia na Síria. Todas as cidades, todas as raças da Síria aprenderão que os egípcios são mais desprezíveis, covardes e cruéis, mais corruptos, gananciosos e ingratos do que os sírios. Eles devem aprender a cuspir quando os ouvirem mencionados e considerá-los como usurpadores, opressores, sugadores de sangue, torturadores e profanadores de crianças até que seu ódio possa mover montanhas”.

"Mas nada disso é verdade, como você mesmo disse."

Lançando as mãos com um encolher de ombros, ele disse: "O que é a verdade, Sinuhe? afirma o contrário. Eles serão persuadidos de que são mais fortes, mais corajosos e mais justos do que qualquer outro povo do mundo. Eles imaginarão que amam a liberdade mais do que temem a morte, a fome e as dificuldades, e estarão prontos para pagar qualquer preço para ganhá-la. Eu lhes ensinarei isso. Muitos já acreditam nisso, e cada crente converterá outros até que a nova verdade tenha corrido como fogo selvagem por toda a Síria. Também é uma verdade que o Egito uma vez entrou na Síria com fogo e sangue e portanto, com fogo e sangue deve ser expulso."

"De que liberdade você fala com eles?" Eu perguntei, temendo sua conversa sobre o Egito.

Ele levantou as mãos mais uma vez e sorriu gentilmente.

"Liberdade é uma palavra com muitos significados; alguns querem dizer uma coisa com ela e outros, mas isso não tem importância enquanto a liberdade nunca for alcançada. Muitos são necessários para alcançar a liberdade. Quando foi conquistado, é mais seguro não compartilhá-lo, mas guardá-lo para si mesmo. Acredito que a terra de Amurru um dia será chamada de berço da liberdade. Uma nação que acredita em tudo o que é dito é como um rebanho de gado que pode ser conduzido por um portão por meio de uma vara, ou como um rebanho de ovelhas que segue o campanário sem refletir para onde está indo. E talvez seja eu quem conduza o rebanho e conduza o rebanho."

"Você deve realmente ter o cérebro de uma ovelha para falar tão perigosamente.

Faraó souber disso, ele enviará seus carros e suas lanças contra você. Ele derrubará seus muros e pendurará você e seu filho de cabeça para baixo na proa de seu navio de guerra quando ele retornar a Tebas".

Aziru apenas sorriu.

"Eu não acho que estou em perigo do Faraó, pois recebi o símbolo da vida de suas mãos e ergui um templo para seu deus. Ele acredita